

**SIRLEI DO ROCIO CAVALLI**

***ACABAR E COMEÇAR: ASPECTUALIZADORES EM PROCESSO DE  
GRAMATICALIZAÇÃO.***

Tese apresentada para ao programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes para obtenção do título de doutor em linguística da Universidade Federal do Paraná.

Área de concentração: Mudança e Variação linguística

**Orientadora:** Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon.

CURITIBA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

## PARECER

Defesa de tese da doutoranda SIRLEI DO ROCIO CAVALLI DOS SANTOS para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

As abaixo assinadas ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, ROSANE DE ANDRADE BERLINCK, EDAIR MARIA GÖRSKI, ROSSANA APARECIDA FINAU e LOREM LOREGIAN-PENKAL argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“ACABAR E COMEÇAR: ASPECTUALIZADORES EM PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovada
ROSANE DE ANDRADE BERLINCK		APROVADA
EDAIR MARIA GÖRSKI		APROVADA
ROSSANA APARECIDA FINAU		APROVADA
LOREM LOREGIAN-PENKAL		APROVADA

Curitiba, 14 de março de 2014.

Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves  
Vice-Coordenador

  
Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Görski

  
Dr.ª Rossana Aparecida Finau

Sirlei do Rocio Cavalli dos Santos

## Agradecimentos

Para *começar* com o habitual: agradeço às forças do Universo e à família, seja à de sangue ou àquela com a qual convivemos todos os dias – as pessoas com quem trabalho: meu muito obrigada a todos pelo companheirismo, força, paciência, tolerância e por toda a ajuda de sempre.

Para *acabar*, à minha orientadora Odete, sempre serei eternamente grata por, bem no meio do caminho, me acolher e torná-lo menos árduo e sofrível.

Entre o *começar* e o *acabar* a lista é grande: a Loremi, pelo tempo e paciência em me ensinar a usar o GoldVarb 2001 e analisar os resultados obtidos pelo programa; a todos da UFPR que, desde 2003, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal, professores e funcionários, por me ajudarem sempre... Aos professores da banca de qualificação e defesa pelas contribuições e sugestões.

Aos amigos de perto e de longe, por suas palavras de incentivo, carinho e crença em mim e por todo o auxílio dispensado. Aos colegas todos... Aos colegas todos... Aos que começaram e aos que acabaram comigo...

Entre o ponto inicial do *começar* e o final do *acabar*, minha sincera gratidão a todos que fizeram o meio caminho deste trabalho.

*No descomeço era o verbo.*

*Só depois é que veio o delírio do verbo.*

*O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a criança diz:*

*eu escuto a cor dos passarinhos.*

*A criança não sabe que o verbo escutar não*

*Funciona para cor, mas para som.*

*Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.*

*(Manoel de Barros)*

*Começar e Acabar*

*No meio, um mar de possibilidades...*

*(Sirlei Cavalli)*

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>p. 13</b>
<b>1 COMEÇAR E ACABAR: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>p. 23</b>
1.1 <i>COMEÇAR E ACABAR: O VERBO E A RELAÇÃO TEMPO E ASPECTO.....</i>	<i>p. 26</i>
1.2 <i>COMEÇAR E ACABAR: A RELAÇÃO TEMPO E ASPECTO E AS CLASSES ACIONAIS.....</i>	<i>p. 31</i>
1.2.1 <i>A relação tempo e aspecto e a distinção entre as classes acionais por traços.....</i>	<i>p. 38</i>
<b>2 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO.....</b>	<b>p. 43</b>
2.1 <i>GRAMATICALIZAÇÃO: COMO OCORRE PARA VERBOS.....</i>	<i>p. 48</i>
2.2 <i>GRAMATICALIZAÇÃO: COMO OCORRE PARA PREPOSIÇÕES.....</i>	<i>p. 56</i>
2.3 <i>GRAMATICALIZAÇÃO DO COMEÇAR E DO ACABAR: DISCUSSÃO PRELIMINAR.....</i>	<i>p. 62</i>
2.3.1 <i>Gramaticalização do começar e do acabar e as classes acionais: discussão preliminar .....</i>	<i>p. 76</i>
<b>3 METODOLOGIA: O SUPORTE QUANTITATIVO E A AMOSTRA ESCOLHIDA.....</b>	<b>p. 81</b>
3.1 <i>A ESCOLHA DO MATERIAL PARA A COLETA DE DADOS.....</i>	<i>p. 87</i>
3.2 <i>O SUPORTE QUANTITATIVO .....</i>	<i>p. 92</i>
3.2.1 <i>Grupos de fatores considerados e codificação adotada.....</i>	<i>p. 95</i>
<b>4 ACABAR E COMEÇAR: UMA ANÁLISE PARA CADA GRUPO DE FATORES SELECIONADOS.....</b>	<b>p. 102</b>
4.1 <i>ACABAR E COMEÇAR: PLENOS VS. AUXILIARES .....</i>	<i>p. 108</i>
4.2 <i>ACABAR E COMEÇAR: OBRAS/ÉPOCAS CONSULTADAS .....</i>	<i>p. 113</i>
4.3 <i>ACABAR E COMEÇAR: FORMAÇÃO PERIFRÁSTICA E PREPOSIÇÃO .....</i>	<i>p. 118</i>
4.3.1 <i>Os verbos em estudo: formação perifrástica e preposição e o (a)costumar: uma analogia .....</i>	<i>p. 128</i>
4.4 <i>ACABAR E COMEÇAR: O TEMPO/MODO VERBAL E A CLASSE ACIONAL .....</i>	<i>p. 131</i>

<b>4.4.1</b>	<b><i>Acabar e começar: o tempo/modo verbal</i></b>	p. 132
<b>4.4.2</b>	<b><i>Acabar e começar: a classe accional do verbo principal da perífrase</i></b>	p. 141
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ACABAR E COMEÇAR		
	GRAMATICALIZADOS	p. 149
<b>REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS</b>		
<b>SITES E PÁGINAS CONSULTADAS</b>		
<b>APÊNDICES</b>		
APÊNDICE 1 – PRESENTE E GERÚNDIO, MARCADORES DE DURAÇÃO		p. 165
APÊNDICE 2 – A COLETA DE DADOS PARA O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA		p. 170
APÊNDICE 3 – COMO OCORREM AS RODADAS DOS DADOS – GOLDVARB 2001		p. 174
APÊNDICE 4 – COMEÇAR E ACABAR: A FORMAÇÃO DO PREDICADO: CONSIDERAÇÃO SOBRE O GRUPO NÃO SELECIONADO DE FATORES		p. 180
<b>ANEXOS</b>		
ANEXO 1 – EXEMPLOS DE VERBOS QUE NÃO ENTRARAM NA ANÁLISE FINAL		p. 186
ANEXO 2 – OUTROS EXEMPLOS COM (A) <i>COSTUMAR</i> E <i>COSTUM</i>		p. 188
ANEXO 3 – AMOSTRA DE DADOS EM CADA OBRA QUE COMPÔS O <i>CORPUS</i> PARA ESTA PESQUISA		p. 189

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Bertinetto 2001: reclassificação das classes vendlerianas em traços.....	p. 41
QUADRO 2 – Códigos estipulados para os 8 grupos de fatores preestabelecidos.....	p. 94
QUADRO 3 – Tabela de codificação dos dados coletados.....	p. 97
QUADRO 4 – Retomada dos 8 grupos de fatores.....	p. 103
QUADRO 5 – Seleções e eliminações dos grupos de fatores conforme rodadas realizadas.....	p. 104
QUADRO 6 – Resultado do total de dados na categoria de plenos, auxiliares e nome.....	p. 105
QUADRO 7 – Resultado em quantidade de dados e porcentagem para os verbos pesquisados como plenos, auxiliares e nome.....	p. 107
QUADRO 8 – Tabelas comparativas dos pesos relativos de <i>acabar</i> e <i>começar</i> na categoria verbal e na de nome.....	p. 110
QUADRO 9 – Tabelas comparativas dos pesos relativos de <i>acabar</i> e <i>começar</i> na categoria verbal (pleno vs. auxiliar) .....	p. 111
QUADRO 10 – Tabelas comparativas de <i>acabar</i> e <i>começar</i> nas obras/épocas pesquisadas.....	p. 115
QUADRO 11 – Tabelas comparativas para plenos vs. auxiliares nas obras/épocas consultadas.....	p. 116
QUADRO 12 – Cruzamento de dados de <i>começar</i> e <i>acabar</i> para plenos vs. auxiliar nas obras/épocas consultadas.....	p. 117
QUADRO 13 – Tabelas comparativas para <i>começar</i> e <i>acabar</i> e a regência verbal.....	p. 119
QUADRO 14 – Cruzamento de dados: regência de <i>começar</i> e <i>acabar</i> na categoria verbal.....	p. 120
QUADRO 15 – Resultado de Cruzamento de dados: regência de <i>começar</i> e <i>acabar</i> nas obras/épocas consultadas.....	p. 127
QUADRO 16 – Resultados para a( <i>costumar</i> ) e a regência verbal.....	p. 129
QUADRO 17 – Resultados para a( <i>costumar</i> ) e a regência verbal na categoria de pleno e na de auxiliar.....	p. 129



QUADRO 18 – Resultados para o *começar* e *acabar* e a classe acional do verbo principal ..... p. 143

QUADRO 19 – Resultado estatístico da quantidade geral de dados com os verbos estudados..... p. 175

QUADRO 20 – Resultados para o *começar* e o *acabar* e a formação do predicado..... p. 179

### **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA1 – Representação de um conjunto de eventos.....	p. 76
FIGURA 2 – Página do Número 1 da Gazeta do Rio de Janeiro, de 10/09/1808, marco inicial da imprensa no Brasil.....	p. 92
FIGURA 3 – Capa da primeira edição da revista <i>Veja</i> .....	p. 93
FIGURA 4 – Representação de um conjunto de eventos.....	p. 151
FIGURA 5 – Lista de verbos com base na classificação de Vendler 1976, exemplo de uma página.....	p. 173
FIGURA 6 – Página inicial do GoldVarb 2001.....	p. 174
FIGURA 7 – Janela Token do GoldVarb 2001 para inserção de códigos estipulados.....	p. 174
FIGURA 8 – Janela do GoldVarb 2001 para a digitação dos grupos de fatores.....	p. 175
FIGURA 9 – Resultado do processamento do primeiro nível de análises realizado pelo GoldVarb 2001, com pesos relativos.....	p. 177
FIGURA 10 – Resultado do processamento em níveis de análises realizadas pelo GoldVarb 2001, com pesos relativos.....	p. 178

### **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – Exemplo de tabela para coleta de dados com o <i>começar</i> e com <i>começo</i> . ....	p. 170
TABELA 2 – Exemplo de tabela para coleta de dados com o <i>acabar</i> .....	p. 170
TABELA 3 – Exemplo de tabela para coleta de dados com o (a) <i>costumar e com costume</i> .....	p. 170

## RESUMO

*Começar* e *acabar* focalizam um ponto no tempo – início e fim de um evento, principal e primeiramente pela semântica forte desses verbos. Podem focalizar esse ponto em outros sintagmas da sentença: no SN-complemento quando estão na categoria de plenos (Ele começou/ acabou o trabalho); no verbo principal de uma perífrase (Ele começou a/ acabou de trabalhar) ou em complementos e adjuntos (Ele começou a/ acabou de quebrar a parede/ às duas da tarde). Além disso, *começar* e *acabar* + verbo principal no gerúndio podem focalizar o início/fim com um evento entre um conjunto pressuposto. Em “... das gentes que houvesse de fazer guerra, as quaes comecem andando na terra d’el-rei d’Aragão...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro I*, p. 95), significa que se começa com andar, e não com explorar a terra, por exemplo. Já o *acabar*, além de marcar tempo e aspecto, com o gerúndio, apresenta um significado a mais: em “(General Médici) Acabou aceitando a chefia do Serviço Nacional de Informação (SNI). (Veja, edição 117, de 02/12/1970, p. 06), tem características de auxiliar modal, uma vez que se entende que não havia planejamento para se aceitar a chefia, porém acabou aceitando (que pode ser substituído por *acabou por aceitar*). Assim, considerando essas diferenças de leitura e de formação, o objetivo desta tese é discutir a esse respeito, sob o viés do processo e de estágios de **gramaticalização** (Heine 1991, 1993), entendida aqui como o processo que leva um item lexical a item gramatical, conforme Meillet (1912), Givón (1979) Castilho (1996); Heine (1991, 1993, 2007); Hopper (2003); Traugott (1990, 2002). Nesse processo, formas lexicais e gramaticais podem, inclusive, **coocorrer** na língua. Para as descrições e análises de 1455 dados coletados de crônicas (séc. XV, XV, XVI), sermões do séc. XVII até chegar à revista *Veja* (séc. XX), por amostragem, usamos o programa GoldVarb 2001, que fornece resultados estatísticos e probabilísticos para as ocorrências com *acabar* e *começar* a partir de rodadas realizadas com grupos de fatores (GFs) estabelecidos para elas. Os resultados apontam que esses verbos coexistem na língua portuguesa tanto na categoria de plenos quanto na de auxiliares, com gradual **perda semântica** (Hopper (1991) quando passam à categoria de auxiliares. Com o *começar* auxiliar, inclusive, há concomitância de regências em uma mesma época (*começar* + *de*; *começar* + *a* e *começar* + *sem preposição* + infinitivo), com a fixação da forma *começar* + *a*, no século XVII (hoje, ainda, há perífrases sem preposição, principalmente na fala, com probabilidade de essa forma ainda substituir a fixada com *a*). Para o *acabar*, a perífrase é *acabar* + *de* + infinitivo, sem mudança no decorrer do tempo. As preposições nessas perífrases ajudam na marcação aspectual, uma vez que ambas carregam semanticamente a indicação de direção no tempo (*a*), e limite temporal (*de*), por um processo de metaforização – anteriormente essa carga semântica se dava na ordem do espaço físico, para posteriormente passar ao espaço temporal. As perífrases com *começar* e *acabar* + gerúndio apresentam leitura pontual, portanto, temporal e aspectual, além de modalização. Esses resultados também indicam que esses verbos estão no 3.º/4.º estágio do processo de gramaticalização de Heine (1993).

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização. Aspectualizador. Perífrase. Começar. Acabar. Preposição.

## ABSTRACT

To start and to finish focus a point in time – the begin and the end of an event, denoted at first and principally by the strong semantics of these verbs. They can focus this point on other phrases of the sentence: SN - complement when they are in the category of full (He started / finished work ), in the main verb of a periphrasis (He started / finished work) or complements and adjuncts (He started / ended up breaking the wall / two in the afternoon). In addition, to start and to finish + gerund of the main verb position can focus on the start / finish with an event from an assumption set. In “... das gentes que houvesse de fazer guerra, as quaes comecem andando na terra d’el-rei d’Aragão...” (Fernão Lopes , Chronicle of Pedro I , p . 95), means that you start walking and not to explore the land , for example. Now, to finish besides marking time and aspect, with the gerund, presents an extra function: on "(General Médici) Acabou aceitando a chefia do Serviço Nacional de Informação (SNI)" (*Veja*, edição 117, de 02/12/1970, p. 06), has characteristics of modal auxiliary, once it is understood that there was no plan to accept the leadership, but it is eventually accepted (or eventually agreed). So, considering these differences in reading and training, the goal of this thesis is to discuss about it, under the bias of the process and stages of grammaticalization (Heine 1991, 1993), understood here as a process that change a lexical item to a grammatical item, as Meillet (1912); Givón (1979); Castilho (1996); Heine (1991 , 1993 , 2007) ; Hopper ( 2003); Traugott (1990, 2002). In this process, lexical and grammatical forms may even concur on language. For descriptions and analyzes 1455 data were collected from chronicles (from XV, XV, XVI centuries), sermons of XVII century, until to reach *Veja* magazine (XX century), by sampling. We used the program GoldVarb 2001, which gives statistical and probabilistic outcomes for events with to start and to finish. These results indicate that these aspectualizers are in the category of full and auxiliaries in aspectual periphrases, coexisting in Portuguese without semantic loss (Hopper 1991). With the auxiliary to start, there are concomitant regencies in a same season (start + of; start + to; start + without preposition; start + infinitive), with the setting of the form to start + to in the XVII century (today also there are periphrases without preposition, especially in speech, that will probably replace the fixed form with to. For the verb to finish, the periphrasis is to finish + of + infinitive, without a change in time. Prepositions in this periphrases help in the aspectual marking, once both carry semantically the indication of direction in time (to) and temporal limit (of), by a process of metaphoricalization - earlier this semantic charge was on the physical space, to change later to the temporal space. Periphrases with aspectualizers + gerund present punctual reading, therefore, temporal and aspectual, and modalization. These results also indicate that these verbs are in 3rd/ 4th stages of the grammaticalization process of Heine (1993).

**Key Words:** Grammaticalization. Aspectualiazers. Periphrasis. To start. To finish. Preposition.

## INTRODUÇÃO

No estudo sobre perífrases verbais do Português Brasileiro (PB), Cavalli (2008) apresenta formações com os auxiliares *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* seguidos de gerúndio (*andar/ viver/ ficar/ continuar* + comendo, por exemplo) como sendo perífrases aspectuais. Essas perífrases, para a autora, apresentam leitura imperfectiva, subespecificada, de forma ambígua, em leitura durativa e leitura iterativa: a **durativa** indica eventos homogêneos dentro de um intervalo de tempo de maneira contínua neste intervalo; e a **iterativa** indica eventos que duram dentro de um intervalo aberto em subeventos e subintervalos de tempo dentro neste intervalo ( $n_1$ ,  $n_2$ ,  $n_3$ , etc.). Para vincular essa leitura, são relevantes o auxiliar no presente do indicativo e a desinência de gerúndio na perífrase, por possuírem traços de duração. Mais que isso, *-ndo* é tratado como um operador de subeventos, ou seja, é responsável também pela leitura de que os eventos podem se repetir no tempo, além de marcar a duração<sup>1</sup>.

Porém, esse estudo deixou questões não respondidas, principalmente em relação à formação com o *continuar*, uma vez que este se comporta um pouco diferente dos outros três auxiliares (*andar*, *viver* e *ficar*). Com o *continuar*, além da duração/iteração, há a pressuposição que um dado evento já havia começado anteriormente no tempo, apresentando um intervalo medial entre o início e o fim do evento marcado pelo verbo principal da perífrase com o gerúndio, embora também sem definir fronteiras, como com os outros auxiliares estudados.

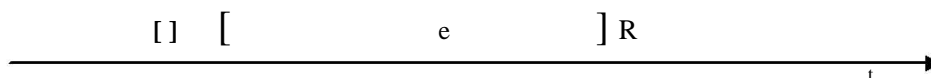
Somente para exemplificar o que dizemos, em (1) a seguir, o evento de estudar já havia iniciado e está em uma fase medial, sem focalização da finalização: “Ela continua estudando aspecto verbal” significa que o sujeito *ela* “começou a estudar aspecto verbal” anteriormente à fase em que, no momento da enunciação da sentença (momento da fala ou momento presente), *ela* estuda aspecto; e não há previsão para o fim do evento, como representado na linha de

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre os valores aspectuais do presente do indicativo e do gerúndio, nessas perífrases, e de modo generalizado em PB, ver apêndice 1 deste trabalho, em que apresentamos um resumo da discussão realizada em Cavalli (2008). Autores como Mattoso Câmara (1979), Comrie (1976), entre outros, apresentam o presente como contendo traços durativos. Esse traço também pode ser encontrado na desinência do gerúndio (*-ndo*) e é apresentado por Said Ali (1964), Bertinetto (1996-2002), entre outros.

tempo a seguir:

- (1) Ela continua estudando aspecto verbal<sup>2</sup>



A representação ilustra a configuração temporal do intervalo: os primeiros colchetes menores em negrito (**[ ]**) representam o evento de [estudar aspecto] iniciado anteriormente ao intervalo representado pelos colchetes maiores R – um intervalo aberto que diz respeito à fase em que o sujeito (ela) *estuda* aspecto, de modo ambíguo entre o contínuo e/ou iterativo dentro deste intervalo de tempo. A leitura que se faz da perífrase *continua estudando* é que, dentro do intervalo de tempo R, [estudar aspecto] continua ocorrendo ou de forma durativa (ou seja, contínua e ininterrupta dentro deste intervalo) ou/e iterativa (repetida **n** vezes dentro do intervalo, em subintervalos e subeventos de estudar = estuda uma vez, estuda outra vez, e mais outra, sucessivamente).

A partir dessas constatações, surgiu o interesse em continuar pesquisando esse fenômeno linguístico, para perceber semelhanças e diferenças do *continuar* com outros auxiliares: por exemplo, sintaticamente na formação de perífrases; ou, por outro lado, de marcação aspectual (não marcar duração, mas pontualidade, por exemplo). É o caso dos verbos *começar* e *acabar* deste trabalho, que se caracterizam por focalizar pontos específicos na linha do tempo, respectivamente ponto inicial e final. Além disso, na categoria de auxiliares, são seguidos de preposição mais um verbo principal no infinitivo ou no gerúndio.<sup>3</sup>

Nessas construções, o infinitivo tem significado genérico, indefinido ou

<sup>2</sup> Obs. 1 – Escolhemos, para este trabalho, numerar os exemplos reiniciando em 1 a cada novo capítulo. Para quadros e figuras a numeração começa em 1 e continua na sequência até o final da tese. **Também são nossos os sublinhados em todos os exemplos da tese.**

Obs. 2 – Alguns exemplos foram criados, a princípio, para facilitar as explanações, análises e para servirem de contraexemplos, mas a maioria são dados do *corpus* desta pesquisa quantitativa, que foram retirados de textos antigos (por amostragem), do séc. XV ao presente, para verificação do processo de gramaticalização e para testar hipóteses levantadas, neste trabalho.

<sup>3</sup> *Começar* e *acabar* são tratados aqui como auxiliares aspectuais sem se fazer uma discussão ou aprofundamento sobre critérios de auxiliaridade, uma vez que há uma ampla discussão a esse respeito no meio acadêmico, como em Pontes (1973), Perini (2001), Longo & Campos (2002), Lobato (1985), entre outros.

atemporal, ou seja, essa forma nominal nomeia uma ação ou um estado, mas é neutra quanto às suas categorias gramaticais tradicionais, isto é, não encerra em si a marcação de *tempo*, *modo*, *aspecto*, *número*, *pessoa*. Já o gerúndio, embora possa ter diferentes usos no PB como apresentado no apêndice 1 desta tese, na perífrase, geralmente apresenta um evento durativo/iterativo no tempo, ou então, um sentido ambíguo que abrange:

- (i) a continuidade no tempo de um dado evento;
- (ii) e/ou o evento coincidente com o momento da enunciação/ momento da fala (“Estou falando com você”, por exemplo).

Nesse sentido, sintaticamente as perífrases com o *começar* e com o *acabar* são semelhantes às com o *continuar* (continua falando/ continua a falar). Contudo, com o *começar* + preposição + infinitivo e o *acabar* + preposição + infinitivo, a leitura vinculada é de **focalização** de um ponto no tempo, principalmente relacionada à semântica desses verbos: *começar* – dar início a, iniciar; e *acabar* – ter por limite; fazer chegar ou chegar ao fim, terminar, concluir.

Por apresentarem essas características, com este trabalho, buscam-se respostas que explicitem essas semelhanças e diferenças, descrevendo-as em um tratamento pelo viés da semântica de aspecto ligada à gramaticalização, além de verificar mudanças de uso para esses verbos no decorrer do tempo. Para alcançar esse objetivo geral, as hipóteses levantadas são:

1. *Começar* e *acabar* estão em processo de gramaticalização (Castilho (1996); Givón (1979); Heine (1991, 1993, 2007); Hopper (2003); Travaglia (2002), entre outros), em um ponto do processo em que ambos estão na categoria de plenos, como em “O filme **começou/acabou**” e também na categoria de auxiliares, como em “O cineasta **começou a filmar/ acabou de filmar**”, ou seja, no estágio 3 de Heine, 1993, como será explicitado nesta tese.

2. A perífrase com o gerúndio na posição de verbo principal, como em “Estava passando pela loja e acabou entrando”, pode indicar outro estágio no processo de gramaticalização dessas perífrases, uma vez que, de forma ambígua, elas indicam leituras aspectuais e certa modalização. Ou seja, como os

modalizadores, essas perífrases podem indicar intenções, sentimentos e atitudes do falante com relação a seu discurso. Nesta sentença, entrar na loja não era a intenção, porém o evento de entrar na loja ocorreu. Os modalizadores são elementos gramaticais ou lexicais que manifestam incerteza, probabilidade, desejo, dever, possibilidade, necessidade, etc. E a classe dos auxiliares modais também cumpre essa função<sup>4</sup> na língua. Isso parece estar ocorrendo também com *começar* e *acabar*.

### 3. *Começar* e *acabar* apresentam leitura aspectual:

- a. com o *começar*, coloca-se em **foco o início** de um evento ou, entre um conjunto de eventos pressupostos, o foco se dá em um dos eventos do conjunto;
- b. com *acabar*, coloca-se em **foco o fim** de um evento ou, entre um conjunto de eventos pressupostos, o foco se dá em um dos eventos do conjunto.

4. *Começar* e *acabar* apresentam regência múltipla, ou seja, diferentes preposições quando são usados na categoria de plenos; e diferentes preposições quando usados na categoria de auxiliares, com sentidos distintos nessas duas categorias conforme preposição usada (*acabou de* difere de *acabou por*; *começou a* difere de *começou por*, por exemplo). Contudo, ainda assim a significação-base permanece atrelada a esses verbos devido a sua forte semântica lexical. *Começar*, inclusive, passou por mudanças de regências (*começar + de*; *começar + a*; *começar + sem preposição*) até a estabilização da forma *começar + a + infinitivo* (*começar a fazer*).

5. Além da carga semântica desses verbos (indicam um ponto no tempo), *começar* e *acabar* podem focalizar esse ponto em diferentes sintagmas da sentença<sup>5</sup>: no verbo principal da perífrase, no complemento verbal do verbo principal ou em adjuntos.

---

<sup>4</sup> Função é usada, neste trabalho, no sentido de “relação”: a) entre uma forma e outra (função interna) e b) entre uma forma e seu significado (função semântica) ou, na maioria das vezes c) no sentido de papel, ou seja, o valor de “papel de uma palavra em uma oração” (André Martinet (1994). *apud*. Neves, 2004: 5).

<sup>5</sup> Sentença tem o mesmo sentido de *oração* da GT.



6. Na categoria de auxiliar, *começar* e *acabar* não fazem restrição a nenhuma classe acional que ocupe o verbo principal na formação da perífrase verbal, conforme explicitamos no capítulo 1, seção 1.2, deste trabalho.

7. Além da semântica intrinsecamente marcada desses auxiliares, que, na primeira interpretação, para qualquer sentença em que apareçam, focalizam o início/fim de “algo/alguma coisa”, quando necessário, entra em jogo também para essa leitura a composicionalidade auxiliar + preposição + verbo principal (no particípio ou no gerúndio) + complemento verbal ou + adjuntos. Isto é, na composicionalidade, o sentido de uma expressão se dá em função dos sentidos das suas partes e da forma como estão combinadas.

Para responder a essas questões, analisamos distintamente *começar* e *acabar* na categoria de plenos e na de auxiliares, verificando se a composicionalidade influencia a leitura final de sentenças com esses verbos, por meio de oito grupos de fatores (GFs) estabelecidos, sete relacionados à linguagem e um a fatores sociais, ou seja, ao uso no decorrer do tempo – obras escritas em diferentes espaços temporais. Para isso, foi utilizado um *corpus* composto por dados de crônicas do século XIV ao XVI, de sermões do século XVII, do Jornal do Rio de Janeiro do século XIX, e da revista *Veja* (século XX), por amostragem: um autor (uma a três crônicas) de cada século, e, ao chegar ao momento atual, um texto (cartas ao editor) da *Veja*, de janeiro de cada início de década, desde a fundação da revista até o ano de 2010.

Nessa análise, tomamos o conceito de **gramaticalização** como o processo em que um item lexical (autônomo na língua) passa a item gramatical, ou um item gramatical a mais gramatical, ou ainda o processo em que, nessa nova categoria a que passa a pertencer esse item, ele desenvolve novas funções ou passa a ter novos significados (Castilho (1996); Givón (1979); Heine (1991, 1993, 2007); Hopper (2003); Meillet (1912); Willet (1988); Traugott (1990, 2002), entre outros). Também procuramos verificar se, na categoria de auxiliares, *começar* e *acabar* não fazem restrição a qualquer classe acional<sup>6</sup> para o segundo elemento da perífrase. Além disso, no caso do verbo *começar*, as construções com a preposição

---

<sup>6</sup> Denominação para o tipo de verbo conforme seu esquema temporal intrínseco: *abrir* (evento instantâneo no mundo) vs. *construir* (evento durativo/com fases no mundo), tema que abordamos no próximo capítulo, seção 1.2.

*de* (começar de fazer) coexistiram com as construções com a preposição *a* (começar a fazer) e sem preposição (começar Ø fazer)<sup>7</sup> num mesmo período de tempo, até o desaparecimento da primeira formação. Hoje temos majoritariamente a forma [*começar* + *a*] em coocorrência com perífrases sem preposição (começar + Ø).

Além disso, há nuances de significação conforme a regência do verbo. Um exemplo é a preposição *por* em “Acabei por comer” que difere da preposição *de* em “Acabei de comer”. Nesta última perífrase, há o evento [comer], e o verbo *acabar* marca o fim deste evento; em *acabei por comer*, é possível um contexto em que, entre um conjunto de eventos, o evento [comer] foi o escolhido. Assim, em “Estava na cozinha e acabei por comer bolo, já que não tinha pão”, entre o conjunto de [comer bolo e comer pão], a escolha foi por comer bolo (essa escolha inclusive pode não ser necessariamente por vontade). O mesmo pode se dizer da perífrase com o gerúndio (acabou comendo), que pode ser intercambiável pela perífrase com a preposição *por*, também com nuances de sentido distintas: “acabou comendo bolo” parecer ter o mesmo significado de “acabou por comer o bolo”, explicitada anteriormente, no sentido de que em um primeiro momento não queria, mas acabou realizando esse evento. Ou seja, em sentenças como essas, o verbo *acabar* contém mais predicções que a de marcar tempo.

Para demonstrar essa gama de fenômenos que ocorre com *começar* e *acabar*, percorremos o seguinte caminho: No capítulo 1, apresentamos argumentos teóricos que podem sustentar às hipóteses levantadas, a partir de uma breve discussão a respeito desses dois verbos e das leituras que se relacionam a eles, principalmente sobre a diferença entre verbo pleno e auxiliar (PONTES, 1973, CASTILHO, 1967, 2008), especificando *começar* e *acabar* (TRAVAGLIA, 2002, MENON, 2006, 2008, 2011) como focalizadores de limites temporais.

Na primeira seção deste capítulo (1.1), discorremos sobre a diferença entre tempo e aspecto na língua e como o tempo pode ser marcado em **instantes** ou **intervalos** de tempo, uma vez que vinculamos *começar* e *acabar* ao aspecto verbal, mais que ao tempo cronológico, uma vez que perífrases aspectuais têm relação direta com o aspecto. Usamos para isso, de forma bastante abrangente,

---

<sup>7</sup> Ø = representação de vazio/elipse.

conceitos conhecidos de estudiosos da área como Comrie, 1976; Dowty, 1977; Squartini, 1998; Swart, 1988, entre outros, mais especificamente, na subseção 1.2, noções sobre as classes acionais e a noção de aspecto lexical (Vendler, 1976) por traços (Bertinetto, 2001), na subseção 1.2.1.

No capítulo seguinte, apresentamos em linhas gerais o que se entende por gramaticalização – em seu sentido mais conhecido, a passagem de um item lexical a gramatical ou de gramatical a mais gramatical, ou de um item agregando mais funções/significações na língua, a partir dos pressupostos de estudiosos desta área como Meillet (1912); Givón (1979); Willet (1988); Heine (1991, 1993, 2007); Traugott (1990, 2002); Hopper (1991, 1993, 2003); Castilho (1996); entre outros. Na seção 2.1, discorremos sobre esse processo especificamente para verbos, apresentando os estágios de gramaticalização propostos por Heine (1993), que norteiam as discussões para os verbos deste trabalho:

Plenos > passagem de plenos a auxiliares > coocorrência de plenos e auxiliares > aglutinação > clítico > afixo.

Nessa passagem, conforme Heine (1993), auxiliares podem exercer as mais diversas funções gramaticais em uma ou outra construção sentencial, ou ainda aglutinar várias delas em uma única, como marcar tempo, voz, pessoa ou noções aspectuais e modais das mais diversas. Ainda podem parar em um dos estágios do processo de gramaticalização (e ao parar neste determinado estágio dizemos que estão gramaticalizados neste estágio) e a maioria pode nunca chegar ao final (ou seja, não se tornar clítico ou afixo, por exemplo). No momento em que atinge um determinado estágio, dizemos que o item se gramaticalizou. Ou seja, apesar de ainda estar no processo porque vai agregando novas significações, um verbo que está na categoria de pleno é considerado gramaticalizado na categoria a que passou a fazer parte, a de auxiliar (isto é, de um item lexical – verbo pleno – passou a item gramatical – verbo auxiliar).

Já as preposições que formam as perífrases com esses verbos neste processo passam de um conceito mais concreto para um mais abstrato, conforme discutimos na seção 2.2, com base nos estudos de Ilari *et alii* (2008). As preposições que participam da perífrase com o *acabar* e com o *começar* são, respectivamente, *de* e *a*, que tinham sua significação relacionada ao espaço

(conceito concreto – limites espaciais) para agregar um significado temporal (conceito abstrato – limites temporais). No caso da regência, *começar* + *a* focaliza o ponto inicial em direção ao futuro, e *acabar* + *de* fecha o limite temporal com um ponto final.

Terminamos o capítulo 2 (seção 2.1) com uma discussão preliminar a respeito dos conceitos abordados no capítulo (tempo e aspecto, gramaticalização, gramaticalização de verbos e gramaticalização de preposições) para o *começar* e o *acabar*, apresentando exemplos de dados do *corpus* para esta pesquisa. No capítulo 3, Metodologia: o suporte quantitativo e a amostra escolhida, expomos a escolha pela pesquisa quantitativa para a análise do *corpus* da pesquisa proposta nesta tese, apresentando o programa usado para rodar os dados – GoldVarb 2001. A coleta de dados e a amostra escolhida estão também apresentadas, com um resumo sobre os autores e as obras que foram escolhidos para os dados que compõem o *corpus*: crônicas do século XV e XVI (uma a três crônicas de cada um dos autores), sermões do século XVII (coletânea de sermões do Padre Vieira), jornal do Rio de Janeiro de 1808 (século XIX) e revista *Veja*, da primeira edição em 1968 até 2010 (do primeiro ano da revista, foram retiradas todos os trechos das cartas ao editor, que apresentavam os verbos em estudo, depois as do primeiro e último mês de cada década até o presente). E, por fim, mostramos como se deu a codificação de dados para as rodadas no programa GoldVarb 2001, através de oito grupos de fatores (GFs) estabelecidos, relacionando-os às hipóteses levantadas.

Em seguida, no capítulo 4, analisamos um a um os GFs que compõem a análise com os verbos *começar* e *acabar* selecionados pelo programa GoldVarb 2001, ou seja, dos 8 GTs, 5 foram selecionados, e os resultados obtidos em diferentes rodadas foram organizados em tabelas para as análises e interpretações, conforme a seguinte sequência dada pelo programa: verbo auxiliar vs. pleno; a mudança no tempo (obras/épocas consultadas); relação da classe acional do verbo principal que forma a perífrase e o tempo/modo verbal; a regência (preposições) de *acabar* e *começar*. Nessa seção, apresentamos o verbo (a)*costumar*, que também apresenta variação de regência na estabilização da forma, como analogia para a estabilização de *começar* + *a*.

Nas considerações finais, apresentamos as conclusões sobre o processo

de gramaticalização de *começar* e *acabar*: estão gramaticalizados na categoria de auxiliares (marcam diferentes funções gramaticais – tempo, pessoa, aspecto e modalização), mas continuam a ocorrer como verbos plenos, ou seja, estão em duas categorias gramaticais desempenhando diferentes funções e apresentando nuances particulares de significação conforme a categoria a que são usados na língua. Apresentamos, portanto, um breve resumo do que esta pesquisa se propôs a fazer, as conclusões a que chegamos, com possíveis contribuições para futuras análises dos verbos foco deste trabalho, bem como algumas questões que podem ser aprofundadas posteriormente, como a associação dos verbos pontuais, ou seja, verbos que denotam um ponto na linha do tempo – ponto inicial (com o *começar*) e ponto final (com o *acabar*) com alguns subgrupos de estativos (do tipo “ter olhos azuis”) e *achievements* (também pontuais, do tipo “quebrar o copo”), que parecem restringir, se não totalmente, pelo menos em parte, a construção perifrástica com o infinitivo.

Em suma, embora haja estudos nesta área, como os de Travaglia (2002), ainda são necessárias novas pesquisas, tomando principalmente como hipótese que *começar* e *acabar* marcam **fronteiras temporais** – o ponto em que se inicia (com o *começar*) ou finaliza (com o *acabar*) um evento. Em perífrases com o infinitivo (por exemplo, “começa a ler”), o auxiliar focaliza o início de um evento marcado pelo segundo elemento da perífrase verbal; com o gerúndio (por exemplo, “começa lendo”/ “comecei lendo Clarice Lispector, e não Cecília Meireles”), o auxiliar focaliza o início com um evento entre um conjunto de eventos pressupostos (ler, escrever, pesquisar, etc., por exemplo; ou ler uma coisa e não outra = conjunto com mais de um elemento no conjunto). Por marcar pontos no tempo, **perífrases como estas são aspectuais**.

Além disso, também são necessários aprofundamentos em relação às perífrases com o *começar* e o *acabar* + gerúndio (começa/acaba comendo, por exemplo), tanto em um tratamento pela semântica de aspecto ou pela gramaticalização quanto por outras áreas da linguística, para que se possa elucidar como se dá a marcação aspectual com essas perífrases e que caminhos seguem no processo de gramaticalização. Ainda, nos apêndices, apresentamos parte da discussão realizada por nós no trabalho de mestrado sobre o gerúndio que talvez possa direcionar as respostas necessárias a essa questão (apêndice 1). Também

apresentamos mais detalhadamente (apêndices 2 e 3) como se deu a coleta de dados e como funciona o programa GoldVarb 2001, com um descritivo de como ocorrem as rodadas para se obter os resultados analisados pelo programa. Além disso, colocamos, no apêndice 4, as considerações sobre o grupo eliminado da análise pelo GoldVarb 2001 – a composicionalidade do predicado, por considerarmos que os resultados apresentados pelo programa são muito próximos ao ponto neutro de análise (0.50), além disso, os valores são muito semelhantes a dois outros grupos selecionados – tempo e classes acionais. Ou seja, com esses resultados apresentados, não é possível fazer suposições de para onde o sistema linguístico caminha no processo de mudança linguística. Devido a isso, poderíamos dizer que o sistema está estável em relação a esse GF.

Portanto, o trabalho de análise e descrição de dados em variação e mudança linguística sob o viés da semântica de aspecto realizado nesta tese corrobora teorias de **gramaticalização** e faz uma descrição de *começar* e *acabar* neste processo, como **focalizadores** de fronteiras temporais – **ponto inicial** e **ponto final**.

## 1 COMEÇAR E ACABAR: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O trabalho aqui proposto tem o objetivo de descrever características gerais dos verbos *começar* e *acabar* e sua significação, mostrando inclusive o uso da preposição na formação da perífrase com esses verbos, a partir de dados retirados de textos do séc. XV até atuais da revista *Veja*. Para isso, a descrição procura abordar o comportamento desses verbos tomando como base o processo de gramaticalização, entendido aqui como **a passagem de um item lexical a um item gramatical ou de um item gramatical para um mais gramatical**, conforme postulam estudiosos da área como Heine (1991), Givón (1996), Castilho (1996), que se apropriaram da concepção de Meillet (1912), estudioso que cunhou essa denominação. Tendo esse conceito como subjacente para o *começar* e o *acabar*, esse processo diz respeito à passagem desses verbos da categoria de plenos (item lexical) para a de auxiliares (item gramatical), coexistindo na língua e agregando ainda diferentes funções nessas categorias.

Além disso, essa análise dá seguimento ao estudo realizado por Cavalli (2008) com os verbos *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar*. Naquele trabalho, ficou evidente que parte do significado de movimento/ deslocamento do verbo pleno *andar*, por exemplo, na passagem para auxiliar se manteve durante o processo de gramaticalização. Essa afirmação baseou-se na pesquisa de Menon (2006) com os auxiliares *ser*, *jazer*, *ir*, e *vir*, com textos diversos (num *corpus* histórico). Para Menon, a maior parte dos verbos auxiliares pesquisados, no processo de gramaticalização, passaram por transformações de sentido e continuaram a coexistir com os verbos plenos e o *jazer* permanece na língua em contextos mais restrito de uso (Jaz aqui, por exemplo). Também para a autora, o *ficar* (no latim *figicare*), significava ausência de movimento, permanecer parado, imóvel. *Andar*, com significado de movimento concorrendo com o *ir*, passou a significar ações que se repetiam, não só espacial como temporalmente, indicando também um estado (*andar doente*, por exemplo), concorrendo com o *estar*.

É interessante notar que esta transformação de sentido trouxe para o auxiliar *andar* a pressuposição de ação repetida (alternância dos pés para gerar movimento, ou seja, um passo depois do outro) se especializando na formação de perífrases (*anda fazendo*, *anda comendo*, *anda lendo*, etc.). O *andar* já formava

perífrase no século XIV (na obra “Orto do esposo”, por exemplo), o *ficar* aparece no século XVI (na obra História de Portugal) substituindo o *jazer*. Ambos tinham em comum o significado de imobilidade, ficar parado. O *continuar* surge como auxiliar no final do século XVII, início do XVIII em Autobiografia, embora seja a partir do século XIX que seu uso ganha força, não só seguido de gerúndio, mas de *a + infinitivo*. O *andar* passou a ser usado somente com o sentido iterativo na língua moderna (em seu sentido de tempo transcorrido – *anda comendo*) e o *ficar* e o *continuar* foram os últimos verbos a se gramaticalizar como auxiliares nas perífrases. Para exemplificar, há abaixo dados apresentados no trabalho de Menon (2006):

- (1) “... todos aquellos que andauã trabalhando êna obra do mosteyro...” (Orto do Esposo, p.163 – séc. XIV).
- (2) “... e ela ficou governando a terra e ele defendendo-a, porque se a ele não defendera, seus inimigos lha tomaram. (História de Portugal, p. 432 – XVI).
- (3) “... Assim continuou criando defuntos, sempre na baixa!” (Cartas Oriente, p. 25 – séc. XVII).
- (4) “... para continuar a entregar à criada a sua pensão...” (Cartas Oriente, p. 31 – séc. XVII).

Em todos os trechos acima, observa-se que os eventos duram no tempo, ou seja, o traço durativo se faz presente pela soma da semântica dos auxiliares e do uso do gerúndio. Quanto aos auxiliares, nestes dados, pode-se afirmar que, na passagem de verbo pleno para auxiliar, eles “carregam” consigo parte de seu significado original, ou seja, há “persistência semântica”, conforme Hopper, 1991.

Outra pesquisa de Menon (2011) que também aborda a gramaticalização de verbos é a realizada com formas flexionadas de *ir* (em qualquer tempo verbal) mais infinitivo, também já encontradas na língua arcaica, embora, como ela afirma, neste período ainda não poderem ser interpretadas como perífrases de futuro, como são usadas no português contemporâneo, uma vez que o infinitivo que ocorre após o *ir* constitui uma oração final.

- (5) Se ffor ffora da ujlla chamar alguém de-lhe per a legoa ////. iij soldos... (Ley .xxix, de Dom Dinis. ORDENAÇÕES, p. 170).

No exemplo se entende que “Alguém vai a algum lugar a/ para fazer algo”. Nesse sentido, o verbo *ir* é de deslocamento no espaço. Ou seja, na



gramaticalização do verbo *ir*, houve uma recategorização do deslocamento espacial para o temporal. Para Menon, isso ocorreu porque houve uma mudança na sintaxe da língua – a da posição do advérbio na frase. Isso, para ela, desencadeou modificações na ordem dos constituintes, o que permitiu considerar que, se alguém vai a X para fazer Y, é porque isso ainda não aconteceu (portanto, pertence ao domínio do não realizado), uma das características aspectuais do futuro. Para confirmar essa afirmação, a pesquisadora apresenta as diferentes posições do verbo *ir* e do infinitivo encontradas em Zurara (ca 1463), em que, na mesma obra, há os três contextos que levaram à interpretação de futuro, com a posterior consolidação da ordem [auxiliar + infinitivo], exemplificando com os seguintes dados:

(6) Ally foy o comde a fallar a Mose Martym (ZURARA, p. 340).

(7) E o mouro \_\_ foy llogo fallar ao velho... (ZURARA, p. 345).

(8) porque parecee que vay fallar a seu rey. (ZURARA, p. 661).

(9) E açertou-se que, ao tempo que elles começavã d'apareçer, os nossos estavã prestes pera hyr a atalhar a terra... (ZURARA, p. 707).

Assim, entre o século XV, quando podemos estabelecer que começa a gramaticalização da perífrase de futuro, a partir da coocorrência das três formas em Zurara, e o século XVII, ocorre a consolidação da interpretação e da forma dessa perífrase. Portanto, para a autora, essa consolidação da forma sem preposição [ir + infinitivo] se dá pela possibilidade de incluir *ir* entre os verbos com diferentes regências e preposições ( $\emptyset$ , *a*, *de*). Estaríamos diante de uma mudança encaixada: as perífrases de gerúndio (*estar*, *andar*, *ficar*, *continuar* + gerúndio), em Portugal, começaram a ser substituídas pela construção [auxiliar + *a* + infinitivo], no decorrer do século XVIII (MENON, 2006, 2008). O verbo *começar*, desta tese, também passa por essa estabilização da forma perifrástica com regências diferentes (*de*, *a*,  $\emptyset$ ), como veremos adiante.

Seguindo, portanto, o conceito de gramaticalização para a consolidação das perífrases, consideramos *começar* e *acabar* na categoria de pleno coexistindo com *começar* e *acabar* na categoria de auxiliar: ou seja, é um item lexical e um item gramatical. E, para este trabalho, assumimos que sua significação é intrínseca, pois acreditamos que eles **focalizam um ponto numa linha temporal**

(ponto inicial para o *começar* e ponto final para o *acabar*) e, por isso, agregam a função de marcar tempo e aspecto dos eventos no mundo.

### 1.1 COMEÇAR E ACABAR: VERBO E A RELAÇÃO TEMPO E ASPECTO

O verbo é por excelência a classe de palavras que indica tempo e aspecto dos eventos (ou eventualidades) no mundo<sup>8</sup>. Em muitas línguas, é a palavra pertencente a um paradigma cujas flexões indicam algumas categorias como pessoa, número, modo, voz, e **tempo** e **aspecto**. **Tempo** é entendido aqui cronologicamente como unidirecional, representado em uma linha, onde eventos podem ser ordenados em presente, passado e futuro, em pontos (instantes) ou em segmentos (intervalos) desta linha (SWART, 1998). Já o **aspecto** é como se configuram (ou se “desenham”) esses eventos nessa linha temporal. Nesse sentido, os eventos podem ser considerados sob diferentes pontos de vista: o desenvolvimento, o ponto final ou ponto inicial, se está acabado ou não, se está acontecendo de maneira contínua ou iterativa, etc. (COMRIE, 1976, 1977). Por isso, dizemos que o tempo é dêitico, pois aponta para um evento no mundo, e o aspecto é não dêitico, pois marca a duração e/ou as fases do evento.

Por apresentarem essas diferentes funções, os verbos contêm noções semânticas e sintáticas. Do ponto de vista sintático, exercem a função de núcleo do predicado das sentenças e, como núcleo, são responsáveis por selecionar o sujeito e o complemento (por exemplo, o verbo *ler*, seleciona o leitor e o lido, que, numa sentença como “Sirlei leu o livro”, são respectivamente *Sirlei* e *o livro*).

Nesse sentido, dizemos que há verbos que são de um, dois ou três lugares, ou seja, há “lugares” que precisam necessariamente ser preenchidos para dar sentido completo à sentença. Por exemplo: o verbo *correr* necessita do preenchimento de um lugar – alguém corre (portanto, necessariamente do lugar do sujeito); o *comer* necessita do preenchimento de dois lugares – alguém come alguma coisa (portanto, necessariamente do lugar do sujeito e do complemento verbal, que seria um objeto direto ou um indireto, conforme o verbo da sentença);

---

<sup>8</sup> Quanto à denominação *evento*, usada neste trabalho – devido à sua dinamicidade – é usada para diferenciar de *estados*, que são basicamente propriedades/ condições atribuídas a sujeitos e não a uma ação/processo. Evento (e eventualidade), conceito ligado ao aspecto verbal, foi definido desde a antiguidade clássica até chegar a estudiosos mais recentes do assunto, como Vendler (1967); Travaglia, 1985; Parsons (1990); Smith (1991); Dowty (1991), Tenny (1991), Verkuyl (1993, 1999); Castilho (1985, 1997, 2003); Chierchia (2003), entre outros. Esses estudos servem como base para o que dizemos aqui.

o verbo *oferecer* necessita do preenchimento de três lugares – alguém oferece alguma coisa a alguém (portanto, necessariamente do lugar do sujeito e do complemento verbal composto por um objeto direto e outro indireto); e assim por diante.

Portanto, há uma relação de dependência de sentido que se estabelece entre o verbo, o sujeito e os complementos no preenchimento da grade argumental para a marcação temporal e aspectual: o verbo, estabelecendo uma relação de sentido com seu sujeito e seus complementos, atribui-lhes funções, um papel para cada um deles, conhecidas como papéis temáticos (Dowty, 1989, 1991 e Jackendoff, 1983, 1990)<sup>9</sup>. O **verbo** é o atribuidor prototípico de papel temático, porém, além dele, os nomes derivados de verbos (por derivação regressiva ou não), em sintagmas como *construção da ponte*, atribuem papel a seu complemento; adjetivos que pedem complemento, como em *orgulhosa de mim*, atribuem papel temático a seu complemento; algumas preposições, como em *com o martelo*, atribuem papel temático a seu complemento. Márcia Cançado (2008) compila os papéis temáticos para o PB, os quais resumimos de sua obra, a saber:

- A. **Agente:** desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle (*João* lavou o carro);
- B. **Causa:** desencadeador de alguma ação, sem controle (*O sol* queimou a plantação);
- C. **Instrumento:** objeto com o qual a ação é desencadeada (*João* abriu a porta *com a chave*);
- D. **Paciente:** entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado. (*João* quebrou *o vaso*);
- E. **Tema:** entidade deslocada por uma ação (*A bola* atingiu o alvo);
- F. **Experienciador:** ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico (*O João* pensou na *Maria*);
- G. **Beneficiário:** a entidade que é beneficiada pela ação descrita (*João* pagou a *Maria*);

---

<sup>9</sup> Não tratamos de atribuição de papel temático ou preenchimento de grade argumental como tema neste trabalho, as colocações realizadas são somente para entender que é na composicionalidade [verbo e seus argumentos] que a leitura aspectual geral é denotada, embora o aspecto lexical tenha relevância para essa leitura. Além disso, veremos que a seleção argumental realizada por *começar* e *acabar* auxiliares se distingue de outros auxiliares aspectuais e temporais.

- H. **Objetivo** (ou objeto estativo): entidade a qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja, afetada por algo (João leu *um livro*);
- I. **Locativo**: lugar em que algo está situado ou acontece (Eu nasci *em Curitiba*);
- J. **Alvo**: entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico (Sara jogou a bola para *o policial*);
- K. **Fonte**: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico (João voltou *de Paris*).

Para as perífrases verbais em língua portuguesa (conjunto de, no mínimo, dois verbos), um ocupa a posição de verbo principal – segundo elemento da perífrase –, e o outro, a posição de auxiliar – primeiro elemento da perífrase. Em muitas perífrases são os verbos principais os responsáveis pela seleção argumental. São exemplos perífrases com os auxiliares *viver*, *andar*, *estar* e *ficar*, como em “Sirlei vive/anda/fica/está lendo o livro”, em que é o verbo *ler* que seleciona o sujeito *Sirlei* e o complemento *o livro*. Os auxiliares, nessas perífrases, são responsáveis por carregar informação gramatical, ou seja, as marcas de pessoa-número, tempo, modo e aspecto. O aspecto, nesse caso, é dado pela soma dos dois elementos da perífrase – o auxiliar mais o verbo principal (e também pode ocorrer na composicionalidade da sentença).

Para Pontes (1973), a função do verbo auxiliar é exatamente esta tipicamente gramatical. Além disso, para a autora, é aquele que tomaria por complemento um verbo-base; e a perífrase seria um complexo unitário que reúne [verbo auxiliar + infinitivo, gerúndio ou particípio] numa só predicação. Os auxiliares formariam, para ela, um grupo indissociável, além de não afetarem o tipo de palavras que o verbo principal aceita como seu sujeito ou complemento. Isto é, não são os responsáveis pelo preenchimento da grade argumental: sujeito e complemento verbal, como discutiremos até aqui. Contudo, consideramos um leque mais abrangente para as perífrases, contendo aquelas formadas com auxiliares modais e aspectualizadores (explicitados a seguir).

Os verbos auxiliares são divididos em auxiliares de tempo, de aspecto e modais. Pontes (1973), assim como Câmara JR. (1979), classifica, por exemplo, os verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, *ir* e *andar* como auxiliares de **tempo**, no PB

(classificação mais tradicional, como diz a autora), embora estudos mais recentes, como os de Castilho (2002), Cardoso e Pereira (2003), apontem que denotam também aspecto. Isso ocorre, por exemplo, com o verbo *andar* em sentenças como “Ela anda escrevendo muito” – nesta, além de tempo (presente), pessoa (3.<sup>a</sup> singular), modo (indicativo), há a marcação ambígua de aspecto: entende-se que a ação de escrever acontece de forma contínua no tempo e/ou se repete em subeventos de escrever uma vez; escrever outra e mais outra, sucessivamente, em subintervalos de tempo (CAVALLI, 2008).

Os auxiliares **modais**, como *poder*, *dever*, *precisar*, *necessitar*, etc., selecionam argumentos (sujeito e complemento verbal, este um verbo-complemento). Nesse caso, o auxiliar seleciona sujeito e um verbo principal no infinitivo (*A professora pode/deve/precisa/necessita corrigir o texto*, por exemplo: o auxiliar seleciona o sujeito *a professora* e o verbo-complemento *corrigir*, que, por sua vez, seleciona um complemento, *o texto*). Com auxiliar modal, as perífrases verbais apresentam valor de desejo, probabilidade, dever, possibilidade, necessidade, etc. São outros exemplos *ter de*, *ter que*, *haver de* (PONTES, 1973), etc. Já os auxiliares **aspectuais** situam o evento em dado momento, tomando como referência sempre o momento da fala. Assim como certos advérbios (por exemplo, *recentemente*, *logo*, etc.); nomes (por exemplo, *afogado*, *morto*, *caído*, etc.) sintagmas e adjuntos (por exemplo, *muitas vezes*, *por três semanas*, *em um dia*, etc.), etc., que são aspectuais, o verbo expressa:

- a. eventos que estão por iniciar (vai falar<sup>10</sup>);
- b. início de uma ação – aspecto incoativo ou inceptivo (pôs-se a falar, começou a falar);
- c. processo, sem menção de início ou fim, ou ação que se repete – aspecto durativo/iterativo (vive falando, tem falado);
- d. processo que já terminou – aspecto completivo ou terminativo (tinha falado, terminou/acabou de falar), etc.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Esta perífrase apresenta dupla leitura: marca futuro (a ação de falar vai se realizar somente futuramente) e o início do evento [falar], que será iniciado no momento da enunciação da sentença – aspecto eminencial.

<sup>11</sup> Para saber mais como o aspecto é marcado na língua portuguesa, ver também Ataliba Castilho (1968), Travaglia (1985), Ilari (1985), entre outros.

É importante observar que, nas perífrases exemplificadas nos parênteses, a flexão do auxiliar indicativa de tempo verbal é também determinante para o aspecto. Nesse sentido, em grande parte das perífrases, é a composicionalidade que determina o aspecto: flexão verbal + carga semântica do verbo auxiliar + carga semântica do verbo principal + forma nominal do verbo principal – no infinitivo é atemporal; no particípio é aspecto concluso ou perfeito e no gerúndio é aspecto inconcluso ou imperfeito (CÂMARA JR, 1979).

Além desses auxiliares (temporais, aspectuais, modais), há ainda os **aspectualizadores**, que podem ser considerados uma subclasse dos aspectuais, pois não formam um bloco unitário coeso com o verbo principal da perífrase, no sentido que, nas perífrases aspectuais, a grade argumental é realizada pelo verbo principal, que seleciona tanto sujeito quanto complemento verbal. O aspectualizador, sintaticamente, é mais semelhante a um verbo modal, pois seleciona um sujeito e um verbo-complemento no infinitivo ou no gerúndio, e é este que seleciona um complemento verbal (objeto direto, indireto ou direto e indireto) – quando transitivo, por exemplo. Na sentença “João começou a ler o livro”, o sujeito *João* é selecionado pelo verbo *começar*, que seleciona o verbo *ler*; e é o *ler* que seleciona o complemento, *o livro*, neste caso.

Os verbos *começar* e *acabar* deste trabalho podem ser classificados nessa classe de auxiliares. Para esses aspectualizadores, há alguns estudos que os tratam como marcadores de estágios, como Bertucci (2011, p. 126), que diz

... apenas eventualidades com estágios – basicamente, atividades e *accomplishments* – podem ter seu *onset*<sup>12</sup> expresso, porque apenas elas têm subeventos identificáveis. Ao propormos que *começar* seja a expressão linguística do *onset*, esperamos que este aspectualizador seja compatível apenas com predicados que denotem eventos com estágios. E é exatamente isso o que observamos no terceiro capítulo: *começar* seleciona predicados com a propriedade [+estágios], como predicados de atividade (19a) e de *accomplishments* (19b), mas não é compatível com predicados sem tal propriedade, como predicados de *achievement* (20a) e de estado não faseável (20b).

(19) a. Pedro começou a correr.

<sup>12</sup> Bertucci (2011) define *onset*, baseado em Landman 2008 e Landman & Rothstein 2009, como sendo o menor subevento inicial de uma eventualidade (entendida como evento ou estado), ou seja, estado de coisas no mundo, que é estabelecido a partir de um ponto de ancoragem temporal, isto é, a partir de relações temporais de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade. Isto é, o momento de fala seria a simultaneidade do evento, a anterioridade é o passado em relação ao momento de fala, e a posterioridade é o futuro em relação ao momento de fala.

b. Pedro começou a escrever o soneto.

(20) a. \*Pedro começou a chegar.

b. \*Pedro começou a ser alto.

Essa abordagem, em princípio, parece apropriada, porém restringe o aspectualizador a ser compatível somente com eventualidades que denotem estágios indicados pelos verbos principais. Nos exemplos (20a e 20b) dados pelo autor, não são levados em consideração, por exemplo, outros contextos, como “Pedro começou a chegar perto da namorada” ou “Pedro começou a ser alto aos 15 anos”, em que a focalização do início de *chegar* e *ser alto* não está no verbo-complemento de *começar*, mas sim na composicionalidade [*começou a chegar perto da namorada*] e [*começou a ser alto aos 15 anos*]. Nesse sentido, consideramos o *começar* e o *acabar* como um aspectualizador que **focaliza um ponto no tempo**, não marcado necessariamente no sintagma-complemento desses verbos, mas também em outras partes da sentença.

Isso parece bastante interessante, pois predicados pontuais (como *chegar*) ou de estados, que não apresentam fases (como *ser alto*), serão também selecionados por *começar* e *acabar*, e não somente aqueles que apresentam estágios, conforme afirma Bertucci (2011). Assim, para *começar* e *acabar*, levamos em consideração, em primeiro lugar sua carga semântica, em segundo, a composicionalidade da sentença. já que tratamos especificamente do predicado neste trabalho (pensando no predicado da gramática normativa). Isso porque é nela/dela que obtemos a leitura final de qualquer sentença, ou seja, o preenchimento da grade argumental (sujeito + complementos) é relevante, uma vez que o aspecto é denotado pela soma da semântica dessas partes.

## 1.2 COMEÇAR E ACABAR: A RELAÇÃO TEMPO E ASPECTO E AS CLASSES ACIONAIS

Como dissemos anteriormente, o verbo é a palavra que tem como função prototípica marcar **voz, número, gênero, tempo e aspecto**. Tempo e aspecto, nas línguas românicas, estão correlacionados, embora nem sempre seja fácil perceber essa conexão, porque há vários fatores que influenciam essa ligação, como o fato da flexão verbal, além do léxico dos verbos, poder indicar tanto um quanto o outro nas sentenças. Um exemplo é a flexão de pretérito perfeito, que indica a realização de um evento no tempo passado ao mesmo tempo em que indica o término do

evento no passado (essa relação pode ser percebida para todas as flexões verbais). Além disso, há verbos que marcam aspecto no sufixo: verbos terminados em *-ear* (*golpear, folhear, esbofetear*); *-ecer* (*florescer, amanhecer, entristecer*) e *-ejar* (*esquartejar, bocejar, azulejar*), entre outros, por exemplo. Essa correlação também é percebida na composicionalidade da sentença, em que verbo + complemento ou então verbo + adjuntos temporais interagem para marcar tempo e aspecto.

**Tempo e aspecto** juntamente são, portanto, categorias temporais no sentido de que têm por base o tempo físico. Distinguem-se, entretanto, basicamente, a partir da diferença entre tempo interno (o aspecto) e tempo externo (o tempo). Nesse viés, Travaglia (1985) diz que tempo é uma categoria dêitica que situa o momento de ocorrência da situação referida em relação ao momento de fala (MF): anterior ao MF é o passado, simultâneo ao MF é o presente e posterior ao MF é o futuro (TRAVAGLIA, 1985, p. 53 – essa noção de tempo é baseada em Reichenbach (1947), que formaliza a relação entre o tempo físico e os tempos gramaticais para o sistema temporal do inglês, mas, em princípio, é entendido como modelo universal).

Por isso, em relação especificamente ao tempo pensado de forma cronológica, dividido somente em MF (agora = presente), em acontecimentos ocorridos antes do MF (o passado) e em acontecimentos ocorridos depois do MF (o futuro), tomamos como referência o trabalho de SWART (1998), que entende o tempo como “soma de instantes”. Nessa perspectiva, o **instante** pode ser associado a **eventos pontuais** no tempo. Um exemplo é o verbo *entrar*, em seu estado de dicionário, no exemplo a seguir:

- (10) “... e houverão D. Fernando de Castro em sua ajuda, que estava em Galiza, e começaram de entrar por Castela, fazendo em ella grande estrago.” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro I, p. 193)

Em (10), entende-se que o evento [entrar por Castela] ocorre em um **único momento** do tempo (além de, neste trecho, o *por* indicar a escolha por Castela e não por outro lugar; ainda é possível entender que, ao entrar em Castela, fazem um grande estrago ali – sentido possibilitado pelo gerúndio em “fazendo em ella grande estrago”). Porém, esses outros sentidos não se sobrepõem ao que indica o verbo *começar* – o evento [entrar por Castela] ocorre em um único



instante na linha do tempo.

Já o **intervalo** pode ser associado a ações que têm duração maior que o instante, ou melhor, configura-se como um conjunto de vários instantes subsequentes, como temos a seguir:

- (11) “Chegaram finalmente à terra desejada, começaram a comer os frutos dela,...”  
(Vieira, Sermão que pregou na Companhia de Jesus, na Misericórdia da Bahia de todos os Santos, em dia da Visitação de Nossa Senhora, Orago da casa, s/p).

No exemplo, a ação de comer os frutos tem certa duração no tempo, não especificada na sentença – há somente a especificação do ponto inicial dada pelo verbo *começar*: acontece do momento inicial do “ato de comer dos frutos” (o primeiro fruto por assim dizer, ou a primeira mordida no fruto) até o final do processo de comê-los (o último fruto ou a última mordida). Dessa forma, é possível associar determinada ação a vários instantes (soma desses instantes – comeu um fruto, depois outro e outro sucessivamente dentro do *continuum* temporal), marcando, portanto, um intervalo de tempo aberto.

Assim, perceber o tempo como um **instante** ou um **intervalo** é importante quando associamos os verbos *começar* e *acabar* à noção aspectual de **focalizadores de um ponto** específico do tempo. Assumimos que não importa se esses verbos focalizem esse ponto único ou em um instante ou em um intervalo de tempo. Ou seja, não importa o tipo de verbo principal que forma a perífrase: aquele que indica instante (como o *entrar* de 10) ou aquele que indica intervalo (como o *comer* de 11), por exemplo. Essa diferença entre **instante** e **intervalo** também é interessante para o aspecto, uma vez que diz respeito à duração ou não do evento e podem ser associados às noções de início, curso, instantaneidade e fim de um evento. São, portanto, noções que se referem à maneira como é tratado o tempo decorrido dentro dos limites do acontecimento/situação/ação.

Devido a isso que afirmamos que o aspecto tem como características a constituição temporal interna e a vinculação a eventos e estados. Os **eventos** são situações que acontecem de forma dinâmica (verbo *correr*, por exemplo); além disso, sofrem mudanças ou podem se repetir no decorrer do tempo. Também são associados a situações que se desenvolvem ou possuem etapas/fases em um intervalo de tempo (*construir*, por exemplo) ou ainda mudam em um instante de

tempo (*morrer*, por exemplo). Já os **estados** evidenciam situações homogêneas em um intervalo de tempo e raramente são mutáveis, ou seja, não se desenvolvem e não apresentam um ponto final. Além disso, os estados ainda podem ser subdivididos, conforme Mattoso Câmara (1979), em **permanentes**, pois expressam o que é habitual, o que não se modifica de maneira alguma no decorrer do tempo (Ela **é** bonita), e **transitórios**, pois expressam o que perdura por certo tempo e pode sofrer alguma modificação (Ela **está** bonita). Essa diferença nos interessa aqui, uma vez que na formação perifrástica com *começar* e *acabar*, estes podem fazer restrição de uso mais a estados transitórios que a permanentes, como veremos mais adiante.

Concebendo o aspecto dessa maneira, a eventos que se sucedem em um instante ou em um intervalo de tempo, e vinculado ao tempo, concordamos com uma das concepções mais conhecidas de aspecto, a de Comrie (1976), que trata o aspecto como a “constituição interna de uma situação”. Em seu conceito mais geral, divide em **perfectivo** e **imperfectivo**, subdivididos em *incoativo*, *cursivo*, *terminativo*, *durativo*, *iterativo*, *progressivo*, etc. Assim, para o autor, o aspecto diz respeito a como se desenrola uma situação no tempo: se é apresentada em seu início, seu meio ou fim; se é instantânea ou se prolonga, se acabou ou não; ou, ainda, se está escalonada (se há repetição) ou se tem duração contínua num intervalo de tempo.

Outro estudioso que conceitua aspecto também como sendo “o ponto de vista da situação” é Squartini (1998), diferenciando-o de aspecto lexical, ou seja, de que cada verbo toma a noção de tempo de uma maneira distinta, e pressupõe um determinado esquema temporal intrínseco. Assim, para Squartini, verbos carregariam semanticamente noções de pontualidade, não pontualidade, processos, dinamicidade, etc. Portanto, o aspecto se refere a um tipo de situação: se tem ponto final intrínseco ou não; se é um processo ou somente há mudança de estado; se uma situação é pontual ou não; se é dinâmica ou não dinâmica, etc.

Sendo o aspecto a configuração de um evento em um instante ou em um intervalo de tempo, há ainda que se considerar a diferença que há entre eventos que não possuem um ponto final intrínseco previsto e os que possuem ponto final intrínseco previsto (TENNY, 1994), no sentido de que seu *telos* – ponto máximo –

deve ser atingido, ou tem um final predeterminado para ser alcançado dentro do instante/intervalo de tempo. Um evento pode ter acabado, sem, contudo, ter terminado/cessado/parado. Por exemplo, o final do evento de construir uma casa é a casa pronta, e qualquer momento entre seu início e seu término não é a casa construída<sup>13</sup>.

Assim, se alguém diz “João estava construindo a casa e parou por falta de dinheiro”, sabemos que a casa não está construída. Pode estar com partes acabadas, como as paredes, o teto, o chão, mas não ter janelas e portas, por exemplo. Portanto, verbos como *construir*, *comer*, *fazer*, *escrever*, *ler*, etc. são verbos que apresentam um ponto final intrínseco que deve ser atingido em determinado intervalo de tempo. Este ponto, muitas vezes, é dado pela soma da semântica do verbo mais seu complemento ou seus adjuntos (Construiu a casa toda; Comeu o bolo do primeiro ao último pedaço; Escreveu todos os capítulos da tese; Leu o livro inteiro; etc.). Já um evento que não possui um ponto final intrínseco não apresenta necessariamente seu término. Por exemplo, o evento *correr* cessa em algum momento, qualquer ponto entre o início e o fim de correr é correr. Se alguém diz “João estava correndo no parque e quebrou o pé”, é possível afirmar que “João correu no parque”.

Em suma, apesar de estarmos afirmando que para o caso dos verbos *começar* e *acabar* o aspecto lexical seja forte, levamos em conta outra característica do aspecto: ele pode ser marcado em vários sintagmas da sentença, ou seja, além do verbo sozinho e da flexão verbal, pode ser dado, por exemplo, pela carga lexical do verbo principal de uma perífrase, pelo uso de determinados complementos e de determinados adjuntos<sup>14</sup>. No caso de complementos, um

---

<sup>13</sup> Não é relevante discutir quais são as partes mínimas denotadas por **verbos que indicam processos**, uma vez que esta discussão é muito mais filosófica que linguística. Interessa saber que **os verbos são associados ou a instantes ou a intervalos de tempo**, ou seja, as ações que eles marcam acontecem em apenas um instante de tempo (abrir a porta) ou então demoram, pois se desenrolam num intervalo de tempo (construir a casa). No caso da construção, a casa pode não estar totalmente terminada: ter teto, parede, janelas, portas, etc. e o dono morar nela sem ter reboco, azulejos, etc. e a considerar pronta (para morar). Mesmo assim, há um intervalo de tempo transcorrido suficientemente longo para percebermos partes neste intervalo.

<sup>14</sup> Termo que acrescenta determinada circunstância em que ocorre a ação. Para este trabalho, interessam adjuntos temporais que respondem às perguntas: *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?*, e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda sentença.

exemplo de leituras diferenciadas é com **quantificação** (Comeu todo o bolo); com **complemento pluralizado** (Comeu bolos); ou **complemento cardinalizado** (Comeu três bolos), etc. Além desses rearranjos composicionais, o aspecto também é vinculado a perífrases verbais, pois elas podem indicar duração/habitualidade (anda/ vive/ fica/ continua comendo); iteratividade (tem comido; anda/ vive/ fica/ continua comendo); inceptividade (começa a comer); terminatividade (terminou/ acabou de comer), etc.

Também vale ressaltar que a desinência de gerúndio e de infinitivo é importante aliada na leitura denotada por perífrases: o gerúndio, além de outras leituras que expressa (ver apêndice 1), intrinsecamente pode ser entendido como um **marcador de duração e de subeventos** (BERTINETTO, 1996 e CAVALLI, 2008), uma vez que indica ação em curso, com valor ambíguo entre durativo e iterativo (vive/ anda/ fica comendo, por exemplo). Já o infinitivo pode ser entendido como **marcador zero**, pois indica somente o evento no mundo sem indicação temporal. Reiteramos que, além do gerúndio e do infinitivo, temos o aspecto lexical dos verbos que formam perífrases (tanto a semântica do auxiliar quanto a do verbo principal influenciam a marcação aspectual) e também a composicionalidade sentencial. Portanto, são várias operações semânticas que contribuem para a construção da significação final de uma sentença.

Nesse sentido, afirmamos que o aspecto lexical é o ponto-chave para a significação aspectual de **início** e **fim** de determinado evento com perífrases com *começar* e *acabar*. Porém, eles podem abranger outras partes das sentenças se a formação é com verbo principal que não apresenta noção de partes ou ponto final intrínseco. Um exemplo para eventos é “comer a maçã/ subir a escada”, em que as partes seriam cada mordida dada na maçã/ cada degrau da escada. Obviamente esta relação não se dá em todas as predicacões: em “comer o morango” essa relação pode não acontecer, pois morango tem uma extensão que pode também ser entendida como dar uma “única bocada” (uma mordida comendo-o inteiramente de uma única vez). Ou seja, há uma oscilação entre a significação de ocorrência em um instante e em um intervalo de tempo, conforme a complementação verbal, como dissemos acima: leituras diferenciadas com quantificação (Comeu todo o morango); com complemento pluralizado (Comeu morangos); ou complemento

cardinalizado (Comeu três morangos), etc. Isso também pode ser bem percebido em sentenças com verbos pontuais, que a princípio não apresentam meronímia: em “Comecei a quebrar o copo”, a leitura parece um pouco restringida, uma vez que copo apresenta extensão mensurável pequena (não há partes a serem medidas ou, no mínimo, é estranho “começar a quebrar um copo”).

Contudo, em “começou a quebrar o copo pedacinho por pedacinho”, há outro sintagma que permite a leitura de início do evento em um dos pedacinhos (dado pelo adjunto *pedacinho por pedacinho*). Ou ainda essa mesma relação pode ser percebida em “Começou a quebrar os copos/três copos/todos os copos”, em que o começo é por um, para passar a outros, ou seja, há uma quantidade contável (obviamente, é possível, nessa sentença, entender que três copos podem ser quebrados todos ao mesmo tempo, se jogados num ímpeto ao chão).

Para essa mesma perífrase formada com o verbo pontual (*quebrar*), em “Comecei a quebrar a parede”, verifica-se que a medição se dá no complemento *a parede*, uma vez que tem extensão possível de ser medida, por isso, há um ponto inicial para o início do evento de quebrar. Novamente reiteramos a ideia de que a **focalização da pontualidade** pode ocorrer no complemento de verbos, ou melhor, na composicionalidade [verbo auxiliar + preposição + verbo principal + complemento do verbo]. Essa focalização é possibilitada se o complemento indica medida extensional (começou a /acabou de quebrar a parede”); ou indica quantidade (“começou a /acabou de quebrar copos/ três copos”). Portanto, a focalização do ponto inicial ou final do evento no mundo pode ser feita também nos rearranjos composicionais, além de no aspecto lexical.

### 1.2.1 A relação tempo e aspecto e a distinção entre as classes acionais por traços

Não é possível desvincular a ideia de classes acionais ao se falar da relação **tempo** (instante e intervalo de tempo) e **aspecto** (constituição interna dos eventos em instantes e intervalos de tempo) e da diferença entre **aspecto lexical** (*grosso modo*, carga semântica do verbo, características aspectuais do verbo “em estado de dicionário”) e **aspecto gramatical** (relacionado à flexão verbal e à composicionalidade sentencial: complementos, sujeito – embora, para este trabalho,

o enfoque seja dado unicamente para o predicado – e adjuntos). As classes acionais são uma tentativa de esquematizar como o verbo pressupõe e envolve noções temporais, ou seja, expressões verbais apresentam diferentes esquemas de tempo.

Entre as teorias linguísticas para classes acionais, a proposta de classificação mais conhecida é a de Vendler (1967), que sofre várias críticas e reformulações (como as de Dowty, 1979 e Bertinetto, 2001), por ser entendida como de natureza essencialmente lexical, embora o próprio autor tenha previsto que um mesmo verbo pode exprimir diferentes valores aspectuais em função de outros elementos a que se associa: objeto direto, advérbios, etc. Vendler divide os verbos em quatro categorias: atividades, estados, *accomplishments* e *achievements*.<sup>15</sup>

As **atividades** são eventos que se desenvolvem homogeneamente e são realizadas por um agente. A homogeneidade diz respeito ao que é constante e regular, que permanece invariável no tempo, ou seja, não sofre modificação, algo que é idêntico no seu todo. Nesse sentido, em (12), mesmo que se tenha dado apenas um passo atrás do outro e parado, pode-se dizer que houve o evento de andar.

- (12) “... ordenaram huũ homem... por ver se a verva vista das caravellas, o qual logo começou a andar;...” (Zurara, *Chronica Descobrimento e Conquista de Guiné*, p.114).

Ou seja, nas atividades, é possível perceber a homogeneidade, pois qualquer de suas partes é da mesma natureza do todo, nos subintervalos de tempo. Por exemplo, qualquer subparte do evento andar (qualquer passo) é o evento [andar], em qualquer momento que se ande e mesmo que haja parada dessa atividade se pode dizer que houve o ato de andar.

No exemplo (13), há um *accomplishment*, processo que se desenvolve no tempo, prevendo também uma homogeneidade, porém somente em seu ponto final. Pode-se afirmar que é verdadeiro em um intervalo de tempo particular e não em seus subintervalos. No trecho retirado do *corpus* para esse trabalho, o evento [ler as primeiras lições] denota que há sequência de outras lições, além disso,

---

<sup>15</sup> Nomenclatura escolhida para essa tese por ser uma das mais citadas na teoria de aspecto e por, de modo bastante generalizado, ser uma das mais conhecidas a esquematizar o tempo vinculado ao léxico verbal, além de ser de fácil entendimento para o esquema temporal relacionado a instante e intervalo de tempo.

*lições* (no plural) também prevê que há mais de uma a ser lida. Por isso, cada lição lida não são propriamente as lições lidas. Mesmo se uma delas for lida inteiramente, só passa de primeiras lições não lidas para lições lidas a partir de determinado ponto.

- (13) “E aqui lhes começou a ler as primeiras lições de sua celestial doutrina.”  
(Vieira, Sermão de Santo Antônio pregado em Roma, parte IV).

O verbo *ler* indica que há partes a serem terminadas para que o todo tenha caráter de um evento terminado. Ou seja, no dado acima, é necessário que se chegue ao fim completo da leitura, seu ponto final natural, para se dizer que as primeiras lições da doutrina foram lidas. Quando se diz “Alguém estava lendo as lições e parou”, não há como prever que a leitura esteja terminada. É possível que sim, porém, também é possível que somente parte dela esteja acabada. Isto é, os *accomplishments* são processos que possuem fases e estas não indicam o evento todo.

Já os *achievements* indicam eventos instantâneos e pontuais, ou seja, são momentos únicos de tempo. No exemplo (14), *entrar* tem uma significação pontual no tempo: entrar na cidade não se desenvolve, não tem duração, sequer subparte no tempo. Pelo contrário, da não entrada à entrada na cidade acontece apenas um instante de tempo, não um intervalo. O ponto final natural da entrada é a própria entrada na cidade, e não a andança por ela, como indica a subsequência da sentença (estas são outros eventos no tempo).

- (14) “E Jonas começou a entrar na cidade, andando por ela um dia...” (Vieira, Sermão da Quinta Dominga da Quaresma, pregado na Catedral de Lisboa, ano 1651, s/p.).

Temos ainda uma subclasse entre os verbos *achievements* e os verbos de atividade, conhecidos como **semelfactivos** (defendem a existência desta quinta classe Smith, 1997; Bertinetto & Dini, 2006). Essa classe se caracteriza quando a eventualidade não apresenta resultado, mudança de estado ou desenvolvimento – cada subevento pode ser considerado um evento propriamente dito. Tomando isso como referência, no exemplo (15), o evento único – *clicar* – é apresentado de forma ambígua: ou marca um ponto em que alguém clica o mouse (evento pontual) ou, então, pode ser visualizado como em desenvolvimento, ou seja, em um intervalo indeterminado de tempo, o evento se repete: se clica uma, duas, três,

**n** vezes, havendo vários cliques um atrás do outro.

(15) Ele clica/está clitando o mouse.

Diferentemente das atividades, os **estados** (exemplo (16) a seguir) também apresentam a característica de serem homogêneos, não indicam processos que se desenvolvem no tempo e não são dinâmicos, como os *accomplishments* e os *achievements*. Verbos estativos são verdadeiros em um intervalo de tempo específico e também serão verdadeiros em cada um de seus subintervalos e seus sujeitos apresentam a característica de serem não agentivos.

(16) “O infante começou de entender que isto era encuberta, que El Rey fazia...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Pedro I*, p. 225).

Em (16), se o infante entender algo por determinado tempo  $x$  até outro tempo  $y$  significa que, em qualquer subintervalo entre esses dois pontos temporais, haverá entendimento das encobertas do rei, sem haver uma ação acontecendo no tempo. Em *entender* não há subpartes nem subintervalos de tempo. Portanto, verbos estativos têm a propriedade homogeneidade e não apresenta dinamicidade<sup>16</sup>.

Assim, **atividades** e *accomplishments* têm em comum a propriedade de serem situações com fases/partes, ou seja, relacionadas a **intervalos de tempo**, porém, com a diferença que atividades são mais homogêneas nos intervalos. *Achievements* e **estados**, no entanto, são situações sem fases, e o que os diferencia é que os *achievements* sofrem uma mudança de estado, portanto, relacionados a instantes de tempo. Devido a essa associação das classes às noções de instante e intervalo de tempo, que escolhemos trabalhar com essa nomenclatura. Embora a classificação de Vendler (1976) seja criticada por muitos autores, como Dowty (1979), por não fazer uma análise composicional, o próprio Vendler discute a mudança de significação quando o complemento verbal é modificado: correr é uma atividade, mas correr a maratona é um *accomplishment*, por exemplo, uma vez que [correr a maratona] prevê um intervalo de tempo específico para o início e o fim da maratona (e também prevê uma extensão física para se cumprir a corrida). Além disso, é possível vincular outros valores às

<sup>16</sup> As atividades mentais, como *entender*, *saber* e *pensar*, fazem parte dos estativos.



classes vendlerianas, conforme novas reorganizações e recategorizações por diferentes estudiosos. Uma delas é a de Bertinetto (2001), que as reorganiza em traços, resumidas no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Bertinetto 2001: reclassificação das classes vendlerianas em traços.

	<b>Durativo</b>	<b>Dinâmico</b>	<b>Homogêneo</b>
<i>Estados</i>	+	-	+
<i>Atividades</i>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

O traço durativo é aquele que tem a propriedade de um evento durar/permanecer em um intervalo de tempo. Implica a noção da quantidade de tempo físico que cada evento pode ocupar, ou seja, de se estender de um ponto **x** a um ponto **y** na linha temporal. O dinâmico tem a propriedade de um evento apresentar um sujeito que pratica uma ação, ligado a acontecimentos que envolvem eventos que se desenvolvem no tempo, diz respeito ao que é ativo, e não ao que sofre a ação (passivo). O traço homogêneo tem a propriedade de um evento não mudar de natureza no decorrer do tempo, ou seja, de os eventos possuírem subintervalos, e, nesses, acontece “algo” da mesma natureza do que ocorre no intervalo todo: se um evento qualquer ocorre em um intervalo de tempo, esse evento também ocorre em qualquer subintervalo dentro desse intervalo de tempo.

Esses traços ajudam a entender as combinações que podem ocorrer na formação perifrástica com verbos de mesmos traços ou traços bem distintos, uma vez que *começar* e *acabar* possuem os traços [- **durativo**] e [- **homogêneo**], característicos dos verbos **pontuais**, como estamos afirmando desde o início deste trabalho. Assim, usamos a nomenclatura e a ideia principal vinculada às classes vendlerianas rearranjadas com os traços de Bertinetto 2001, para assumir que, na formação da perífrase, *começar* e *acabar* não fazem restrição a nenhuma delas.

O que apresentamos até aqui é para sustentar a ideia de que a leitura aspectual desses verbos *achievements*, que possuem os traços [- durativo, - homogêneo e + dinâmico], pode ser associada a traços quaisquer das outras

classes acionais para a focalização pontual no tempo dada pela semântica fortemente marcada de ambos. A diferença, contudo, é que, se formarem **perífrases com infinitivo, a pontualidade refere-se a eventos no mundo**; se formarem **perífrases com gerúndio, há ambiguidade de leitura**: a focalização é em relação a conjuntos pressupostos de eventos no mundo (um evento do conjunto é “pinçado”) e a probabilidade de ocorrer o evento (*acabará comprando*) ou ainda que o evento ocorre sem haver sido previamente planejado (*acabou comprando/ acabou por comprar*), como discutimos anteriormente.

Além disso, a perífrase com o *começar* passou por estabilização da forma: auxiliar + preposição *a* (*começar a comprar*) em coocorrência com formações sem preposição (*começar comprar*), além de, no português mais antigo, havia perífrases com a preposição *de* (*começar de comprar*). Essas considerações são discutidas a seguir, quando tratamos especificamente do conceito de gramaticalização e seu processo para verbos e preposições.

## 2 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Começamos este trabalho dizendo que os verbos aqui em estudo (*começar* e *acabar*) estão em processo de gramaticalização: estão em duas categorias na língua – na de verbos plenos e na de auxiliares. Na categoria de auxiliares cumprem diferentes funções: marcar tempo e aspectual, por exemplo. Também, dissemos que o conceito mais geral de gramaticalização (um item lexical passa a gramatical, ou de gramatical a mais gramatical ou então a assumir diferentes funções nessa nova categoria) pode ser transferido para formas perifrásticas. Nesse processo, um **item lexical** (verbo pleno) pode perder seu valor semântico original, ou parte desse valor, **para ganhar/agregar um valor gramatical** (verbo auxiliar). Ou seja, verbos na categoria de plenos passam à de auxiliares, podendo ou não os plenos desaparecer, ou ainda podem desempenhar diferentes funções nessa nova categoria a que passa a pertencer: como de auxiliares temporais, aspectuais e modais.

Dissemos também que, quando tratamos de gramaticalização, a referência é Meillet (1912), que cunhou essa nomenclatura, e, em especial, por enfatizar declaradamente o processo sob uma perspectiva diacrônica e gradual. Passamos agora a apresentar, em linhas gerais, os principais estudiosos que conceituam gramaticalização sob esta perspectiva, concordando com ela ou acrescentando novas noções. Em relação a Meillet (1912, p. 131), ao falar de gramaticalização, entendida como a “atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo”, estabelece três classes de palavras – as principais (um verbo locativo, por exemplo), as acessórias (um verbo de ligação, por exemplo), e as gramaticais (um verbo auxiliar, por exemplo) – e propõe haver entre elas uma transição gradual, que estaria relacionada ao esvaimento de sentido e de forma. Ou seja, o estudioso insistiu na ideia de *continuum*, bastante utilizada até hoje para expressar a transição de itens lexicais para gramaticais e outros morfemas com função gramatical, também chamadas de “palavras vazias”.

Assim, gramaticalização, nesse contexto, é um processo de mudança linguística em que itens lexicais e construções sintáticas adquirem inclusive funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias

comunicativas (Traugott e Heine, 1991). Em outras palavras, Traugott e Heine agregam à ideia de gramaticalização a possibilidade de entender o processo como um item que sai do léxico para exercer função gramatical, ou ainda permanecer como item lexical e ocorrer como item gramatical cumprindo diferentes funções nesta nova categoria a que passa a pertencer – ou seja, é o processo pelo qual passam os verbos em estudo deste trabalho.

Castilho (1997) também concebe gramaticalização como o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, muitas vezes sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre (item lexical) e passa a cumprir funções gramaticais. Neves (1997), pensando a gramaticalização também como processo, considera que uma nova relação sintática se forma, nessa recategorização, em que determinados elementos passam de um tipo de construção para outro tipo. É o que ocorre com as construções abaixo, exemplificadas pela referida autora:

(1) Vou à UFES.

(2) Vou falar com o professor.

(3) Vou estudar.

Na primeira construção (1), há a noção de movimento, de deslocamento no espaço físico. Já na segunda (2), há uma ambiguidade entre as noções de movimento (deslocar do espaço *X* para o espaço *Y* para falar com o professor) e noções de tempo (ir mais tarde, depois falar com o professor). Na terceira construção (3), há uma noção temporal (evento de estudar se dará no futuro), refletindo a fase final da gramaticalização, para Neves. Essas considerações são encontradas em Menon (2011) para os verbos *ir* e *andar*, como abordamos anteriormente, em que essa noção de deslocamento espacial encontrada no verbo pleno passa a temporal na gramaticalização na categoria de auxiliar.

Também nesse sentido, Travaglia (2002) diz que dividir o processo em estágios, princípios e parâmetros é apenas um procedimento didático, pois esses

fatores estão imbricados no processo, sem ser possível determinar um fenômeno seguido de outro. Para o autor, a) **estágios** são fases ou momentos do processo e seriam sempre graduais, podendo haver momentos em que os elementos são híbridos ou de mais de uma natureza; b) **princípios** são entendidos como regularidades de evolução que ocorrem em processo de gramaticalização; e c) **processos** ou **mecanismos** são entendidos como meios pelos quais os princípios são atendidos, permitindo a passagem de um estágio para outro (TRAVAGLIA, 2002, p. 05).

Os princípios que regem a gramaticalização, descritos por Hopper (1991), são: **estratificação**, **divergência**, **especialização**, **decatégorização** e **persistência**. O primeiro (**estratificação**) diz respeito a novas camadas que emergem dentro de um domínio funcional, e velhas camadas não são necessárias (ou são “descartadas”), mas podem permanecer coexistindo e interagindo com essas novas camadas. Ou seja, em um determinado momento surge um novo item gramatical na língua que acaba convivendo com outras formas mais antigas. Porém, a forma lexical necessariamente não desaparece quando a nova se gramaticaliza. Esse princípio aponta para a gradualidade do processo e para a polissemia das formas.

Na **divergência**, que é muito semelhante à estratificação, ou um caso especial de estratificação, a forma lexical se gramaticaliza, mas a forma lexical original permanece como um elemento autônomo e sofre também mudanças nessa nova categoria. Entre a divergência e a estratificação, há diferentes graus de gramaticalização: a divergência se aplica aos casos em que um item lexical autônomo se torna gramaticalizado apenas em determinados contextos, ao passo que a estratificação atua nas codificações de uma mesma função. Ou seja, a divergência resulta da multiplicidade de funções: duas formas idênticas apresentam funções e significados distintos. Em português, o verbo *andar*, ainda com valor semântico de movimento (um passo atrás do outro), gramaticalizou-se, adquirindo também o valor semântico de duração/iteratividade em “Ando comendo muito”, por exemplo.

Para o princípio da **especialização**, que diz respeito ao estreitamento de escolhas entre itens lexicais durante o processo, há uma diminuição do número de formas que admitem significados mais gramaticais que outros. Ou seja, diversos candidatos estariam disponíveis como possíveis itens a se gramaticalizar, mas porque o processo vai para algum deles, reduz a frequência de uso das outras formas, fazendo-as eventualmente desaparecer. Exemplo disso eram os verbos *jazer/ser* vs. *estar*, em que o *jazer* foi sendo usado em menos contextos, permanecendo no português contemporâneo somente em contextos muito específicos (como em túmulos, por exemplo: Aqui jaz Fulano de Tal). Os outros dois se especializaram e se tornaram auxiliares no decorrer do processo (MENON, 2010).

Já o princípio da **persistência** consiste em verificar se parte do significado original de um item lexical tende a permanecer na nova categoria (gramatical) a que passa a pertencer. Voltando ao exemplo do verbo *andar*, o que se percebe é que algum traço de seu significado original (dar um passo atrás do outro) ainda persiste na formação da perífrase (anda comendo, por exemplo). Nessas perífrases, se verifica, inclusive, ambiguidade entre o sentido original de andar (dar um passo atrás do outro) e o de andar e comer ao mesmo tempo; ou seja, é possível dividir em duas sentenças: o sujeito anda e o sujeito come, ao mesmo tempo. Há ainda mais uma ambiguidade: o sentido durativo/iterativo de que se come em um intervalo de tempo aberto sem precisar o início e o fim deste intervalo – alguém come uma vez, come de novo e de novo e assim sucessivamente (ou de forma contínua ou de forma reiterada).

A **decatégorização** diz respeito à forma que se gramaticalizou: ela perde ou neutraliza características da classe a que pertencia e adquire propriedades de categorias secundárias. Para Hopper (1991), *nomes* e *verbos* podem assumir outros papéis: nomes podem passar a categoria de adjetivos, por exemplo, e verbos plenos a categoria de auxiliares: é o que acontece com inúmeros verbos, que passaram da categoria de plenos a auxiliares, coexistindo no Português nessas duas funções gramaticais e, como auxiliares, agregam novas funções gramaticais (marcação de tempo, aspecto e modo, por exemplo).

O princípio da perda do valor semântico (ou **dessemantização**) é muito usado também para definir formas perifrásticas, pois é o que acontece quando o item lexical (verbo pleno) perde seu valor semântico original – ou parte desse valor – para ganhar valor gramatical de verbo auxiliar. Em relação a esse “enfraquecimento lexical” creditado aos auxiliares, concordamos com Squartini (1998) ao dizer que o *começar* e o *acabar* seguidos de infinitivo mantêm o valor semântico original e não apresentam características de um verbo semanticamente enfraquecido. E, por fim, temos a **persistência semântica**, que diz respeito a que parte do valor semântico original do item lexical permanece no processo de gramaticalização.

A partir do exposto, pode-se dizer que a gramaticalização é definida a partir desses mecanismos que estão inter-relacionados: definida como “um processo gradual conduzindo à transformação de um item lexical independente para um morfema gramatical” (SQUARTINI, 1998, p. 1 – tradução nossa). É um processo histórico unidirecional (léxico > sintaxe > morfologia) através do qual esses elementos, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver outras funções gramaticais, conforme Meillet (1912), Givón (1979), Hopper (1991, 1993), Hopper, P.; Traugott (1993), Squartini (1998), Travaglia (2002), entre outros.

Um ponto bastante relevante em relação à gramaticalização diz respeito à natureza da mudança observada ao longo do processo, já que não ocorre de forma abrupta. Ao contrário, de um estágio para outro, a mudança pode levar séculos, e isso não significa a exclusão da forma mais antiga. Pelo menos por algum tempo, tanto a forma mais antiga quanto a mais inovadora permanecem na língua em concorrência (a forma mais antiga e a forma mais novos estão em divergência) e coocorrência (ambas as formas ocorrem na língua, porém em categorias distintas). Além disso, a gramaticalização ocorre num *continuum* sem limites precisos e definidos.

Nesse sentido, podemos pensar que a gramaticalização pode ser encarada como um processo que apresenta uma perspectiva diacrônica, porque envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, porque implica variação (Hopper e

Traugott, 1997, p. 2). Portanto, para o estudo dos verbos *começar* e *acabar*, a gramaticalização é entendida a partir dessa noção, em que um item muda durante o processo (de uma categoria para outra, como concebemos aqui) e coocorrem no mesmo momento do tempo como verbo pleno e como verbo auxiliar. Isso inclusive é importante para perceber em qual estágio estariam nesse processo (estágios definidos por Heine 1991, 1993, que mostramos na próxima seção).

A partir das considerações acima, podemos dizer que os verbos *começar* e *acabar*, num primeiro momento, são usados como plenos, focalizando início de “algo” (começou a festa/a construção/a chuva/o trabalho) e fim de “alguma coisa” (acabou a festa/a construção/a chuva/o trabalho) e, uma vez gramaticalizados como auxiliares em perífrases com infinitivo, passaram a focalizar início de eventos (começou a festar/construir/chover/trabalhar) e fim de eventos (acabou de festar/construir/chover/trabalhar). Ou ainda, em perífrases com gerúndio (começou /acabou festando/construindo/chovendo/trabalhando), indica também início/fim, contudo, se entende que um evento em um conjunto de eventos pressupostos é “pinçado” de dentro do conjunto para a marcação do início e do fim. Ou seja, estes verbos estão agregando novas funções na categoria de auxiliar, não só a noção temporal como a de aspecto.

## 2.1 GRAMATICALIZAÇÃO: COMO OCORRE PARA VERBOS

Lehmann (1991) aponta três caminhos para a gramaticalização: passagem de um elemento menos gramatical para um mais gramatical, já mencionada anteriormente; perda de característica fonológica e semântica; e diminuição ou restrição de liberdade do elemento, que se integra em um novo paradigma de uso e função, tornando-se cada vez mais obrigatório em certas construções e ocupando uma posição mais fixa (verbos auxiliares, por exemplo).

Para grande parte dos estudiosos que trabalham com gramaticalização (como Traugott, 1980. Willet, 1988, Heine, 1991, 1993, 2000), a extensão metafórica é importante princípio de gramaticalização, pois, através dela, conceitos concretos são utilizados para descrever, explicar e entender processos menos concretos e mais abstratos. Ou seja, quando é necessário especificar uma



nova relação ou fortalecer uma já existente, mesmo que enfraquecida, um termo mais concreto é usado em detrimento de um mais abstrato, como exemplificamos com os verbos *ir* (ir de um lugar físico X a um lugar físico Y se transpôs, na perífrase *ir* + infinitivo, para a significação mais abstrata do futuro) e *andar* (dar um passo após o outro no espaço físico, se transpôs, na perífrase *andar* + gerúndio, para a significação mais abstrata de duração/ iteração de eventos no tempo).

Para os verbos, Heine (1993) estabelece sete estágios de gramaticalização, que nos interessam para estabelecer em qual deles estão o *começar* e o *acabar*. Esses estágios são apenas generalizações do que pode acontecer com determinado verbo e não necessariamente que todos aqueles que passam por processo de gramaticalização percorram todos os estágios (provavelmente não). Por isso, é pertinente deixar claro que, em função do gradualismo na gramaticalização, os verbos podem apresentar, em dado momento de análise, características de mais de um estágio ou mesmo não passar por todos eles. Inclusive, pode não alcançar o último estágio (virar um afixo), conforme o próprio Heine afirma. E ao “parar” em um dado estágio, dizemos que o item se gramaticalizou naquele estágio.

No **primeiro** estágio, o verbo apresenta seu significado lexical pleno, e o complemento verbal (SN) designa, tipicamente, um objeto concreto, por exemplo, “Começou o bolo”<sup>17</sup> (em que *o bolo* é um objeto concreto, embora tenhamos hoje, como o verbo *começar* já passou dessa fase, sentenças em que o SN é abstrato, em “Começou a festa”). A GT considera *a festa* como sujeito em sentenças como esta. Contudo, é interessante observar que a gramática gerativa apresenta esse SN como objeto direto que sobe para a posição de sujeito, da passagem da estrutura profunda para a superficial, por um processo conhecido como alçamento. Por esse

---

<sup>17</sup> Utilizamos sentenças com os verbos estudados aqui, embora com eles sejam apenas estipulações para exemplificar os estágios de Heine, e não necessariamente que ocorreu o processo exatamente assim para esses verbos. Além disso, não é possível exemplificar com *começar* e *acabar* todos os estágios, uma vez que ele não passaram (e não há como prever se passarão) por todos os estágios.

motivo que o falante faria as seguintes concordâncias possíveis quando o objeto estivesse na sua posição original: começaram/acabaram a festa/as festas/as festa<sup>18</sup>.

No **segundo estágio**, o verbo percorre o caminho para desempenhar a função de auxiliares, e o complemento passa a designar uma situação dinâmica, que é expressa por uma forma nominal do verbo – infinitivo, gerúndio ou particípio (de “Começou a leitura” passa a “Começou a ler o livro” / “Começou lendo o livro”, por exemplo) ou por uma completiva (Tudo começou que por acaso). Este último fenômeno linguístico é um pouco mais novo em Português e parece profícuo atualmente na oralidade. Sentenças como esta se estruturam possivelmente parecidas com “começou como por acaso...”, ou seja, com uma comparação em que o *como* está sendo substituído pelo *que*. Contudo, requer estudos específicos e aprofundados para esse caso, uma vez que no *corpus* desta tese não foi encontrado.

No **terceiro estágio**, as restrições de seleção do sujeito tendem a desaparecer, ou seja, o sintagma nominal sujeito não está mais restrito a referentes somente humanos, e o verbo que era pleno passa a marcar algumas funções esquemáticas, como as noções de tempo, aspecto ou modalidade. Dessa forma, podemos ter sentenças como “A pedra começou a rolar” e “O galho acabou de cair”. etc. O verbo que se encontra nesse estágio apresenta algumas das seguintes características: passa a combinar-se com um verbo como complemento, que agora designa atividade ou evento e esse complemento verbal é expresso por uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio: começou/acabou de ler); a identidade de sujeito entre verbo e complemento se torna uma exigência (alguém começa/acaba algo: O menino começou/acabou de ler); o verbo e seu complemento fazem a predicação ao mesmo tempo (O menino começou/acabou de ler o livro); e o verbo pode expressar as distinções tempo, aspecto e modo, como vimos argumentando neste trabalho.

---

<sup>18</sup> Assunto interessante para estudos linguísticos, pois é um fenômeno que ocorre com vários verbos, além de *começar* e *acabar*, há *cair*, *quebrar*, etc. Para entender mais, consultar o manual de sintaxe, de Carlos Miotto, Maria Cristina Figueiredo e Ruth Lopes.

No **quarto estágio**, o verbo *decategoria-se*, ou seja, tende a perder suas características sintáticas, como a capacidade de formar frases do tipo imperativo, de se nominalizar e se apassivar; deixa de ter complementos nominais (como *começar* e *acabar* não estão nesta fase e não é possível afirmar se passarão por ela, nessa fase, não teríamos, por exemplo, “começou/acabou o livro, ou comece/acabe a leitura); e associa-se a apenas uma forma nominal não finita (gerúndio, infinitivo e particípio).

Por ter perdido muito das suas propriedades verbais, a ponto de ser percebido como outra categoria que não a verbal, no **quinto estágio**, ocorre em outras posições na sentença. Além disso, ainda por possuir algumas propriedades verbais e, por isso, combinar características de verbo e de marcador gramatical, é considerado um “híbrido linguístico”. Para os verbos que chegam a este estágio, os processos de cliticização e erosão começam a desencadear-se. *Começar* e *acabar* não estão neste estágio e nem nos subsequentes, porém, o auxiliar *estar*, por exemplo, em “tá pago, tamo comendo etc.”, pode ser considerado no início deste estágio.

No **sexto estágio**, o verbo perde completamente todas as suas propriedades verbais e torna-se morfológica e sintaticamente um elemento gramatical, e o seu complemento é reinterpretado como um verbo principal. Ele pode mudar de clítico para afixo. É possível, por meio de traços morfossintáticos remanescentes, reconhecer a estrutura esquemática original. E no **estágio final (sétimo)**, o verbo passa a ser um verdadeiro marcador gramatical reduzido a um afixo monossilábico, e o seu complemento perde todos os traços morfológicos adverbiais ou de nominalização, tornando-se um verdadeiro verbo principal. Travaglia (2002) considera que o português não apresenta gramaticalização de verbos nos dois últimos estágios propostos por Heine.

Esses estágios podem ser relacionados a noções tradicionais. Assim, nos estágios um e dois, há ainda um verbo pleno; no estágio 3, o verbo passa a comportar-se como um semiauxiliar (o verbo se afasta de seu caráter lexical e assume características dos auxiliares, como os verbos *começar* e *acabar* deste trabalho); nos estágios quatro e cinco, há a noção de auxiliar propriamente dita,

pois é nesses estágios que o complexo verbo auxiliar + verbo principal constitui uma verdadeira perífrase verbal, ou seja, formam um bloco coeso, e é o verbo principal que selecionaria sujeito e complemento para preenchimento da grade argumental; no sexto estágio, temos um auxiliar e/ou um afixo; e, no último estágio, um afixo ou uma desinência flexional.

Em relação a esses estágios, Travaglia, em seu artigo *Verbos Gramaticais: verbos em processo de gramaticalização*, faz um levantamento geral de seu trabalho com verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização. O autor divide os verbos em duas classes: a dos **lexicais** – aqueles que funcionam como lexemas, ou seja, indicam as situações no mundo (ações, processos, estados, etc.), portanto, apresentam conteúdo nocional; e a dos **gramaticais** – não expressam situações no mundo, mas marcam categorias verbais, indicam noções gerais e abstratas, como repetição, iteração, resultatividade, etc., portanto, com conteúdo de natureza funcional, gramatical e relacional. Os verbos lexicais seriam os plenos, e os gramaticais os funcionais, auxiliares, semiauxiliares (verbos que não atendem a todos os critérios de auxiliaridade, um deles é que não formam um bloco único e coeso). Para ele, verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização apresentam três *status*, conforme uso, valor ou função:

A) **de marcador**: um verbo que marca alguma categoria do verbo, expressando-a. Esse *status* representa o grau mais avançado de gramaticalização. Aqui se encaixam verbos auxiliares marcadores de tempo/aspecto (tinha/tem comido), voz (tinha sido comido), modalidade (preciso comer).

B) **de indicador**: um verbo que expressa uma noção semântica muito geral. Tem grau menos avançado de gramaticalização (seriam os semiauxiliares). Os verbos deste *status* seriam os mais propensos a se extinguir na língua, para o autor. Em francês, por exemplo, é o verbo *devoir* (tem que).

C) **de item funcional**: um verbo que não marca categoria gramatical, mas desempenha papel gramatical (seriam os marcadores conversacionais, operadores argumentativos, ordenadores, etc.). Um verbo desse *status* seria os de ligação (Ela é bonita).

Travaglia diz que, ao se gramaticalizar, os verbos podem desempenhar diferentes funções, a saber<sup>19</sup>:

**1. Marcar categorias gramaticais do próprio verbo:**

- a. Tempo (Minha mãe está fazendo um vestido – presente);
- b. Modalidade (Eu quero comprar um carro novo – volição);
- c. Voz (O edifício foi demolido nesta semana – passiva);
- d. Aspecto (Essa menina vive comendo bobagens – habitual).

**2. Marcar noções semânticas muito gerais e mais abstratas**, como repetição, cessamento, resultado, continuidade, entre tantas outras. Os verbos que desempenham essa função podem passar a marcar categorias gramaticais, no processo de gramaticalização. Os exemplos que o autor apresenta aparecem em perífrases com verbos chamados por ele de semiauxiliares mais verbo principal (*cabe limpar; voltou a agredir; deixou/largou/parou de fumar; resolvemos mudar, acabou comprando; chegou a terminar*). Para a perífrase *acabou comprando*, o autor a apresenta como indicativa de resultado (= Meu irmão acabou comprando o carro que a mulher queria) que complementa a leitura que propomos neste trabalho para esse tipo de perífrase.

Passa a discorrer sobre os verbos que ele chama de gramaticais ou em processo de gramaticalização, que nos interessam aqui, e os divide em: simples, auxiliares e semiauxiliares e expressões (formações mais cristalizadas e que possuem um verbo<sup>20</sup>. Como nos interessam o *começar* e o *acabar*, apresentamos o que ele diz dos auxiliares e semiauxiliares: o autor toma como auxiliar qualquer

<sup>19</sup> Compilamos as principais ideias apresentadas no artigo “Verbos gramaticais – verbos em processo de gramaticalização”, e apresentamos apenas as funções mais gramaticais apresentadas pelo autor, uma vez que ele discorre também sobre as funções de marcadores discursivos ou textuais e os verbos que servem de ligação (*anda triste; parecia feliz; deixou triste; continua perfeita; parece inteligente*) e de verbos com situação indicada por um nome (A *festa começou*; a *luta acabou*; a *escavação continua*; a *competição terminou*). Além disso, os exemplos entre parênteses são do próprio autor. O texto completo está disponível em: [http://www.mel.ileel.ufu.br/homepages/travaglia/artigos/artigo\\_verbos\\_gramaticais\\_processo\\_gramaticalizacao.pdf](http://www.mel.ileel.ufu.br/homepages/travaglia/artigos/artigo_verbos_gramaticais_processo_gramaticalizacao.pdf).

<sup>20</sup> Após distinguir o que seriam os verbos gramaticais ou em processo de gramaticalização, o autor apresenta uma lista de 99 verbos, com possíveis usos e funções gramaticais, com comentário sucinto e exemplos para cada caso. Somente nos interessam o *começar* e o *acabar*.

verbo que acompanha outros verbos que indicam situações e estão na forma nominal. Eles carregam flexões e marcam categorias verbais para o verbo principal. Nessa classificação, entram os verbos modais; os temporais (para os quais o autor diz que alguns ainda carregam outras marcas como de aspecto, exemplificando, entre outros, com o *ter* e o *vir* e também com o ***acabar* + *de* + infinitivo**, e diz indicar **passado recente**); os aspectuais (aqui também encontramos os verbos ***acabar* + *de* + infinitivo**, que o autor diz indicar **aspecto terminativo**, conforme flexão verbal, e o ***começar* + *a* + infinitivo**, indicando **aspecto inceptivo**, conforme flexão verbal) e o auxiliar de voz. Os semiauxiliares (ou auxiliares semânticos), para ele, carregam as categorias verbais e acrescentam ao verbo principal noções semânticas mais gerais, abstratas ou relacionais. Esses verbos entrariam no princípio de gramaticalização de perda de conteúdo semântico. Entre os exemplos dados pelo autor, está novamente o *acabar* + gerúndio e o *acabar* + *por* + infinitivo, como resultativos.

Importante ressaltar que Travaglia diz que os semiauxiliares podem carregar outras noções, matizes e nuances de significado, ou ter duplo papel, atuando como verbo lexical em muitos usos e com um ou mais papéis gramaticais, que só podem ser percebidos no contexto. Nesse sentido, optamos por considerar *começar* e *acabar* como auxiliares aspectuais que agregam outras funções e papéis (as funções dos auxiliares e dos semiauxiliares de Travaglia). Devido a essas múltiplas funções e categorias a que pertencem esses verbos é que podemos, inclusive, inferir que os auxiliares, em Português, não estão todos em um mesmo estágio do processo de gramaticalização. Essa afirmação é também encontrada no trabalho de Travaglia quando diz:

A possibilidade de um verbo funcionar como diferentes tipos e a ter simultaneamente vários papéis evidentemente dificulta a análise. Mas este fato é, sem dúvida o resultado dos princípios de gramaticalização, tais como a estratificação e a persistência, mas também do fenômeno de poligramaticalização, em que um mesmo item entra em várias cadeias de gramaticalização.” (TRAVAGLIA, 2002, p. 110).

Outros autores também corroboram essa afirmação. Mattos e Silva mostra o processo de gramaticalização do verbo *ter*, do português arcaico: o uso deste verbo, que, mesmo em construções com participio, configurava um verbo pleno

com sentido de posse, era usado em sentenças como “Aqueles coisas que **tem aparelhadas**”. Assim, com o processo de gramaticalização, *ter* passa a não mais predicar, passando a ser encarregado disso os, até então, “adjetivos” derivados de verbos. Nesse caso, o adjetivo *aparelhadas*, que era o complemento de *ter*, na sentença acima, deixou de ser entendido como tal e passou a ser usado como verbo no particípio, e o verbo *ter* passou a função de verbo auxiliar. Por isso, hoje temos o verbo *ter* na categoria de verbo pleno (Eu tenho um apartamento novo) e na categoria de auxiliar (tanto de tempo quanto de aspecto = Eu tenho reescrito esta tese desde 2012).

Squartini (1998) também apresenta a ideia de que os verbos não estão todos em um mesmo ponto do processo de gramaticalização ao estudar o progressivo no italiano (*estar* + *gerúndio*), que era usado como locativo, inicialmente, passando no próximo passo do processo a ter um valor acional, a duratividade, para posteriormente denotar uma situação em andamento em um dado tempo. No italiano, como registra o autor, *estare* + *gerúndio* tem sido menos usado do que *andare* + *gerúndio*, nas últimas décadas. Isso demonstra, novamente, que alguns verbos auxiliares estão em fases distintas do processo de gramaticalização. O *estar* estaria no quarto/quinto estágio enquanto o *andar* estaria no terceiro estágio de Heine (1993).

As considerações aqui expostas são importantes para entender principalmente que, no processo de gramaticalização, há, por um lado, perda do significado original do item lexical na passagem para gramatical, e, por outro, há persistência semântica desse significado (parte do significado permanece no processo). No caso de *começar* e *acabar* deste trabalho, há **recategorização**, ou seja, na gramaticalização deles, da categoria de plenos para a de auxiliar, agregam mais de uma função nessa nova categoria a que também passam a pertencer: marcam tempo, número, pessoa, tempo, modo e aspecto, com **persistência semântica** (apresentam **menos perda semântica**, com nuances de significação distintas conforme composicionalidade da sentença – preposição que os regem ou forma nominal do segundo elemento da perífrase, por exemplo).

Além disso, escolhemos incluir todas as noções de marcador de Travaglia exposto acima na categoria de **auxiliar aspectual** mais específico, um **focalizador de pontos**, ou seja, focalizam o ponto inicial e final de um evento no tempo (aspectualizador). Essa abordagem única parece facilitar a classificação, uma vez que Travaglia trabalha com diferentes noções – marcador, indicador e item funcional. Também o consideramos uma subclasse dos aspectuais, pois sintaticamente fazem a seleção argumental diferentemente dos auxiliares aspectuais e apresentam semanticamente a noção de focalização de ponto no tempo.

## 2.2 GRAMATICALIZAÇÃO: COMO OCORRE PARA AS PREPOSIÇÕES

Ao tratarmos anteriormente do conceito de gramaticalização, inserimos a questão da metaforização de um item lexical ao dizer que um item passa de um nível mais concreto para um mais abstrato. A metáfora parece ser, portanto, um dos mecanismos para que uma palavra ou uma construção deixe de ser autônoma e passe a gramatical. Isso ocorre com verbos (exemplificado anteriormente com o verbo *ir* e o *andar*) e com as duas preposições que formam a perífrase com o *começar* (começou a comer) e com o *acabar* (acabou de comer). Nosso enfoque não é a gramaticalização das preposições, e sim a estabilização da forma perifrástica. Porém, uma vez que assumimos que a carga semântica das partes é importante para a significação do todo, não poderíamos deixar de fazer algumas considerações mais gerais a respeito dessa classe de palavras também pelo viés da gramaticalização, principalmente sobre as preposições *a* e *de*.

Primeiramente, lembramos que as preposições são tratadas pela gramática normativa e, por conseguinte, por gramáticas e materiais didáticos, ao se tratar de perífrases, como a classe de palavras que somente “relaciona” verbo auxiliar ao verbo principal, portanto, seriam desprovidas de significação. Um desses materiais (*Gramática, de Faraco e Moura*) diz que “é a palavra invariável que relaciona dois termos. Nessa relação, um termo completa ou explica o sentido do outro” (p. 404). Em Bechara (2004), *Moderna Gramática Portuguesa*, há:

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de interdependência – isto é, não aparece sozinha no discurso – e,



em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que introduz. (BECHARA, 2004, p. 296).

Ou seja, sintática e tradicionalmente, preposição é a palavra invariável que relaciona dois elementos da sentença, subordinando o segundo ao primeiro, ou seja, o regente e o regido. Podem vir relacionadas a verbos, nomes ou pronomes. Conforme dicionário eletrônico Houaiss,

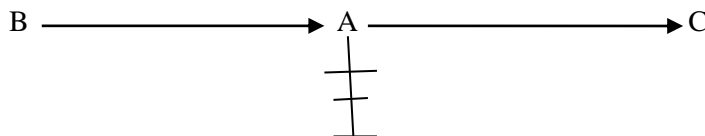
**a)** as preposições, como os advérbios, exprimem circunstâncias (de tempo, causa, modo, meio, fim etc.), diferenciando-se por servirem ao mesmo tempo como meio de relação entre o antecedente e o conseqüente; **b)** o conseqüente da preposição pode ser um substantivo (*mão de Pedro*), um pronome (*em cima daquele*), um verbo no infinitivo (*morrer de rir*), um advérbio (*viver para sempre*), um adjetivo (*tomou-o por obsceno*) ou uma frase nominalizada por uma conjunção (*preocupações de quando se é criança*). [...] Além disso, há as preposições acidentais, aquelas que passaram a ser preposições, mas são provenientes de outras classes gramaticais (*por exemplo afora, menos, salvo, conforme, exceto, como, que, consoante, segundo, durante, mediante*, em “*Agimos conforme a atitude deles; Conversamos muito durante a viagem; Obtiveram como resposta um bilhete; Conversamos pouco durante a viagem, etc.*”).

Nesse sentido, é uma classe fechada de palavras (visto que é uma classe lexical), se diferenciado da classe aberta (substantivos e verbos, uma classe gramatical), no sentido de que não há criação de preposições novas na mesma proporção que se criam substantivos e verbos, por exemplo, que entram constantemente na língua por diferentes mecanismos de criação: derivação, composicionalidade, empréstimo linguístico, etc. Diferentemente do conceito mais sintático de preposição apresentado na maioria das GTs, Cunha e Cintra (2007), mesmo sem mencionar explicitamente, fazem referência à metaforização das preposições ao dizerem que:

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.

2. Tanto o movimento como a situação (...) podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação ( $B \rightarrow A$ ) ou de afastamento ( $A \rightarrow C$ ):



4. ... embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. (CUNHA E CINTRA, 2007, p. 570-572).

Assim, não é possível conceber as preposições como completamente esvaziadas de sentido, servindo apenas de ligação entre elementos, pois elas estabelecem uma relação de dependência e significação desses elementos nos seus diferentes contextos de uso. Como afirmam Ilari *et alii* (2008, p. 631), para as preposições

... seu “significado de base” é espacial, ou seja, as preposições têm por função primária indicar, localizar objetos ou eventos”. Porém observa-se que este sentido espacial foi transferido para o domínio temporal, de forma metafórica: “um elemento que tem uma certa significação em certo contexto é transportado para outro contexto, assumindo novas relações, mas mantendo traços daquela significação primeira.

Levando em conta, portanto, esse conceito de metaforização das preposições, é que primeiramente observamos as diferentes preposições na regência de *começar* e *acabar*: distintamente na categoria de verbos plenos e na de auxiliares. O Dicionário Prático de Regência Verbal, de Celso Pedro Luft, no verbete *começar*, apresenta varias possibilidades de regência para este verbo: com ou por, a e aceita a preposição em:

- ✓ pode ser transitivo direto ou indireto (começá-lo com, por...): Dar começo a, principiar, iniciar – “começou a conferência com/por uma citação”;
- ✓ como transitivo indireto também com começar a, por, com;

✓ intransitivo (+ gerúndio): “Começou recitando versos”.

Há algumas considerações importantes no mesmo dicionário: o fato da sintaxe para o *começar* apresentar o sintagma nominal, que normalmente seria objeto direto, surgir como sujeito em sentenças como “Começou a festa”, no sentido de que a festa se iniciou = a festa começou (este significado seria o de “ser iniciado”). Isso pode ser transposto para o *acabar* em “Acabou a festa” (ou seja, no sentido de a festa ser acabada = a festa acabou), sobre o qual já falamos anteriormente<sup>21</sup>.

Como transitivo direto auxiliar, o *começar* indica dar início: começou a falar, a trabalhar. O dicionarista constata também que no português antigo havia três regências, as quais este trabalho corrobora: começar Ø fazer, começar **de** fazer e começar **a** fazer – a primeira e a segunda já arcaizadas – além de fazer a ressalva que o “começar fazer” é comum na língua falada. Para o verbo *acabar* na categoria de pleno, o dicionário apresenta também algumas possibilidades de regência: com ou em, além de apresentá-lo como:

- ✓ transitivo direto (Acabou a obra);
- ✓ transitivo indireto (Vamos acabar com discussões; A rua acaba em um beco);
- ✓ transitivo direto, pronominal ou intransitivo (acabar(-se): acabou(-se) a festa);
- ✓ predicativo (Ela estudou muito e acabou doutora).

Ainda em se tratando das preposições, o dicionário Houaiss eletrônico, no ícone *gramática e uso*, diz que “*Começar* também é empregado como auxiliar, com a preposição a ou por e o infinitivo de outro verbo, dando a ideia de ‘início da ação’ (*começou a dormir de novo; começou por agredir um guarda*)”. E, para o *acabar* como auxiliar, diz que :

<sup>21</sup> Repetindo o que explicamos anteriormente: a gramática gerativa apresenta, em sentenças como “A festa começou/acabou”, *a festa* como objeto direto que sobe para a posição de sujeito, da passagem da estrutura profunda para a superficial, por alçamento. Por esse motivo, teríamos as seguintes concordâncias possíveis quando o objeto estivesse na sua posição original: começaram/acabaram a festa/as festas/as festa.

**a)** também é empregado como auxiliar, com a preposição *de* e o infinitivo de outro verbo, para indicar a ideia de conclusão próxima e imediata, de ato recém-terminado, término de ação recente (*acaba de sair* ou *acabou de chegar* por *saiu* ou *chegou neste momento*); **b)** para indicar que a ação provavelmente será realizada, usa-se *acabar* seguido de gerúndio ou da preposição *por* mais infinitivo (*ele acabará fazendo*, ou *ele acabará por fazê-lo*, no lugar de *com toda a probabilidade, ele o fará*). (Grifo nosso).

Levando em consideração esse conceito, as duas principais preposições que formam as perífrases deste trabalho (*de* e *a*) “se encontram em um estágio mais avançado de gramaticalização do que outras”, pois “... são encontradas em um número substancialmente maior em construções sintáticas do que as outras preposições; apenas elas podem ‘realizar tarefas’ mais tipicamente gramaticais, como introduzir argumentos de verbos...” (ILARI *et alii*, 2008, p. 633). Assim, *começar* na formação da perífrase é regido por excelência por *a*; e o *acabar* é pelo *de*, no português contemporâneo, e ambas têm papel importante semanticamente nessa formação (embora ainda haja o *por* para ambos os verbos = *começou/acabou por comer*).

Ambas, no latim (*de* e *ad*), particularizavam a origem de um movimento (*de*) e seu ponto de chegada (*ad*). A preposição *a* originou-se da preposição latina *ad*, que significava “aproximação, direção, início de uma ação, etc.”; e a preposição *de* originou-se da preposição latina *de*, que significava “a partir de, depois de, feito de, por causa de, etc.” (conforme dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha). Nesse sentido, Ilari *et alii* (2008, p. 658) dizem que essas preposições acrescentavam sentido de “determinações tais como o sentido do movimento (horizontal para *ad*, vertical e ascendente para *de* e *ex*, vertical e descendente para *de*), ou o fato de que o movimento termina no interior ou nas proximidades de um espaço”. Ao exemplificar o uso hoje de *a* e *de*, os autores dizem:

A preposição *a* transporta a ideia de trajeto de campo espacial para o temporal (Imaginar cada um de nós daqui *a* vinte anos? Como a gente estaria?) [...] A preposição *de*, que é altamente gramaticalizada, pode ser encontrada no *corpus* do Projeto Nurc marcando relações de espaço, tempo, e muitas outras em que um valor espacial de procedência pode ou não exercer algum

papel (Qual é o pior horário dessa saída *da cidade de manhã*). (ILARI, *et alii*, p. 662-663)

Assim, o significado da preposição *a*, além de indicar movimento em direção a um lugar (significado original desta preposição), aponta para “em direção a x”, ou seja, para o futuro, agregando a ideia de trajeto temporal ao já existente trajeto espacial. A preposição *de* já gramaticalizada mantém relações de espaço e tempo, entre outras<sup>22</sup>. Ou seja, houve metaforização de ambas: “um elemento que tem certa significação em certo contexto é transportado para outro contexto, assumindo novas relações, mas mantendo traços daquela significação primeira” (ILARI *et alii*, p. 631), para que, hoje, além de outras relações semânticas possíveis, *a* e *de* denotem o ponto inicial (*a*) e o final em uma linha temporal (*de*).

As perífrases com *a* e *de* focalizam um ponto na linha temporal de um evento (Começou a comer o bolo/ Acabou de comer o bolo referem-se somente a um evento = [comer o bolo]). As formações com a preposição *por* significam que logo em seguida haverá outros eventos, e não necessariamente da mesma natureza, como em “Começou por comer o bolo”, que pode significar que começou por comer o bolo, depois foi comer frutas e terminou escrevendo um bilhete. Nesse sentido, a diferença desta perífrase para a formação com a preposição *a* é que esta significa que o início é de um desenrolar de eventos (entre um conjunto de eventos, um entre vários foi “pinçado” para o início dos subsequentes, significado parecido ao *começou comendo*). Já “Acabou por comer o bolo” significa que a princípio não havia a pretensão de comê-lo, porém de último momento resolveu comê-lo (não importa se pedaço ou inteiro). Assim, a formação com *acabar* + *por* (que tem seu significado parecido com *acabou comendo*) agrega mais uma significação.

Por essas considerações que afirmamos que, ao somar a semântica lexical dos verbos *começar* e *acabar* à semântica das preposições aqui expostas, gramaticalizadas por metaforização, as perífrases com esses auxiliares + infinitivo

---

<sup>22</sup> Para entender outras relações sintático-semânticas das preposições, ler NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**, 2000 e CASTILHO, A. T. de (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**, 2008.

denotam um ponto individualizado na linha temporal coincidente com o início (com o *começar*) e com o final (com o *acabar*) do evento. *Começar + a* refere-se ao ponto inicial na linha temporal em que se inicia o evento/ação, com indicação para o futuro, ou seja, para o desenrolar do evento (ou de vários eventos); e *acabar + de* refere-se ao ponto final na linha temporal em que se termina ou se tem por limite o evento. Ao indicar essa finalização, a perífrase sinaliza que houve, no passado, um desenrolar do evento (ou eventos).

### 2.3 GRAMATICALIZAÇÃO DO *COMEÇAR* E DO *ACABAR*: DISCUSSÃO PRELIMINAR

Em relação ao processo de gramaticalização dos verbos *acabar* e *começar* especificamente, Travaglia (2002) tem um trabalho bastante extenso e produtivo, no qual levanta e apresenta valores relacionados a eles. Um dos valores encontrados para o *acabar* é de verbo de ligação, dizendo que a característica (predicativo) é um resultado de algo realizado antes. Ou seja, no exemplo a seguir apresentado pelo autor, o resultado de João ter feito tanto para ser presidente é tornar-se presidente da empresa (4); e o resultado por lutas inglórias do sujeito em (5) é acabar morto.

(4) João tanto fez que acabou presidente da empresa.

(5) Por suas lutas inglórias ele acabou morto.

Mesmo no sentido resultativo apresentado por Travaglia (2002), é possível perceber o ponto final intrínseco do verbo *acabar*, uma vez que nessas sentenças é plausível perceber ações primeiras que culminaram em uma última: João fez uma série de ações anteriores e a última o torna presidente da empresa, bem como, fez uma série de “lutas inglórias” e por fim morre. Para o autor, a categoria que ele chama de auxiliar semântico de resultatividade é quando há *acabar + gerúndio*, *acabar + por + infinitivo* e *acabar + que + oração com verbo finito* (porém, para essa formação, não há exemplos, aparecendo somente quando o autor apresenta o *acabar* como operador argumentativo). Com o *acabar + por* e *acabar + gerúndio*, um dos exemplos é:

- (6) “Puxei com força e um sutiã, empoeirado, acabou por soltar-se.” (SANT’ANNA, 1989).

No exemplo (6), temos a ideia discutida anteriormente: a perífrase com a preposição *por* denota mais característica de uma leitura não intencional (não tinha intenção de soltar o sutiã, mas no último instante foi isso que aconteceu). Outro valor para o auxiliar é de indicar a finalização (aspecto terminativo), que Travaglia diz só ocorrer com a expressão *estar + acabando + de + infinitivo*, exemplificando em:

- (7) Maria está acabando de escrever a carta que quer mandar para a tia.  
 (8) Quando chegamos em casa ela estava acabando de fazer o jantar.

Nesses exemplos, temos ainda que considerar que não é basicamente a semântica do *acabar* que está em evidência na focalização da terminatividade dos eventos de escrever e fazer o jantar, mas sim a construção [está + -ndo], que no Português marca a ação realizada no momento da fala muitas vezes, indicando, portanto, o tempo presente, em que momento de evento e momento de fala são simultâneos. Ainda temos o *acabar* como operador argumentativo, e, para este, o autor apresenta três usos:

a) o *acabar + que*, retomado ao dizer que essa construção “introduz uma situação que foi decisiva como argumento para algo, significando ‘além disso, no final das contas’ (TRAVAGLIA, 2002, p. 111)”:

- (9) “Só que ônibus demorou muito e acabou que a gente não fomo...” (UFRJ-PEUL, Rômulo, 14 anos).  
 (10) “Mas abri outra é complicado porque tem os outros trabalhos por fora”... e...e acaba que sobrecarrega muito. (UFRJ-PEUL, Rômulo, 14 anos).  
 (11) “... aí numa mudança de governo eu perdi o cargo que eu tinha, aí acabou que pintou essa oportunidade...” (UFRJ-PEUL, Eucy, 55 anos).

Nesses exemplos, temos um novo uso para o *acabar* que é mais contemporâneo e parece ainda não estar presente na escrita formal (não foi encontrado nenhum exemplo desses nos materiais pesquisados para esta tese), além disso, essa construção ocorre também com o *começar* na oralidade,

conforme já falamos anteriormente. Nesses exemplos, poderíamos imaginar que esse novo uso para *começar* e *acabar* estaria presente na linguagem dos mais jovens. Contudo essa afirmação é invalidada, pois há um exemplo que apresenta um informante de 55 anos. Esse uso, além disso, parece próximo ao sentido que apresentamos com *acabar* + *por/ acabar* + *-ndo*, ou seja, no último instante, sem que houvesse espera, o evento ocorre. Nesse sentido, podemos pensar que *acabar* e *começar* estão a caminho de mais um estágio do processo de gramaticalização, uma vez que agregam mais um outro sentido à forma.

b) a forma *quando acaba*, significando “além de tudo, além do mais, ainda por cima, que indicaria “um argumento como se a sua existência fosse o maior absurdo” (TRAVAGLIA, 2002, p. 111), com dois exemplos apresentados pelo autor:

(12) “... eu num tinha essa sensação e agora quando acaba eu tenho alguns amigos feitos lá, até de uma faixa de idade mais nova que a nossa...” (UFRJ-PEUL, Eucy, 55 anos).

(13) “A outra (maneira de pecar) quãdo acaba per obra”. (FERREIRA, 1980: texto medieval do sec. XIV).

c) as formas “acabou/acabô”, “tá acabado”, significando “isto é suficiente”, “e é isso” e “é só isso e pronto”, que indicariam um “operador argumentativo, finalizador de argumentação” (TRAVAGLIA, 2002, p. 112), com os seguintes exemplos entre outros.

(14) “... porque se a gasolina subiu de seis pra oito... você paga se não tem... acabou... deixa o carro em casa e não anda...” (NURC-RJ/D2-355, homem, 3.<sup>a</sup> faixa).

(15) “(se o mundo vai acabar) Pensa em coisas boas e acabô, entendeu?” (UFRJ-PEUL, Flávio, 26 anos).

Ao dizer que *acabar* como operador argumentativo é finalizador de argumentação, podemos afirmar que há aí também o sentido que estamos propondo nesta tese, ou seja, a focalização de um ponto na linha temporal está presente em todos os valores arrolados por Travaglia. Isto é, há um ponto final marcado de alguma forma em todos os usos que se faz do verbo *acabar*. Portanto, os valores apresentados são os que também propomos para esse verbo neste



trabalho, contudo o abarcamos como **focalizador** de um ponto temporal intrínseco, também presente na semântica do verbo *começar*, como discorremos e exemplificamos anteriormente.

Para o *começar*, Travaglia (2002, p. 116) apresenta-o como auxiliar marcador do aspecto **inceptivo** (marcador de categoria gramatical), ou seja, o sentido-base deste verbo, que defendemos neste trabalho. Entre os exemplos apresentados pelo autor, constam:

(16) “E com essa tradução ele poderia começar a explorar todo um novo grupo de criaturas”. (SANTOS, 2001).

(17) “Ah, ela viu que era assalto, começo a botar (hes) enfiá o dinheiro dentro da bolsa” (UFRJ-PEUL, Simone, 27 anos).

Travaglia (2002, p. 102) apresenta-o também como ordenador textual, ou seja, um verbo que ordena elementos dos textos (situações, ideias, etc.) em sua sequência linear, ou seja, dentro do que o autor chama de **tempo do texto**<sup>23</sup>. Diz que entende por fase “um ponto qualquer na linha de desenvolvimento ou realização de uma situação, podemos definir situação estática ou dinâmica”, com os seguintes exemplos:

(18) “Quando o filme/livro começa, o irmão mais velho...” (BUTCHER, 2001).

(19) “... Como é que se diz? É, a mãe...? começo assim: ela era novinha, aí o rapaz que ia sê...” (UFRJ-PEUL, Simone, 27 anos).

Mesmo nesse sentido, percebe-se a noção de focalização de ponto inicial no tempo. Além desses dois valores gramaticais apontados por Travaglia para o *começar*, ele resume no artigo “A gramaticalização do verbo *começar*” os seguintes valores lexicais:

1. Dar começo a; principiar; iniciar; encetar: a) dar início/começo/princípio a processo, ação (que aparece como objeto): X dá início a Y, b) Um fato, um fenômeno (que aparece como sujeito) ter início/começo/princípio
2. a) Fazer a primeira

<sup>23</sup> Travaglia (1991, p. 50) distingue três tipos de tempo: “o **referencial** ou tempo de ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica; o **de enunciação** ou momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o referencial e o **do texto**, que é o momento em que um trecho da sequência linguística total é dito (falado ou escrito) em relação aos demais trechos.”

tentativa ou ter sua primeira experiência em algum campo. b) marca a primeira situação de uma série ou o início de uma série de situações. (TRAVAGLIA, 2006, p. 516).

Assim, novamente reafirmamos que em todos os valores encontrados pelo autor o sentido-base do verbo *começar* está presente: focaliza o ponto inicial numa linha temporal – se é início de um evento, de uma série de eventos em um conjunto, não importa. Importa saber que não é possível desvincular esse valor intrínseco do *começar* em qualquer composicionalidade sentencial. Além disso, esses mesmos sentidos constatados por Travaglia estão dicionarizados. Em relação ainda ao *começar*, encontramos no dicionário eletrônico Houaiss o seguinte:

- (20) COMEÇAR – Datação: sXIII; etimologia: latim vulgar *\*cominitio*, *as*, *ávi*, *átum*, *áre*, de *cum-* + *iniitiáre*.
- A. Verbo intransitivo – ter começo, ter princípio. Ex.: *a chuva começou de manhã cedo*.
- B. Verbo transitivo direto – dar início a; principiar; iniciar. Ex.: *começaram a construção da escola*.
- C. Predicativo – ter início em determinadas condições ou circunstâncias. Ex.: *a festa começou animada*.

Nas acepções apresentadas, observamos o *começar* empregado sempre com o sentido de início de algo: a chuva, a construção da escola e a festa, respectivamente. Em A, o sujeito é não agentivo, não pratica a ação, e o início da chuva é marcado pelo adjunto de tempo *de manhã cedo*. No sentido B, a *construção* remete a um evento dinâmico no tempo que prevê agentividade, ou seja, prevê um sujeito que constrói a escola, e o *começar* marca o início desta ação. Em C, há também um sujeito não agentivo (*a festa*) e o verbo *começar* se liga a um predicativo do sujeito (*animada* – é como se tivéssemos *a festa começou + a festa estava animada = [começou animada]*). Ou seja, desde que a festa teve início, a condição era estar animada, havendo aí também a noção que estamos discutindo aqui, a de focalização de um ponto inicial na linha do tempo.

Podemos inferir, por esses exemplos, que o *começar* não faz restrição ao tipo de sujeito que seleciona (agentivo ou não, animado ou não), e a

complementação não precisa necessariamente ser dada por uma palavra que em sua semântica pressuponha uma ação e nem que o evento especificamente apresente somente traços + **dinâmico** ou + **durativo** e + **homogêneo** (= atividade, traços de Bertinetto, 2001, conforme quadro 1 apresentado anteriormente). Além das acepções acima, o dicionário ainda apresenta os seguintes:

- D. Verbo intransitivo – fazer a primeira tentativa ou ter a primeira experiência. Ex.: *começou vendendo livros de porta em porta e hoje é editor*.
- E. Obs. Gram.: também é empregado como auxiliar, com a preposição *a* ou *por* e o infinitivo de outro verbo, dando a ideia de “início da ação” (*começou a dormir de novo; começou por agredir um guarda*).

Na acepção D, o *começar* está na posição de auxiliar seguido de gerúndio (“começou vendendo livros de porta em porta e hoje é editor”), a qual discordamos de Houaiss quando diz que o verbo é intransitivo. É intransitivo se considerarmos *vendendo livros* um adjunto de modo, que significa a maneira em que ele começou sua carreira, por exemplo. Contudo, se considerarmos uma perífrase [*começou vendendo*], há um verbo-complemento para o *começar*, isto é, temos um auxiliar que marca o ponto inicial do evento indicado pelo verbo principal no gerúndio: *começar vendendo livros* pressupõe um conjunto de eventos e “vender livros” é o primeiro a ser realizado deste conjunto.

Além disso, ainda neste exemplo, é possível entender que neste conjunto pressuposto há somente dois eventos – vender livros e ser editor –, e o evento “pinçado” do conjunto é vender livros, início marcado pela perífrase *começou vendendo*, e o final pelo *hoje é editor*. No mínimo, há uma ambiguidade entre este sentido e o apresentado acima (o modo como alguém começou a trabalhar). Contudo, a ideia de focalização de um ponto ainda permace, pois o início da carreira (o ponto de partida) foi vender livros e não lavar pratos, por exemplo. Ou seja, o próprio dicionário já acusa esse sentido, ao afirmar que o significado é “fazer a primeira tentativa ou ter a primeira experiência”: se é a primeira, pressupõe-se que deve haver outras (no caso, um conjunto delas), portando, considera a construção uma perífrase.

Já na acepção E, o *começar* está na posição de auxiliar, contudo seguido de preposição + infinitivo também com a ideia de “início da ação” – *começou a dormir de novo; começou por agredir um guarda*. A operação semântica do *começar* se faz no infinitivo, *dormir* e *agredir*, marcando o início destes eventos. As preposições, embora diferentes (*a* e *por*), têm a mesma função, não só relacionar o auxiliar ao infinitivo, mas indicar semanticamente a direção (neste caso, temporal) ao futuro. Com a preposição *por* [*começou por agredir um guarda*], ainda temos uma segunda leitura possível, a qual já apresentamos anteriormente na discussão: *começou por agredir o guarda*, e não por outra pessoa, por exemplo, ou então *começou agredindo o guarda*, mesmo sem ter tido a pretensão de fazer isso.

Vemos que a noção aspectual que discutimos neste trabalho e que está intrínseca ao *começar*: focaliza um ponto específico na linha do tempo (o ponto inicial) está presente em todas as acepções do dicionário. Essa noção está também no *acabar* (ponto final), no mesmo dicionário, que apresenta seu significado sempre relacionado (mesmo que metaforicamente) a esse sentido intrínseco, como apresentamos a seguir:

- (21) ACABAR – Datação: sXIII; etimologia: latim vulgar *a-* + <sup>2</sup>*cabo* + *-ar* (<sup>2</sup>*cabo* = latim *caput*, *itis* ‘cabeça, parte superior, etc.’, através do latim vulgar *capus*, *i*; fim, término).
- A. Verbo transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo e pronominal – fazer chegar ou chegar ao fim; terminar, concluir. Exs.: Ele *acabou esse trabalho*; o policial *acabou com a confusão*; a festa *acabou*; *acabou-se o doce*.
  - B. Verbo transitivo indireto – destruir, matar. Ex.: o inseticida *acabou com as baratas*.
  - C. Verbo transitivo indireto, intransitivo e pronominal – (Derivação: sentido figurado) – fazer perder ou perder as forças, a saúde etc.; extenuar. Exs.: a sessão de exercícios *acabou comigo*; sua saúde *vai acabar (-se) se continuar trabalhando tanto*.
  - D. Verbo transitivo indireto – ter como desenlace; terminar. Ex.: a discussão *acabou em pancadaria*.
  - E. Verbo intransitivo – ter por limite; interromper-se. Ex.: a estrada *acaba na praia*.
  - F. Verbo transitivo indireto – arruinar, destruir. Ex.: o escândalo *acabou com sua carreira*.

- G. Verbo intransitivo e pronominal – esgotar-se, exaurir-se. Ex.: *as reservas de bauxita acabaram(-se) naquela região.*
- H. Verbo transitivo direto e transitivo indireto – terminar (relação amorosa, afetiva); romper. Ex.: *Paulo e Nanda acabaram (com) o namoro.*
- I. Verbo intransitivo e pronominal – cessar de viver; morrer, perecer. Ex.: *acabou(-se) ali mesmo.*
- J. Predicativo – tornar-se, converter-se. Ex.: *o ministro acabou amigo do rei.*
- K. Obs. Gram.: **a)** este verbo também é empregado como auxiliar, com a preposição *de* e o infinitivo de outro verbo, para indicar a ideia de conclusão próxima e imediata, de ato recém-terminado, término de ação recente (Ele *acaba de comer* ou *acabou de correr* por *comeu* ou *correu neste momento*); **b)** para indicar que a ação provavelmente será realizada, usa-se *acabar* seguido de gerúndio ou da preposição *por* mais infinitivo (*ele acabará fazendo*, ou *ele acabará por fazê-lo*, no lugar de *com toda a probabilidade, ele o fará*).

Nesta última acepção (K), na função de auxiliar, o *acabar* marca o término dos eventos *comer* e *correr*, ou ainda, de forma ambígua, entende-se que no momento da fala houve o término dos eventos denotados pelos infinitivos. Também há ambiguidade quando a perífrase é com *acabar* seguido de gerúndio: entende-se que entre vários eventos pressupostos acabou em/com um evento entre vários eventos a serem “escolhidos” no conjunto; ou ainda há o sentido que provavelmente fará (ele acabará fazendo/ ele acabará por fazê-lo).

Nas demais acepções de (21), o verbo *acabar* é empregado na categoria de pleno com o sentido de **término, chegar ao fim, ter por limite, terminar**. Mesmo nas acepções com sentido figurado, como em C e I, percebe-se a permanência desses significados. No exemplo em E, também há focalização de limite final dado por *na praia*. Além disso, podemos inferir, pelos exemplos, que o *acabar* não faz restrição ao tipo de sujeito que seleciona (agentivo ou não, animado ou não), e também não há restrição ao tipo de palavra que seleciona para sua complementação. É importante notar que, na acepção D, o exemplo “A discussão acabou em pancadaria” é muito semelhante às construções com gerúndio (acabou espancando), pois se entende que entre um conjunto pressuposto de ações, se começou com discussão e o término foi pancadaria.

Portanto, nas acepções dicionarizadas, *começar* e *acabar* estão, mesmo que metaforicamente, com o significado subjacente de **focalizar o ponto inicial** (início de um evento, ou início com um evento num conjunto), e **o ponto final** (fim de um evento, ou fim com um evento num conjunto), com nuances de significação distintas conforme regência ou conforme verbo na forma nominal a que se ligam para formar a perífrase, apresentando perda semântica bem gradual.

Na correlação tempo e aspecto para esses verbos, é interessante o trabalho de Castilho (1968) ao dizer que não importa o tempo ou a forma nominal em que venha conjugado o *começar* e o *acabar* como auxiliar, uma vez que o aspecto decorre da semântica destes verbos. O autor ainda diz que os tempos adotados tão somente diluem ou tornam mais preciso o momento em que se dá a ação. Além disso, a noção aspectual é dado pelo **todo formado pelo verbo auxiliar + verbo principal** (no infinitivo ou no gerúndio, embora diga que formações com gerúndio sejam menos comuns) como afirmamos. Em relação à preposição, Castilho não apresenta formações sem preposição, que apresentamos nesta tese para o verbo *começar*. Ele diz que a regência deste verbo normalmente é a preposição *a* no português contemporâneo; na fase arcaica e clássica do Português, havia a regência com a preposição *de*.

Para o *acabar*, Castilho (1968) diz que o todo formado pelo verbo auxiliar + verbo principal apresenta leitura diferente se formado com verbos que indicam pontualidade e com não pontuais. Para ele, há diferença entre “*Acabou de concordar conosco*” (exemplo apresentado pelo autor), pois aqui prevaleceria o aspecto perfectivo pontual – refere-se uma ação começada e acabada ao mesmo tempo – e “*Acabei de estudar a lição*”, pois prevaleceria o aspecto imperfectivo terminativo – o processo de estudar acabou após haver durado certo tempo (ou seja, o sujeito “vinha estudando” até então e terminou a ação)<sup>24</sup>. O autor se refere ainda, em uma nota de rodapé, à formação do *acabar* com a preposição *por*, diferenciando-a da perífrase com *de*, ao dizer:

Estudamos o valor temporal dessa perífrase em nosso trabalho *A Sintaxe do Verbo...* § 34: “*acabar* + infinitivo: há certo paralelismo entre esta e a perífrase anterior (referia-me a *vir* +

<sup>24</sup> Essa discussão entre aspecto perfectivo pontual e aspecto imperfectivo pontual não é realizada nesta tese, pois como focalizadores, para *começar* e *acabar* não importa se a ação é concomitante com esse ponto ou se vai continuar posteriormente (com o verbo *começar*); ou se estava durando no tempo antes do término (com o verbo *acabar*).

infinitivo), complicada, entretanto, por questões de regências: “O Dr. Borges de Medeiros acaba de reconhecer a vitória do Dr. Júlio Prestes”. M. Donato — MSD I 17: passado próximo. “Fulana acaba por receber o prêmio”: valor de futuro. “F. acabou de receber o prêmio”: passado próximo; “acabou por receber”: passado remoto, supondo-se um esforço prévio ao desfecho do processo: “Ele acabou por se sentar”. V. Ferreira — A 247. Gili y Gaya, o.c., § 94 aplica diversamente o termo *terminativo*, entendendo por êle as ações que se supõe aproximarem-se do término: “Ojala vengan a reconciliarse”... (CASTILHO, 1968, p.79).

Não concordamos com essa diferença apresentada pelo autor: passado próximo *vs.* passado remoto, pois parece-nos mais uma diferença temporal-aspectual *vs.* modal, uma vez que “acabou de receber o prêmio” diz respeito, sim, a um passado próximo, mas denota, além disso, que o evento [receber o prêmio] ocorreu no momento anterior ao proferimento da sentença (momento de fala); mas “acabou por receber o prêmio” diz respeito ao recebimento de um prêmio que não estava pré-programado, ou seja, não era para Fulano ter recebido o prêmio, porém acabou recebendo (acabou por receber), de último momento, por assim dizer. Nesse sentido, *acabar por* + infinitivo e *acabar* + *-ndo* seriam perífrases intercambiáveis com leitura diferenciada da forma [acabar + de], por isso concorrentes no sistema linguístico.

Em relação a esse verbo (*acabar*), o que se percebe, nas primeiras observações de trechos retirados do *corpus* desta tese, é que em perífrases aspectuais não houve mudança de uso da preposição e da forma (auxiliar + preposição + verbo principal no infinitivo), que já estava em uso no século XV, como se observa no trecho a seguir:

- (22) “... Rainha Santa Isabel, em cujas cõpanhia se acabou de criar, e viveo largos anos.” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Pedro I*, p. 506).

Além disso, havia construções em que ele aparecia como verbo pleno, como em (23), e em construções com o particípio, com a mesma significação, como em (24):

- (23) “... e el-rei D. Henrique com muitos matou-o por sua mão e assim acabou sua trabalhosa vida.” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Fernando*, p. 81).

- (24) “Acabada a peleja, lhe fazer, em lhe querer assy dar vitorya...” (Zurara, Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 111).

Com o *começar*, as construções são parecidas com as do *acabar*, ou seja, usado como pleno – igualmente como em (23), exemplificada em (25); em construções com o particípio – igualmente como em (24), exemplificada em (26):

- (25) “... onde se começou antre eles a peleja muy grande; e sabe que as lanças e seetas nom estavam de folga...” (Zurara, Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 346).
- (26) “... tendo elee semelhante cousa começada; por cuja rezom avisou os nossos que se tornassem, e que trouxessem aquellas cousas pera seu refresco, ...” (Zurara, Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 446).

Na categoria de auxiliar, a perífrase com o *começar* não estava consolidada no século XV, e o uso mais frequente neste período, como mostraremos na análise do *corpus*, era com a preposição *de*, em trechos como em (27). Neste período essa forma era concorrente e coocorrente com as formas com preposição *a*, como em (28) e sem preposição ( $\emptyset$ ), como em (29):

- (27) “E estando ali começou de ventar o Levante, que he travessia naquele lugar; e mostrando o mar sua grande bravura...” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro I, p. 332).
- (28) “... e feito silencio a bem escutar, começou a dizer o Conde D. João Affonso.” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro, vol. 1, p. 271).
- (29) “... se esquecyam de todo da sua, tanto que começavam  $\emptyset$  sentyr as bondades daquesta...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 135).

Na obra deste último autor, há a coocorrência/concorrência das três formas: *começar* + *de*, *começar* + *a* e *começar* +  $\emptyset$  + infinitivo:

- (30) “Os nossos começarom de correr bradando com seus acostumados...” (Zurara, Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 324).
- (31) “... e poseronse em huñ cabeça, e começarom a oolhar a ilha.” (Zurara, Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p.125).
- (32) “E tanto que o sol começou  $\emptyset$  esconder os rayos de sua claridade, e o crepusculo da noite çarrou o ar com sua scuridom...” (Zurara, Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 168).



Essa constatação em relação à estabilização da forma da perífrase com o *começar* e à regência múltipla sem a perda semântica nesse processo é interessante porque, além da possibilidade de verificar a gramaticalização do *começar*, é possível também comparar com o nome *começo*, derivado desse verbo. Para esse nome, não houve mudança de regência, ou seja, a preposição que relaciona o nome ao seu complemento sempre foi o *de*, exemplificado no trecho a seguir:

- (33) “... e elle será o primeiro rei de Hespanha que terá posse em Africa, e será o primeiro começo da destruição dos mouros, e ainda elle ou os da sua geração, virão a este chafariz dar de beber a seus cavallos.” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. João I*, p. 90)

E havia também construções sem preposição, ou seja, transitividade direta, como ocorre no português contemporâneo:

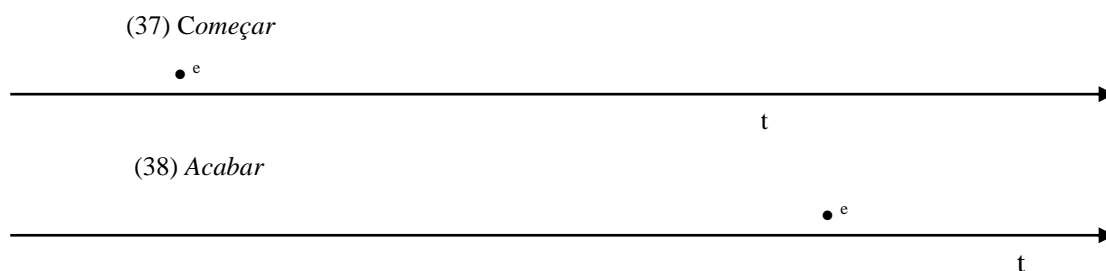
- (34) “Porque filosofo disse, que o começo eram as duas partes da cousa, grande louvor outorgaremos a este honrado mencebo...” (Zurara, *Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 77).

É importante frisar que, em todos os contextos dos dados do *corpus* exemplificados acima, com o *começar* e o *acabar*, a ideia de **focalização de um ponto** numa linha de tempo está presente, não sendo relevante a flexão verbal de tempo para essa focalização: em (35), o evento é [correr sobre a terra], e o ponto inicial é marcado pelo *começar*; e, em (36), o evento é [encher], e o ponto final é marcado pelo *acabar*:

- (35) “E do lugar donde começa a correr sobre a terra que se nom sconde mais ataa onde se começa de partir...” (Zurara, *Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 294).
- (36) “... que a cada homem tem Deus sinalado certa medida e taxado certo número de pecados, o qual, quando se acaba de encher pelo último,...” (Vieira, *Sermão do Quarto Sábado da Quaresma*, 1640. parte VIII).

Assim como Castilho, assumimos que o tempo verbal não faz diferença na configuração aspectual com esses verbos, e quando se muda a flexão verbal (começou/ começava/ começará a correr (em 35); ou acabou/acabava/acabará de encher (em 36), por exemplo), o que ocorre é que o ponto fica focalizado ou no presente ou no passado ou no futuro. Ou seja, é como se uma linha temporal fosse aberta como um subconjunto no presente, ou no passado ou no futuro. Dessa

forma, a semântica de *começar* e *acabar* seria configurada como nas linhas temporais a seguir, em que *e* se refere a um evento qualquer:



Perífrases com o gerúndio na posição de verbo principal também aparecem no *corpus*. Entretanto, há uma diferença esquemática de leitura com essas construções e podem ser representadas como na figura 1, do exemplo (39):

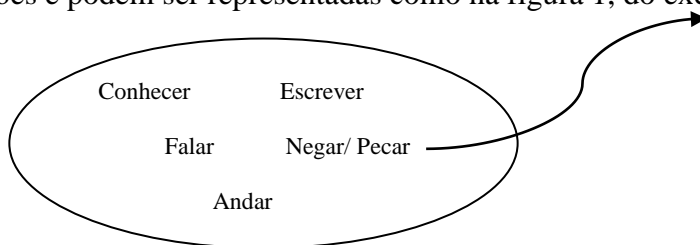
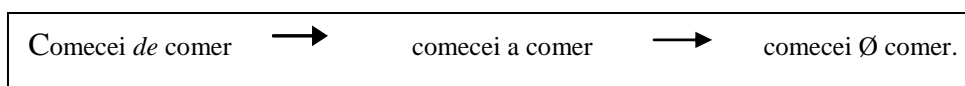


FIGURA 1 – Representação de um conjunto de eventos para exemplificar exemplo (39).

- (39) “E se os propósitos de não pecar acabam negando a Cristo, os que começam pecando e negando a Cristo, que se pode esperar deles?” (Vieira, Sermão de Nossa Senhora da Graça, 1651).

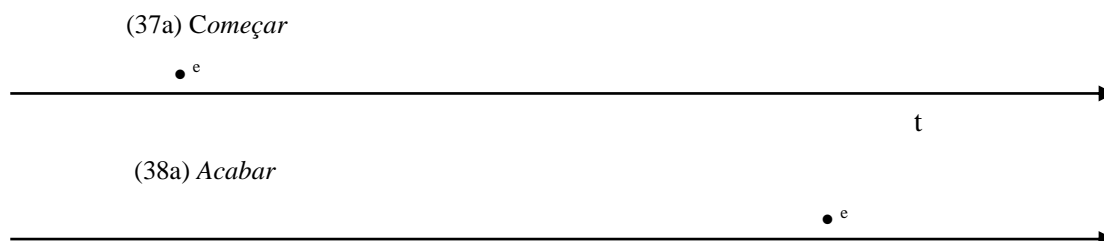
No exemplo anterior, há a pressuposição de que entre um conjunto de eventos pressupostos (por exemplo, conhecer, falar de, escrever sobre, andar com Cristo, negar a Cristo, pecar, etc.), o começo é com o evento de [negar a Cristo] e o fim é com os eventos [pecar e negar a Cristo]. Nesse tipo de construções, a flexão verbal provoca uma pequena oscilação de leitura: **a)** podem indicar um evento que se realizou sem que houvesse a pretensão ou programação anterior para ser realizado (Estava passando pela loja e acabou comprando a blusa, isto é, não tinha a intenção de comprar a blusa, ou não tinha planejado comprá-la, mas comprou mesmo assim, ao passar pela loja.); **b)** podem indicar que a ação provavelmente será realizada (Ela gostou da blusa e acabará comprando, ou seja, há a probabilidade de o evento de [comprar a blusa] ser realizado). Esses sentidos são mais próximos à leitura possibilitada por verbos modais, como *poder* e *dever*, do que por verbos aspectuais.

Portanto, devido às diferentes possibilidades de leituras para esses verbos e funções diferenciadas conforme categorias a que pertencem (plenos ou auxiliares), pretende-se verificar o estágio que eles estão no **processo de gramaticalização**: entendido como o processo que leva um item lexical a ser **recategorizado** para um gramatical (ou seja, um verbo na categoria de pleno é usado na de auxiliar), ou então de um item gramatical para um mais gramatical, ou ainda a um item gramaticalizado numa nova categoria a cumprir diferentes funções nesta categoria a que passa a pertencer (verbos auxiliares, por exemplo, cumprem funções de marcador temporal, aspectual ou modal). Também observamos que há formas coocorrentes e concorrentes (*de*, *a*, e sem preposição – Ø), como veremos na análise dos dados no capítulo 4:



### 2.3.1 Gramaticalização do *começar* e do *acabar* e as classes acionais: discussão preliminar

Uma das hipóteses levantadas para este trabalho é que *começar* e *acabar*, devido a seu comportamento sintático-semântico diferenciado dos demais auxiliares aspectuais não fazem restrição a nenhum verbo no infinitivo ou no gerúndio na posição de verbo principal ao formar perífrase verbal. Nesse sentido, são verbos que sintaticamente tomam como complemento um verbo-base na forma nominal e selecionam o sujeito; e, semanticamente, focalizam um ponto na linha temporal. Com infinitivo, focalizariam o ponto inicial (com *começar*) e final (com *acabar*) do evento denotado pelo infinitivo, como configurados nas linhas (37 e 38), repetidas em (37a e 38a) a seguir; e com gerúndio, focalizariam o início ou fim “pinçando” um dos eventos pressupostos em um conjunto de eventos, como configurado na figura 1, repetida na figura 2 .



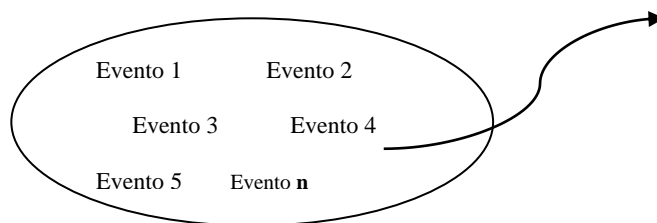


FIGURA 2 – Representação de um conjunto de eventos indicados por perífrases com gerúndio na posição de verbo principal.

Como **focalizadores (aspectualizadores)**, afirmamos que o *começar* e o *acabar* não fazem restrição a qualquer classe acional no infinitivo e no gerúndio na posição de verbo principal da perífrase. Nesse sentido, não fazem restrição a verbos de:

A) **atividades**, que apresentam os traços [+ **dinâmico**, + **durativo** e + **homogêneo**], conforme Bertinetto 2001. São verbos que denotam eventos que ocorrem em um intervalo de tempo e **não** possuem fases ou partes a serem realizadas. São exemplos os verbos *reinar* e *guerrear* nos dados:

(40) “Este rei D. Fernando começou de **reinar** o mais rico que em Portugal foi até o seu tempo...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Fernando*, vol. 1, p. 7).

(41) “Desfaleceu isto quando acabou de **guerrear** e nasceu outro mundo novo muito contrario ao primeiro, passados os folgados anos do tempo que reinou seu paes...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Fernando*, vol. 1, p. 6).

Assim, se alguém diz que D. Fernando estava reinando em Portugal e foi destituído ou que alguém guerreava e parou, sabemos que os eventos de reinar e guerrear foram realizados pelo período de tempo em que sucederam (do primeiro momento do reinado até a destituição de D. Fernando e do início da guerra até o momento que esta parou, houve guerra, digamos assim).

B) **accomplishments**, que apresentam os traços [+ **dinâmico**, + **durativo** e - **homogêneo**], conforme Bertinetto (2001). São verbos que denotam eventos que ocorrem em um intervalo de tempo e possuem fases ou partes a serem realizadas. São exemplos os verbos *comer* e *transcrever*, nos dados:

(42) “... mandou Martim Aíónso de Mello, e elle ficou n'aquella ribeira com seu arraial; e havendo dois dias que ambos partiram, sendo o Conde á mesa que começava de **comer**, chegaram lhe novas que D. Lourenço Esteves vinha com grande roubo...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. João I*, p. 61).

- (43) “O que acabamos de transcrever são expressões de Courier, e sem duvida de toda a Inglaterra...” (Gazeta do Rio, 11.<sup>a</sup> ed., de 19/10/1808).

Assim, se alguém diz que alguém estava comendo e parou (uma maçã, por exemplo, ou um prato de comida), sabemos que o evento não foi realizado no seu todo (a maçã nem o alimento todo do prato estão comidos). Pode estar com partes/pedaços comidos, mas não o todo<sup>25</sup>. Bem como, se alguém diz que começou a transcrever as expressões de Courier e parou, significa que não o transcreveu por inteiro, mas se acabou de transcrever significa que realizou todas as partes da transcrição (da primeira à última letra, digamos assim).

C) *achievements*, que apresentam os traços [+ **dinâmico**, - **durativo e - homogêneo**], conforme Bertinetto (2001). Ou seja, são verbos estritamente **pontuais**, que indicam que os eventos ocorrem em um instante de tempo. São exemplos os verbos *adoecer*, *minguar* e *chegar*, nos trechos:

- (44) “Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de minguar, e morriam alguns e soterravam n'os em terra, e d'ali os dessoterravam os lobos e comiam-n'os; e, posto que lhe el-rei mandasse navios com biscoito, que se fazia no Algarve e em Lisboa...” (Fernão Lopes, *Chronica de El-Rei D. Fernando I*, p. 128).

- (45) “Acaba de chegar aqui o Regimento de Sevilha...” (Gazeta do Rio, 1.<sup>a</sup> ed. extra, de 14/09/1808).

Dizemos que de *não doente* a *doente* e de *não minguado* a *minguado* o evento ocorre em um único instante de tempo (esses exemplos também indicam uma mudança de estado), bem como o ponto de chegar é único no tempo. Com o *chegar*, em (45), ainda temos uma ambiguidade de leitura, porque em *acaba de chegar* significa que chegou no instante anterior ao momento de fala.

D) **estativos**, são verbos que apresentam os traços [- **dinâmico**, + **durativo e + homogêneo**], conforme Bertinetto (2001). São exemplos os dados com o verbo *entender*:

<sup>25</sup> Lembramos que a natureza mais filosófica do conceito **parte e todo** não está sendo colocado em questão, e sim que há eventos que necessariamente demandam mais tempo para serem realizados (num intervalo de tempo) que outros (num instante de tempo). E quando demandam um intervalo de tempo, há eventos que por sua natureza apresentam partes/etapas, enquanto outros são mais homogêneos.

(46) “Já daqui começarão a entender os que tanto se confiam no remédio da Confissão quão enganada e enganosa é esta sua confiança.” (Vieira, Sermão do Quarto Sábado da Quaresma, parte VI, 1640).

(47) “Oh! se acabassem de entender os homens quanto perdem de si e de tudo, em não saberem estar sós com Deus e consigo!” (Vieira, Sermão da Quarta Domingo da Quaresma, parte V).

Nos exemplos (46) e (47), dizemos que por um intervalo indefinido de tempo a eventualidade [entender] se dá de forma homogênea e prolongada, sem um sujeito que realize uma ação; e em qualquer subparte do intervalo de tempo houve entendimento. Para alguns estativos, essa leitura pode não ser tão precisa assim e causar certo estranhamento, como em “Começou a morar em Curitiba”, em que o início, o primeiro momento no tempo em que o sujeito se estabeleceu no lugar, chegou à cidade por assim dizer, é entendido. Porém, seria necessário especificar melhor esse ponto acrescentando um adjunto temporal, como “Ela começa a morar em Curitiba, em 1973”, assim o ponto inicial seria marcado no adjunto *em 1973* e o estranhamento, portanto, não ocorreria.

Com o *acabar*, o estranhamento é ainda maior ao se dizer que alguém chega ao fim de [morar em um lugar x] – forçando uma leitura, poderíamos entender, na sentença “Acaba de morar em Curitiba”, que alguém foi embora do lugar, ou seja, deixou de morar ali, mas assim mesmo parece muito estranha essa leitura. Já com o gerúndio (“Acaba morando em Curitiba”) são possíveis as leituras já discutidas: há a interpretação de conjunto (como na figura 1 e 2 acima) quando se pensa que há entre várias cidades num rol de escolhas e por fim escolhe uma delas, Curitiba; ou ainda de forma ambígua entende-se que “a morada” ocorreu despretensiosamente, ou seja, não era desejo ou não havia planejado anteriormente, mas acabou morando em Curitiba (em um contexto que se tenha “Detestava a cidade, mas depois de rodar o País, acaba morando em Curitiba”). Ou seja, novamente afirmamos que o ponto final está presente (seja qual for dessas interpretações), e pode ser marcado em outros sintagmas da sentença. Nesse último contexto, por exemplo, por inferência dada por “depois de rodar o País”, se interpreta como várias ações anteriores à última acontecendo, e a última é morar em Curitiba.

Em construções com os *achievements* (estritamente pontuais – com traço + dinâmico, não são nem homogêneos nem durativos no tempo), como em “Ele começa a atingir o topo montanha”, não há agramaticalidade da sentença, porém o evento de atingir o topo (que está em foco) é **pontual** no tempo, causando também certo estranhamento, uma vez que há a marcação de dois pontos únicos no tempo: um marcado pelo *começar* (um *achievement*) e outro pelo *atingir* (também *achievement*). Esse estranhamento se dá mesmo em um contexto que se diga “O rapaz começa a atingir o topo, apesar do cansaço/ apesar da altura da montanha/ apesar de andar devagar”, pois em [atingir o topo da montanha] não há desenrolar da ação no tempo, nem desenvolvimento ou partes a serem completadas para se chegar ao fim de atingir o topo da montanha no tempo, uma vez que este “atingimento” ocorre instantaneamente na linha temporal.

Porém, quando há outro contexto em que seja possível verificar a focalização do início, esse estranhamento se dissipa, como em “Já no início da carreira, o alpinista começa a atingir o topo da montanha mais alta do mundo”, em que o ponto inicial é marcado no adjunto *no início da carreira*. Há uma leitura mais específica com o verbo *acabar* em “Ele acaba de atingir o topo da montanha mais alta do mundo”, em que se entende que no instante anterior ao momento da fala (ou no mesmo instante), o alpinista atinge o topo da montanha. E em “Ele acaba atingindo o topo da segunda montanha mais alta do mundo”, novamente se entende que não era esperado que o evento ocorresse, mas no último instante o evento é realizado. Ou seja, embora alguns rearranjos para os verbos *achievements* pareçam restringir seu uso com os verbos *acabar* e *começar*, a restrição se desfaz e é possível obter leituras diversas nesses novos rearranjos, conforme contextos linguísticos mais abrangentes. Em suma, o que dissemos é que nossa hipótese em relação à formação perifrástica com as classes acionais é que os verbos *começar* e o *acabar* não fazem restrição a nenhuma delas, embora haja certo estranhamento com verbos pontuais.

### 3 METODOLOGIA: O SUPORTE QUANTITATIVO E A AMOSTRA ESCOLHIDA

Para a realização deste estudo, leituras sobre gramaticalização foram primordiais, bem como sobre aspecto verbal ligado mais precisamente aos traços aspectuais das classes acionais, inclusive de *começar* e *acabar*, que se caracterizam por ser [+ **dinâmico**, - **homogêneo**, - **durativo**], portanto, **pontuais**. O intuito de tais leituras foi embasar as discussões e a análise do *corpus* para esta pesquisa, bem como dar sustentação às hipóteses levantadas. Além disso, como suporte para o trabalho sobre mudança linguística e estabilização da forma perifrástica, nos valem os resultados estatísticos e probabilísticos obtidos por meio do programa GoldVarb 2001 – programa estruturado para fornecer resultados numéricos que sustentem análises de **variação sociolinguística**<sup>26</sup>, que servem para a análise dos dados do *corpus* desta pesquisa.

Para as análises dos verbos em estudo e a descrição de ocorrências e do processo de gramaticalização, fizemos coleta de dados em textos por amostragem: uma a três crônicas de um cronista de cada século (XV, XVI), passando por uma coletânea de sermões do Padre Vieira (século XVII), pelos textos do primeiro jornal do Brasil – a Gazeta do Rio de Janeiro (século XIX) –, até dados retirados da revista *Veja* (século XX). Em primeiro lugar, foram escolhidos os textos dos autores para a coleta dos dados: os cronistas Fernão Lopes (~1378-1459?), Zurara (1404-1473/74) e Rui de Pina (1440-1522); Padre Antônio Vieira (Lisboa, 6/02/1608 — Salvador (Bahia), 18/07/1697); o primeiro jornal do Brasil, a Folha do Rio de Janeiro de 1808, e cartas para o editor da revista *Veja* (século XX). Essa escolha foi feita para poder abranger a escrita desde o século XIV até o presente, com o intuito de verificar mudanças no uso e a ocorrência desses verbos na categoria de plenos e auxiliares em um mesmo período de tempo<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Aplicativo .exe para ambiente windows, do pacote VarbRul – Variable Rules Analysis, baseado numa versão prévia do Goldvarb 2.0. organizado por John Robinson, Helen Lawrence e Sali Tagliamonte, da Universidade de York. É um aplicativo compatível ao Windows, que pode ser baixado gratuitamente pela internet.

<sup>27</sup> A princípio, a ideia era também verificar o **uso desses auxiliares na oralidade**, utilizando o banco de dados do VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), que tem por objetivo geral a descrição do português falado de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil (Mais informações sobre o VARSUL em <http://www.varsul.org.br/>). Porém, o trabalho se tornou bastante extenso e demorado somente com os documentos escritos. O propósito é ainda realizá-lo posteriormente.



As crônicas do século XIV, XVI e os sermões de Vieira do século XVII foram escolhidos e baixados em formato PDF ou digitalizados dos livros do acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), acesso pelo portal <http://www.bnportugal.pt>, campo *autor*, e salvos em uma pasta de arquivos para leitura em “Meu computador”. A disponibilização dos documentos e manuscritos facilitou sobremaneira o acesso, pois, depois de baixados os arquivos, o trabalho foi somente lê-los na tela do computador, recortar, copiar os dados encontrados e salvar em um novo arquivo criado especificamente para a reunião deles. As crônicas e sermões escolhidos foram os seguintes:

a) Crônicas escritas por Fernão Lopes<sup>28</sup>:

- a. *Crônica de El Rei D. Fernando* (vol. I, II e III, 614 páginas totais);
- b. *Crônica de El Rei D. João I* (vol. I ao VII, 1390 páginas totais);
- c. *Crônica de El Rei D. Pedro I* (307 páginas).

b) Crônica escrita por Gomes Eanes de Zurara<sup>29</sup>:

- a. *Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné* (508 páginas).

---

<sup>28</sup> a. **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica de el-rei D. Fernando / Fernão Lopes. - Lisboa: Escriptorio, 1895-1896. 3 v.; 19 cm. - (Biblioteca de clássicos portugueses), em <http://purl.pt/419>

b. **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica DelRey D. Joam I de Boa Memoria e dos Reys de Portugal o Decimo: primeira parte [-terceira...]... : oferecida a Magestade DelRey Dom Joam o IV. N. Senhor de miraculosa memoria / composta por Fernam Lopez. - Em Lisboa: a custa de Antonio Alvarez Impressor DelRey, em <http://purl.pt/218>.

c. **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica del Rey D. Pedro I deste nome, e dos reys de Portugal o oitavo cognominado o Justiceiro na forma em que a escreeveo Fernão Lopes... / copiada fielmente do seu original antigo... pelo Padre Jozé Pereira Bayam. - Lisboa Occidental: Na Offic. de Manoel Fernandes Costa, 1735, em <http://purl.pt/422>.

<sup>29</sup> **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escrita por mandado de el Rei D. Affonso V, sob a direcção scientifica, e segundo as instrucções do illustre Infante D. Henrique / pelo chronista Gomes Eannes de Azurara; fielmente trasladada do manuscrito original contemporaneo, que se conserva na Bibliotheca Real de Pariz, e dada pela primeira vez à luz per diligencia do Visconde da Carreira... ; precedida de uma introdução, e illustrada com algumas notas, pelo Visconde de Santarem... e seguida d'um glossario das palavras e phrases antiquadas e obsoletas. - Pariz: publicada por J. P. Aillaud: na Officina Typographica de Fain e Thunot, 1841, em <http://purl.pt/216>.

C.) Crônicas escritas por Rui de Pina<sup>30</sup>:

- a. *Crônicas de D. Afonso I* (50 páginas) e *D. Afonso II* (50 páginas);
- b. *D. Sancho I* (70 páginas) e *D. Sancho II* (40 páginas);
- c. *D. Diniz* (120 páginas).

D.) Coletânea dos *Sermões de Vieira* em documento PDF (251 páginas)<sup>31</sup>.

Na crônica de Zurara, editada por J. P. Aillaud, em 1841, em Paris, pelo Visconde de Carreira, há inúmeras notas e ilustrações do Visconde de Santarem. É importante retomar que já nas obras deste cronista aparecem as três ocorrências para o auxiliar *começar* – *começar* + de, *começar* + a e *começar* +  $\emptyset$  e infinitivo, além de também constar na obra de Fernão Lopes, o que nos leva a pensar num processo em que hoje ela está sendo retomada pelo falante atualmente sem a preposição.

A Crônica de El Rei D. João I, volume V, de Fernão Lopes, apresenta muito discurso reconstituído, ou seja, marcado por discurso direto com travessão, no qual não havia muitos dados para o *começar* e o *acabar*. Quanto aos sermões de Vieira, usamos uma compilação em PDF encontrada na página da BNP. Mesmo não havendo paginação na maior parte dela, e alguns trechos estarem em *Word* e outros com a escrita original, a escolha deste material facilitou o trabalho de “cópia e cola” (ctrl c, ctrl v) dos dados necessários a esta pesquisa. Confiamos no material por estar disponível na página da Biblioteca Nacional de Lisboa, embora haja também ali edições mais recentes. Porém, é um material melhor que o disponível na internet, em diferentes páginas e *blogs*.

---

<sup>30</sup> a. **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica de El-Rei D. Affonso I e II / Ruy de Pina. - Lisboa: Escritorio, 1906. (Bibliotheca de clássicos portugueses), em <http://purl.pt/407>.

b. **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica de El-Rei D. Sancho I e II / Ruy de Pina. - Lisboa: Escritorio, 1906. (Bibliotheca de clássicos portugueses), em <http://purl.pt/406>.

c. **Ficha bibliográfica na pág. da BNP** = Chronica d'el rei D. Diniz. - 2ª ed. - Lisboa: [s.n.], 1912. - 2 v.; 21 cm. - (Biblioteca de clássicos portugueses), em <http://purl.pt/340>.

<sup>31</sup> Parte dos Sermões está disponível em <http://purl.pt/index/geral/aut/PT/21890.html> e parte também em [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/sermoesii\\_1.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/sermoesii_1.pdf).

Os dados da *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada em 1808, também foram retirados do acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo portal [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/gazeta\\_rj/gazeta.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta.htm). Foram copiados dados das edições do ano da fundação do periódico (1808): 31 edições entre setembro e dezembro, com quatro páginas cada uma, ou seja, cerca de 124 páginas totais; e de 19 edições extras, com quatro páginas cada, perfazendo 76 páginas. Do último ano de edição da *Gazeta do Rio de Janeiro* (1822), os dados são de 65 edições e 26 extras, de janeiro a maio: quantidade de 4 a 6 páginas cada edição; e dados de outubro a dezembro de 40 edições e cinco extras, com 4 a 6 páginas cada, totalizando 634 páginas lidas. Em muitas dessas edições, havia somente listas de entradas e saídas marítimas: de, às vezes, duas páginas inteiras somente apresentando nomes e o que se trazia ou levava (carne seca, vinho e escravos, por exemplo).

Para a coleta dos dados da revista *Veja*, seção Cartas ao editor, também foi usado o acervo digital, no portal <http://Veja.abril.com.br/acervodigital>. Do primeiro ano da revista, ou seja, ano de sua inauguração, em 1968, foram vistas todas as edições e retirados os dados pertinentes. Nas demais edições, foram observadas as do primeiro mês do ano de 1969 e as edições do último mês dos anos seguintes até 1975, num total de 80 edições. Depois, foram consultadas as edições de janeiro de cada início de década até o ano de 2010. Como foram vistas somente cartas, estas tendo somente 1 a 2 páginas editadas a meia página da revista, e muitas ainda contendo fotografia ou propaganda, o total de trechos no *corpus* é de número inferior aos demais materiais utilizados, como se perceberá adiante. Contudo, como o aplicativo GoldVarb 2001 analisa também resultados comparativos entre dados do mesmo material e calcula o valor relativo, sempre em relação a outro dado, foi possível fazer generalizações e conclusões pertinentes para esse período de tempo.

A escolha de textos em prosa se deu por considerarmos que nestes seria mais produtivo o uso de perífrases verbais do que em textos poéticos, por exemplo, uma vez que textos narrativos apresentam sequências discursivas de relato e de descrição, o que, em princípio, parece ser mais profícuo para o *corpus* desta tese. Em relação à prosa em português, seu desenvolvimento se deu no final

do século XIV, e a tradição das crônicas portuguesas começou com Fernão Lopes, que compilou as crônicas dos reinados de D. Pedro I, D. Fernando I e D. João I, usadas neste trabalho. Gomes Eanes Zurara sucedeu Fernão Lopes na escrita das crônicas e escreveu “Descobrimento e Conquista de Guiné”, usada neste trabalho, e das guerras africanas, como “Crônica da tomada de Ceuta”, por exemplo. Seu sucessor como cronista foi Rui de Pina, que ofereceu um relato abrangente dos reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II, usadas para a retirada dos dados com os verbos *começar* e *acabar*, foco deste trabalho.

Os textos das crônicas foram escolhidos porque dão uma mostra de como era a escrita-padrão entre os séculos XIV e XVII e das mudanças linguísticas em relação aos verbos *começar* e *acabar* ocorridas neste período, por serem textos de cunho narrativo, ou seja, tratam de relatos informativos sobre a história e reis de Portugal. Conforme historiadores e literatos, como Massaud Móises (1997), do ponto de vista da linguagem, as crônicas representam uma literatura de expressão oral e de raiz popular, embora haja uma mescla da linguagem também de cunho erudito-acadêmico. Portanto, as crônicas apresentam um panorama linguístico da época em que foram produzidas (ou seja, como seria a escrita-padrão do momento histórico que a obra representa)<sup>32</sup>.

Nos sermões de Vieira, há uma linguagem bastante erudita, e boa parte deles é produzida no Brasil, mencionando indígenas, cristãos-novos e outras minorias, como os pobres. Neles, Vieira defende os judeus, a abolição da distinção entre cristãos-novos (judeus convertidos, perseguidos pela Inquisição) e cristãos-velhos (os católicos tradicionais), e a abolição da escravidão. Critica ainda severamente os sacerdotes da sua época e a própria Inquisição. Nos sermões, Vieira alia a essência do estilo barroco da época à ênfase, à sutileza, ao paradoxo, ao contraste, à repetição, à assimetria, ao paralelo e ao manejo da metáfora. Conforme (COUTINHO, 1983), “o grande orador sacro produziu

---

<sup>32</sup> Somente a título de esclarecimento, uma vez que o enfoque não é esse, crônicas, do grego “cronos” = tempo, no XIV eram textos que relatavam o transcorrer das dinastias, isto é, a sucessão no tempo dos nobres pertencentes a uma mesma família, nos “Livros de linhagem”, ou seja, eram a compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo. Originalmente a crônica constituía-se de relatos verídicos; a partir do séc. XIX passou a refletir também a vida social, a política, os costumes, o cotidiano, etc. (Houaiss eletrônico).

páginas que são tesouros da eloquência sagrada em língua portuguesa”. Portanto, a partir dos sermões, temos um panorama de como é a escrita do século XVII. Já a *Gazeta do Rio de Janeiro* consiste basicamente de comunicados do governo – informes sobre a política internacional, em especial, sobre a realidade europeia diante dos conflitos napoleônicos e a instabilidade das colônias americanas da Espanha. O jornal apresentaria um retrato de como está a linguagem em uso no século XIX no Brasil.

Por fim, os textos da *Veja* foram escolhidos por apresentarem uma mostra da linguagem escrita mais próxima do português culto contemporâneo. Apesar de passar por editoração, a *Veja* é uma mostra representativa da linguagem escrita culta veiculada em jornais, revistas e na mídia em geral do século XX. A revista, no geral, trata de temas do cotidiano da sociedade brasileira e do mundo, como política, economia, cultura e comportamento, tecnologia, ecologia e religião. Possui seções fixas de cinema, literatura, música, entre outras variedades. Seus textos são elaborados em sua maior parte por jornalistas, porém nem todas as seções são assinadas.

### 3.1 A ESCOLHA DO MATERIAL PARA A COLETA DE DADOS

Como dissemos, a escolha das crônicas e textos com características mais narrativas e descritivas se deu porque são produções que, em princípio, esperávamos que oferecessem um número de dados que possivelmente um gênero como o poético não fosse oferecer. E a opção pelos cronistas se deve ao valor de sua obra para cada tempo em que foram escritas, podendo, nesse sentido, apresentar um panorama da escrita mais formal da época em que foram produzidas. Para tanto, nesta seção, a seguir, apresentamos informações referentes aos autores e obras consultadas para contextualizar a época de produção:

#### **a) Fernão Lopes (~1378 -1459?)**

Fernão Lopes teria nascido na cidade de Lisboa, em 1378, e frequentado o Estudo Geral. Escreveu as crônicas dos reis D. Pedro I, D. Fernando e D. João I (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> partes). O registro mais antigo sobre sua vida é um documento datado de

1418 que informa ser Fernão Lopes guarda-mor da Torre do Tombo, cargo de alta confiança, em que era encarregado de guardar e conservar os arquivos do Estado.

Também ocupou a função de “escrivão dos livros” de D. Duarte, passando, em 1419, a escrevê-lo de D. João I. Neste momento, teria começado a escrever a “Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal”. Em 1422, o cronista ocupa a função de escrevendo de puridade do Infante D. Fernando. Algum tempo depois, em 1434, sob o reinado de D. João I (1433-1438), inicia a escrita da “Crônica de D. João I”. É substituído como cronista no ano de 1451 por Eanes Zurara. Deixa de ser, em 1454, guarda-mor da Torre do Tombo, em virtude da avançada idade, sendo incerta a data de sua morte, provavelmente em 1459, falecendo próximo aos 80 anos.

Em suas crônicas narra as façanhas da dinastia de Avis, diante de uma conjuntura sociopolítica conturbada. Fernão Lopes foi designado cronista, por D. Duarte, e mesmo utilizando o rei como centro da história, demonstra grande interesse pelo povo e pelas influências deste nas configurações sociais de Portugal. Fernão Lopes atravessou os reinados de D. João I, D. Duarte, D. Pedro e parte do reinado de D. Afonso V. Conheceu muitas alterações políticas e sociais deste período. Relata também histórias sobre o rei eleito e popular, D. João I, sobre o rei mais dominado pela aristocracia, D. Duarte; sobre o poder feudal dos filhos de D. João I e sobre o predomínio da nobreza, gravemente abalada pela crise da independência. Também contou sobre a guerra civil subsequente à morte de D. Duarte, à insurreição de Lisboa contra a rainha viúva, D. Leonor, e à eleição do infante D. Pedro. Também expôs fatos referentes à reação da partida da nobreza, à queda do infante D. Pedro e sua morte, à perseguição e dispersão dos seus partidários, ao triunfo definitivo da nobreza. Fernão Lopes ainda fez referência em sua obra ao início da expansão ultramarina.

O cronista descreveu, narrou e criou descrições dos acontecimentos servindo-se quer de testemunhos escritos ou orais em primeira ou segunda mão, quer de documentos de onde extraiu e construiu narrações dos acontecimentos, conforme Massaud (1997). Tem um estilo que aproxima a linguagem do leitor ao se dirigir a ele (este é visto como agente das transformações sociais pelo cronista), a narrativa é dinâmica (influência das novelas de cavalaria), com humanização das

personagens de pessoas da nobreza (não são vistos como meros heróis de grandes batalhas, mas também como indivíduos passíveis de erros e acertos e sujeitos também a fraquezas: há descrições físicas e psicológicas das personagens, por exemplo). Dessa forma, podemos ter uma amostra de como é a linguagem utilizada no período das crônicas escolhidas para coleta dos dados para esta tese.

#### **b) Gomes Eanes de Zurara (ca 1404-1473/74)**

São incertas todas as datas relativas à vida deste cronista. Não se sabe ao certo o ano em que nasceu nem o em que morreu. Parece que vivia ainda em 1473, porque há certidões passadas por ele neste ano. Comendador da Ordem de Cristo, cronista-mor do reino e guarda-mor do Arquivo Real da Torre do Tombo, Zurara entrou no serviço do rei D. Afonso como guarda da Torre do Tombo, em 1454, como bibliotecário da livraria real.

Zurara foi muito considerado por suas qualidades e pessoalmente benquisto dos reis em cujos reinados viveu: D. João I, D. Duarte e, especialmente, D. Afonso V. Foi este monarca quem o nomeou cronista-mor e guarda-mor da Torre do Tombo, substituindo Fernão Lopes, que se sentia já velho, cansado e doente. Seu método historiográfico difere do de Fernão Lopes em alguns pontos essenciais: preocupa-se com pessoas, individualidades, e não com grupos sociais. Além disso, sofre a influência da cultura clássica, visível nas citações e na linguagem, que tende à ostentação e à declamatória, com muitas metáforas. Isso muitas vezes tornava suas crônicas consideradas enfadonhas, mas foi imparcial em seus julgamentos e escritor que primou pela sinceridade em seus escritos.

Zurara, para escrever sobre a África, passou algum tempo lá para conhecer as pessoas, os lugares e as circunstâncias dos acontecimentos que tinha de narrar. Escreveu, em 1450, a “Chronica Del Rei D. João I de boa memória”, Terceira parte em que se conta a Tomada de Ceuta (Lisboa, 1644); em 1453, a Chronica do Descobrimento e Conquista da Guiné (Paris, 1841), usada neste trabalho; em 1463, a Chronica do Conde D. Pedro de Menezes (in: Inéditos de Historia Portugueza, vol. II. Lisboa, 1792); em 1468, a “Chronica do Conde D. Duarte de Menezes” (in: “Inéditos de Historia Portugueza”, vol. III. Lisboa, 1793).

**c) Rui de Pina (1440-1522)**

Nasceu na Guarda, foi cronista e diplomata a serviço de D. João II. Entre os seus serviços se destaca a representação dos interesses portugueses em Barcelona, após a viagem de descoberta de Colombo, em que procura negociar os domínios destinados a Portugal e os destinados à Espanha, no Tratado de Tordesilhas. Foi nomeado cronista-mor do reino, guarda-mor da Torre do Tombo e da livraria régia por D. Manuel, em 1497. A atividade cronística desenvolve-se pelo menos desde 1490, data em que D. João II lhe atribui uma renda para escrever os feitos famosos dos reinos. Escreveu as crônicas de vários reis, exaltando os feitos destes monarcas, entre os quais D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.

Rui de Pina coloca-se numa posição francamente contrária à de Fernão Lopes em matéria de honestidade intelectual e é acusado de plágio. Entretanto, suas crônicas valem, do ângulo historiográfico, pelos novos e diferentes dados trazidos sobre a sociedade portuguesa de seu tempo e pela sobriedade da linguagem, em que transparece a influência clássica.

**d) Antônio Vieira (6/02/1608-18/07/1697)**

Nascido em lar humilde, em Lisboa, é o primogênito de quatro filhos de Cristóvão Vieira Ravasco e de Maria de Azevedo. A família muda-se para o Brasil em 1609, pois o pai assume cargo de escrivão em Salvador, na Bahia. Em 1623, Vieira ingressa na Companhia de Jesus como noviço. Um dos mais influentes personagens do século XVII em termos de política e oratória, em terras brasileiras, defende incansavelmente os direitos humanos e dos povos indígenas ao combater a exploração e a escravidão.

Na literatura, seus sermões possuem considerável importância. Por ter se sobressaído pela vivacidade de espírito e como orador, conquista a amizade e a confiança de D. João IV, que o nomeia embaixador e posteriormente pregador régio. Vieira deslumbrou a Cúria com seus discursos e sermões. Com apoios poderosos, defendeu-se da Inquisição. A extraordinária capacidade oratória



seduziu, primeiro, o governo-geral do Brasil, a corte de D. João IV e, depois, o Papa. Assim, garantiu a anulação de penas e condenações atribuídas a ele. No Brasil, em 1681, dedicou-se à tarefa de continuar a reunir os seus escritos, visando à edição completa em 16 volumes dos seus *Sermões*, iniciada em 1679.

Suas cartas foram publicadas em três volumes e suas obras começaram a ser publicadas na Europa, onde foram elogiadas até pela Inquisição. Além dos Sermões redigiu o *Clavis Prophetarum*, livro de profecias que nunca concluiu. Já velho e doente, em 1694, não conseguia escrever. E, ao perder a voz, seus discursos silenciaram. Morre na Bahia em 18 de julho de 1697, com 89 anos. Deixou uma obra complexa que exprime as suas opiniões políticas. Entre os inúmeros sermões, alguns dos mais célebres são: Sermão da Quinta Dominga da Quaresma; Sermão da Sexagésima; Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda; Sermão do Bom Ladrão e Sermão de Santo Antônio aos Peixes. Vieira deixou cerca de 700 cartas e 200 sermões.

#### **e) Gazeta do Rio de Janeiro**

Como sabemos, no Brasil Colônia era oficialmente proibido aos habitantes o acesso a publicações, que, até a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, ocorria de maneira clandestina. Com a chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, em 1808, foi fundada a Gazeta do Rio de Janeiro, um jornal oficial, que era publicado duas vezes por semana. A partir de 1821, passou a se denominar simplesmente Gazeta do Rio.

Com a Independência do Brasil, a Gazeta deixou de circular e foi sucedida pelo Diário Fluminense, de Pedro I, e o Diário do Governo, de Pedro II, como órgãos oficiais de imprensa. Seu conteúdo era restrito aos interesses da Coroa e voltado para a vida cortesã, de modo bastante parcial.



FIGURA 3 – Página do Número 1 da Gazeta do Rio de Janeiro, de 10/09/1808, marco inicial da imprensa no Brasil, meramente ilustrativa.  
([http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/gazeta\\_rj/gazeta.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta.htm). Acesso em 08/01/2013)

## f) Revista *Veja*

É uma revista semanal criada em 1968 e publicada no Brasil pela Editora Abril. Com uma tiragem superior a um milhão de exemplares, é a revista de maior circulação no Brasil. Ela é entregue aos assinantes aos sábados e nas bancas, aos domingos. Os temas mais frequentes são questões políticas, econômicas e culturais. Apesar de não ser o foco da revista, assuntos como tecnologia, ciência, ecologia e religião também têm destaque em alguns exemplares. A revista é alvo de críticas relativas à sua parcialidade. Ela divide-se em entrevistas, cartas, Brasil, Internacional, entre outras.

A primeira edição da revista foi lançada em 11 de setembro de 1968, tendo como manchete de capa “O grande duelo no mundo comunista”. Em seu editorial, trazia “*VEJA* quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros”, uma vez que veio substituir a revista *Realidade*, que estava em decadência e foi fechada em 1976. A *Realidade* era uma revista com características diferenciadas, pois sua redação funcionava com autonomia na orientação de cada número que ia às bancas, embora pertencesse a um grupo

editorial cujas relações com o poder do Estado, na época autoritário, e com o capital estrangeiro, que vinham sendo denunciadas desde o seu lançamento, em 1966. *Realidade* não funcionava mais no período do lançamento da revista *Veja*, pois havia uma preferência do público pelo fragmento, por assuntos mais específicos e a televisão resumia tudo e impunha velocidade nas informações, na imagem e na recepção imediata. *Veja* é considerada hoje a quarta maior circulação no mercado editorial de revistas semanais de informação no mundo.



FIGURA 3 – Capa da primeira edição da revista *Veja*, meramente ilustrativa (<http://Veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 07/01/2013).

### 3.2 O SUPORTE QUANTITATIVO

A pesquisa quantitativa para os verbos deste estudo se deve ao fato de que ela testa de forma mais precisa as hipóteses levantadas, uma vez que, ao usar o GoldVarb 2001, são fornecidos, além da quantidade e porcentagem de dados para cada grupo de fator estabelecido, pesos relativos, que podem ser analisados. Isso porque permite medir numericamente o resultado apresentado para as hipóteses e mensurar posteriormente esses resultados de forma qualitativa. Consequentemente, os resultados numéricos conseguidos podem ser generalizados e projetados para o universo estudado, além de permitir uma análise destes e de cruzamentos de diversos dados.

Os grupos de fatores selecionados pelo pesquisador são importantes, bem como para quaisquer estudos de variação e mudança linguística, já que é através das análises desses fatores que se pode analisar o fenômeno linguístico observado. Assim, a partir da metodologia variacionista, que permite avaliar em termos quantitativos o efeito de fatores que condicionam a variação e a mudança na língua, Labov (1972) afirma que formas linguísticas podem se alternar em uma língua e que para um fenômeno ser considerado variável, há dois requisitos básicos: a manutenção do significado e a possibilidade de ocorrência num mesmo contexto. Nesse sentido, para haver variação, conforme o autor, deve haver formas em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo na língua) e em concorrência (quando duas formas concorrem e uma pode vir a desaparecer). Lembrando que a mudança pressupõe necessariamente variação, mas a variação não leva necessariamente à mudança, conforme Labov (1972).

Tarallo (1986, p. 08) afirma que “fatores linguísticos são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de fatores dá-se o nome de *variável linguística*”. Essas se subdividem em dependentes e independentes. Assim, depois de estabelecidos, os fatores são distribuídos pelo programa GoldVarb 2001, que apresenta pesos relativos para o estabelecimento de um significado estatístico para a ocorrência de determinada fator. Os pesos relativos são importantes, pois com eles é possível comparar dois fatores em um mesmo grupo, ou seja, analisar a relação entre os pesos ao comparar entre si os valores associados e medir suas diferenças, e não somente verificar os valores isoladamente. Assim, a) pesos relativos próximos a 100 ou então, quando comparados dois resultados e estes distam em mais de 10 pontos entre um e outro (por exemplo, um fator apresenta como resultado 0.50 e outro 0.20), quer dizer que são fortemente favoráveis à aplicação da regra em relação ao fenômeno em estudo. Nesses casos é possível verificar qual das formas está se estabilizando na língua; b) próximos a 0.50 são neutros, ou seja, os fatores estão empatados em relação à variação, sem poder ainda definir qual das formas ficará em uso na língua; c) e pesos próximos a zero desfavorecem a aplicação da regra.

Vale ressaltar que, para as análises aqui realizadas, usamos os pesos relativos (probabilidade de a forma ocorrer) e lançamos mão das porcentagens (ou seja, o retrato do uso) quando necessário, num trabalho de comparação dos vários grupos de fatores estabelecidos para o trabalho, que são apresentados na próxima seção (como foi realizada a coleta dos trechos/dados para compor o *corpus* da pesquisa apresentamos no apêndice 2, no final deste trabalho).

### 3.2.1. Grupos de fatores considerados e codificação adotada

Para a análise da variação de uso de *começar* e *acabar* nas categorias de auxiliar e de pleno, criamos códigos para rodar no programa GoldVarb 2001. Os grupos de fatores seguem o número de colunas do quadro 2 abaixo (portanto, oito grupos de fatores estabelecidos para análise das sentenças em que os verbos ocorrem nos dados coletados):

QUADRO 2 – Códigos estipulados para os fatores dos 8 grupos preestabelecidos.

	2	3	4	5	6	7	8
Qual verbo	categoria	Tempo /modo verbal	Com/ sem preposição	Qual preposição	Classe acional do verbo principal	Composicionalidade do predicado	Veículo/ autor (época)
C (começar)	p (Principal)	P (presente)	c (com)	a (a)	a ( <i>achievement</i> )	A (adjuntos)	f (Fernão Lopes)
a (acabar)	a (Auxiliar)	p (perfeito)	s (sem)	d (de)	A ( <i>accomplishment</i> )	c (obj. dir/ind. ou compl. nom.)	z (Zurara)
p (principiar)	N (nome)	i (imperfeito)	/ (não se aplica)	c (com)	e (estativo)	/ (não se aplica)	v (Pe. Vieira)
t (terminar)		g (gerúndio)		p (por)	t (atividade)		R (Rui de Pina)
ç (cessar)		s (pres. / pret. do subj.)		@ (vazio)	/ (não se aplica)		G (Gazeta do)
f (findar)		m (mais-que-perf.)		e (em)			V ( <i>Veja</i> )
C ( <i>costumar</i> )		F (futuro)		/ (não se aplica)			
A ( <i>acostumar</i> )		f (infinitivo)					
		d (particípio)					
		/ (não se aplica)					

Na coluna 1, há os verbos em análise: *começar* (código **c**) e *acabar* (código **a**), que constituem os fatores analisados em relação à categoria (pleno e auxiliar, que consta na coluna 2); *costumar* (código **C**) e *acostumar* (código **A**) são usados, nesta pesquisa, como contraexemplos na análise de dados, uma vez que passaram por fixação da forma muito semelhantemente ao *começar* (havia três regências – *de*, *a* e sem preposição) e porque esses verbos, sintaticamente, são semelhantes a *começar* e *acabar*, ou seja, também selecionam um sujeito e um

verbo-complemento no infinitivo. Também nessa coluna aparecem *principiar*, *terminar*, *cessar* e *findar*, que fizeram parte das primeiras rodadas somente, pois queríamos verificar se a amostra apresentava uma quantidade significativa de uso desses verbos e se poderiam ser parâmetro de verificação de variação (*começar a/ principiar*; *acabar de/ terminar de/ cessar de/ findar de*). Isso não ocorreu, e esses verbos foram eliminados para todas as outras rodadas (exemplos de dados com esses verbos estão em anexo – Anexo 1, no final desta tese).

Na coluna 2, estão os códigos para as categorias verbos plenos e auxiliar e para o nome *começo*, que em outras rodadas foram alocados como fatores de comparação com os demais ao se fazer as rodadas, para verificar o uso nas obras que compuseram o *corpus*. Com a análise dos resultados obtidos com esses fatores, o objetivo é verificar em qual das duas categorias (pleno ou auxiliar) cada verbo em estudo está sendo mais usado e qual a probabilidade de uso para elas. Além disso, a partir das análises, pretende-se verificar em qual estágio do processo de gramaticalização estão, a partir dos estágios de Heine (1993), apresentados no capítulo 2, seção 2.1 Gramaticalização: como ocorre para os verbos. Ao cruzar os resultados deste grupo de fatores e outros grupos, também se pretende averiguar as regências possíveis para *começar* e *acabar* na categoria de auxiliar e na de pleno, por exemplo, embora com esse cruzamento só seja possível observar os resultados em porcentagem e não em peso relativo, o qual é mais relevante para as análises.

Na coluna 3, há os códigos para os tempos/modos verbais para *começar* e *acabar* na categoria de auxiliar e de plenos (leva-se em conta a classificação da gramática tradicional: presente, pretérito perfeito, imperfeito e assim por diante (ver quadro acima)). Nesta coluna, o símbolo “/ não se aplica” foi usado para trechos com o nome *começo*. Lembramos que a verificação do nome serve para compará-lo com usos e posições dos verbos de que deriva, bem como verificar se a regência nominal e a verbal ocorrem da mesma forma.

Na coluna 4, os códigos são para se o verbo *começar/acabar* vem seguido ou não de preposição. Quando há preposição, a intenção é saber qual aparece. Para isso, na coluna 5, os códigos são para as preposições *a*, *de*, *com*, *em*

e *por* e um código para quando a perífrase é formada sem preposição (como em “começou comer”); e / (não se aplica, ou seja, código para trechos em que os verbos são usados como plenos sem complementação seguida de preposição – como “começou o baile”). O intuito, com esse grupo, é verificar qual é a regência, ou seja, qual preposição se liga a *começar/acabar* quando usado na categoria de pleno e na formação da perífrase e se a regência para nome e verbos sempre foi a mesma no decorrer do tempo.

Na coluna 6, há os códigos para a classe acional do verbo principal, com a nomenclatura vendleriana, levando em consideração a semântica de traços de Bertinetto 2001: *achievement*, *accomplishment*, estado, atividade e um código para não se aplica (/), para trechos em que o verbo aparece na posição de verbo pleno. Como já mencionamos nas hipóteses, com a verificação de qual classe acional ocupa a posição de verbo principal na perífrase, pretende-se mostrar que os verbos *começar* e *acabar* não fazem restrição a qualquer uma delas, ou seja, não há restrição de seleção para verbos que ocupem a posição de verbo principal para a formação perifrástica.

Na coluna 7, há os códigos para o que vem no predicado após a perífrase: complementos verbais (tanto objeto direto, objeto indireto e objeto direto e indireto) quanto ao complemento nominal para os nomes, além de um código para os adjuntos (tempo, lugar, modo, etc.) que compõem os dados quando o verbo principal não exige complementação, ou seja, é intransitivo. O objetivo com a análise dos resultados obtidos dos fatores dessa coluna é compreender o papel da composicionalidade sentencial<sup>33</sup>. Como esse grupo não foi selecionado pelo GoldVarb 2001, apresentamos as considerações sobre ele no apêndice 4, no final da tese, pois os resultados são bastante similares aos tempo/modos verbais e classes acionais.

---

<sup>33</sup> Nessa codificação, pretendíamos colocar um código para os diferentes usos do pronome *se*, para verificar alguma relação de *começar-se* e *acabar-se*, que aparecem nos dados, com o reflexivo do *acostumar-se*. Porém, a ideia foi abandonada, pois é necessário um trabalho mais específico, não possível de realizar aqui.

E, por fim, a última coluna (8) diz respeito às obras consultadas, onde há um código para cada autor/obra consultada: Fernão Lopes, Zurara, Vieira, Rui de Pina, Gazeta do Rio de Janeiro e *Veja*. Para esse conjunto de fatores, os resultados devem apontar em que período de tempo (que século) há a estabilização da formação perifrástica [*começar* + a + verbo principal]; se temos a estabilização do uso de *acabar* e *começar* na categoria de auxiliares ou plenos, ou então se ocorrem em ambas as categorias num mesmo período de tempo.

Depois de estipular os códigos, criamos um novo arquivo onde foram agrupados os **1455** dados que fazem parte do *corpus*, copiados em uma segunda coluna de uma nova tabela (exemplo abaixo). Na primeira coluna, foram codificados, usando os códigos do quadro 2 anteriormente apresentado<sup>34</sup>. Somente os códigos da coluna 1, exemplificados no quadro a seguir, são usados para as rodadas no sistema GoldVarb 2001.

QUADRO 3 – Tabela de codificação dos dados coletados.

COMEÇAR	
COLUNA 1	COLUNA 2
(caps@acz	Começou + esconder (sem preposição) grande. E tanto que o sol começou esconder os rayos de sua claridade, e o crepusculo da noite
(capcda/z	poderom o sol que começava de sayr, viram viir contra sy Mouros e Mouras, com seus filhos e filhas, que seryam per todos, segundo seu esmo,
(capcdanz	O espaço era pequeno donde os iniigos jaziam, osquaes sentindosse cercados, começaram de sayr das choças, e come homens mais cheos de
(cags@Acz	Começando fazer seus Mouros, e começando fazer sua vyagem, sobrevco tam grande tormenta, que lhe foe necessaryo tornar outra vez a Lixboa, donde
(caicaAcz	poderdes. Aynda de todo estas rezooes nom eram acabadas, quando muytos daquelles co- meçavam a estender seus passos, e outros cor- rvam ia quanto podvam. E os Mouros (1) como

<sup>34</sup> À medida que os trechos foram colados na coluna 2, procuramos anotar alguma peculiaridade encontrada próximo ao exemplo (formação diversa da procurada para a pesquisa, classe acional interessante para aquela formação, etc.). A tabela na íntegra contém 1455 trechos, em cerca de 100 páginas de documento *word*. Esse trabalho levou cerca de seis meses, uma vez que, após a codificação, o trabalho foi revisado, após a profa. Teresa Wachowicz ter disponibilizado uma tabela de classificação para os verbos, produzida por ela e seus orientandos.



(capcdacz)	tural conhecimento, onde os nossos cobravam muyto mayor fortelleza, veendo sua temerosa torvaçom; e começaram logo de prender em elles o mais que podyam; e veendo alguis que
(capcda/z)	muy sem piedade; mas o feito durou pouco em este termo, porquanto os contrairos começaram de fogir. E taes hi ouve, que por aquella vez
(capcdanz)	ros ja tiinham, começaram os capitaaes, com aquelles principaaes de seus navyos, de fallar sobre ello, pera se conselharem da maneira que teeryam. Nós, disserom alguis, nom podemos
(capcdacz)	sempre ha desvairados acordos, começaram os primeiros de dizer, que tal sayda lhe parecia
<b>ACABAR</b>	
(apds//cR)	<b>T</b> Anto que foraõ acabados hos dictos escaybos, e concordias, e todalas outras couzas sobre q̃ antre hos Rex avia alguis duvidas, e
(apds//cR)	Acabadas estas couzas ElRey D. Fernando se partio Dalcanizes com ha Rainha sua molher, e El.
(apds//cR)	Acabados hos convites ElRey, e ha Rainha Daragam se volveraõ ha Tarraçona, e ElRey D. Diniz,
(apds///R)	E com esta concordia feyta, e acabada, hos Rex muy alegres, e contentes se despediram, ha saber
(apds///R)	do dicto cazo era feyto, em que era escrita ha confissao que hos dictos prezos fizeraõ, ho quaal como foy acabado, ho dicto Mestre Jacobo como pessoa mais principaal ale.
(apdce/cR)	lhantes crimes elles, e hos da Ordem eram de todo inocentes, e encomendando suas almas ha Deos, e aa Virgem Maria sua madre eraõ contentes de acabar como acabavaõ em tormento de luas vidas, e
(apps///R)	Mestre que era, foy recolhido aa Ordem de Christo, e lhe deram ha comenda de Castello novo em que viveo, e acabou.
(cpMs///R) (apfs///R)	quiz fazer, e me mandou dizer, que ho que começara havia de acabar, aho que eu por evitar tamanho mal

(apds//cR		tres, e acabadas estas concordias de que todo Regno pareceo, que rece- bia muito prazer, e descanso, El- Rey, e ha Rainha, e ho Ifante se	
-----------	--	--	--

O passo seguinte foi rodar os dados no programa GoldVarb 2001 e analisar as ocorrências a partir dos resultados estatísticos e probabilísticos obtidos, em quantidade de dados, porcentagem e peso relativo: de acordo com os grupos de fatores selecionados, verificando as porcentagens, temos um retrato do uso e verificando os pesos relativos temos a probabilidade da forma ocorrer na língua, como já dissemos. Nesse sentido, com a análise dos resultados obtidos, podemos verificar quantas perífrases, por exemplo, aparecem com cada tipo de verbo principal: atividade, estado, *accomplishments*, *achievements*; a complementação ou adjunção que aparece; qual é a regência desses verbos na categoria de plenos e na de auxiliares e quando possivelmente ela se estabilizou e estimar em que estágio do processo de gramaticalização, conforme Heine (1993), estão os verbos pesquisados.

A seguir, conforme descrito em Lorigian-Penkal (2004, p. 76-79), expomos como o GoldVarb 2001 executa as etapas de análise, em diversos níveis e compara progressivamente pesos relativos para os diversos fatores para realizar a seleção estatística a cada passo da análise. Assim, primeiramente, o programa calcula a média global corrigida de aplicação da regra, ou seja, é a probabilidade de aplicação da regra, dado o nome de *input* da regra. Depois, o programa calcula os pesos relativos de cada grupo de fatores isoladamente em comparação ao *input* dado no primeiro momento de análise.

Nesse momento, o programa compara o *input* e atribui a cada um dos grupos de fatores um *log likelihood* (este número refere-se à medida do grau de adequação do modelo aos dados, e a cada uma das fatores é atribuído um nível de significância (ou seja, considera a margem de erro). Este *log* quanto mais próximo a zero mais interessante é para os resultados, pois quer dizer que os dados estão consistentes. Assim, os grupos mais significativos são selecionados em ordem de relevância, e os menos relevantes são eliminados. Esse processo se chama *step up* e seleciona os grupos de fatores mais significativos para a análise

sucessivamente a cada nível de análise que o programa executa. Dessa forma, os grupos vão sendo selecionados como estatisticamente mais relevantes e o GoldVarb 2001 atribui o *log likelihood* e níveis de significância a cada variável testada, apontando o peso relativo de seus fatores. Assim sucede um grupo após outro até que não reste nenhum estatisticamente relevante a ser verificado.

Esse mesmo processo ocorre inversamente e recebe o nome de *stepdown*. Nesse momento, o programa verifica se os fatores selecionados não são eliminados e se os fatores não selecionados são eliminados. Esse processo assegura que o conjunto de grupos selecionados são ideais para a análise. Ocasionalmente as duas análises (*stepup* e *stepdown*) podem não coincidir, e o apresenta-se *status* indefinido. No caso dos fatores para esta pesquisa, não houve nenhum grupo de fatores indefinido. Nesse sentido, salientamos que para a leitura/interpretação dos números pelo pesquisador, conforme Loregian-Penkal (2004, p. 78), é importante a comparação dos efeitos de dois fatores quaisquer em um grupo de fatores, medindo as diferenças e não os valores individuais ou isolados, porque, por exemplo, se determinado fator apresenta o peso relativo de 0.42 e, o outro, o peso de 0.57, os dois resultados estão próximos ao ponto neutro de 0.50. No entanto, se comparamos os dois fatores entre si, a diferença é de 0.15 e, dessa forma, o resultado torna-se relevante para a interpretação dos dados. Ou seja, reforçamos que os números são apenas acessórios, cabendo ao pesquisador a função de interpretar linguisticamente e qualitativamente os resultados<sup>35</sup>.

Também é importante ressaltar que, conforme as rodadas vão sendo realizadas, e devido à necessidade de retirar ou acrescentar um dado para um fator de determinado GTs (inclusive um dado fictício), para eliminar o nocaute, por exemplo, a quantidade total de dados rodados é alterada. Por isso, na primeira rodada, dos 1455 dados totais que compõem o *corpus*, esse número é reduzido. Além disso, conforme os níveis são analisados pelo sistema, é verificada somente a quantidade de dados em que o fenômeno ocorre no montante de dados, por exemplo: *começar* só na categoria de auxiliar, ou só com preposição, etc.

---

<sup>35</sup> Os resultados somados dos fatores sempre resultam em 0.99 (como no exemplo apresentado,  $0.42+0.57=0.99$ , como poderá ser observado em todos os quadros do próximo capítulo, uma vez que contamos somente as duas casas decimais após a vírgula).

Embora os verbos que estão em análise sejam o *começar* e o *acabar* (grupo 1), foi escolhido o (a)*costumar* como contraexemplo e comparação. Além disso, há *principiar*, *terminar*, *cessar* e *findar* para tentar determinar se havia algum outro verbo que ocupava a posição de auxiliar com o mesmo valor semântico de *começar* e *acabar* (ou seja, estipular algum tipo de variação). Para *principiar*, *terminar*, *cessar* e *findar*, o número de ocorrência foi mínimo, dando nocaute para esses fatores e, portanto, foram eliminados nas rodadas posteriores à primeira.<sup>36</sup> Esses resultados mostram que nas obras consultadas não ocorre (ou ocorre minimamente) variação entre o uso de *começar* e *acabar* e seus sinônimos (*principiar*, *terminar*, *cessar* e *findar*).

A partir desta constatação e depois de várias rodadas, chegamos a resultados que apontam a ocorrência de *começar* e *acabar* e a construção a que estão vinculados, que apresentamos no capítulo 4 a seguir, com os grupos de fatores selecionados como relevantes pelo programa GoldVarb 2001, dos oitos GFs estabelecidos, com análise dos resultados que os dados apresentam.

---

<sup>36</sup> O nocaute acontece quando há 100% de ocorrências para uma fator e 0 % para outro do mesmo grupo, ocasionando a não possibilidade do sistema fazer a comparação entre um e outro: por exemplo, haver 100% de ocorrências para o *principiar* ou 0 % para o *cessar*, o que mostra que não há variação.

#### 4 ACABAR E COMEÇAR: UMA ANÁLISE PARA CADA GRUPO DE FATORES SELECIONADOS

Neste capítulo, confrontamos, comparamos, interpretamos e analisamos os resultados obtidos por meio do programa GoldVarb 2001, para testar as hipóteses levantadas para este trabalho, retomadas resumidamente a seguir:

1. *Começar* e *acabar* estão em processo de gramaticalização (Castilho (1996); Givón (1979); Heine (1991, 1993, 2007); Hopper (2003); Travaglia (2002), entre outros), em um ponto do processo em que ambos estão na categoria de plenos, como em “O filme **começou/acabou**” e também na categoria de auxiliares, como em “O cineasta **começou a filmar/ acabou de filmar**”, ou seja, no estágio 3 de Heine, 1993.

2. A perífrase com o gerúndio na posição de verbo principal, como em “Estava passando pela loja e acabou entrando”, pode indicar outro estágio no processo de gramaticalização, uma vez que, de forma ambígua, indica leituras aspectuais e certa modalização. Nesta sentença, entrar na loja não era a intenção, porém ocorreu, indicando mais gramaticalização ocorrendo também com *começar* e *acabar*, nessas perífrases.

3. *Começar* e *acabar* apresentam leitura aspectual:

- c. com o *começar*, coloca-se em **foco o início** de um evento ou, entre um conjunto de eventos pressupostos, o foco se dá em um dos eventos do conjunto;
- d. com *acabar*, coloca-se em **foco o fim** de um evento ou, entre um conjunto de eventos pressupostos, o foco se dá em um dos eventos do conjunto.

4. *Começar* e *acabar* apresentam regência múltipla, quando são usados na categoria de plenos e na categoria de auxiliares, com sentidos distintos nessas duas categorias conforme preposição usada (*acabou de* difere de *acabou por*; *começou a* difere de *começou por*, por exemplo). Contudo, ainda assim a significação-base permanece atrelada a esses verbos devido a sua forte semântica lexical. *Começar*, inclusive, passou por mudanças de regências (*começar + de*; *começar + a*; *começar + sem* preposição) até a estabilização da forma *começar + a + infinitivo* (*começar a fazer*).

5. Além da carga semântica desses verbos (indicam um ponto no tempo), *começar* e *acabar* podem focalizar esse ponto em diferentes sintagmas da sentença: no verbo principal da perífrase, no complemento verbal do verbo principal ou em adjuntos.

6. Na categoria de auxiliar, *começar* e *acabar* não fazem restrição a nenhuma classe acional na formação da perífrase verbal, conforme explicitamos no capítulo 1, seção 1.2, deste trabalho.

7. Além da semântica intrinsecamente marcada desses auxiliares, que, na primeira interpretação, para qualquer sentença em que apareçam, focalizam o início/fim de “algo/alguma coisa”, quando necessário, entra em jogo também para essa leitura a composicionalidade: auxiliar + preposição + verbo principal (no particípio ou no gerúndio) + complemento verbal ou + adjuntos.

Iniciamos retomando os oito grupos de fatores estabelecidos para a verificação dessas hipóteses, no quadro a seguir. Os sete primeiros dizem respeito a questões gramaticais e sintáticas, e o último grupo diz respeito a em que obra foi encontrado o fenômeno linguístico em estudo, ou seja, para verificar em qual século houve a estabilização da forma da perífrase usada hoje: [*começar* + a + infinitivo] e [*acabar* + de + infinitivo].

QUADRO 4 – Retomada dos 8 grupos de fatores.

1	2	3	4	5	6	7	8
<i>Verbo analisado</i>	<i>Categoria</i>	<i>Tempo / flexão / modo verbal</i>	<i>Com / sem preposição</i>	<i>Preposição que rege o verbo</i>	<i>Classe acional do verbo principal</i>	<i>Formação do predicado</i>	<i>Veículo/ autor (época)</i>

O grupo 1 diz respeito aos verbos em análise – *começar* e *acabar*, que fizeram parte de várias rodadas como **variável dependente**. Em outras, a variável dependente foi a categoria (coluna dois). No grupo 1, fizeram parte também os verbos *principiar*, *iniciar*, *cessar*, *terminar* e *findar*, para verificar variação com *começar* e *acabar*, além de (a)*costumar*, que foram colocados nessa lista para compararmos estes (por terem passado pela fixação da forma muito semelhantemente ao *começar* ) ao *começar* e *acabar*.

Nas rodadas em que *começar* e *acabar* foram a variável dependente para a análise comparativa com os demais grupos, o GFs selecionados pelo programa na seguinte ordem (*step up*), foram<sup>37</sup>: primeiro grupo, **categoria** (verbo pleno, auxiliar e como substantivo); segundo, **veículo/autor (época)**; terceiro, **a preposição que rege o verbo**; quarto, **tempo/modo verbal** do *começar* e *acabar*. No *step down*, para essas rodadas, foram eliminados nessa ordem os grupos **composicionalidade do predicado** (complementação e adjunção), **classe acional do verbo principal** e **com ou sem preposição**. Este último grupo foi eliminado em todas as rodadas realizadas, mesmo na troca da variável dependente.

Nas rodadas em que a **categoria** foi o grupo colocado em primeiro lugar para a comparação com os demais, com *input* de 0.95; log *likelihood* de 121,690 e significância de 0.003, foram selecionados três grupos como mais relevantes, o de **preposição que rege o verbo**, seguido de **veículo/autor (época)**, depois a **classe acional do verbo principal**. No *step down*, foram eliminados os seguintes grupos, nesta ordem: **composicionalidade do predicado**, **com ou sem preposição**, **tempo/flexão verbal** do *começar* e *acabar* e, por fim, o grupo que contém os verbos *começar* e *acabar*.

Em suma, temos dois grupos igualmente eliminados em ambas as rodadas: “com ou sem preposição” (resultados apresentados associados aos do grupo das preposições); e “composicionalidade de predicado” (apresentadas algumas considerações no apêndice 4, no final da tese, devido ao resultado ser muito parecido com classes e tempos verbais). Como dissemos acima, fizemos rodadas diferentes com dois diferentes grupos de variáveis dependentes, e, para melhor visualização de como ficaram as seleções e eliminações, segue um quadro ilustrativo:

---

<sup>37</sup> Os grupos selecionados apresentaram o seguinte resultado: *input* de 0.80; log *likelihood* de 380.40 e significância de 0.0; ou seja, fatores importantes para análise com dados bastante relevantes e confiáveis.

QUADRO 5 – Seleções e eliminações dos grupos de fatores.

Fatores	1. COMEÇAR/ACABAR		1. CATEGORIA: PLENO vs. AUXILIAR.	
	Seleção	Eliminação	Seleção	Eliminação
1.º	categoria verbal	composicionalidade do predicado	Preposição	composicionalidade do predicado
2.º	veículo/autor (época)	classe acional do verbo principal	veículo/autor (época)	Com ou sem preposição
3.º	preposição	com ou sem preposição	classe acional do verbo principal	Tempos/modos verbais
4.º	Tempos/modos verbais			Começar e acabar

Legenda:   Fatores selecionados nas rodadas, trocando a variável dependente *começar* e *acabar* por *categoria*.






  Fatores eliminados nas rodadas, na troca de variável dependente, trocando a variável dependente *começar* e *acabar* por *categoria*.

Uma explicação para o fato do **tempo verbal** ora ter sido selecionado ora ter sido eliminado, e o mesmo ter ocorrido com a **classe acional**, é que ambos, classe e tempo verbal, interagem na marcação de aspecto, ou seja, marcam coisas parecidas e correlacionadas no sistema linguístico. Isso corrobora o que as teorias de aspecto apontam: tanto o aspecto lexical (classe acional dos verbos) quanto as flexões modo-temporais se somam para indicar a leitura final do aspecto na sentença. Nesse sentido, esses dois grupos de fatores se sobrepõem na equação final realizada pelo GoldVarb (mostramos os resultados para ambos os grupos nas subseções mais abaixo). Ou seja, conforme os diferentes níveis de análise que o GoldVarb 2001 está programado para realizar, calculando cada fator dentro dos grupos, tempo e aspecto se apresentam como relativamente estáveis no sistema linguístico. Mais importante que isso, essa estabilização no sistema linguístico apontada nos GFs tempo verbal e aspecto é uma confirmação de que, para esses verbos (*começar* e *acabar*), a força lexical é maior, sobrepondo-se às demais.

Os verbos sinônimos de *começar* e *acabar* serviriam para verificar se havia coocorrência ou concorrência significativa para eles, o que se mostrou improdutivo para essa análise, uma vez que a quantidade de ocorrências de *principiar*, *terminar*, *cessar* e *findar* foi irrisória e, já na primeira rodada, houve nocaute para vários deles, como se pode observar no quadro a seguir:



QUADRO 6 – Resultado do total de dados na categoria de plenos, auxiliares e nome.  
 FONTE: GoldVarb 2001, rodados em 04/08/2011

Number of cells: 385    Application value(s): caCAptçf    Total no. of factors: 39											
Fatores: c   a   C   A   p   t   ç   f   Total   %											
-----											
1 (2)											
 a	N	540	101	71	3	0	0	7	0	722	49
	%	74	13	9	0	0	0	0	0	* KnockOut *	
 p	N	213	259	45	15	3	8	16	0	559	38
	%	38	46	8	2	0	1	2	0	* KnockOut *	
 t	N	75	0	96	0	3	0	0	0	174	11
	%	43	0	55	0	1	0	0	0	* KnockOut *	
<b>Total</b>	<b>N</b>	<b>828</b>	<b>360</b>	<b>212</b>	<b>18</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>23</b>	<b>0</b>	1455	
	%	56	24	14	1	0	0	1	0		
-----											
Legenda:  Fatores: c – começar; a – acabar; C – costumar; A – acostumar; p – principiar; t – terminar; ç – cessar; f – findar.											
 Fatores para cruzamento: a – auxiliar; p – pleno; n – nome.											

Como se verifica na linha “total” do quadro, foram contabilizadas apenas 6 ocorrências com o *principiar*; 8 com o *terminar*, 23 com o *cessar* e nenhuma com o *findar*, ou seja, 37 num total de 1455 dados contabilizados. A surpresa para esse resultado foi com o *terminar*, pois esperávamos que este verbo já estivesse mais presente na língua e seu uso fosse mais acentuado, mesmo nos textos antigos, já que a datação deste verbo é do século XIV, fixada por Houaiss eletrônico, como sinônimo para *concluir* e *demarcar*. Nos trechos a seguir, além disso, verifica-se que os verbos *principiar* (1), *terminar* (2) e *cessar* (3) não estão sendo usados como verbo auxiliar, como “terminou fazendo”, por exemplo (não encontramos um exemplo em que esses verbos ocupassem essa categoria no *corpus* desta pesquisa).

- (1) “... delRey D. João, escreveo a de D. Duarte, e principiou a do mesmo D. Affonso V...” (Fernão Lopes, Crônica de D. Pedro I, p. 258).
- (2) “... porque se termine todo seu acto em aquelle principio donde começou.” (Zurara, Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 462).
- (3) “E des-ahi esperando que cessasse tal tempo, como foi acontecer aquello porque iam.” (Fernão Lopes, Crônica de D. Pedro I, p. 125).

Como as obras consultadas para a formação do *corpus* desta pesquisa não apresentaram variação entre estes e *começar* e *acabar*, fizemos novas rodadas retirando os dados com *principiar*, *terminar*, *cessar* e *findar* (além de

(a)*costumar*, que foi rodado em separado também posteriormente para verificar a fixação da forma de perífrases com esse verbo), para computar somente as ocorrências com *começar* e *acabar* como grupo de fatores de controle em relação aos demais preestabelecidos para esses verbos. Assim, dos dados restantes para outras rodadas em que *começar* e *acabar* foram estabelecidos como variável dependente, os resultados são os do quadro a seguir:

QUADRO 7 – Resultado em quantidade de dados e porcentagem como plenos, auxiliares e nome.  
FONTE: GoldVarb 2001.

Grupo		Começar	Costumar	Acabar	Total	%
Auxiliar	N	540	71	101	712	50
	%	74	9	13		
Pleno	N	213	45	259	517	37
	%	38	8	46		
Nome	N	75	96	1*	172	12
	%	43	55	1*		
Total	N	828	212	360	<b>1400</b>	
	%	56	14	25		

\* Dado acrescentado para não dar nocaute, pois não encontramos *acabamento*, por exemplo, nos dados, o qual foi acrescentado.

*Começar* aparece em 540 dados como auxiliar (76%); em 213 (38%) como verbo pleno; e 75 como o nome *começo* (43%), totalizando 828 ocorrências (56%) no total de 1400 dados para essa rodada. O nome foi computado para verificar se a regência para nome e verbo sofre alteração no decorrer dos séculos e também porque este substantivo tem a significação-base do verbo, conforme Houaiss eletrônico:

s. m. **1** ato ou efeito de começar; **1.1** o primeiro momento da existência de ou o segmento inicial de uma ação ou coisa que tem continuidade no tempo e/ou no espaço; princípio; **1.2** causa primeira, origem”. Observando somente esses números, poderíamos dizer que *começar* é mais frequente como auxiliar que como pleno, inclusive, mais que o *acabar* (101 dados como auxiliar, 13%; em 259 como verbo pleno, 46%). Porém os pesos relativos para eles, analisados na seção 4.1.1 melhor explicitam o que está ocorrendo com ambos os verbos.

Em relação ao nome correspondente ao *começar* – *começo* (datado do século XIII no referido dicionário), tem uso bastante acentuado nas obras, observando a quantidade e a porcentagem. Ele aparece em 75 dados rodados para as obras pesquisadas, com a regência *de* em 43 dados (contabilizados no GFs

“preposição”. Vale salientar que nenhum dado apresenta a preposição *a* regendo o substantivo *começo*, em nenhuma época pesquisada). O dado (4) da obra de Rui de Pina, *Chronica de D. Dinis*, p. 7, em que o evento começado diz respeito às *grandes inimizades* e o dado (5) da obra de Zurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 05, em que a eventualidade começada é o entendimento, exemplificam esse uso:

(4) “e havendo entre sy muitas diferencias, e começos de grandes imizades, partio de Jerusalem...”.

(5) “E assy onde foe o começo do entender. Ally faz fim a vontade amante.”

Em (6), apresentamos um exemplo de *começo* sem a preposição *de*, também na obra de Zurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 77:

(6) “Porque o philosofo disse, que o começo eram as duas partes...”

*Começo* permanece com a regência *de* até o português contemporâneo, só havendo a estabilização de regência para a categoria do verbo (*de* para *a* como veremos adiante). Já em relação ao verbo *acabar*, não encontramos o nome correspondente, *acabamento*, porém a expressão “a cabo de”, que significa *no fim de*, em que *cabo*<sup>38</sup> (do qual originou o verbo *acabar*) e *acabar* têm a mesma regência. Hoje o falante usa pouco *a cabo de*, ficando seu significado mais evidente no uso das expressões “dar cabo de” ou “levar a cabo” (Ele deu cabo de todo o estoque/ Levou a cabo o plano, por exemplo). A seguir, apresentamos exemplos encontrados:

(7) “... e depois a cabo de tres anos, veeo sobre a dieta cidade grande poderyo de Mouro” (Zurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 27).

(8) “... ao cabo deste ryo, onde eu fiquei no outro anno aos Mouros que fosse fazer a mercadarya, e a nom avemos pera que estar aquy...” (Zurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 27).

---

<sup>38</sup> Inicialmente, *cabo* do latim *caput, itis* significava “cabeça, parte superior, etc.”, através do latim vulgar *capus, i.*, do qual se origina a expressão “de cabo a rabo”, por exemplo. Além disso, *acabamento*, fora o sentido de término de um período ou coisa realizada, significa o tratamento final ou revestimento de uma superfície.

Em (7), a expressão *a cabo de*, ao se ligar a *tres anos*, forma um adjunto temporal, e, em (8), ao se ligar a *esse ryo*, forma um adjunto de lugar. Nesse sentido, podemos pensar na discussão de Ilari (2008) apresentada no capítulo 2, em que ele discute que a preposição *de* (Datação: 850-866, conforme Houaiss eletrônico) particularizava a origem de um movimento e seu ponto de chegada, em sentido mais concreto, ou seja, com sentido de movimento ou o fato de que o movimento termina no interior ou nas proximidades de um espaço. Ou seja, se anteriormente, no latim, a preposição era empregada em sentido mais concreto, passou também a um sentido mais abstrato – isto é, de um sentido espacial para um sentido que aponta a direção (no sentido da linha do tempo).

Para o verbo *costumar* (verbo de contraexemplo), observando o quadro 7, registram-se 71 ocorrências (9%) como auxiliar; 45 (8%) ocorrências como pleno; e 96 dados (55%) com o nome *costume*, ou seja, um número bastante significativo em relação à ocorrência do uso de “ao cabo de” e próximo à quantidade de *começo* no *corpus*. O *costumar* é um auxiliar parecido com *começar* e *acabar*, pois sintaticamente seleciona um sujeito e um verbo-base como complemento na perífrase = costumo fazer tarefa, por exemplo. Passamos a seguir aos resultados dos grupos de fatores selecionados como relevantes para *acabar* e *começar*.

#### 4.1 ACABAR E COMEÇAR: PLENOS VS. AUXILIARES

O primeiro grupo de fatores analisados diz respeito ao *começar* e ao *acabar* na categoria de verbo pleno e na de auxiliar. Primeiramente, destacamos que eram usados em três tipos de construções nas obras pesquisadas que cobrem os séculos XIV ao XVII, já apresentadas anteriormente:

a) como verbo pleno, com complemento direto, como em (9) ou indireto, como em (10):

(9) “... tomou a parte d’ el rei D. Pedro e perseverando n’ella acabou sua vida” (Fernão Lopes, *Chronica de El-Rei D. Fernando*, p. 77).

(10) “Consiirando que assy como todallas outras cousas caasy começavam então com a novidade do regedor, assy nos pareceo rezom que começassem todollos livros...” (Zurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 447).

b) em construções com o participio mais SN, marcando também algum tipo de pontualidade (isto é, uso não como auxiliar), como em:

- (11) “Quando os castelhanos isto souberam, ordenaram de os attender, e lançaram uma grossa cillada de muita gente em um logar escuso, de que os portuguezes não souberam parte; e, começada a peleja, levavam os de Portugal a melhor de seus inimigos.” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. Fernando, p. 60).
- (12) “A rainha, que andava prenhe, havendo treze dias que ali estava, pariu um filho, e mostrou el-rei muy grão prazer e aquelles que da parte da rainha eram, e acabados quatro dias morreu.” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. Fernando, p. 108).

Ou seja, nessas duas construções, os verbos são usado na categoria de plenos, sendo o SN a parte da sentença que indica o que é começado/acabado: sua vida, em (9); a novidade do regedor e todos os livros em (10); a peleja em (11) e quatro dias em (12), focalização de um ponto que assumimos neste trabalho e que ocorre também quando estão na posição de auxiliares.

c) em perífrases verbais aspectuais:

- (13) “Em esta cezão que ElRey Dom Pedro começou de reynar, ordenou ElRey de Castella de enviar por o corpo de Raina Dona Maria, sua mãy, que faleceo em Portugal, vivendo ainda Elrey D. Pedro I.” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. Pedro, p. 55).
- (14) “As molheres vestem alquices, que som assy como mantos, com os quaes soamente cobrem os rostos, e perally entendem que acabam de cobryr toda sua vergonha, ca os corpos trazem todos nus.” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 447).

Nessas formações, a focalização do ponto no tempo acontece no verbo-complemento; e, para verificar em qual categoria (pleno ou auxiliar) estão em uso em Português, ou se estão em mais de uma delas, que o grupo “categoria” foi estabelecido como variável dependente, com os seguintes fatores: **pleno**, **auxiliar** e **nome**. O nome, como já dissemos, entrou neste grupo para verificarmos num próximo grupo de fatores (preposição) qual delas é a regência de verbo e de nome e se houve alguma alteração dessa regência no decorrer dos séculos para as duas categorias. Nas diferentes rodadas somente com *começar* e com o *acabar*

separadamente (retirados os demais verbos apresentados acima), em um total de 1.186 dados, há os seguintes resultados apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 8 – Tabelas comparativas dos pesos relativos de *acabar* e *começar* na categoria verbal e na de nome<sup>39</sup>.

FONTE: GoldVarb 2001.

<i>Acabar</i>				<i>Começar</i>			
Input = 0.04 Log likelihood = 380.40 Significância = 0.00				Input = 0.95 Log likelihood = 380.40 Significância = 0.00			
Grupo	Aplicação / Total	%	P. R.	Grupo	Aplicação / Total	%	P. R.
Pleno	259/472	54	0.92	pleno	213/472	45	0.07
Auxiliar	101/638	15	0.56	auxiliar	540/638	84	0.43
Nome	1/76	1	0.01	Nome	75/76	98	0.94
Subtotal	361/1.186	30		Subtotal	828/1.186	69	

Em termos de porcentagem e quantidade de dados, observados no quadro, o *acabar*, num total de 361 dados totais para este GF, 259 (54%) retratam a frequência de uso na categoria de pleno e 101 dados (15%) como auxiliar; já o *começar* apresenta resultado inverso: na categoria de pleno são 213 dados (45%) de frequência de uso, e 540 (84%) na categoria de auxiliar. Em relação aos pesos relativos, há 0.56 de probabilidade de *acabar* ocorrer como auxiliar e 0.92 como pleno; e *começar* 0.43 de probabilidade de ocorrer como auxiliar contra apenas 0.07 como pleno.

Contudo, veremos adiante que podemos precisar melhor esse resultado quando fazemos uma rodada sem os dados contendo o *nome* na estatística. Assim, se levássemos em consideração somente esse quadro, se delinearíamos, com a frequência de uso (as porcentagens), nessa primeira rodada, que os dois verbos se comportam diferentemente no sistema linguístico. Para verificar se esse resultado se mostra consistente, fizemos novas rodadas com a **categoria** como parâmetro de comparação com os demais fatores do GFs. Para tanto, retiramos apenas o *nome* para se obter resultados somente da categoria verbal.

<sup>39</sup> Observe que os resultados somados dos fatores resultam em 0.99 (como no quadro, em que pleno para *começar* é 0.92 e pleno para *acabar* é 0.07 (0.92+ 0.07= 0.99). O que ocorre para os demais fatores analisados neste trabalho, pois não somamos os centésimos que dariam 100.

QUADRO 9 – Tabelas comparativas dos resultados de *acabar* e *começar* na categoria verbal (pleno vs. auxiliar).

FONTE: GoldVarb 2001.

<i>Acabar</i>				<i>Começar</i>			
Input = 0.95 Log likelihood = 121,69 Significância = 0.016				Input = 0.95 Log likelihood = 121,69 Significância = 0.016			
Grupo	Aplicação / Total	%	P. R.	Grupo	Aplicação / Total	%	P. R.
Pleno	255/383	66	0.41	pleno	220/383	29	0.54
Auxiliar	128/734	33	0.58	auxiliar	514/734	70	0.46
Subtotal	383/1.117	34		Subtotal	734/1.117	65	

Os resultados do quadro mostram que o *começar* ocorre em ambas as categorias (0.54 vs. 0.46 = 0.08); o mesmo pode se dizer para o *acabar*, com a diferença que provavelmente há maior probabilidade de ocorrência na categoria de auxiliar (0.58 vs. 0.41 = 0.17), uma vez que a diferença é superior a 10 pontos a mais para o auxiliar. Isso também pode ser percebido quando fazemos a diferença dos resultados entre *começar* e *acabar* na mesma categoria: entre 0.58 para o *acabar* vs. 0.46 para o *começar*, há uma diferença de 0.12, para que o *acabar* ocorra na categoria de auxiliar; e entre 0.54 para o *começar* vs. 0.41 para o *acabar*, há uma diferença de 0.13 para que o *começar* ocorra na categoria de pleno. Por esses resultados, embora os valores sejam bem próximos, percebe-se que *acabar* tende levemente, pelo menos na amostra, a auxiliar e *começar*, a pleno (como ambos os resultados distam muito próximos a dez pontos, e os valores são muito próximos ao ponto neutro de análise (0.50), é possível confirmarmos que ambos os verbos estão ocorrendo hoje tanto como auxiliar quanto como plenos).

Dessa forma, para essa primeira variável analisada, verifica-se que ambos os verbos – *começar* e *acabar* – cumprem função na categoria de plenos e na de auxiliares, com a probabilidade da forma ocorrer como auxiliar de 0.58 para o verbo *acabar* vs. 0.46 para o *começar*, uma diferença probabilística não acentuada. Ou seja, verifica-se que há **recategorização**, com atuação do princípio de Hopper (1991), a **divergência**, ou melhor, o item lexical se gramaticalizou em item gramatical – *começar* e *acabar* plenos passaram também a auxiliares, exemplificados em (15) e (16), mas a forma original permanece como elemento autônomo, como nos exemplos (17) e (18) a seguir:

- (15) “Depois que el-rei acabou de falar com o conde, disse que era bom que sahissem em terra, e entraram nos bateis o conde e sua mulher, e esses senhores e fidalgos e donas e donzellas e muita d’outra gente que com elles vinham;...” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. João I, p. 43).
- (16) “Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de minguar, e morriam alguns e soterravam n’os em terra, e d’ali os dessoterravam os lobos e comiam-n’os; e, posto que lhe el-rei mandasse navios com biscoito, que se fazia no Algarve e em Lisboa...” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. Fernando I, p. 128).
- (17) “...e el-rei D. Pedro havido por bom e ardido cavalleiro, que em tal tempo não perdeu coração e esforço, mas elle sem nenhuma ajuda e el-rei D. Henrique com muitos matou-o por sua mão e assim acabou sua trabalhosa vida.” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. João I, p. 82).
- (18) “Desfalleceu isto quando começou a guerra e nasceu outro mundo novo muito contrario ao primeiro, passados os folgados annos do tempo que reinou seu paes...” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. Fernando I, p. 6).

Porém, não se confirma a tendência desses verbos ocorrerem na categoria de auxiliar como forma mais usada, pois, como item autônomo, ou seja, verbos plenos, a diferença é próxima a 10 pontos (0.54 para o *começar* e 0.41 para o *acabar*). Nesse sentido, dizemos que estão no estágio 3 de Heine (1993), combinando-se com um verbo-complemento no infinitivo, gerúndio ou particípio (como nos exemplos (15) e (16), em que há um infinitivo) que agora designa atividade ou evento (*começou de falar*, em (15), por exemplo, em que *falar* designa uma atividade); a identidade de sujeito entre verbo e complemento se torna uma exigência (isso não ocorre para *acabar* e *começar*, uma vez que como aspectualizadores o comportamento sintático difere e não formam um bloco coeso como nas perífrases com auxiliares aspectuais, como *andar/viver/ficar/continuar + -ndo*); o verbo e seu complemento referem ao mesmo tempo; e o verbo como auxiliar passa a expressar as distinções tempo, aspecto e modo (isso se confirma nas análises de outros fatores nas próximas seções).

Nesse estágio, apresentam **persistência semântica**, isto é, o significado contido no verbo pleno (focalização de ponto no tempo) está presente na categoria de auxiliar – tanto *começar* quanto o *acabar* não apresentam enfraquecimento semântico, como Squartini (1998) dizia acontecer, ou estão tendo esse enfraquecimento de forma bastante gradual nessa passagem. Portanto, afirmamos



que a semântica lexical é forte para esses aspectualizadores, melhor dizendo, inerentes a eles a noção de **focalizar um ponto na linha do tempo** (**ponto inicial** para o *começar* e **ponto final** para o *acabar*) está fortemente presente.

#### 4.2 ACABAR E COMEÇAR: OBRAS/ÉPOCAS CONSULTADAS

Ao apresentarmos, no capítulo 3, informações sobre os textos e os autores consultados para esta pesquisa, falamos do conteúdo que abordam: as crônicas relatam a história de Portugal e os acontecimentos da vida pessoal, social e política dos reis deste país. Essas crônicas trazem uma amostra de como era a escrita formal dos séculos em que foram produzidas (século XV ao XVI); bem como assim o fazem os sermões do Padre Viera para o século XVII, a Gazeta do Rio de Janeiro para o século XIX e a *Veja* para o século XX. Embora saibamos da heterogeneidade apresentada pelos textos escolhidos, eles são uma amostra da escrita destes períodos. Além disso, são gêneros em que predomina a tipologia da ordem do narrar (relatos e narrações), o que garante ao menos certa estabilidade no *corpus*.

Das obras dos cronistas, de Fernão Lopes, foram retirados dados de cerca de 2400 páginas, com 533 dados computados, seguido por Zurara (Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné – 508 páginas), com 148 dados computados por fim, por Rui de Pina: Crônicas de D. Afonso I (50 páginas); D. Afonso II (50 páginas); D. Sancho I (70 páginas); D. Sancho II (40 páginas) e D. Diniz (120 páginas), com apenas 60 dados. Em suma, 533 dados na obra de Fernão Lopes, 148 na obra de Zurara e 60 na obra de Rui de Pina, totalizando 741 dados que cobrem os séculos XIV ao XVI. Dos sermões de Vieira (em documento PDF – 251 páginas), foram computados 375 trechos. Da Gazeta do Rio de Janeiro, são 58 dados e, por fim, apenas 12 da revista *Veja*.

Assim, para este GFs (segundo grupo selecionado pelo GoldVarb 2001 como relevante, em que *começar* e *acabar* foram rodados separados um do outro, mas não separatos nas categorias pleno e auxiliar), os fatores em análise dizem respeito à época/obra de onde os dados foram retirados. Para esse grupo, foram

computados 1184: 361 – 30% com o *acabar* e 825 – 69% com o *começar*, conforme quadro a seguir:

QUADRO 10 – Tabelas comparativas de *acabar* e *começar* nas obras/épocas pesquisadas.  
FONTE: GoldVarb 2001.

	TABELA 1			TABELA 2		
Grupo	<i>Começar</i>			<i>Acabar</i>		
	Input = 0.95 Log likelihood = 380.40 Significância = 0.03			Input = 0.04 Log likelihood = 380.40 Significância = 0.03		
	Aplicação / Total	%	P. R.	Aplicação / Total	%	P. R.
Fernão Lopes	471/533	88	0.92	62/533	11	0.07
Zurara	108/148	72	0.78	40/148	33	0.21
Rui de Pina	24/60	40	0.43	36/60	55	0.56
Vieira	188/375	50	0.31	187/375	49	0.68
Gazeta	26/58	44	0.26	32/58	60	0.73
Veja	08/12	66	0.15	4/12	27	0.84
Total	825/1184	69		361/1184	30	

Os resultados apresentados no quadro mostram a distribuição de ocorrência no decorrer do tempo (a relação das obras segue cronologicamente o tempo): do século XV, com Fernão Lopes, ao século XX, com a revista *Veja*: observando a tabela 1 do quadro, na obra de Fernão Lopes, os resultados apresentam peso relativo de 0.92 para o *começar* (uso acentuado, com 471 dados, 88% do total de dados para esse fator) contra apenas 0.07 para o *acabar* nesta obra (tabela 2). Com a probabilidade de o *começar* aparecer na obra de Zurara de 0.78 (108 dados – 72% do total computados para este fator) contra 0.21 para o *acabar* nesta obra (tabela 2), caindo consideravelmente nos séculos seguintes até os dias atuais: em Rui de Pina, cai para 0.43 (24 dados – 40%); cai mais ainda nas obras de Vieira, chegando a 0.31 (188 dados – 50%); e na Gazeta do Rio de Janeiro (século XIX), com 0.26 de probabilidade de *começar* aparecer (26 dados do total computados para este GFs, ou seja, 44%); e, por fim, na *Veja*, a probabilidade é de apenas de 0.15, devido possivelmente ao pequeno número de dados na amostra (8 dados – 66%).

Para o verbo *acabar* (tabela 2 do quadro), ocorre o inverso, com a probabilidade de uso sendo acentuada no decorrer dos séculos, após o XV: em Rui de Pina é de 0.56; em Vieira é de 0.68 e na Gazeta do Rio é de 0.73, subindo na

*Veja* para 0.84. Isso ocorre possivelmente porque esse verbo começa a apresentar novas significações quando usado na categoria de auxiliar (como com as formações *acabar* + *ndo*, que a formação *começar* + *-ndo* ainda não agrega totalmente) e porque está em concorrência na atualidade também com o verbo *terminar*, que merece estudos mais apropriados, pois não apareceu no *corpus* para esta pesquisa. Uma hipótese para o decréscimo de ocorrência com o *começar* no decorrer do tempo é talvez o fortalecido posteriormente do uso de outros verbos com o mesmo valor semântico e sintático como o verbo *iniciar* (embora os dados coletados para esse verbo tenham sido baixos, na nossa amostra, como vimos na primeira seção deste capítulo: *iniciar* tem a datação fixada em 1727, em Houaiss eletrônico).

Também temos a elevada ocorrência do verbo *começar* na obra de Fernão Lopes, com 471 dados, em relação aos 8 dados na revista *Veja* para esse verbo, o que poderia ter influenciado, devido a alguma interferência dos gêneros discursivos (crônicas vs. cartas). Em Fernão Lopes, ainda observa-se a diferença acentuada entre *começar* (471 dados do total de 533 para esse fator – 0.92) e *acabar* (62 dados do total de 533 para esse fator – 0.07). Essa diferença é menor e mais equilibrada na obra de Rui de Pina: 24 dados do total de 60 para esse fator – 0.43 para a ocorrência com o *começar* e 36 dados do total de 60 para esse fator – 0.56, com puma diferença, portanto, de 0.13.

Para mostrar com melhor precisão este fato, fizemos novas rodadas trocando a variável dependente para **categoria do verbo (auxiliar ou pleno)**, retirando os dados nos quais constavam outros verbos que não o *começar* e o *acabar*, e ainda o nome *começo*, além dos dados com nocaute (por isso o total de 1117 dados para essas rodadas). Nessas, como dissemos, o programa também apontou o GFs **obras/época** como o segundo grupo em relevância para análise (com *input* de 0.95, *log likelihood* de 121,690 e significância de 0.016), com os seguintes resultados<sup>40</sup>:

---

<sup>40</sup> Lembramos que em todas as rodadas, seja com a variável dependente *começar* e *acabar* ou categoria (pleno e auxiliar), o grupo **obras/época** foi selecionado como segundo grupo de relevância para a análise.

QUADRO 11 – Tabelas comparativas para pleno vs. auxiliar nas obras/épocas consultadas.  
FONTE: GoldVarb 2001.

TABELA 1			
Auxiliar			
Input = 0.95 Log likelihood = 121,690 Significância de 0.016			
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R
<i>Veja</i>	11/12	91	0.85
Gazeta	46/58	79	0.62
Fernão Lopes	336/483	69	0.62
<b>Vieira</b>	<b>171/387</b>	<b>34</b>	<b>0.47</b>
Zurara	70/127	55	0.24
Rui de Pina	8/50	16	0.08
<b>Total</b>	<b>642/1117</b>	<b>57</b>	

TABELA 2			
Pleno			
Input = 0.046 Log likelihood = 121,690 Significância de 0.016			
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.
<i>Veja</i>	1/12	8	0.14
Gazeta	12/58	20	0.37
Fernão Lopes	147/483	30	0.37
<b>Vieira</b>	<b>216/387</b>	<b>55</b>	<b>0.52</b>
Zurara	57/127	44	0.75
Rui de Pina	42/50	84	0.91
<b>Total</b>	<b>475/1117</b>	<b>42</b>	

Comparando os resultados apresentados nas duas tabelas do quadro acima, com 1117 dados rodados para as obras/épocas pesquisadas, que apresentam *acabar* e *começar* na categoria de auxiliar e de pleno, há oscilação no decorrer do tempo: no século XX, com a revista *Veja*, há 0.85 de probabilidade de ocorrer como auxiliar vs. 0.14 como plenos, uma diferença bastante acentuada de 0.71, devido possivelmente ao pequeno número de dados para essa última obra. Além disso, a probabilidade de ocorrer como auxiliar em Fernão Lopes e na Gazeta do Rio é de 0.62, uma diferença de 0.25 a mais para a categoria de auxiliar nessas obras. Em Rui de Pina, inverte-se essa situação: 0.91 de probabilidade dos dois verbos ocorrerem como plenos contra 0.08, como auxiliares; e, em Zurara, há 0.75 de maior probabilidade de ocorrência desses verbos na categoria de plenos com diferença também muito elevada como auxiliar – 0.24.

É relevante observar que, na obra de Vieira (**século XVII**, destacado no quadro anterior), os valores de 0.52 para plenos e 0.47 para auxiliares (diferença de menos de dez pontos = 0.5), apontam que é neste século que houve a estabilização dos dois verbos, tanto na categoria de pleno quanto na de auxiliar. Essa constatação também é dada devido à diferença na categoria de **pleno** entre as obras de Fernão Lopes (0.37), época anterior a Vieira, e as obras de Vieira (0.52), em que o resultado é uma diferença de mais de 10 pontos (0.15); e na categoria de auxiliar entre essas obras/épocas: 0.62 de probabilidade de ocorrência como auxiliar em Fernão Lopes cai para 0.47 em Vieira (diferença de também 0.15). E é neste momento também que a forma *começar* + *a* se firma (essa informação se

comprova ao cruzarmos os dados entre preposições e épocas/obras consultadas, como apresentamos na próxima seção).

Para saber da distribuição do *começar* e do *acabar* nessas duas categorias, cruzamos dados entre os verbos na categoria de pleno e auxiliar nas obras/épocas usadas para a coleta dos dados, apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 12 – Cruzamento de *começar* e *acabar* para pleno vs. auxiliar nas obras/épocas consultadas.  
FONTE: GoldVarb 2001

Grupo	verbos	AUXILIAR		PLENO		T
		n	%	N	%	
Rui de Pina	acabar	2	6	34	94	36
	começar	6	43	8	57	14
	Total	8	16	42	84	50
Zurara	acabar	17	32	36	68	53
	começar	53	72	21	28	74
	Total	70	55	57	45	127
Vieira	acabar	64	33	131	64	195
	começar	107	56	85	44	192
	Total	171	44	216	56	387
Veja	acabar	4	100	0	0	4
	começar	7	88	1	12	8
	Total	11	92	1	8	12
Gazeta	acabar	28	88	4	12	32
	começar	18	69	8	31	26
	Total	46	79	12	21	58
Fernão Lopes	acabar	13	21	50	79	63
	começar	323	77	97	23	420
	Total	336	70	147	30	483
Total	acabar	128	33	255	67	383
	começar	514	70	220	30	734
	Total	642	57	475	43	1117

*Começar* auxiliar (514 dados de 1117) apresenta uso acentuado nos séculos XV ao XVII, nas obras de Fernão Lopes – 323 dados, 77%; Zurara – 53 dados, 72% e Vieira – 107 dados, 56%, enquanto o *acabar* auxiliar (128 dados de 1117) só é mais acentuado na Gazeta do Rio – 28 dados, 88% para este fator. Como pleno, o *acabar* apresenta uso acentuado na obra de Rui de Pina – 34 dados, 94% e na de Vieira – 131 dados, 64% para essa fator. Como dissemos, o século XVII é um divisor de águas no que diz respeito ao processo de gramaticalização desses verbos, pois verificamos por esses resultados que há uso

próximo para esses dois verbos (216 dados com verbos plenos, 56% vs. 171 dados com auxiliares, 44%).

Novamente é interessante o resultado neste cruzamento para as obras de Fernão Lopes e Vieira, com mais dados na amostra para ambas as obras: há mais *começar* auxiliar (77 dados) e *acabar* pleno (79 dados) em Fernão Lopes vs. *começar* auxiliar (56 dados) e *acabar* pleno (64 dados) em Vieira, novamente confirmando que, anteriormente a Vieira, a gramaticalização desses verbos já estava estabilizada na categoria de auxiliar, tornando-se no século XVII (com Vieira) estáveis em ambas as categorias (tanto que o resultado em peso relativo é de 0.47 para auxiliares e 0.52 para plenos, com a diferença que já apresentamos de apenas 0.05).

Essa estabilização confirma a **recategorização** de *começar* e *acabar*, com a **coocorrência** de *começar* auxiliar e *começar* pleno, bem como *acabar* auxiliar e *acabar* pleno. Ou seja, se anteriormente à obra de Fernão Lopes esses verbos ainda oscilavam entre essas categorias e, como plenos, seu uso era mais acentuado, a partir de Vieira evidencia-se o uso também na categoria de auxiliar, no terceiro estágio de Heine, portanto, com as funções gramaticais de marcar pessoa, tempo-modo e aspecto, como confirmamos com os resultados apresentados nas próximas seções.

#### 4.3 ACABAR E COMEÇAR: FORMAÇÃO PERIFRÁSTICA E PREPOSIÇÃO

Como apresentamos no capítulo 2, são várias as regências de *começar* e *acabar*, tanto na categoria de auxiliar como na de pleno. Os dados mostram (assim como o dicionário de regência verbal) que esses verbos apresentam poucas restrições quanto às preposições, pois aceitam uma gama bastante grande delas: *de*, *a*, *em*, *com*, *por*, *sem*. Já apresentamos também anteriormente as possíveis implicações semânticas dessa múltipla regência: *começar por* vs. *começar de*; *acabar por* vs. *acabar de/com*, etc. Porém, para verificar essa ocorrência, cruzamos os dados para os verbos em estudo, em que a regra de aplicação era se eles estariam seguidos ou não por uma das preposições desse GFs. As informações obtidas são:

- a) Para o *começar*: do total de 755 dados para esse fator, em 645 (82%) aparece preposição;
- b) Para o *acabar*: do total de 755 dados para esse fator, em 136 dados (17%) aparece preposição.

As rodadas realizadas separadamente para cada um desses verbos apontaram o grupo de fatores “preposição” como o terceiro selecionado, depois de categoria e variação no tempo, com os seguintes resultados:

QUADRO 13 – Tabelas comparativas para *começar* e *acabar* e a regência verbal.  
FONTE: GoldVarb 2001.

<b>Começar</b>				<b>Acabar</b>			
Input = 0.46 Log likelihood = 380.44 Significância de 0.000				Input = 0.46 Log likelihood = 380.44 Significância de 0.000			
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.	Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.
A	168/172	97	0.95	a	4/172	2	0.05
Por	37/46	82	0.86	por	8/46	17	0.13
sem preposição	21/25	80	0.85	sem preposição	4/25	19	0.14
Com	8/21	38	0.62	com	13/21	61	0.37
Em	16/25	64	0.51	em	9/25	36	0.49
De	395/493	80	0.18	de	98/493	19	0.81
Subtotal	645/782	82		Subtotal	136/782	17	

Conforme quadro, para o *acabar*, a regência com maior probabilidade de ocorrência é a com preposição **de** (0.81, 98 dados – 19% para essa fator), seguida da preposição **em** (0.49, 9 dados – 36% para essa fator) e **com** (0.37, 13 dados – 61% para essa fator). Já para o *começar*, temos a preposição **a** como a mais provável para a regência de *começar* – peso relativo de 0.95 (168 dados – 97%); seguida da regência com **por**, com 0.86 (37 dados – 82%); depois perífrases sem preposição apresentam probabilidade de ocorrência de 0.85; seguidas da preposição **com**, com 0.62 (8 dados – 21%), e ainda a preposição **em**, com 0.51 (16 dados – 25%).

Portanto, esses resultados mostram que a regência de *começar* é a preposição **a** (0.95 de probabilidade), mesmo que a quantidade de 395 dados do total de 493 apareça a regência **de** para esse verbo. Essa quantidade ocorre porque até o século XVI era essa a regência em concorrência com a preposição **a** e com

perífrases sem preposição, como já dissemos. Outro resultado a se observar é para as formações sem preposição (0.85 de probabilidade de ocorrência), embora a quantidade de dados seja menor para esse fator (do total de 782 dados, em 21 dados não aparece preposição do total de 25 com o *começar*). Isso nos leva a concluir que, com esse resultado, *começar* + *a* e *começar* +  $\emptyset$  estão em concorrência no sistema linguístico para essas perífrases no português, uma vez que atualmente perífrases com *começar* + *de* estão arcaizadas.

É importante destacar que esses resultados podem ser associados se o *começar* e *acabar* é pleno ou auxiliar na sentença (essa informação é obtida com o cruzamento destes dados, ou quando rodamos os dados trocando a variável dependente para “categoria verbal”). Assim, rodados os dados somente com as preposições associadas à categoria pleno e auxiliar, num total de 743 dados para essa variável, temos *por*, *com* e *em* na regência principalmente de verbos plenos e *de* e *a* na regência principalmente de verbos auxiliares, conforme apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 14 – Cruzamento de dados: regência de *começar* e *acabar* na categoria verbal.  
FONTE: GoldVarb 2001.

		COMEÇAR		ACABAR		T	%
Grupo	verbos	n	%	N	%		
De	auxiliar	327	98	108	96	435	98
	pleno	5	2	4	4	9	2
	Total	332		112		444	
Com	auxiliar	1	5	3	16	4	10
	pleno	20	95	16	84	36	90
	Total	21		19		40	
A	auxiliar	163	99	2	40	165	97
	pleno	2	1	3	60	5	3
	Total	165		5		170	
sem preposição	auxiliar	19	95	5	100	24	96
	pleno	1	5	-	-	1	4
	Total	20		5		25	
Por	auxiliar	1	3	-	-	1	2
	pleno	38	97	11	100	49	98
	Total	39		11		50	



Em	auxiliar	1	17	-	-	1	7
	pleno	5	83	8	100	13	93
	Total	6		8		14	
TOTAL	auxiliar	512	88	118	74	630	85
	pleno	71	12	42	26	113	15
	Total	583		160		743	

Para as preposições com maior probabilidade de regência dos verbos *começar* e *acabar* na **categoria de pleno** temos<sup>41</sup>:

a) A preposição *em* aparece em 13 dados (93%) totais na regência de verbo pleno, destes, 5 dados são para o *começar* e 8 dados para *acabar*. Seguem exemplos dessas ocorrências no *corpus*:

(19) “Estes desejos da Senhora começaram na conceição e acabaram no parto...”  
(Vieira, Sermão de Nossa Senhora do Ó. 1640. parte V).

(20) “... que começa a visita em conversação, e acaba em questão e disputa.”  
(Vieira, Sermão de Santa Catarina, 1663, parte VII).

b) A preposição *por* aparece em 49 dados (98%) na regência de verbos plenos, destes, 38 dados são para o *começar* e 11 dados para *acabar*. Seguem exemplos dessas ocorrências no *corpus*:

(21) “Ora, *Vejam*os como todos estes santos nos ensinam a estimar sobre tudo o ser santos, e comecemos por Deus.” (Vieira, Sermão de Todos os Santos, parte II).

(22) “A confissão menos perfeita começa pelos pés de Deos e acaba pelos braços...” (Vieira, Sermão da Terceira Dominga da Quaresma, 1955, parte I).

c) A preposição *com* aparece em 36 dados (90%) na regência de verbos plenos, destes, 20 dados são para o *começar* e 16 dados para *acabar*. Seguem exemplos dessas ocorrências no *corpus*:

<sup>41</sup> Os exemplos somente dizem respeito à regência de *começar* e *acabar* na categoria de **plenos** para demonstrar a ocorrência da preposição que aparece com maior peso relativo para essa categoria, que também está calculada .

(23) “Assim como o tempo começou com o mundo, assim há de acabar com ele.” (Vieira, Sermão da Primeira Dominga do Advento, 1652, parte VI).

(24) “A lei não pode ser mais justa nem mais benigna, porque assaz indulgência e favor se faz ao leão, que passeia e não trabalha, em que coma igualmente à custa do boi, o que ele, puxando pelo arado, pela grade, pelo carro e pela trilha, começou e acabou com tanto trabalho.” (Vieira, Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma, parte IX).

Portanto, essas três preposições estão relacionadas a *começar* e *acabar* na categoria de pleno mais que na de auxiliar, com o mesmo sentido de focalização de ponto no tempo que assumimos nesta tese:

a) em *começar* por Deus, *começar* com o mundo e *começaram* na conceição, há focalização **do início** marcado em *Deus* e *mundo*, mas haverá continuidade após estes; e focalização do início com um ponto no tempo (na concepção), e, nesta sentença (16), há ainda o ponto final (no parto);

b) em *acabar* em questão e disputa, *acabar* pelos braços, *acabar* com tanto trabalho, há focalização **do fim** marcado em *questão e disputa* (inclusive há a marca de início e de fim, ou seja, inicia-se em conversação e o ponto final é em disputa) e em *braços* (final localizado no espaço: inicia-se nos pés e finaliza-se nos braços). Isto é, percebe-se o trânsito entre as noções mais concretas (o espaço) ao mais abstrato – noções temporais e aspectuais – associadas a essas preposições, conforme Ilari *et alii*, 2008.); o mesmo ocorre em (24), em que o fim se dá com o trabalho (ou melhor, o início e o fim ocorre com o trabalho). Nesses dados, há outra noção aspectual que defendemos aqui: a noção de conjunto, em que se “pinça” um evento para se dar fim à sucessão de eventos no tempo num conjunto pressuposto (nos exemplos o conjunto está já determinado também para o ponto de início como explicitamos).

Do quadro 14, restam as preposições *de*, *a* e perífrase sem preposição, das quais as duas últimas não participam da regência de *acabar* em nenhum contexto. Para o *acabar*, o *de* aparece como regência de um maior número de dados: 112 dados (24% do total de 444 rodado para este fator) correspondem à regência para este verbo **na categoria de auxiliar**, exemplificado a seguir:

- (25) “Acabamos de receber o officio de v. ex.<sup>a</sup> datado de hoje, em queila nos recomendão, hajamos de promover de acordo com a Camara da cidade de Olinda...” (Gazeta do Rio, edição 54, de 04/05/1822).
- (26) “... certo número de pecados, o qual, quando se acaba de encher pelo último, já não há lugar de perdão, senão de castigo.” (Vieira, Sermão do Quarto Sábado da Quaresma, 1640. parte VII).

Diferentemente a isso, a preposição *a* não pertence à regência de *acabar*, e sim à de *começar* na categoria de auxiliar, com 163 dados (99%) para esse fator. É um valor significativamente elevado para confirmar que a perífrase verbal com esse verbo é formada com essa preposição para regência de verbos auxiliares. Para exemplificar, seguem dados em que a preposição *a* aparece em perífrases, nas obras consultadas para o *corpus* deste trabalho:

- (27) “É verdade que o poder de Genova começava já então a declinar e a enfraquecer-se, mas nem por isso deixão de ser mui importantes as particularidades que o A. nos refere, e as observações que offerecêmos á consideração do leitor”. (Zurara, Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 35).
- (28) “Os de fora acabaram sua cava e pozeram grande paerte do muro em contos, e devisado o dia do combate deram fogo á cava e começaram a combater o logar por quatro partes...” (Fernão Lopes, Chronica de D. Pedro I, p. 122).
- (29) “Leitor: da folha que fica atraz (se a leste) haverás entendido a primeira razão, ou obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meos borrões, que sem a voz que os animava, ainda resuscitados são cadaveres”. (...) Evangelho. Começou ele a semear (diz Christo), mas com pouca ventura. (Vieira, Sermão da Sexagésima, p. 5).
- (30) “Continuação do Diario do Exercito de Operação da Extremadora. A Infantaria franceza começou a perder terreno, e a desordenar-se; teve então o Coronel de Cavallaria Ingleza ordem de atacar...” (Gazeta do Rio, ed. 23, 30/11/1808, p. 24).
- (31) “A democracia começa a consolidar-se, provando que qualquer regime que cerceia a liberdade de ação e expressão não emplaca, no mundo comunista ou em qualquer outro.” (Veja, ed. 1113, 17/01/1990. p. 13).

Nas obras de Fernão Lopes e Zurara exemplificados em (27 e 28), é importante destacar que ocorrem as três formas (*começar* + *de*, com maior número de ocorrências, *começar* + *a* e *começar* + sem preposição seguido de infinitivo), como exemplificado a seguir:

- (32) “E do lugar donde começa a correr sobre a terra que se non sconde mais, ataa onde se começa de partyr...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista da Guiné, p. 294).
- (33) “É verdade que o poder de Genova começava já então a declinar e a enfraquecer-se...” (Zurara, Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 35).
- (34) “E ante que sobre ello se determinasse cousa algũa, começaron de ferir o Mouro...” (Zurara, Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 115).
- (35) “Aquelle homem pos huñ alfareme branco em sua lança, e começou o capear a as caravellas, as quaes tanto que ouverom dele vista...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista da Guine, p. 114).

Na obra de Fernão Lopes, encontramos, inclusive, perífrases com o mesmo verbo pleno (*dizer*):

- (36) “Aquelles isso mesmo que vinham com a rainha, começaram de dizer ao conde que lhe parecia que fazia mal de ver sua irmã d’aquella guisa...” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. João I, p.32).
- (37) “Entonces começou a dizer como a rainha escreveu todos os alcaides dos castelos por onde puzeram...” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. João I, p. 58).
- (38) “O seguinte dia depois d’esto, chamou Nuno Alvares grão parte dos que consigo levava... e proveito d’elle, e serviço de seu senhor o Mestre, e começou o dizer assim:...” (Fernão Lopes, Chronica de El-Rei D. João I, p. 95).

Observando novamente o quadro 11, verifica-se que a concorrência e a coocorrência entre essas três formas eram evidentes entre os séculos XV e XVI, e na obra de Rui de Pina a forma com a preposição *de* aparece em menor quantidade. Ela só se estabiliza no século seguinte, quando podemos afirmar que a forma *começar + a* se fixa, uma vez que nas obras de Vieira a forma *começar + de* não aparece mais. Contudo, ainda aparece, embora com pouca ocorrência, a forma sem preposição (*começar + verbo no infinitivo*). Essa última forma ocorre em 19 dados (conforme quadro 14). Isso aponta ao novo direcionamento da perífrase, ou seja, podemos afirmar que a forma estabilizada hoje é [*começar + a + infinitivo*] em coocorrência com [*começar + infinitivo*], usada atualmente principalmente na fala (*começar comer; começar fazer, começar dizer, começar ser, etc.*).

Nessa estabilização da forma para a perífrase, ambas as preposições (*de* e *a*) apresentam o mesmo valor semântico. Ainda há que se considerar o fato de não haver diferença de significação entre *de* e *a* para **a expressão de tempo**: “*de* – preposição latina *de*, ‘a partir de, depois de, feito de, por causa de, etc.’; e “*a* – preposição latina tardia *a*, da preposição latina *ad*, ‘aproximação, início de uma ação, etc.’” (Houaiss eletrônico). Ainda para confirmar essa estabilização da forma [*começar* + *a*] no século XVII, fizemos um novo cruzamento de dados, agora entre as obras/épocas e a regência para os verbos em estudo, temos os seguintes resultados:

QUADRO 15 – Resultado de cruzamento de dados: regência de *começar* e *acabar* nas obras/épocas consultadas (original conforme GoldVarb 2001).

FONTE: GoldVarb 2001.

Group #4 -- horizontally.

Group #7 -- vertically.

		d	%	e	%	c	%	a	%	@	%	p	%	.	%
R	a:	3	21:	1	100:	1	100:	1	100:	0	--:	0	--	6	35
	p:	11	79:	0	0:	0	0:	0	0:	0	--:	0	--	11	65
	∴	14	:	1	:	1	:	1	:	0	:	0		17	
Z	a:	5	7:	0	0:	0	0:	2	33:	0	0:	0	--	7	8
	p:	67	93:	1	100:	1	100:	4	67:	5	100:	0	--	78	92
	∴	72	:	1	:	1	:	6	:	5	:	0		85	
v	a:	54	98:	8	36:	12	63:	1	1:	3	50:	6	17	84	35
	p:	1	2:	14	64:	7	37:	104	99:	3	50:	29	83	158	65
	∴	55	:	22	:	19	:	105	:	6	:	35		242	
V	a:	2	100:	0	--:	0	--:	0	0:	2	67:	0	0	4	33
	p:	0	0:	0	--:	0	--:	6	100:	1	33:	1	100	8	67
	∴	2	:	0	:	0	:	6	:	3	:	1		12	
G	a:	27	100:	0	--:	0	--:	1	5:	0	--:	0	0	28	55
	p:	0	0:	0	--:	0	--:	18	95:	0	--:	5	100	23	45
	∴	27	:	0	:	0	:	19	:	0	:	5		51	
f	a:	7	2:	0	0:	0	--:	0	0:	0	0:	2	40	9	2
	p:	316	98:	1	100:	0	--:	35	100:	11	100:	3	60	366	98
	∴	323	:	1	:	0	:	35	:	11	:	5		375	
T	a:	98	20:	9	36:	13	62:	5	3:	5	20:	8	17	138	18
	p:	395	80:	16	64:	8	38:	167	97:	20	80:	38	83	644	82
	∴	493	:	25	:	21	:	172	:	25	:	46		782	

Legenda: Fatores (preposições): d – de; e – em; c – com; a – a; @ – vazio/sem preposição; p – por.

Fatores: categoria: a – auxiliar; p – pleno.

Fatores: obras consultadas: R – Rui de Pina; Z – Zurara; v – Vieira; V – Veja; f – Fernão Lopes.

Observando o cruzamento no quadro, a preposição *de* rege *começar* em 316 dados (98%) na obra de Fernão Lopes e 67 dados (93%) na obra de Zurara, seguidos por 11 (79%) na obra de Rui de Pina, apenas uma (2%) na obra de Vieira e desaparece nas obras mais recentes, como a Gazeta do Rio de Janeiro e a *Veja*. Nestas, a preposição *a* é que predomina: 100% na *Veja*, 100% na Gazeta, e nas

obras de Vieira já aparece em 99% – 04 dados do total coletado para esse GFs. Nas obras de Fernão Lopes e Zurara, as mais antigas desta pesquisa, a preposição *a* já concocorria/coocorria com o *de* e com formações sem preposição (como já mostramos anteriormente) com o verbo *começar*.

Portanto, novamente esses resultados dão indícios que a forma *começar* + *a* se fixou do século XVI para o XVII, firmando-se neste século com o *a* como a preposição que forma a perífrase, sem perda semântica. Em relação à preposição, o sentido do *a* é a indicação de um direcionamento que pode ser entendido para o futuro. Assim, ao somar-se com o auxiliar *começar* (ou melhor, com a semântica desse verbo – a indicação de um ponto inicial de algo), evidencia-se o **aspecto inceptivo** da ação indicada pela forma *começar* + *a*: marca o ponto inicial do evento e aponta em direção ao futuro para o desenrolar do evento no tempo.

Em relação à preposição *de*, como explicitam Ilari e Maria Helena de Moura Neves, do sentido concreto de que o movimento termina no interior ou nas proximidades de um espaço, passou a denotar o término numa linha temporal. Essa noção também pode ser associada à preposição quando ela se liga ao *acabar*, devido à semântica desse verbo: fazer chegar ou chegar ao fim; terminar, concluir. Ou seja, evidencia-se o **aspecto terminativo** da ação indicada pela forma *acabar* + *de*.

Lembramos que não estamos tratando da gramaticalização das preposições, mas, ao abordarmos essa transposição de sentido do concreto para o abstrato, mostramos que não houve perda semântica na estabilização da forma *começar* + *a*. Portanto, esse grupo de fatores encerra respondendo à pergunta de qual foi o momento em que houve essa estabilização, apresentando o século XVII como o século dessa mudança e posterior estabilização, além da coocorrência/concorrência ainda com o *começar* + sem preposição + *infinitivo*, sem podermos afirmar se essa forma virá a substituir a perífrase com a preposição *a* ou ainda se é algum resquício do uso no passado ou o reaparecimento da forma na atualidade.

### 4.3.1 Uma analogia com os verbos em estudo: o (a)costumar e a formação perifrástica e preposição

Assim como houve a fixação da forma de *começar* com a preposição *a*, o *costumar* percorreu um caminho semelhante para a forma sem preposição usada hoje (costumo fazer), como se observou nas obras pesquisadas: coocorrência de regência *de*, *a* e sem preposição ( $\emptyset$ ), nos séculos XV, XVI, para, nas obras do século seguinte, a formação sem preposição se estabilizar: a obra de Vieira – século XVII – não apresenta ocorrência mais com *de*, por exemplo, “... conservando-se firmes no maior perigo e invencíveis na maior tentação, em que costumam fraquear e cair os doutos..” (Vieira, Sermão de Santa Catarina, parte IX). A seguir os exemplos são de múltipla regência na obra de Fernão Lopes:

(39) “...não curou de levar consigo numero de muita gente, em que os capitães costumam de confiar; mas escolheu Pedro Annes Lobato, que dos bons homens d’armas havia conhecimento...” (Fernão Lopes, Chronica d’El Rei D. João I, p. 91).

(40) “...pagadas a custa d’el-rei D. Fernando; e, porquanto estas gentes d’armas cumpria de haver pagamento por moeda que se costumasse a correr no reino d’Aragão, foi firmado n’esta pretesia...” (Fernão Lopes, Chronica d’El Rei D. Fernando I, p. 40).<sup>42</sup>

(41) “... o que costuma  $\emptyset$  executar a agulha no bastidor, e o buril no ouro; hum delles era para si, e o outro para Dona Ignez...” (Fernão Lopes, Chronica d’El Rei D. Pedro I, p. 87).

Assim, como procedemos com *começar* e *acabar*, as rodadas para (a)costumar foram realizadas como sendo a variável dependente primeiramente os verbos e depois a categoria pleno e auxiliar, com os mesmos grupos de fatores, embora o que destacamos aqui seja o GFs preposição. Os resultados das rodadas em que a variável dependente foi o verbo são apresentados no quadro a seguir.

<sup>42</sup> Outra construção que aparece no *corpus* que foram computadas com a preposição *a* são com o *acostumar* como verbo pleno em perífrases com auxiliar *ter* e *ser*, exemplificadas em:

- a) “... depois muyta mercee, como geeralmente sempre teve acostumado a servirom aquelles que o bem..” ((ZURARA, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 265);
- b) “...e virem-se meter na cidade homens que eram costumados a viver nos desertos...” (VIEIRA, Sermão da Quarta Dominga da Quaresma, parte IV).

QUADRO 16 – Resultados para a(*costumar*) e a regência verbal<sup>43</sup>.

FONTE: GoldVarb 2001

Costumar				Acostumar			
Input = 0. 998 Log likelihood = 24,315 Significância = 0.021				Input = 0. 002 Log likelihood = 24,315 Significância = 0.021			
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.	Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.
A	12/17	70	0.34	a	05/17	29	0.65
De	42/44	95	0.83	de	2/44	4	0.16
Sem preposição	56/57	98	0.80	Sem preposição	1/57	1	0.19
Total	110/118	93		Total	8/118	6	

Observando o quadro, para o *acostumar*, a maior probabilidade de ocorrência é para formações com preposição *a* (acostumo a fazer), de 0.65, uma diferença com o *costumar* + *a* (0.34) de 0.31. Além disso, para o *costumar*, a maior probabilidade de ocorrência é mesmo com formações sem preposição (costumo fazer), de 0.80. Ou seja, esse peso relativo para perífrases sem preposição e a diferença de 0.31 confirmam a estabilização da forma sobre a qual dissemos acima não ocorrer mais a partir da obra de Vieira (século XVII), como foi verificado ao serem rodados o GFs “obras/épocas”.

Na rodada posterior com a categoria pleno e auxiliar, os resultados também direcionam para essa conclusão, como apresentados no quadro:

QUADRO 17 – Resultados para a(*costumar*) e a regência verbal na categoria de pleno e na de auxiliar.

FONTE: GoldVarb 2001.

Pleno				Auxiliar			
Input = 0. 998 Log likelihood = 24,315 Significância de 0.021				Input = 0. 002 Log likelihood = 24,315 Significância de 0.021			
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.	Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.
a	8/16	50	0.85	a	8/16	50	0.14
de	3/14	21	0.65	de	11/14	78	0.34
Sem preposição	1/58	1	0.34	Sem preposição	57/58	98	0.65
Total	12/88	13		Total	76/88	86	

<sup>43</sup> Uma questão interessante para esse grupo de fatores é a formação sem preposição, que supera os dados estatísticos para os demais verbos, quando foram rodados todos juntos (916 dados foram rodados – 56 dados – 68%) são com o *costumar*, seguidos pelo verbo *começar* – 22 dados (26% do total) e depois o *acabar* – 1 (5% do total).



A preposição *a* tem probabilidade de ocorrer na regência de verbo pleno, com 0.85 vs. 0.14 para a regência de um auxiliar (diferença de 0.71), em contrapartida, as formas sem preposição têm probabilidade de ocorrer com verbos auxiliares de 0.65 vs. 0.34 para plenos (diferença de 0.31). Conforme vimos acima (no quadro anterior), esses resultados podem ser associados ao (a)*costumar*: *costumar* tem probabilidade de ocorrer na categoria de **verbo auxiliar sem preposição** e o *acostumar* como **pleno**. Ou seja, a formação perifrástica de *costumar* + sem preposição + infinitivo é a forma estabilizada no português hoje. Note-se que, diferentemente de *começar* e *acabar*, não apareceram dados para (a)*costumar* com as preposições *por*, *com* e *em*.

Nesse sentido, podemos dizer que (a)*costumar* apresenta maior restrição a regências diversificadas, diferentemente de *começar* e *acabar*, como vimos na seção anterior. Contudo, não faz restrição às preposições *a* e *de*, que formam, respectivamente, as perífrases com *começar* e *acabar*. Seguem exemplos com as perífrases *costumar* + *de*; *costumar* + *a* e *costumar* + sem preposição:

- (42) “Nos logares onde se costuma de haver ganhadeiros que se escusar não podem...” (Fernão Lopes, *Chronica del Rei D. Fernando*, p. 309).
- (43) “e esse recebimento foi com tantas cerimonias d'acatamento, obediencia e alegrias assi celebrado, que em qualquer parte do mundo onde mui altamente recebimentos se costumassem a fazer, este fôra mui muito louvado...” (RUI DE PINA, *Chronica de El-Rei D. Affonso V*, v. I, p. 44).
- (44) “Claro está que não, antes muito mais, porque o amor da vida, que costuma Ø acabar com a morte e enterrar-se com a sepultura...” (Vieira, *Sermão de Santa Teresa e do Santíssimo Sacramento*, parte IV).

Portanto, na análise do grupo das preposições, confirmou-se a estabilização da forma *começar* + *a* + infinitivo no século XVI-XVII e *começar*, nesse processo de estabilização da forma perifrástica, parece seguir o mesmo percurso de *costumar*, indo em direção à formação sem preposição, devido ao peso relativo para esse GFs, apresentado na seção anterior (0.84), embora não seja possível prever se isso é uma volta à forma utilizada no passado ou resquício dela.

#### 4.4 ACABAR E COMEÇAR: O TEMPO/MODO VERBAL E A CLASSE ACIONAL

Uma das hipóteses deste trabalho é que *começar* e *acabar*, na categoria de auxiliar, não fazem restrição a nenhum tempo verbal e a nenhuma classe acional que possa ocupar a posição de verbo principal na perífrase, uma vez que semanticamente são fortes – é inerente a eles a ideia de focalização de pontualidade. É também, por esse motivo, que a focalização do ponto inicial para o *começar* e o ponto final para o *acabar* pode abranger sintagmas que compõem o complemento verbal ou os adjuntos.

Em relação aos tempos verbais, levamos em consideração algumas flexões/modos verbais conforme a GT classifica e abarcamos um número razoável de flexões para responder a essa questão: fizeram parte desse grupo de fatores presente, pretérito perfeito e imperfeito, futuro e os tempos do subjuntivo<sup>44</sup>. Além disso, entraram nesse grupo as formas nominais dos verbos *começar* e *acabar* na posição de auxiliar – infinitivo, particípio e gerúndio. Quanto às classes acionais, escolhemos a nomenclatura vendleriana, por ser uma das mais conhecidas e abrangentes para o aspecto lexical, contudo incrementada pela semântica de traços proposta por Bertinetto (2001).

O curioso para esses dois grupos é que foram eliminados, conforme as rodadas realizadas com a troca da variável dependente, tempo/flexão verbal e classe acional: quando “*começar* e *acabar*” foi o grupo de variável dependente, o “tempo verbal” foi selecionado e o grupo “classe acional” foi eliminado. Quando o grupo foi “categoria verbal”, ocorreu o inverso: “classe acional” foi selecionado e “tempo verbal” foi eliminado. Retomamos o quadro em que apresentamos essa seleção e eliminação a seguir:

---

<sup>44</sup> Para este trabalho, na hora que codificamos os dados para as rodadas, devido à pouca ocorrência, foram juntados o presente e o pretérito do futuro do indicativo em um único código (F) e os tempos do subjuntivo (s). O mais-que-perfeito simples deu nocaute, devido também à pouca ocorrência. Levamos em consideração somente os tempos simples, e não os compostos.

QUADRO 18 – Seleções e eliminações dos grupos de fatores (repetição).

Fatores	1. COMEÇAR/ACABAR		1. CATEGORIA: PLENO vs. AUXILIAR.	
	Seleção	Eliminação	Seleção	Eliminação
1.º	categoria verbal	composicionalidade do predicado	Preposição	composicionalidade do predicado
2.º	veículo/autor (época)	classe acional do verbo principal	veículo/autor (época)	Com ou sem preposição
3.º	preposição	com ou sem preposição	classe acional do verbo principal	tempos verbais
4.º	tempos verbais			Começar e acabar

Legenda:   Fatores selecionados nas rodadas, trocando a variável dependente *começar* e *acabar* por *categoria*.

  Fatores eliminados nas rodadas, na troca de variável dependente, trocando a variável dependente *começar* e *acabar* por *categoria*.

Uma possível explicação para os resultados obtidos serem muito próximos, nas rodadas para ambas os grupos de fatores, é que, com isso, mostra-se certa estabilização no sistema linguístico para os tempos/modos verbais e para as classes acionais de verbo principal. Ou, então, é porque os pesos relativos são recalculados e os valores redistribuídos uniformemente entre os fatores em cada GF. Inclusive, isso é feito conforme acréscimos ou retiradas de dados nas rodadas realizadas para não dar nocaute, o que não prejudica a análise geral. Essa redistribuição dos valores também não apresenta uma rodada como a mais eficaz em relação à outra para as análises, mas pode indicar, por exemplo.

Isso ocorreu também provavelmente porque a marcação de tempo e aspecto em Português é correlacionada, com as formas flexionais dos verbos marcadas para isso: por exemplo, o pretérito perfeito indica eventos acabados no passado e o imperfeito, eventos inacabados; e para *acabar* e *começar* há estudiosos, como Ilari e Castilho, que afirmam que estes verbos podem ocorrer em todos os tempos e modos verbais, como apresentamos no capítulo 2. Já as classes acionais (atividade, estado, *accomplishment*, *achievement*) não sofrem restrição quando selecionadas para a formação da perífrase com esses verbos.

Além disso, essas duas informações gramaticais (flexão verbal + classe acional), como explicitamos no capítulo 1, seção 1.2, interagem na marcação final

do aspecto. Isso tudo, mais o aspecto lexical de *acabar* e *começar*, com o significado fortemente intrínseco de ambos, pode ter influenciado para essa oscilação da seleção/eliminação de um ou outro GFs na troca de variável dependente.

#### 4.4.1 *Acabar e começar: o tempo/modo verbal*

Os resultados para o GFs tempo/modo verbal quando a variável dependente foi *começar* e *acabar* reafirmam a idéia de que esses verbos são flexionados em todos os tempos verbais que fizeram parte deste grupo, mesmo alguns que foram descartados por nocaute (como o mais-que-perfeito simples, que não foi computado por apresentar poucas ocorrências. Isto é, desde o português mais antigo, é um tempo verbal pouco usado, como observa o Houaiss eletrônico: “No Brasil, o mais-que-perfeito simples é pouco usado, sendo substituído pela forma composta equivalente”. No PB contemporâneo, a forma *tinha começado*, por exemplo, é preferida a *começara*). Um exemplo de dado encontrado com o pretérito-mais-que-perfeito simples é:

- (45) “... que ho que começara havia de acabar...” (Rui de Pina, *Chronica de D. Afonso*, v. 1, p. 58).

No quadro a seguir, há quantidade, porcentagem e peso relativo para o tempo/modo verbal que fizeram parte desse grupo de fatores:

QUADRO 19 – Resultados para o tempo/modo verbal.  
FONTE: GoldVarb 2001.

<b>Começar</b>				<b>Acabar</b>		
Input = 0.95    Log likelihood = 380.44 Significância = 0.016				Input = 0.04    Log likelihood = 380.44 Significância = 0.016		
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.	Aplicação/Total	%	P. R.
Futuro	5/6	83	0.88	1/6	16	0.11
Pretérito	490/582	84	0.65	92/582	15	0.34
Gerúndio	41/50	82	0.56	9/50	50	0.43
Imperfeito	41/68	75	0.55	17/68	25	0.44
Subjuntivo	25/45	55	0.47	20/45	44	0.52
Presente	62/150	41	0.35	88/150	58	0.64
Infinitivo	25/78	32	0.23	53/78	67	0.76
Particípio	51/131	38	0.21	80/131	61	0.78
Subtotal	740/1110	67		360/1110	32	

Observando o quadro, a maior probabilidade de uso para o *começar* é o **futuro**, com 0.88 (porém, há uma quantidade de dados muito pequena em relação aos demais tempos – apenas 5 dados no total de 740 para este verbo):

- (46) “Já daqui começarão a entender os que tanto se confiam no remédio da Confissão quão enganada e enganosa é esta sua confiança”. (Vieira, Sermão do Quarto Sábado da Quaresma, parte v. 1, 1640).

Pensando na teoria de intervalos de tempo (Swart, 1998), é interessante a diferença entre o uso do futuro para o *começar* (**0.88**) e para o *acabar* (**0.11**), uma vez que, como o *começar* (por exemplo, acabará de comer) já aponta em direção ao futuro, esse resultado poderia ser menor, e com o *acabar* (por exemplo, acabará de comer), há noções de modalização subjacentes a ele (ou seja, o futuro é sempre uma possibilidade de acontecer, e não uma certeza). Assim, essa marcação deixa de ser apenas temporal e passa a ser associada à possibilidade de acontecimento do evento, contexto que não favorece a marcação do futuro na flexão, já que há um concorrente para isso, o *acabar* + *por* ou o *acabar* + *-ndo*, como já explicitamos anteriormente.

O **pretérito perfeito do indicativo** tem probabilidade de uso de **0.65** (490 dados do total de 582 – 84% para este fator) para o *começar* e de **0.34** (92 dados do total de 582 – 15% para este fator) para o *acabar* – uma diferença de 0.31. O que se conclui a partir desse resultado é que o pretérito perfeito, por marcar o fim do evento no passado, é o tempo frequente quando se quer contar fatos, é um tempo da ordem do narrar, básico de narrativas e de descrição. Além disso, por excelência, é um tempo que marca o aspecto perfectivo, que combina bem com o também aspecto perfectivo de *começar* e *acabar* – verbos pontuais. Seguem exemplos de dados encontrados:

- (47) “E estando alli começou de ventar o Levante, que he travessia naquele lugar, e mostrando o mar...” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro I, p. 332)
- (48) “Nos princípios, em que o soberano Senhor começou a regalar a sua esposa com aparições tão frequentes e tão extraordinárias...” (Vieira, Sermão de Santa Teresa e do Santíssimo Sacramento, parte V).
- (49) “... e vendo que ele não cahia, lhe começaram a atirar a pedra, acção que pasmou o General...” (Gazeta do Rio, 9ª. edição extra, de 31/10/1808).

Já o **imperfeito** complementa o uso do pretérito perfeito em narrativas e descrições, por indicar a imperfectividade – ou seja, apresenta um intervalo aberto de tempo, indicando eventos em andamento neste intervalo, sem marcar a sua finalização, descrevendo os eventos em sua habitualidade. Por isso, é também usual para descrições e narrações. Esse tempo verbal tem como resultado o peso relativo de **0.55** (41 dados do total de 68 – 75% para este fator) para o *começar* e **0.44** para o *acabar* (17 dados do total de 68 – 25% para esse fator,), com **0.11** de diferença entre eles. Seguem exemplos de dados do *corpus*:

- (51) “A razão e o mistério é porque, desde este ponto, começava Cristo a caminhar para a morte...” (VIEIRA, Sermão do Mandato, parte VI).
- (52) “nós começávamos a enxugar as lágrimas, que nossos olhos sem cessar se havião de desenvolver os gloriosos sucessos de um porvir brilhante...” (Gazeta do Rio, ed.131, de 31/10/1822).
- (53) “E o mestre disse que lhe agradecia muito e lhe prazia. Então, se tomaram pelas mãos, indo falando, e elles que chegavam cerca da porta e o porteiro que a acabava de fechar; e elles tornaram-se então, sem dar a entender nada do que fazer quizeram.” (Fernão Lopes, Chronica de D. Fernando, p. 85).

Resultado semelhante ao computado para o pretérito perfeito, conforme quadro, é para o **presente do indicativo**, com um peso relativo de **0.64** para o *acabar* (88 dados do total de 150 – 58% para este fator) e de **0.35** para o *começar* (62 dados do total de 150 – 41%, para este fator). – uma diferença de **0.29**. Nestes, o valor de presente histórico e de indicação de habitualidade prevalece e funciona para a focalização do ponto no intervalo aberto de tempo que o presente representa: abre um intervalo de tempo sem precisar suas fronteiras para que o evento ocorra, e o *acabar* e o *começar* focalizam essas fronteiras temporais, como se verifica nos seguintes dados:

- (54) “E do lugar donde começa a correr sobre a terra que se nom sconde mais, ataa onde se começa de partir...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 294).
- (55) “... que por rezom da geada ou neve que se a ele socorra, aja crescimento, nuna crece senom depois da entrada do verão, ca entonce se começa, a derreter as neves ou geadas...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 298).
- (56) “... ca entonces se começam a derreter as neves ou geadas...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 298).

- (56) “E porque com eles morrem e se acabam todos os respeitos e dependências por que se governam os afetos humanos... No dia do Juízo acabam-se os encargos da vida; no dia da morte acaba-se a vida, mas não se acabam os encargos.” (Vieira, Sermão ao enterro dos ossos dos enforcados, parte III).
- (57) “Dir-me-ão — como eu dizia — por parte de Agostinho, que foram efeitos de humildade; mas esta resposta se impugna facilmente do que acabamos de dizer. Parece que não acaba o evangelista de lhe chamar mundo: estava no mundo, e, sendo que fora feito por ele o mundo, não o conheceu o mundo.” (Vieira, Sermão de Santo Agostinho, parte II).
- (58) “Per este modo se acaba o circollo, que he sobre spiritual de alteza infinita” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 460).

Esse distanciamento para o presente do indicativo, com 0.35 para o *começar* e 0.64 para o *acabar* pode ser explicado, uma vez que o *começar* já direciona para um intervalo aberto de tempo e marca o ponto inicial, assim não seria necessário marcar duas vezes essa abertura (no verbo e na flexão), a força da semântica lexical se sobressairia, e o *acabar* faria, nesse intervalo aberto, o fechamento da extremidade final.

Em suma, os tempos verbais presente do indicativo, com valor histórico e habitual, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, com valor de perfectividade e imperfectividade para fatos narrados, são tempos-base de narrativas, ou seja, servem para contar e descrever acontecimentos; são marcas linguísticas da ordem do narrar, conforme Adam (1992) e Marcuschi (2005), condizente com os textos utilizados para a presente pesquisa, ou seja, são de gêneros textuais que apresentam essas características – contar fatos e descrever situações e coisas. E por esse motivo possivelmente apresentaram os resultados mais elevados entre os fatores para esse GFs e porque *começar* e *acabar* não fazem restrição ao uso de qualquer tempo verbal na flexão.

O **gerúndio**, próximo na lista do quadro acima com valor relevante, apresenta peso relativo próximo ao ponto neutro de análise de **0.56** (41 dados, 82%) para o *começar* e de **0.43** (9 dados, 18%) para o *acabar*, com 0.13 de diferença entre esses dois fatores. Uma das interpretações do gerúndio é a indicação de uma ação realizada/acabada imediatamente antes da ação expressa na oração principal. Outra possibilidade é entender que as ações são concomitantes à

ação expressa pela oração principal: no exemplo a seguir, no instante em que os Mouros perdem as armas, a vitória se dá por acabada pelos Xpãs.

- (59) “E indo assy nom muy afastados da ribeira, viram os canareos hyam fogindo, acabando de seguir, disse huu da companhia contra os outros...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 329).

Contudo, ainda assim é possível perceber a focalização do ponto no tempo expresso pela semântica – tanto de *acabar* no exemplo anterior quanto de *começar* no próximo exemplo:

- (60) “...e começando fazer sua vyagem, sobreveo tam grande tormenta, que lhe foe necessaryo tornar outra vez a Lixboa, donde partira.” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 95).

As outras formas nominais, infinitivo e particípio, apresentaram baixa probabilidade de uso e de a forma ocorrer com o *começar*: o infinitivo, que apresenta neutralidade na marcação temporal, tem peso relativo de **0.23** (32%, ou 25 dados), exemplificado em (61), e o particípio, que denota finalização de ações no tempo (ou seja, encerra valor de perfectividade), apresenta peso relativo de **0.21** (38%, ou 51 dados dos 750), exemplificado em (62):

- (61) “Que fundamento ouve para ho mestre Dom Payo Correa começar de conquistar ho algarve...” (Rui de Pina, Chronica de El Rey D. Afonso, v. 1, p. 19).

- (62) “...teendo elle semelhante cousa começada, por cuja rezon avisou os nossos que se tornassem, e que trouxessem aquellas cousas pera seu refresco...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 446).

Já com o *acabar*, como posto no quadro 18: o particípio e o infinitivo, com valores bem próximos, aparecem com probabilidade de ocorrência mais elevada, respectivamente **0.79** (61% do total dos dados para essa fator) e **0.76** (67% do total de dados para essa fator), com diferença de mais de quarenta pontos para o *começar* com esses tempos. Como já apresentamos anteriormente, nas obras consultadas, o particípio está vinculado ao aspecto perfectivo, principalmente encontrado nos textos mais antigos, em estruturas compostas de particípio do verbo *acabar* mais SN (essa informação pode ser obtida ao cruzarmos os dados do grupo de tempos verbais e obras consultadas). Ou seja,



estruturas usadas para dizer que alguma eventualidade havia acabado, iniciando outra logo após esta, como verificamos nos seguintes dados:

(63) “Acabados hos convites ElRey, e ha Rainha Daragan se volverão ha Tarrançona...” (Rui de Pina, Chronica de D. Afonso, v. 1, p. 79).

(64) “Acabada de lêr esta lettra, e ouvida com muita lédice, fizeram calar todo aquelle povo por bem escutar como da primeira vez...” (Fernão Lopes, Chronica de D. João I, v. 6, p. 18).

No exemplo (63), a informação é que primeiramente os convites acabaram e posteriormente o rei e a rainha voltaram, ou seja, uma eventualidade acabou (os convites) para depois se iniciar outra (reis e rainha voltar); e, em (64), a leitura foi acabada para depois fazer com que o povo escutasse. Importante frisar ainda que, nas obras de Vieira, século XVII (e também nas crônicas anteriores a essa obra), encontramos o *acabar* (e também o *começar*) sendo usado no particípio na posição de verbo principal, com o verbo *ter* como auxiliar. Essas construções também indicam ações perfectivas, ou seja, com valor de terminatividade, como no exemplo a seguir, em que há indicação de que o discurso está acabado, bem como a guerra já havia começado:

(65) “Tenho acabado as duas partes do meo discurso”, (...) “... querem prossegyr a guerra que tinham começada...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 412).

Porém, as perífrases acima diferem das perífrases *ter* + particípio do Português contemporâneo (tem comido, tem chovido, etc.), uma vez que essas indicam hoje iteratividade ou/e habitualidade, conforme Ilari (2006), como em “Tenho comido muito”, que indica um período de tempo em que se come uma, duas, três, *n* vezes, indefinidamente. Em relação ao infinitivo (0.76 de peso relativo), dos 53 dados coletados, 50 deles apresentam o *acabar* no infinitivo na categoria de pleno, exemplificado em:

(66) “O Mouro nos veo enganar; por certo nom somos homes pera acabar nhu grande feito”. (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 143).

O infinitivo e o particípio distam para os dois verbos (em mais de 0.50 pontos): para o infinitivo, que marca um intervalo indefinido (ou neutro) de

tempo, a marcação temporal seria necessária mais fortemente para a focalização do ponto na linha do tempo; já o particípio aparece nos dados em maior quantidade na categoria de pleno (73 dados vs. 44 na posição de auxiliar) para o *acabar* contra apenas 12 dados totais para o *começar* (6 dados em cada categoria). Esse resultado é interessante para o *acabar*, pois se fazem duas operações semânticas: o ponto final do evento (na semântica do verbo) e a completude (ou seja, o evento é coberto como um todo) com a noção aspectual do particípio (-do)

Os resultados para os tempos do subjuntivo apresentam-nos com valores próximos ao ponto neutro, com **0.52** (20 dados, 44% do total para esse fator) para o *acabar* e **0.47** para o *começar* (25 dados, 55% do total para esse fator), com 0.05 de diferença entre eles, sendo, portanto, os com menos probabilidade de ocorrência com esses verbos. O pretérito imperfeito do subjuntivo é preferencialmente usado para marcar a atitude de incerteza quanto àquilo que enuncia, não sendo a noção de temporalidade muito clara quanto a esta forma verbal, pois depende, por exemplo, de um maior contexto oracional, além de indicar muitas vezes probabilidade de um evento ocorrer. Nos dados encontrados com esse tempo/modo verbal, percebemos também a pontualidade sendo focalizada. Para exemplificar seguem dados do *corpus*:

(67) “Oh! se acabassem de entender os homens quanto perdem de si e de tudo, em não saberem estar sós com Deus e consigo!” (Vieira, Sermão da Quarta Dominga da Quaresma, parte V).

(68) “... dizendo que tanto que começassem a ferir nos inimigos, que fossem lembrados de dizer a meude.” (Rui de Pina, Chronica de D. João I, v. 4, p. 42).

Além do que apresentamos até aqui e embora estejamos tratando nessa seção dos tempos, principalmente quando *acabar* e *começar* estão na categoria de auxiliar, temos esses verbos em qualquer tempo verbal seguido de gerúndio, como em:

(69) “Começou estranhando o que se não fazia: *Quid facimus?* E acabou começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogita...*” (Vieira, Sermão da Sexta-feira da Quaresma, 1662, parte V).

(70) “... se podesse lavrar moeda de florins e reaes, que bastasse para a paga das gentes que houvessem de fazer guerra, as quaes não comecem andando na

terra d’el-rei d’Aragão depois que a guerra começasse de ser” (Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, p. 95).

Nos dados acima, temos a leitura aspectual vinculada à soma das partes da perífrase *começar* + *-ndo*, que pressupõe que entre um conjunto de eventos no mundo se começa por um, e não por outro: estranhando (em 69) e andando (em 70). Assim, nas duas perífrases com *começar* sublinhadas nos dados acima, temos a noção aspectual apresentada da figura 1, no início deste trabalho (entre um conjunto de eventos, começou com um entre vários eventos pressupostos). Essa perífrase possibilita leitura muito próxima à dada pelo *começar* + *por*, como pode ser percebida trocando as perífrases dos dados acima por essa:

(71) a) Começou **por** estranhar o que se não fazia: *Quid facimus?* E acabou **por** começar o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogita...*”

b) “... se pudesse lavar moeda de florins e reaes, que bastasse para a paga das gentes que houvessem de fazer guerra, as quaes não comecem **por** andar na terra d’el-rei d’Aragão depois que a guerra começasse de ser” (Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, p. 95).

No dado a seguir (como nos anteriores de 71), o *por* indica (juntamente com o auxiliar) o ponto inicial de ações/eventos subsequentes: ao se dizer, por exemplo “começando por Serra”, se diz que é por ele, e não por outro, a escolha para ter sido citado como ministro:

(72) “O presidente Fernando Henrique Cardoso usou bem sua mão, símbolo de campanha, para escolher seu ministério. Começando por Serra, que sempre foi péssimo para o Nordeste.” (*Veja*, ed. 1374, de 11/01/1995, p. 12).

Essas afirmações também são válidas para *acabar* + *-ndo*, intercambiável, em muitos contextos, pelas formações com *por*. No dado a seguir, entre um conjunto de coisas (cadeias, chaves, entre outras), se começa pelas cadeias (interpretação permitida inclusive pela perífrase “começando pelas cadeias”) e se acaba pelas chaves, e não por outras possibilidades previstas no conjunto (mesmo que nesse conjunto só haja dois elementos = cadeias e chaves, se começa e se acaba por um, e não por outro).

(73) “Começando pelas cadeias para acabar pelas chaves, é certo que Cristo livrou a São Pedro das cadeias de Herodes em Jerusalém, mas também é

certo que o não livrou das cadeias de Nero em Roma”. (Vieira, Sermão das Cadeias de S. Pedro em Roma, 1674, parte III).

No dado a seguir, a perífrase *acabar* + gerúndio não somente vincula essa leitura temporal e aspectual, como afirmamos até aqui, ou seja, ao somar a leitura possibilitada pela flexão verbal + a semântica do verbo auxiliar + a semântica do verbo principal, o sentido final da sentença, quando o gerúndio está na posição de verbo principal da perífrase, pode ter agregado a si mais uma leitura possível: uma modalização – pressupõe que não havia pretensão de realizar o evento marcado pelo verbo principal, porém no fim acaba realizando-se esse evento. Isso que se entende quando se diz “acabou aceitando a chefia do serviço” ou “acabou negando a Cristo” a seguir.

(74) “E se os propósitos de não pecar acabam negando a Cristo, ...” (Vieira, Sermão do Quarto Sábado da Quaresma, 1640. parte V)

(75) “(General Médici) Acabou aceitando a chefia do Serviço Nacional de Informação (SNI).” (Veja, ed. 117, 02/12/1970. p. 6).

Isto é, nos dados, não havia a pretensão de negar nem aceitar, porém acabou negando e aceitando. Assim, no contexto perifrástico com o *acabar* + *-ndo* (e também *acabar* + *por*), além de apontar o ponto/destino final, esse verbo agrega outras funções e apresenta característica de verbos modais. Essas perífrases como dissemos são intercambiáveis pela construção *acabar* + *por* como se verifica em:

(76) a) E se os propósitos de não pecar acabam por negar a Cristo, ...”

b) “(General Médici) Acabou por aceitar a chefia do Serviço Nacional de Informação (SNI).”

Pelo que apresentamos nesta seção, e devido a essas ocorrências diversificadas que agregam novas significações às perífrases com *começar* e *acabar* que podemos afirmar que o processo de gramaticalização para esses verbos está no 3.º estágio de Heine (1993): cumprem função na categoria de auxiliares e nessa categoria não há restrição para tempos e modos verbais, uma vez que uma das funções gramaticais dos auxiliares é justamente essa: marcação temporal. Nesse sentido também se confirma, nesse GTs, a posição de Castilho

(1968) que diz que não importa o tempo verbal ou a forma nominal que venham conjugados *começar* e *acabar*, pois eles só tornam mais preciso o momento em que começa/acaba a ação (no intervalo de tempo), uma vez que o aspecto decorre mais fortemente da semântica destes verbos.

Portanto, reafirmamos, além disso, que a flexão verbal somada à semântica **lexical** (a semântica dos auxiliares, que apresenta marca perfectiva, ou seja, marcas da pontualidade), faz com que a sentença tenha duas operações semânticas acentuadas: a semântica dos auxiliares, marcando o ponto inicial / final na linha do tempo, mais a flexão verbal, marcando também a aspectualidade, além das marcas temporais inerentes às flexões. Ou seja, nesse caso, a semântica lexical é forte quando *começar* e *acabar* estão em uma sentença, contudo a composicionalidade não deixa de entrar em jogo marcando o aspecto gramatical, conforme teorias de aspecto afirmam (Comrie, 1976; Dowty, 1979; Smith, 1997). Assim, neste GFs (tempos/modos verbais para *começar* e *acabar*), não há restrição para qualquer um deles, como pudemos constatar nos resultados apresentados.

#### 4.4.2 *Acabar e começar*: a classe acional do verbo principal da perífrase

Uma das dúvidas que interessava responder nesta pesquisa era se *acabar* e *começar* fazem restrição a alguma classe acional na formação da perífrase, uma vez que alguns estudos dizem que são auxiliares que apresentam restrição de seleção para algum tipo de verbo principal que formação da perífrase (Bertucci, 2011, por exemplo). Essa restrição seria a verbos principais que não apresentam meronímia, ou seja, em seu léxico a noção de partes ou estágios não estaria presente.

Além disso, verbos **pontuais** (como os *achievements*, que são + dinâmicos, - durativos e - homogêneos no tempo) também estariam nessa lista, uma vez que essa classe diz respeito a eventos que ocorrem instantaneamente no tempo e, por isso, dois verbos estritamente pontuais – os auxiliares que são *achievements* somados a mais um *achievements* (começar/acabar de atingir o topo, por exemplo como exploramos na seção sobre as classes acionais) – não

comporiam perífrases bem formadas semanticamente. Outro grupo que não apresenta meronímia seria o dos estativos, pois indicam homogeneidade temporal (ver explanação em 1.4.1, capítulo 1).

Isso não seria totalmente verdadeiro, pois *começar* e *acabar* não apresentariam restrição de seleção a nenhuma classe, apenas a algum subgrupo de verbos estativos, aqueles que apresentam certa noção de permanência no tempo, como o grupo “ter olhos azuis” ou “ser poeta”. Mesmo assim, o contexto linguístico maior acabaria com essa restrição, como explanamos no capítulo 2. Uma possibilidade, no caso do *ser*, é que no predicado houvesse uma marcação temporal em que o ponto inicial na linha do tempo seria marcado. Assim, em “Ele começou a ser poeta em 2013”, o ponto inicial é marcado na operação da soma da semântica dos verbos da perífrase mais a pontualidade do adjunto temporal “em 2013”, acabando com a restrição de seleção.

No caso de verbos pontuais, a restrição se daria somente se não houvesse na grade argumental algum complemento verbal que permitisse fazer contagem ou medição, ou se não houvesse um adjunto que marcasse o início do evento no tempo. Como exemplificamos anteriormente com o verbo *quebrar*, em que construções como “Ele começou a quebrar a parede” e “Ele começou a quebrar o pé” se diferem, pois a primeira é totalmente gramatical, e a segunda apresenta estranhamento, uma vez que em “quebrar a parede” é possível a focalização de início da ação em “parede”, que tem uma extensão mensurável que pé não tem. Diferentemente, a sentença “Ele acabou de quebrar o pé” é totalmente aceitável, pois nos remete à ideia de que no instante anterior à enunciação da sentença (momento de fala) a ação havia acontecido, ou seja, é uma sentença que apresenta marcação muito mais temporal que aspectual. Contudo, não estipulamos um fator neste GFs que permitisse distinções destas subespecificações de verbos estativos e *achievements*, ou um subgrupo que só contasse o verbo *ser*<sup>45</sup>, por exemplo, outro estativo.

---

<sup>45</sup> Para o verbo estativo *ser*, que apresentaria restrição de uso conforme já mencionamos por ser um estativo permanente, embora não tenha sido feita uma rodada para saber a exata quantidade de dados em que ele aparece na posição de verbo principal (porque não o separamos da classe dos estativos), verificamos, na hora de copiar os dados, que aparece em grande quantidade em todas as obras consultas, como no exemplo retirado do jornal Gazeta do Rio de Janeiro: “... porque não

Lembramos que esse GFs foi selecionado pelo GoldVarb 2001 como segundo grupo relevante quando, para as rodadas, a variável dependente foi “*começar e acabar*”. Como dissemos anteriormente, a discrepância entre a eliminação deste grupo quando trocamos a variável dependente para “categoria verbal” pode ter ocorrido porque os pesos relativos permitem fazer estimativas de variação e possível estabilização dos fatores em cada grupo ou, ainda, assim como os tempos verbais, as classes acionais já estão estabilizadas no sistema linguístico para a marcação aspectual.

Passamos, a seguir, a apresentar o que os resultados mostram para a formação da perífrase e o verbo principal para esse GFs: foram computados 647 dados, com um número maior novamente para o *começar* (539 – 83%) e 108 dados para o *acabar* (16%). Lembramos que usamos a nomenclatura da classe vendleriana, que é a mais conhecida na literatura, embora estejam em foco a relação subjacente entre intervalo e instante de tempo que essas classes apresentam e os traços [+ dinâmico, +- homogêneo, +- durativo).

QUADRO 20 – Resultados para o *começar e acabar* e a classe acional do verbo principal.  
FONTE: GoldVarb, 2001.

<b>Começar</b>				<b>Verbo acabar</b>		
<i>Input</i> = 0.95; Log likelihood = 380.44; Significância = 0.003				<i>Input</i> = 0.067; Log likelihood = 380.44; Significância = 0.003		
<b>Grupo</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>P. R.</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>P. R.</b>
<b>Atividades</b>	178/190	93	0.67	12/190	6	0.32
<i>achievements</i>	252/308	81	0.51	56/308	18	0.48
<b>Estativos</b>	61/78	78	0.45	17/78	21	0.54
<i>accomplishments</i>	48/71	67	0.35	23/71	32	0.64
SUBTOTAL	539/647	83		108/647	16	

Em relação ao *começar*, há o seguinte resultado apresentado no quadro, num peso relativo **decrecente** para esse grupo de fatores: 0.67 para *começar* + verbo de atividade (178 dados – 94%); 0.51 para *achievements* (252 dados – 81%) com verbos *achievements*; 0.45 para estativos (61 dados – 78%) com estativos e 0.35 para *accomplishments* (48 dados – 67%). Para o verbo *acabar*, que indica o ponto final de qualquer eventualidade no tempo, os pesos relativos também mostram que este verbo seleciona qualquer uma das classes acionais: a diferença

---

eram só victimas do despotismo lisbonense, que nos humilhava, começamos a ser o ludibrio de homens authorisados...” (Edição 24, de 23/02/1822).

para esse verbo é que os valores relativos são **crescentes** em relação aos apresentados para o *começar*, nessa ordem: 0.32 para *acabar* + verbo de atividade (12 dados – 6%); 0.48 para *achievements* (56 dados – 18%); 0.54 para estativos (17 dados – 21%) e 0.64 para *accomplishments* (23 dados – 32%). Seguem sentenças que exemplificam o uso: atividade em (77), estativo em (78), *achievements* em (79) e *accomplishments* em (80):

(77) a) “... nós começávamos a enxugar as lágrimas, que nossos olhos sem cessar se havião de desenvolver os gloriosos sucessos de um porvir brilhante...” (Gazeta do Rio, ed. 131, de 31/10/1822).

b) “A Espanha acaba de dirigir às Nações da Europa a proclamação seguinte: Nações da Europa...” (Gazeta do Rio, 17.<sup>a</sup> ed. extra, de 19/12/1808).

*Enxugar* e *dirigir* em (77) são verbos de atividade (+ **homogênea**, + **dinâmica**, + **durativa**), em que dizemos que, em qualquer momento entre o início e o fim de enxugar e dirigir, é possível afirmar que esses eventos ocorreram. Nesse dado ainda temos a soma de *enxugar* + o SN pluralizado *as lágrimas* que confere um evento plural, em que para qualquer momento entre o início (focalizado pelo *começávamos*) e o fim de [enxugar as lágrimas], é possível afirmar que esse evento ocorreu. Já em *acabou de dirigir*, entendemos ainda um evento que aconteceu no momento imediatamente anterior à fala.

Essa mesma afirmação de que em qualquer momento entre o início e o fim de um evento é possível afirmar que o evento ocorreu serve também para *sofrer*, *ser* e *crer* de (78) a seguir, em que, em qualquer subintervalo entre o início o fim de sofrer, ser e crer, essas eventualidades ocorrerem de forma homogênea e durativa em um intervalo de tempo. Ou seja, houve sofrimento, crença e foi filho da luz. A diferença dessa classe de verbo e da classe anterior é que são verbos + **homogêneos**, - **dinâmicos**, + **durativos**, apresentando uma caracterização para o sujeito, e não uma ação realizada por ele, por isso menos dinâmicos.

(78) a) “... te ferir o sensível Coração de V. Ex. que sem perda de momentos nos porá ao abrigo das vandálicas opressões que já começamos a sofrer.” (Gazeta do Rio, ed. 14, de 31/01/1822).

b) “... porque não acabamos de ser filhos da luz, he porque não acabamos de crer na luz.” (Sermões do Padre Vieira, volumes I e II, p. 81).



Já *atirar* e *chegar* em (79) a seguir, diferencia-se dos dois tipos de verbos anteriores por serem eventos - **homogêneos e - durativos**, e o *começar* marca o início do evento pontual no tempo [atirar a pedra]; e o *acabar* marca a finalização do evento pontual no tempo [chegar da restauração], que ocorre em um único instante de tempo.

(79) a) “... e vendo que ele não cahia, lhe começaram a atirar a pedra, acção que pasmou o General...” (Gazeta do Rio, 9<sup>a</sup>. ed. extra, de 31/10/1808).

b) “... faustas notícias acabão de chegar da restauração da maior parte do Reino de Portugal...” (Gazeta do Rio, 6.<sup>a</sup> ed., de 01/10/1808).

Em *fazer* e *transcrever* de (80) temos eventos com fases – [fazer-lhes algumas Fragatas Inglezas] e [transcrever expressões de Courier], que demandam um intervalo de tempo para que todas as etapas sejam realizadas e se diga que os eventos estão terminados. O *começar* focaliza o ponto inicial e o acabar o ponto final desses eventos.

(80) a) “Qundo os francezes perto de Castella, e das Aldêas junto da costa ficarão surprehendios por hum vivo fogo, que começarão a fazer-lhes algumas Fragatas Inglezas, e a pequena divisão...” (Gazeta do Rio, ed. 19, de 16/11/1808).

b) “O que acabamos de transcrever são expressões de Courier, e sem duvida de toda a Inglaterra...” (Gazeta do Rio, 11.<sup>a</sup> ed., de 19/10/1808).

Esse último tipo de verbo (*accomplishments*, com os traços - **homogêneo, + dinâmico, + durativo**) apresenta o menor peso relativo para o *começar* (**0.35**) e maior peso para o *acabar* (**0.64**), uma diferença de **0.29**. Por serem verbos de processos e denotarem fases (ou subintervalos de tempo para se concluir fases), esperava-se serem mais propensos a associação com *começar* e não com *acabar*, pois a focalização do início se daria em uma das partes marcadas por esse tipo de verbo. Essa focalização do ponto inicial na “primeira fase” possibilitaria a significação do desenrolar das outras fases e o fim delas não seria necessário demarcar, uma vez que o *acabar* já faz essa marcação. Porém isso não ocorreu, como os resultados apontam. Esses, portanto, confirmam que não é o verbo que apresenta meronímia ou estágios que são os mais propensos a serem selecionados para a formação da perífrase. Um exemplo disso é o dado retirado da

obra de Fernão Lopes com o verbo *comer*, *accomplishment*, que prevê partes a serem comidas, e o verbo *começar* seleciona uma delas para o início do evento.

- (81) “E assim o arrastaram pela cidade, com as vergonhosas partes descobertas, e o levaram ao Rocio, onde o começaram de comer os cães...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Pedro I*, p. 161).

Se para *acabar* a maior probabilidade de ocorrência como verbo principal na construção da perífrase é para verbos *accomplishments* (0.64), como explicitamos acima, para o *começar* a maior probabilidade de ocorrência é para verbos de atividades (com os traços + **homogêneo**, + **dinâmico**, + **durativo**), com **0.67** (diferentemente para *acabar* é de **0,32**, uma diferença de **0.35**). A semântica do verbo *começar* é fortemente marcada (ele intrinsecamente apresenta a significação de ponto inicial na linha do tempo como afirmamos), essa é uma possível razão pela qual ele seleciona essa classe acional na posição de verbo principal da perífrase, pois é uma classe com característica homogênea, ou seja, não tem fases.

Ao se comparar os pesos relativos para ambos os verbos, confirma-se a hipótese de que não fazem restrição a nenhuma classe acional para o verbo principal ao formar a perífrase, com diferença constante entre uma classe e outra para o mesmo verbo. A diferença acentuada e inversa para os verbos deste trabalho para atividades (0.67 para *começar* e 0.32 para o *acabar* = 0.35) e *accomplishments* (0.35 para *começar* e 0.64 para o *acabar* = 0.29) é interessante, pois é um aparente paradoxo apresentar a probabilidade de haver uma perífrase com *começar* + um verbo de atividade e uma perífrase com *acabar* + um verbo *accomplishments*, uma vez que, para nós, a não homogeneidade desse último tipo de verbo permitiria tanto *começar* quanto *acabar* por focalizarem fronteiras de eventos com fases, marcando o ponto dessas fronteiras (primeira e última etapa/fase).

Portanto, essa maior probabilidade de focalização do ponto final, e não do inicial, com este tipo de verbo provavelmente é para não só marcar o limite final, mas a completude do evento como um todo. Já o resultado para as atividades, que têm como características a homogeneidade, dinamicidade e

duratividade, e que também permitem focalização de início e fim do evento, aponta a maior probabilidade com o *começar*, ou seja, focalização do início, e a menor probabilidade com o *acabar*, ou seja, a focalização do ponto final.

*Achievements* e estativos apresentam resultados próximo ao ponto neutro (0.50) com uma diferença não acentuada entre *começar* e *acabar*: para *achievements* (característica principal ser - **durativos**), temos **0.51** para o *começar* e **0.48** para o *acabar*, uma diferença de **0.03**; e para estativos (característica principal ser + **homogêneo**), temos **0.54** para o *acabar* e **0.45** para o *começar*, uma diferença de **0.10**, portanto, relativamente estáveis no sistema linguístico. Como *achievements* tem o traço - durativo, como mostramos, era esperado que esta classe fosse restringida por verbos também com este mesmo traço, como são o *começar* e o *acabar* (*achievements* também). Confirma-se, nesse sentido, que não é essa característica (verbo pontual associar-se a outro verbo pontual) que restringiria a seleção dessa classe acional.

Contudo, são necessários mais estudos que esclareçam o estranhamento que há em “Comecei a quebrar o pé” e o não estranhamento em “Acabei de quebrar o pé”, como discutimos anteriormente em relação a extensão mensurável de “pé”, que se difere de “parede”, por exemplo, com extensão mensurável. Uma explicação é que nesta última sentença o verbo *acabar* não funciona como auxiliar que focaliza o ponto final, mas sim é somente auxiliar temporal, marcando o instante anterior ao momento de fala em que o evento de quebrar o pé tenha ocorrido. Além disso, como já analisamos anteriormente, quando falamos das perífrases com o gerúndio, é possível afirmar que o verbo *acabar* cumpra a função também de um verbo modal, pois, ao se proferir uma sentença como esta, o fato tenha ocorrido sem a pretensão dessa ocorrência (é como se o falante tivesse se lamentado de ter quebrado o pé e diga “Pois é, acabei de quebrar o pé!”, ou ainda, “Estava andando na calçada esburacada e acabei quebrando o pé/ acabei por quebrar o pé”).

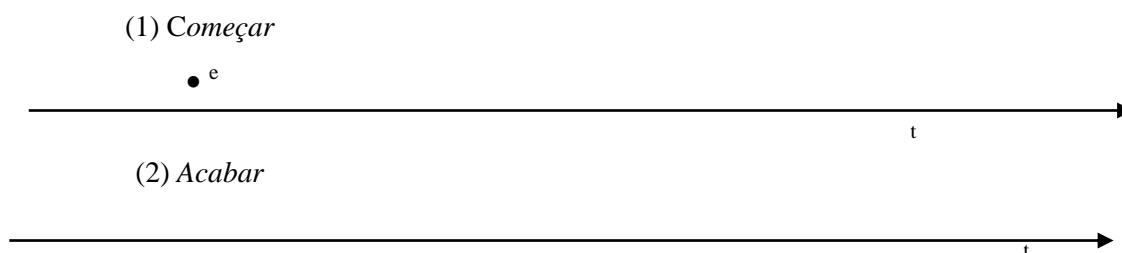
Essas significações a mais que *acabar* agrega diferentes de *começar* podem indicar que, no processo de gramaticalização, *acabar* está mais adiantado que *começar*. Nesse sentido, ainda é necessário esclarecer melhor essas diferentes

funções de *acabar* na categoria de auxiliar (auxiliar temporal, aspectual e modal). Também são necessários mais estudos que abordem a formação com verbos de estado, porque, apesar de os números indicarem que eles não são problema para a formação da perífrase (0.54 para o *acabar* e 0.45 para o *começar*, com diferença de 0.10), o falante estranha sentenças como “Comecei a ter olhos azuis”, caso não haja um acréscimo de informação como “Comecei a ter olhos azuis quando coloquei lentes de contato”. Nesses casos, entraria em jogo a composicionalidade da sentença como fator de não restrição à seleção das classes acionais nas construções perifrásticas com *começar* e *acabar*.

Ou seja, conclui-se que a composicionalidade da sentença interfere na leitura final de uma determinada sentença e, por isso, provavelmente os resultados para esse GFs tenham sido constantes entre as classes e inversos de um verbo para outro (**crescente** para o *acabar* – 0.32 para atividade; 0,48 para *achievements*; 0.54 para estativos e 0.64 para *accomplishment*; e **decrecente** para o *começar* – 0.67 para atividades; 0,51 para *achievements*; 0.45 para estativos; e 0.35 para *accomplishments*). Porém, como esses resultados apontam o uso de todas as classes acionais, podemos afirmar que não há restrição de seleção a nenhuma delas para a formação da perífrase.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: *ACABAR* E *COMEÇAR* GRAMATICALIZADOS

Os grupos de fatores selecionadas pelo GoldVarb 2001 e analisados neste trabalho corroboram o processo de gramaticalização de *acabar* e *começar*: ambos estão em duas categorias em Português – na de plenos e na de auxiliares. Nessa última, os dois verbos marcam tempo e aspecto de forma correlacionada. A partir de nossas análises, concluímos que estão no estágio 3 de Heine (1993), sem possibilidade de prever se vão chegar a outros estágios do processo, ou se também vão desenvolver outras funções na língua. Apesar de apresentarem comportamentos distintos em alguns sentidos que são empregados e conforme a regência (preposição usada nas duas categorias a que pertencem) ou a classe acional que selecionam para formar uma perífrase, esses verbos são muito semelhantes semanticamente: **focalizam fronteiras de eventos**, devido ao seu aspecto lexical intrinsecamente marcado, conforme representamos nas linhas temporais, repetidas a seguir:



Ou seja, apresentamos o processo que leva esses verbos à auxiliarização, comprovada nos vários grupos de fatores estabelecidos: o “tempo/modo verbal” para *acabar* e *começar* corrobora a ideia de diferentes pesquisadores, como Castilho (1967, 2008), Pontes (1973) e Travaglia (1968, 2002), que dizem que esses verbos não fazem restrição a qualquer tempo verbal, cumprindo todas as funções dos auxiliares – marcam as noções de pessoa, modo, tempo, aspecto, além de modalidade, conforme exemplos analisados do *corpus*.

Para essa última função, apresentamos *começar* e *acabar* + gerúndio como verbo principal da perífrase como formações que também indicam certa modalização. Essas perífrases também estão presentes no Português desde o século XIV. Porém, devido à semântica do *começar* e do *acabar*, essas perífrases

também focalizam um ponto no tempo (início com o *começar* e fim com o *acabar*). Contudo, a configuração na linha temporal se dá diferentemente da apresentada em (1) e (2) acima: com o gerúndio como verbo principal na perífrase com *começar* e *acabar* como verbos auxiliares, há a pressuposição de um conjunto de eventos no mundo (conjunto com *n* eventos), em que *começar* e *acabar* focalizam um dos eventos do conjunto, o qual é “pinçado”, e com este evento se dá o início/fim de outros eventos do conjunto (como foi representado na figura 1 no início deste trabalho, repetida a seguir).

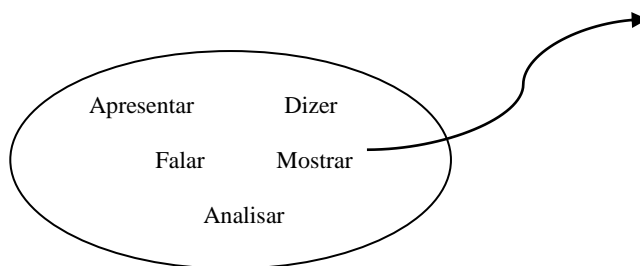


FIGURA 5 – Representação de um conjunto de eventos.

A figura acima representa o significado do exemplo (3) a seguir: o primeiro evento a ser realizado seria mostrar que o pobre infalivelmente tem mais filhos que o rico. Depois deste, outros eventos pressupostos (por exemplo, no conjunto acima falar, dizer, analisar, apresentar, etc.), seriam os subsequentes a serem realizados.

- (3) “Ao ler o artigo sobre a pílula, concluí que, ao analisar a questão, temos que remontar não ao problema em si, mas a outros mais fundamentais, a começar mostrando que o pobre infalivelmente tem mais filhos que o rico...” (Veja, 13 edição, de 13/11/1968, p. 02).

Essa perífrase (começar mostrando), além disso, apresenta ambiguidade, pois também é possível entender que “mostrando que o pobre infalivelmente tem mais filhos que o rico...” é o modo de se analisar a questão sobre a pílula. Além dessas duas leituras possíveis, perífrases com o *acabar* + *-ndo*, possibilitam uma outra, próxima à significação de perífrases com auxiliares modais. Em (4), por exemplo, *acabou perdendo* pode ser entendido como um não planejamento anterior à ação realizada de pagar: “muita gente” não tinha a pretensão de perder, ou seja, pagou e, por isso, não queria perder o pagamento, mas acabou perdendo.

- (4) “Pelo visto, muita gente pagou e acabou perdendo, porque o MDB só conseguiu cinco deputados estaduais e dois federais”. (Veja, edição 117, de 02/12/1970. p. 06).

Assim, essa leitura de não planejamento anterior à realização do evento é mais uma vinculada a essa construção perifrástica. Ou seja, além de indicar tempo e aspecto, essa perífrase parece indicar modalização. Nesse sentido, pode estar a mais um passo do próximo estágio de gramaticalização, por agregar mais uma significação e função ao auxiliar. Essa conclusão é possível, uma vez que *começar* e *acabar* estão no 3.º estágio de Heine (1993), comprovado pela análise, por exemplo, com as formações como as acima com o gerúndio (e também com a preposição *por*: acabou/começou **por** perder). Nesse sentido, é possível afirmar que esses verbos já se gramaticalizaram como auxiliares, conforme conceito de gramaticalização: passaram de um item lexical (verbo pleno) para um item gramatical (verbo auxiliar), não sendo possível afirmar categoricamente qual é o próximo curso dessa mudança.

Nossa hipótese era que essa função estaria presente nas perífrases com gerúndio e que estas seriam mais contemporâneas, o que denotaria a maior gramaticalização de *começar* e *acabar*. Porém, elas foram encontradas, embora em um número bem reduzido, já no Português do século XV. Mesmo assim, a leitura modal para a forma *acabar* e *começar* + gerúndio ainda não está totalmente estabilizada, como está para a leitura temporal e aspectual com as formas com infinitivo na posição de verbo principal. Essa leitura, demonstrada nas várias seções com os GFs deste trabalho, é fortemente marcada. Por isso, ainda são necessários mais estudos com essas diferenças de leitura com o gerúndio.

Além disso, outro ponto importante desta pesquisa era verificar a hipótese de que *começar* e *acabar* não fazem restrição a nenhuma classe acional para o verbo principal na formação da perífrase (de **atividade**, **processo**, **pontualidade** ou **estado**), embora a subclasse de estativos (do tipo “ser poeta”/ “ter olhos azuis”) não tenha sido refinada como mais um fator no GFs, para se confirmar se para esta subclasse poderia haver alguma restrição, qual é a restrição ou como ela ocorre. Outra questão importante levantada para esse GFs foi os resultados serem inversos e constantes para o *começar* e o *acabar*: **crescente** para

o *acabar* – 0.32 para atividade; 0,48 para *achievements*; 0.54 para estativos e 0.64 para *accomplishment*; e **decrecente** para o *começar* – 0.67 para atividades; 0,51 para *achievements*; 0.45 para estativos; e 0.35 para *accomplishments*. Esse seria outro refinamento que poderia ter sido feito, separando as classes conforme a composicionalidade, já que afirmamos que esta influencia na leitura final da sentença. Além disso, dissemos que o complemento verbal também do verbo-complemento também produz efeitos de sentidos diversos (“correr no parque” difere de “correr a maratona”, por exemplo, na leitura de completude ou não do evento).

Nesse sentido, provavelmente o modo como esse GFS foi delimitado (considerando os traços +- dinâmicos; +- durativos; +- homogêneo) pode ter sido controverso para a análise, uma vez que o grupo eliminado nas rodadas (tanto quando a variável dependente foi “começar e acabar” como quando foi “categoria verbal”) diz respeito à complementação/adjunção. Ou melhor, dizendo, talvez um refinamento de fatores para esses dois grupos, unindo-os em um único grupo que levasse em conta os múltiplos rearranjos sentenciais para a indicação do aspecto (léxico + complementação/adjunção; flexão/modo verbal; tipos de adjuntos temporais, etc.), pudesse levar a conclusões distintas e mais aprimoradas, inclusive para as subclasses de estativos, como dissemos acima. Contudo, esse refinamento demandaria outra organização dos GFS para a realização em um único trabalho (mestrado ou doutorado), que levasse em consideração somente as classes acionais e não tantos grupos como estabelecemos para esta pesquisa.

Apesar dessa falta de refinamento e do resultado paradoxal, confirmou-se a não restrição às classes acionais desse GFs. Também se confirmou, ao verificar os tempos verbais expressos e a classe acional do verbo principal, o que Heine apresenta para os estágios 3 do processo de gramaticalização: esses verbos passam a combinar-se com um verbo não finito como complemento, ou seja, o complemento verbal desses verbos é expresso por uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio); e o verbo auxiliar passa a expressar as distinções de tempo, aspecto e modo, isto é, passam a cumprir essas funções ao mesmo tempo, ou pelo menos a cumprir duas delas. Na verdade, eles podem estar a um passo de mais um estágio do processo, pois vimos que com o gerúndio como verbo



principal essas perífrases agregam mais uma significação. Além disso, a regência do *começar* era múltipla sem perda semântica nessa concorrência e coocorrência da forma: inicialmente tínhamos *começar* + *de*, *começar* + *a* e *começar* + sem preposição, como nos exemplos abaixo:

- (5) “E estando alli começou de ventar o Levante, que He travessia naquelle lugar...” (Fernão Lopes, *Chronica de D. El-rei D. Pedro I*, p. 332).
- (6) “... levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: — Lá vão...” (Vieira, *Sermão de Nossa Senhora da Graça*, 1651).
- (7) “E tanto que o sol começou Ø esconder os rayos de sua claridade...” (Zurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, p. 168).

Mostramos que a **estabilização de começar + a** ocorreu no século **XVII** e que temos ainda hoje a forma *começar* + Ø, sem ser possível afirmar que o uso desta forma é um resquício do passado ou uma retomada dela na atualidade. Também mostramos, nessa estabilização, que as preposições, devido à gramaticalização por metaforização, ajudam na marcação temporal e aspectual, uma vez que o *a* e o *de* passaram do sentido mais concreto de localização espacial a um sentido mais abstrato de localização temporal. Apesar da múltipla regência, para esses verbos, eles não perdem seu sentido-base – focalização de um ponto no tempo. O que ocorre é somente nuances específicas de sentido conforme preposição usada: vimos que na categoria de plenos a regência mais provável é com as preposições *com*, *por* e *em* (*começar/acabar por*, *começar/acabar com*, *começar/acabar em*), já, na categoria de auxiliar, para o *acabar*, é a preposição *de*, e, para o *começar*, é a preposição *a*.

Além disso, também corroborou a hipótese de gramaticalização desses verbos o grupo de fatores “obras/épocas” para a formação do *corpus*<sup>46</sup> e comprovou também que é no século XVII que a forma *começar* + *a* + infinitivo se estabiliza, como dissemos acima, e que a forma *acabar* + *de* + infinitivo já estava estável no século XIV. Como não pesquisamos a escrita anterior a esse período, não temos como afirmar se havia outras formas diferentes a essas e qual forma,

<sup>46</sup> No anexo 3, apresentamos uma pequena amostra para cada uma das obras pesquisadas, uma vez que, como dissemos, o total é de 1455 dados, reduzidos conforme rodadas realizadas.

*começar* + *de* ou *começar* + sem preposição, ocorria primeiramente. Sabemos somente que ambas já ocorriam no século XIV, com poucas ocorrências com a preposição *a*. A forma com *de* desapareceu, se estabilizando com a preposição *a*, no século **XVII** (época em que a perífrase com *de* não ocorre mais).

Portanto, com as descrições e análises dos GFs estabelecidos comprovamos as hipóteses levantadas, usando o programa GoldVarb 2001, que selecionou entre 8 grupos, 5 GFs: plenos e auxiliares/*começar* e *acabar*, conforme troca de variável dependente para as diferentes rodadas; tempos/modos e classes acionais; preposições para a regência dos verbos em estudo e épocas/obras consultadas. Esses GFs confirmaram a gramaticalização de *começar* e *acabar*, no 3.º estágio de Heine (1993) para a gramaticalização de verbos: estão na categoria de verbos plenos e na de auxiliares – **coocorrência de *começar* auxiliar e *começar* pleno; coocorrência de *acabar* pleno e *acabar* auxiliar**. Como plenos, aparecem em sentenças como “Começou/acabou o filme” (encontrados dados semelhantes a essa construção no *corpus* para esta pesquisa) e, como auxiliares, aparecem em sentenças como “Começou a/ acabou de ver o filme”. Ou seja, estão **recategorizados** (Heine, 1991): passaram de um item lexical (categoria de plenos) a item gramatical (categoria de auxiliares), com **persistência semântica** (Heine, 1991): o significado original permaneceu no processo de gramaticalização.

Mesmo recategorizados, como há persistência semântica, esses verbos focalizam um ponto na linha temporal, o ponto inicial/final, uma vez que a semântica lexical desses verbos é forte: fazem essa focalização imediatamente no SN complemento quando plenos ou no verbo-complemento quando auxiliares. A composicionalidade sentencial é relevante para desfazer restrições à focalização deste ponto, ou seja, entra em jogo, então, o SN complemento do verbo principal da perífrase ou a soma das partes da perífrase mais complemento (começou a / acabou de {quebrar a parede}); ou ainda a soma perífrase + complemento + adjunto (Começou a {ser poeta em 1973}/quando nasceu}; Acabou de {ser poeta em 1973}/quando morreu)) ou o rearranjo dessas partes. Portanto, os grupos de fatores confirmam que o significado intrínseco de *acabar* e *começar* sobrepõe-se aos demais na constituição do aspecto com esses verbos.

Nesse sentido, a proposta para este trabalho buscou respostas que apresentassem diferenças e semelhanças das construções com *começar* e *acabar*, em que, em perífrase verbal, seriam auxiliares **aspectuais**, subespecificados como **aspectualizadores (focalizadores de pontos no tempo)**, em um tratamento pelo viés da semântica de aspecto em interface com a gramaticalização. Para tanto, coletamos dados de crônicas dos séculos XIV ao XVI, dos sermões do século XVII, do jornal do século XIX, e da revista *Veja*, por amostragem: um autor de cada século, e, ao chegar ao momento atual, um texto (cartas ao editor) da *Veja*, de janeiro de cada início de década, desde a fundação da revista até a década de 2010. Os dados que compuseram o *corpus* foram codificados e, posteriormente, rodados no programa GoldVarb 2001, que apresentou os resultados estatísticos e probabilísticos consistentes que permitiram as conclusões a respeito da mudança e variação a respeito do fenômeno linguístico estudado.

Com esses resultados, embora haja outras pesquisas, como a de Travaglia (2002, 2003) para a gramaticalização de *começar e acabar*, aqui procuramos responder à hipótese de que **focalizam fronteiras do evento**: o ponto inicial, com o *começar* e o ponto final, com o *acabar*, sem perda semântica (ou com uma gradual perda) na passagem do verbo da categoria de pleno para a de auxiliar. Como auxiliares que formam **perífrases aspectuais**, pois reúnem a função de marcar tempo (na flexão verbal) e aspecto (inceptivo e terminativo, no léxico), os denominamos de **aspectualizadores** (Verkuyl 1999)<sup>47</sup>, uma nomenclatura que leva em consideração as diversas operações que esses verbos podem realizar: focalizar a pontualidade no verbo principal que forma a perífrase, isto é, no seu verbo-complemento, ou no complemento desse verbo principal, ou em adjuntos, ou ainda no rearranjo e soma desses sintagmas.

Além disso, ao descrevermos características semânticas desses aspectualizadores, a partir dos resultados obtidos pelo GoldVarb 2001, com base

---

<sup>47</sup> Não especificamos como se dá a operação semântica realizada por esses verbos, tomando como base as teorias composicionais de Verkuyl (1999). Apenas utilizamos a nomenclatura “aspectualizador” por acreditarmos ser uma subclasse dos verbos aspectuais, uma vez que, como explicitamos, essa subclasse se comporta sintaticamente de maneira distinta dos demais: ela seleciona um verbo-base para complementação e um sujeito (Ele começou a comer = **ele** sujeito; **a comer** complemento de *começar*). Já semanticamente, esses verbos focalizam um ponto no tempo.

nos grupos de fatores para análise (categoria verbal, tempo-modo verbal, preposições, classe acional do verbo principal da perífrase, composicionalidade do predicado) e a ocorrência destes no tempo (obras/épocas pesquisadas para a formação do *corpus*), verificamos que houve mudança no uso da preposição na formação perifrástica sem perda semântica nessa mudança (*começar* + *de* + infinitivo, *começar* + *a* + infinitivo e *começar* + vazio + infinitivo), com a estabilização da forma *começar* + *a* para o português contemporâneo, com forte probabilidade de coocorrência das formas hoje [*começar* + *a*] e [*começar* + sem preposição]. Como essas duas formas coocorrem, como parece estar acontecendo principalmente na oralidade hoje, não é possível afirmar se este será o próximo estágio da estabilização da perífrase com o *começar*. É necessário também enfatizar que a mudança da preposição na perífrase não diz respeito ao processo de gramaticalização da preposição em si, mas sim à estabilização da forma perifrástica.

Outra constatação foi em relação às perífrases com esses aspectualizadores com o gerúndio, pois esperávamos que fossem construções bem recentes no Português, porém houve exemplos encontrados no século XV. Essas perífrases são ambíguas para a marcação de tempo, da aspectualidade e da modalidade, uma vez que, além de marcar o tempo dos eventos acontecerem, marcam que, entre um conjunto de eventos, o início/fim se dá com um evento entre um conjunto pressuposto (por exemplo, *começou/acabou* comendo significa que entre comer, escrever, beber, etc. o evento de comer foi o inicial/final entre eles). No exemplo a seguir, “*estranhando*” é o primeiro evento e “*começar*” é o último evento a ser realizado entre um conjunto pressuposto de eventos (mesmo que nesse conjunto tenham somente dois eventos, como é o caso da sentença):

- (8) “Começou estranhando o que se não fazia: *Quid facimus?* E acabou começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogita...*” (Vieira, Sermão da Quinta Dominga da Quaresma, vol. IV, 1654)

Além disso, essa mesma leitura é possibilitada por *começar/ acabar* + *por*, que em alguns contextos são intercambiáveis pela perífrase com o gerúndio. Contudo, com essas, ainda são necessários estudos que apontem qual seria o escopo deste verbo para esta marcação aspectual, já que na sentença não há

indicação de um conjunto de eventos e que a ação no mundo é começada/ acabada com um deles dentro do conjunto. Uma possibilidade de verificar como isso ocorre é estudar se essa marcação é dada pela própria desinência *-ndo*, uma vez que já há estudos que o apresentam também como um operador de eventos – ou denotam duração ou iteração de eventos em um intervalo de tempo, como em Bertinetto (2001) e Cavalli (2008).

Também, com o auxiliar *acabar* + *-ndo*, teríamos ainda a noção de probabilidade de o evento acontecer ou a falta de planejamento para o evento ocorrer (por exemplo: estava passando pela loja e acabei entrando, ou seja, não tinha planejado realizar o evento, mas algo me impulsionou a realizá-lo). Para isso, fizemos uma breve comparação com o (a)*costumar*, um verbo modal, para verificar se o comportamento sintático e semântico de *acabar* se assemelha a esse auxiliar, dizendo que em certa medida *acabar* esta agregando mais essa função, a modalização.

Outra discussão que se fez é se esses verbos, ao passarem da categoria de pleno para a de auxiliar, fazem alguma restrição à classe acional do segundo elemento ao formarem uma perífrase, uma vez que na gramaticalização a forma que se gramaticalizou perde ou neutraliza características da classe a que pertencia e adquire propriedades novas da categoria a que pertence (decategorização). A conclusão a que chegamos é que assumiram novas propriedades, pois na categoria de auxiliar cumprem diferentes funções: marcar pessoa, voz, modo, tempo e aspecto, e, nessa nova categoria, não restringem qualquer classe acional com que vier a formar a perífrase. Portanto, as múltiplas significações e essas várias funções para os verbos analisados aqui (plenos e auxiliares; e como auxiliares, marcam tempo; aspecto e modalização), indicam que o princípio da **decategorização** (Hopper, 1991) está em pauta, uma vez que a forma já se gramaticalizou como auxiliar temporal e aspectual e adquire agora outras propriedades, como as dos auxiliares modais em alguns contextos. Parece bastante razoável dizer, inclusive que a forma *acabar* + *-ndo* está mais gramaticalizada que a forma *começar* + *ndo*, pois ela participa de mais predicções com significações e funções distintas.

Uma dúvida em relação às classes acionais era quanto aos estativos permanentes e aos *achievements*, já que essas classes não apresentam semanticamente uma situação com fases/partes (estativos são homogêneos, dinâmicos e durativos, enquanto *achievements* são não homogêneos, dinâmicos e não durativos). A pergunta era se *começar* e *acabar* como auxiliares selecionariam essas classes na construção da perífrase. A questão ficou respondida parcialmente, uma vez que não fizemos uma subespecificação dessas classes aspectuais, com diferentes tipos de estativos, por exemplo, com um código específico para estes para que o programa pudesse computá-las distintamente.

Poderíamos, para melhor esclarecer essa dúvida, ter dividido os estativos em subgrupos para verificar as restrições que parecem fazer a algum deles, porém devemos lembrar que há vários subgrupos que compõem os estativos (**verbos existenciais** – haver, existir; **locativos** – residir, morar; **epistêmicos** – saber, conhecer; **psicológicos** – gostar, amar, **copulativos** – ser, estar, permanecer, ficar, etc.). Cabem, portanto, novas pesquisas que tomem como objeto de estudo só essa classe acional para verificar se há alguma restrição para esses subgrupos, e, se houver, qual é e por que acontece. Uma resposta possível é que se houver alguma restrição ao verbo, ela pode ser desfeita na composicionalidade verbo mais complemento, ou então verbo mais adjuntos, uma vez que os aspectualizadores não se limitam somente a marcação aspectual no verbo principal da perífrase. Então, em predicados que, em princípio, haveria restrição, como “Ele começou a ter olhos azuis”, se houver um acréscimo informacional de tempo, se dissipará a restrição: “Ele começou a ter olhos azuis” parece apresentar uma restrição, contudo se houver demarcação da pontualidade em um adjunto de tempo, por exemplo, essa restrição se desfaz (“Ele começou a ter olhos azuis quando pôs lentes de contato”); o mesmo ocorre em “Ele acabou de ter olhos azuis) em que a restrição ou o estranhamento se desfaz ao acrescentarmos “quando tirou as lentes de contato” (“Ele acabou de ter olhos azuis, quando tirou as lentes de contato dessa cor”).

Isso também ocorre com os *achievements* (verbos pontuais), em que perífrases formadas por verbos pontuais como o *começar* e o *acabar* mais outro verbo principal também pontual poderiam não ser boas formações perifrásticas ou

ser agramaticais, como discutimos com os sintagmas *atingir o topo* ou *quebrar o pé*, por exemplo, em que “comecei a/ acabei de quebrar o pé” se difere de “comecei a/acabei de quebrar a parede”, uma vez que “parede” tem extensão que permite um começo/ um fim para ser começada a/ terminada de quebrar, que pé não tem. Obviamente em “acabei de quebrar o pé”, temos uma leitura temporal predominante, ou melhor, se entende que anteriormente ao proferimento da sentença, o evento [quebrar o pé] ocorreu.

Em sentenças desse tipo ou que não apresentam algum sintagma na sentença que apresente extensão mensurável pode ocorrer a focalização do ponto na linha temporal em outras partes da sentença: no complemento do verbo principal ou nos adjuntos que denotem pontualidade ou ainda algum outro sintagma que permita pensar numa medida extensional ou um contexto que permita desfazer a restrição (como “Comecei a quebrar o pé da estátua”, por exemplo). Para sentenças com *achievements*, novamente os dados do *corpus* apontaram que não há restrição para construções perifrásticas com *começar* e *acabar*. Mais uma vez, se houver restrição para essa formação, o operador pode ter escopo sobre outros sintagmas da sentença que acabem com a restrição.

Por tudo o que foi apresentado neste trabalho, esperamos ter contribuído com respostas pertinentes para a gramaticalização dos verbos em estudo, se não com respostas mais precisas aos questionamentos e hipóteses levantadas, esperamos que esses novos questionamentos levem a novas pesquisas. Na área da gramaticalização, a ideia ainda é pesquisar futuramente perífrases com *acabar* e *começar* na oralidade para contrapor ao que os dados mostraram aqui para a escrita. O que ocorre é que para o *começar*, por exemplo, parece que perífrases formadas sem preposição estão atualmente em uso em coocorrência e coocorrência com a forma estabilizada no século XVII (*começar + a*), principalmente na fala (um estudo somente a esse respeito pode esclarecer se essa afirmação procede e responder se essa forma será estabilizada no lugar de *começar + a* como ocorreu para o *costumar*).

Além disso, também são necessárias pesquisas mais direcionadas com as formações com o gerúndio que possam elucidar como se dá a marcação aspectual

com essas construções. Para o *acabar*, a modalização (“Entrei na livraria e acabei comprando um livro”, *por exemplo*) também merece um olhar mais apurado dentro da gramaticalização dos aspectualizadores. Ou seja, há um caminho a se percorrer nessa área de pesquisa.

Em suma, o objetivo desta tese foi o de descrever o comportamento sintático-semântico dos verbos *começar* e *acabar* (não de desenvolver uma teoria sobre o aspecto verbal, muito embora este trabalho possa vir a contribuir indiretamente para isso) e esperamos ser esta descrição o começo de tantas outras.



## REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS

ADAM, J. **Les textes**: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue, Paris: Nathan Université, Série Linguistique, 1992, p. 223.

BERTINETTO, P. M. **Le perífrase verbali**. In: Grande Gramática Italiana de Consultazione de Renzi e Salvi. Bologna: Il Mulino, 1991.

\_\_\_\_\_. **On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion**. In: CECHEITTO, C. et alii. Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect. Stanford: CSLI Publications. 2001.

BERTUCCI, R. A. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral. 2011. 200 f.

CANÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CASTILHO, A de. **A gramaticalização**. In: Revista de estudos linguísticos e literários. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.

\_\_\_\_\_. **Aspecto Verbal no Português Falado**. In.: ABAURREM, M. B.; RODRIGUES. A. C. S. Gramática do Português Falado. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo do aspecto verbal da Língua Portuguesa**. Marília, 1968.

CAVALLI, S. **Perífrases durativas do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008, 112 f.

CAVALLI, S. & WACHOWICZ, T. C. **Verbos auxiliares vs. aspectualizadores**. Simpósio apresentado em 54.º seminário do GEL – UNESP – Araraquara-SP, 2006 (handout).

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

\_\_\_\_\_. **Tense**. London: Cambridge University Press, 1976.

CANÇADO, M. **Posições argumentais e propriedades semânticas**. *DELTA*, 21, São Paulo, v.1, p. 23-56, 2005.

\_\_\_\_\_. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MULLER, A. L.; NEGRÃO, E. FOLTRAN, M. J. **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

COUTINHO, A. **O processo da descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CUNHA, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

DAMASCENOS, M. A. **Verbos polissêmicos**: propriedades semânticas e processos metafóricos. 2006. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

DOWTY, D. Towards a semantic analysis of verb aspect and English imperfective progressive. *Linguistics and Philosophy*, n. 1, p. 45-77, 1977.

\_\_\_\_\_. Tenses, time adverbs and compositional semantic theory. **Linguistics and Philosophy**. p. 23-35, 1982.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB GALVÃO, V. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: \_\_\_\_\_. **Syntax and semantics**. vol. 12. New York: Academic Press, 1979.

HEINE, B. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. Oxford University Press, New York, 1993

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. **A approaches to grammaticalization**, v.1. Amsterdam: Benjamins, 17-37, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Vol. II.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. v. 1: A ordem.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LONGO, B de O.; CAMPOS, O. de S. **A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado**. In: Gramática do português falado: Volume VIII - Novos estudos descritivos. Campinas/SP: Ed da Unicamp. 2002.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.P.; Machado, A.R.; Bezzer, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 3. Ed. 2005, p.19-36.

MATOS e SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.

MATTOSO CÂMARA JR, J. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MENON, O. P. S.. **Perífrases com o verbo ir**: variação e gramaticalização. Mittenlungen Des Deutschen Katalanistenverbande, Münster/ Frankfurt am Main, v. 40. p. 27-28, 2001.

\_\_\_\_\_. **Perífrases com o verbo ir**: variação e gramaticalização. In: Claus D. Pusch; Andreas Wesch. (Org.). Verbal periphrasen in den (ibero-) romanischen Sprachen. 1ed. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003, p. 77-88.

\_\_\_\_\_. **Gerundismo?** *Lingua(gem)*, Macapá - AP, v. 1, n. 2, p. 191-236, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que muda e o que não muda na linguagem através dos tempos**: as construções de gerúndio em português. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

\_\_\_\_\_. **Perífrases de gerúndio**: um recorte equivocado. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

\_\_\_\_\_. **Gramaticalização**: um tipo especial de mudança. In: VII Encontro do CELSUL, 2006, Pelotas. Programação e Resumos. Pelotas: CELSUL/ UCPEL/UFPEL, 2006. v. 1. p. 83-83.

\_\_\_\_\_. **Perífrases de gerúndio**: o que mudou?. In: Luiz Carlos Cagliari. (Org.). O tempo e a linguagem. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 41-95.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização e sintaxe: o futuro em português. 2012. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

MIOTO, Carlos & FIGUEIREDO, Maria Cristina F. & LOPES, Rute E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

MASSAUD, M. **A Criação literária**: prosa I. SP: Melhoramentos, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A literatura portuguesa através dos textos**. 25.ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

PERINI, Mario. A. **Gramática descritiva do português**. 3. ed. São Paulo. Editora Ática. 1995.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1973

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001**: Um aplicativo de análise multivariada para windows. (Trad. Luís Amaral, UFPel). University of York, 2001.

SQUARTINI, M. **Verbal periphrases in romance**: aspect, actionality and grammaticalization. Berlin; NY: Mouton de Gruyter, 1998

SMITH, C. S. **The syntax and interpretation of temporal expressions in English**. Linguistics and Philosophy II. 2:43- 99,1978.

SWART, H. de. **Aspect shift and coercion**. Natural language and linguistic theory, v. 16, n.. 2, p. 347-385, 1998.

TENNY, C. **Aspectual roles and the syntax-semantics interface**, Dordrecht: Kluwer, 1994.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**. Universidade Federal de Uberlândia-MG, 1985.

\_\_\_\_\_. **Gramaticalização de verbos**: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Faculdades de Letras/ UFRJ, relatório de pós-doutorado, 2002, 131 p.

\_\_\_\_\_. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TRAVAGLIA, C.; BERDOLDO, E. S. (Org.) **Linguística**: caminhos e descaminhos em perspectiva. Ed. Edufu, 2006.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

\_\_\_\_\_. **Aspectual issues**: studies on time and quantity. Stanford: CSLI Publications, 1999.

WACHOWICZ, T. C. **O aspecto do auxiliar**. Comunicação apresentada em reunião do GT 'Teoria da Gramática', da ANPOLL. UFMG. Ouro Preto-MG, 2005.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, n. 48 (2), 2007.

WACHOWICZ, T. C. **Auxiliary and aspectualizer verbs**: some syntactic and semantic distinctions. Ms., Universidade Federal do Paraná

#### SITES E PÁGINAS CONSULTADAS

<http://alphalinguistica.sns.it/QLL03.htm>. Acesso em 1.º semestre de 2007.

[http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:X0H4Xb-QHqEJ:www.geocities.com/gt\\_teoria\\_da\\_gramatica/en2005\\_texto\\_patricia.pdf+verbo+no+infinitivo](http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:X0H4Xb-QHqEJ:www.geocities.com/gt_teoria_da_gramatica/en2005_texto_patricia.pdf+verbo+no+infinitivo) . Acesso em 19/10/2011.

<http://www.bnportugal.pt/o>. Acesso em 2011-2012

<http://Veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 2011-2012

[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/gazeta\\_rj/gazeta.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta.htm). Acesso em 2011-2012

<http://Veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 2011-2012

<http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/03/09.pdf>. Acesso em fevereiro de 2013.

<http://pt.scribd.com/doc/123195871/Cronica-do-Descobrimento-e-da-Conquista-da-Guine-por-Gomes-Eanes-de-Zurara>. Acesso em fevereiro de 2013.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – PRESENTE E GERÚNDIO, MARCADORES DE DURAÇÃO

#### 1 PRESENTE DO INDICATIVO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO

Para Comrie (1976), o presente é a base para o passado e para o futuro, ou seja, um ponto central no tempo, restrito à fala. A partir daí, os demais pontos se configurariam na linha temporal. Para o autor, o presente é dêitico por representar estritamente a momentaneidade ao denotar a concomitância entre o momento de referência e o momento de fala. Por isso, aplicado principalmente para verbos de estados (como *amar, saber, conhecer*, etc.) e atividades (como *correr, nadar, brincar*, etc.), daria a ele um caráter de representação da homogeneidade. Também para Wachowicz (2005), o presente é o tempo verbal que tem como característica indicar homogeneidade, duratividade e atelicidade, ou seja, marcas da imperfectividade.

Outra característica do presente é que ele é usado para descrições de comportamentos, implicando o “mundo real” e, dessa forma, indica uma situação atemporal que se estende no tempo (outro caráter durativo do presente). Além disso, indica uma ação habitual ou descreve/narra fatos já ocorridos no passado (conhecido como presente histórico ou narrativo). São exemplos, “a terra gira ao redor do sol”, “falo muito” ou “o Brasil torna-se independente em 1922”.

O presente pode ainda indicar acontecimentos que costumam se repetir mais ou menos com frequência (conhecido como presente iterativo ou frequentativo), como em “de madrugada, os galos cantam”. Já, ao denotar um evento que ocorre no momento em que se fala, em PB, basicamente se emprega o auxiliar *estar*: “Estou conversando com você”, no lugar de “converso com você”.

Embora haja essas características básicas do presente do indicativo — indicar a ocorrência do evento como concomitante ao momento de fala e, por outro lado, ser atemporal — ele possibilita também apresentar estados permanentes, independentemente do tempo cronológico. Ou seja, o presente, além de ser uma forma verbal bastante versátil, é o “*único em que se assinala uma duração, contínua ou repetida, até o momento presente*” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 168), apresentando, assim, indícios da duração. Devido a essas

constatações, confirma-se que a duração encontra lugar igualmente no uso do presente: apresentar os traços durativo e homogêneo.

## 2 GERÚNDIO COMO MARCADOR DE DURAÇÃO

O gerúndio, conforme Said Ali (1964), pode ser usado como gerúndio absoluto (constitui orações) ou em combinação com auxiliares. Em linhas gerais, é empregado:

1. no início do período, para indicar uma ação realizada imediatamente antes da ação expressa na oração principal. Ex.: “*Obtendo a nota, não estudou mais*”;
2. para indicar ação que ainda continua, mas que foi iniciada antes da indicada na oração principal. Ex.: “*Falando alto, começou a repreender todos*”;
3. ao lado do verbo principal para exprimir ação simultânea que tem valor de advérbio de modo. Exemplo: “*Falava gesticulando o tempo todo*”;
4. junto ao substantivo com valor de adjetivo. Ex.: “*água fervendo*”.
5. depois da oração principal para expressar ação posterior, tendo o valor de uma oração introduzida pela conjunção. Exemplo: “*Passam dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago*” (Graciliano Ramos).

Além desses empregos, percebe-se o traço durativo do presente do indicativo também associado à flexão *-ndo*, em formações perifrásticas. Said Ali (1964) afirma que essas construções apresentam a duração ou a repetição e diz encontrá-las já em Camões: “não sofre muito a gente generosa andar-lhe os cães os dentes amostrando”.

Ao observar o tratamento dado ao progressivo por Bertinetto (1994), (1996) ou Squartini (1998), é possível fazer algumas comparações com algumas perífrases de gerúndio do PB, não só pela leitura de duração que também apresentam, mas também por sua construção formal (auxiliar + verbo no gerúndio). Assim como o progressivo, encontrado nas línguas românicas, por exemplo, as perífrases com *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* + gerúndio podem ser diferenciadas como uma noção semântica e como uma manifestação formal. Isto é, um “dispositivo” da morfossintaxe. Para as línguas românicas, diz Bertinetto (1996), esse dispositivo pode ser empregado livremente para o presente, o

pretérito imperfeito ou mesmo o futuro. Não é somente restrito a situações verdadeiramente de imperfectividade, embora mostre uma predileção para tais contextos.

As perífrases com *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* + gerúndio, em PB, são construções mais livres, no sentido de que seu uso não é restrito aos verbos que não marcam pontualidade ou ação completada, pois alcançam um sentido de continuidade, sendo considerado, por isso, um dispositivo puramente imperfectivo.

Nessas construções com o progressivo, há uma restrição acional, pelo menos para o inglês, que é a impossibilidade de seu uso com verbos de estado. Porém, esse problema é bastante complexo para vários casos, já que a mesma entrada lexical pode ou não ser compatível com o progressivo, dependendo da interpretação. Quando isso acontece, acredita-se que essa entrada lexical é na realidade ambígua entre um estativo e um não estativo, segundo Bertinetto (1994). Compare:

- (37) “Na nova logomarca, além das cores da bandeira do Piauí: branca, azul, verde e amarela, há um boneco estilizado que **se assemelha** a uma estrela vermelha, símbolo do PT”. (Folha Online).
- (38) “Alfredo de Lara, cinegrafista da CNN, é um dos nove estrangeiros que ainda permanecem no país depois dos ataques aos EUA. Desde então, ele deixou a barba crescer, **assemelhando-se** aos moradores do local para não chamar a atenção, e quase não sai do hotel.” (Folha Online).

Enquanto em (36) e (37), os trechos descrevem uma situação estática, a perífrase de (36) em (38) sugere um processo de transformação, tanto é assim que o predicado pode ser transformado por meio de expressões como: *está ficando* mais semelhante a uma estrela vermelha.

- (39) Na nova logomarca, além das cores da bandeira do Piauí: branca, azul, verde e amarela, há um boneco estilizado que **está/vai/anda se assemelhando** a uma estrela vermelha, símbolo do PT.

Não são todos os idiomas que são igualmente propensos a exibir esse tipo de duplicidade lexical. Isso é particularmente evidente com estruturas “cópula”, como: *ser tolo*, *ser amável*, *ser rude*, *ser inteligente*, etc. Porém, deve-se levar em conta a diferença entre predicado *individual-level* e *stage-level* (terminologia de Carlson (1977) *apud* Squartini (1998)) em que, com o primeiro, as propriedades

referidas em uma sentença são imutáveis no tempo — estado permanente (“Renato Janine faz parte do ‘marielismo’... Renato é ‘estudioso’ de Hobbes.” — Folha Online). Ou seja, não é tão aceitável dizer que alguém está sendo estudioso, pois é um estado permanente do sujeito descrito pela sentença (é ou não é, ou pode-se afirmar isso em situações pragmáticas mais específicas, ou quando se acrescenta um marcador temporal, como *neste ano*, por exemplo).

Para o segundo (*stage-level*), as propriedades referidas em uma sentença são transitórias (estados transitórios), sendo possível dizer, por exemplo, “De acordo com a imprensa britânica, os bancos estão sendo vítimas dos relatórios negativos” (Folha Online). Ou seja, é vítima naquele momento, pois a sentença não descreve o estado permanente do sujeito. Porém, novamente em PB, isso é mais flexível.

Verbos como *saber* ou *poder* (estativos) podem sugerir ou uma situação permanente ou uma temporária. Em “Estou sendo pego de surpresa com essa informação de que ele já saiu, não estou **sabendo** que ele já acertou, afirmou o artilheiro do Botafogo” (Folha Online), a construção com estar + *-ndo* é feita com verbo estativo (saber) e indica uma ação transitória.

É interessante observar que mesmo em PB é mais aceitável dizer que alguém está tendo dor de cabeça, por exemplo, do que alguém está tendo olhos azuis. Essa segunda leitura é possibilitada pragmaticamente, caso, por exemplo, alguém comece a usar lentes de contato e se diga “ele está/vive/anda tendo olhos azuis ultimamente”.

Dessa forma, observa-se que os estativos se associam à noção de “não agentividade”. E, com as perífrases com *andar*, *viver*, *ficar* e *continuar* + gerúndio, essas construções são possíveis: vive se assemelhando, anda se assemelhando, continua se assemelhando ou fica se assemelhando. Embora a leitura durativa vigore nessas construções, a “não agentividade” também prevalece.

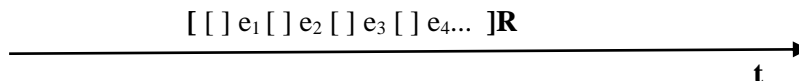
Squartini (1998) também discute o uso das construções perifrásticas nas línguas românicas e possui argumentos muito semelhantes aos apontados por Bertinetto (1996). O autor diz que, quando usado com formas não durativas, o progressivo força uma interpretação iterativa. Por exemplo, “estive clicando o mouse”: a leitura é de que vários cliques são dados no mouse, sendo, portanto, para ele, um operador acional. Além de que não focaliza o ponto final da ação,



denotando, assim, aspecto imperfectivo. Desse modo, essas perífrases são usadas para indicar duração de uma situação em um dado tempo.

Essa colocação pode ser estendida também para o PB. E, para as perífrases com gerúndio, a proposta de leitura é a imperfectiva, porque possui uma interpretação de ininterrupção (traço durativo). É razoável dizer que elas marcam ambas as coisas: imperfectividade e duratividade. Imperfectividade, uma vez que não marcam o ponto inicial nem o final da ação, e duração, pois, em um período de tempo, a ação é visualizada como em andamento — em curso, intermediária entre o início e o fim, como um subdomínio da imperfectividade.

Além disso, o gerúndio pode ser tratado como um operador morfológico de subeventos que ocorrem dentro de um intervalo de tempo. Assim, teríamos um intervalo de tempo aberto em que o evento (macroevento) se repete em subintervalos de microeventos que ocorrem uma, duas, três, quatro vezes, e assim sucessivamente. Abaixo, para melhor visualização do que se diz, há uma representação em uma linha de tempo, para a sentença “Ela **anda dizendo** que faz muitos exercícios.”



Na representação acima, o intervalo de tempo aberto é representado pelos colchetes maiores (R). Esse intervalo é inferido pelo *anda + dizendo*, sobre o qual o evento E *dizer* se subdivide em subeventos  $e_1$ ,  $e_2$ ,  $e_3$ ,  $e_4$  (*diz*, *diz* e *diz* indefinidamente = *diz* várias vezes), em subintervalos de tempo, representado pelos colchetes menores []. Assim, se entende que, em cada subintervalo de tempo, houve um subevento em que ela repete o evento de *dizer* denotado pela soma das partes da perífrase (a semântica do *andar* no presente do indicativo + a flexão de gerúndio). Isso ocorre indefinidamente sem precisar a quantidade do número de vezes em que “*diz* que faz muitos exercícios”.

Nesse sentido, o gerúndio apresenta a possibilidade de uma dupla leitura: pode indicar somente uma leitura durativa do evento no intervalo de tempo, mas também pode apresentar o evento como se repetindo em um número indeterminado de vezes (em subeventos e subintervalos), em uma leitura iterativa. Ou ainda, uma dupla possibilidade de leitura: duração e repetição. Além disso,

essa repetição (os subeventos) não é necessariamente entendida como sendo da mesma natureza do evento. Isso quer dizer que cada subevento não é o evento em si.

Resumo a partir do que há sobre o presente e o gerúndio em CAVALLI, S. **Perífrases durativas do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008, 112 f.

## APÊNDICE 2 – A COLETA DE DADOS PARA O *CORPUS* DA PESQUISA

Após a escolha das obras para a coleta dos trechos em que apareciam os verbos em estudo e o salvamento em pastas específicas em “Meus documentos”, nomeadas por autor e obra, os dados foram sendo retirados e copiados desses textos, num processo de recortar e colar, (ctrl c + ctrl v) em que apareciam aqueles relevantes, uma vez que todos os documentos disponíveis são em formato PDF, figura, o qual não permite somente copiar e colar, ou mesmo usar o artifício “localizar” por palavra. Por isso, houve a necessidade de ler todo o material, mesmo que de forma bem dinâmica. Na internet, há muitos sites e *blogs* que disponibilizam também esses materiais, mas preferimos os disponibilizados em um local com edições mais confiáveis – a Biblioteca Nacional de Lisboa.

Os trechos selecionados e “recortados” desses materiais foram sendo salvos em tabelas criadas e armazenadas em arquivos diferentes para cada um dos autores e respectivas obras. Isso foi pensado para facilitar depois a codificação dos dados. Apesar de essa estratégia ter realmente ajudado, ainda assim foi necessário aprimorar essas tabelas, depois de conhecer o sistema GoldVarb 2001 e saber como seria feita a codificação dos dados. O número de dados coletados foi **1455**, num montante de cerca de 5 mil páginas lidas. As edições consultadas on-line apresentam gravuras, algumas páginas ilegíveis, várias citações e notas de rodapé difíceis de ler, mesmo usando o recurso de aumentar o tamanho da página. Na Gazeta do Rio de Janeiro, há uma situação peculiar: páginas inteiras só com listas de compras ou nomes de pessoas que entravam ou saíam do País no período.

Como queríamos abarcar o maior número de ocorrências possíveis de *começar* e *acabar*, criamos as tabelas exemplificadas abaixo, para alocar os trechos para a análise, e mais o verbo *acostumar* (tabela 3), para compará-lo com os verbos em estudo. Trechos que apresentaram os dois verbos (*acabar* e

*começar*) na mesma sequência foram contabilizados duas vezes, cada um em sua tabela correspondente (2 e 3). Já trechos em que havia dois complementos infinitivos para um mesmo auxiliar, como “começou a comer e falar”, foram contadas como duas ocorrências, ou seja, como duas perífrases (começou a falar e começou a comer).

**Autor:** \_\_\_\_\_ **Obra:** \_\_\_\_\_ **Total de páginas:** \_\_\_\_\_

**COMEÇAR = datação s. XIII, conforme Houaiss eletrônico.**

**Obra = Fernão Lopes – Chronica de El-Rei D. Fernando, volume II.**

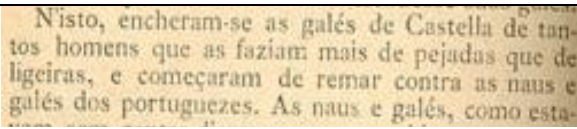
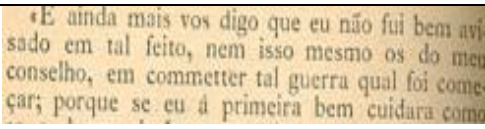
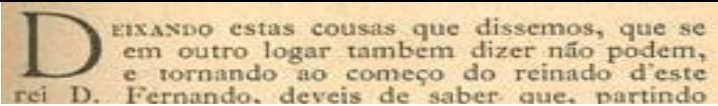
	<b>COLUNA 1</b>	<b>COLUNA 2</b>
	<b>COMEÇAR + PREP + PRINCIPAL</b>	<b>COMEÇAR + SN</b>
1	 p. 42	 p. 58
	<b>COLUNA 3 – Substantivo COMEÇO</b>	
	 p. 96	

TABELA 1 – Exemplo de tabela para coleta de dados com *começar* e com *começo*.

**ACABAR = datação: s. XIII, conforme Houaiss eletrônico.**

**Obra = Fernão Lopes – Chronica de El-Rei D. Fernando, volume II.**

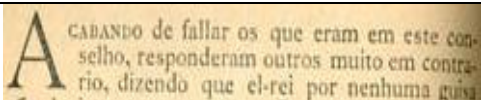
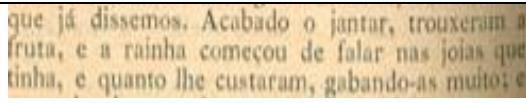
	<b>COLUNA 1</b>	<b>COLUNA 2</b>
	<b>ACABAR + PREP + PRINCIPAL</b>	<b>ACABAR + SN</b>
	 p. 51	 p. 29

TABELA 2 – Exemplo de tabela para coleta de dados com *acabar*.

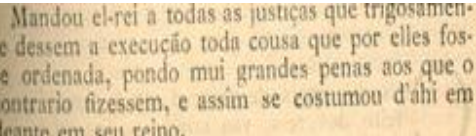
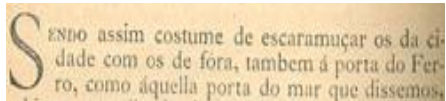
	<b>COSTUMAR (Datação: 1265, conforme Houaiss eletrônico.) / ACOSTUMAR (Datação: 1255, conforme Houaiss eletrônico.).</b>	<b>COSTUME (Datação: 1262, conforme Houaiss eletrônico.).</b>
	<b>Costumar</b>  p. 77	 p. 24

TABELA 3 – Exemplo de tabela para coleta de dados com o (a)*costumar* e com *costume*.

Na coluna 1, verbo na posição de auxiliar (*começar/acabar* + preposição + verbo principal – uma tabela para cada um dos verbos pesquisados), foram copiados todos os dados que apresentam auxiliares no infinitivo ou no gerúndio, e também em todos os tempos verbais, seguidos de complemento e também seguidos de adjuntos. Na coluna 2 (*começar/acabar* + SN), foram alocados os dados com verbos que aparecem na posição de pleno, seguidos de complemento ou adjunto; e na coluna 3 (da primeira tabela), foram alocados os trechos em que aparece o substantivo *começo* (derivado do verbo *começar*), bem como na tabela 3, há um local para o substantivo *costume*.

Nessa primeira coluna, os resultados obtidos nos dão uma infinidade de informações pretendidas: o tempo verbal do verbo principal, ou seja, se os auxiliares fazem restrição a alguma flexão de tempo; o tipo de preposição que compõe a perífrase; a classe acional do verbo principal, ou seja, se há restrição de uso para alguma classe; e se a seleção do complemento verbal é feita pelo verbo principal e não pelo auxiliar (este seleciona o sujeito), no preenchimento da grade argumental.

Na coluna 2 de verbo pleno mais SN (sintagma nominal), foram alocados os dados com complementos e com adjuntos. Ou seja, aqueles em que poderia aparecer algo como: “O rei começou/acabou a guerra” (verbo pleno + complemento) ou “Começou/Acabou em Castela” (verbo mais um adjunto). Além disso, é possível verificar qual é a preposição que rege o verbo quando usado na categoria de verbo pleno. Na computação final, ao se comparar com os resultados obtidos de ocorrências da coluna 1, a pretensão é verificar a coocorrência de verbos plenos e auxiliares num mesmo período de tempo e, principalmente, se *começar* e *acabar* podem hoje cumprir mais a função de verbo pleno ou de auxiliar, ou seja, em que estágio do processo de gramaticalização estão, conforme Heine (1993).

Da coluna 3, com os resultados obtidos, pretende-se verificar se o uso da preposição que rege um nome (substantivo) pode ser a mesma para seu verbo correspondente (“O começo do jogo”/ “Ele começou de a jogar”).<sup>48</sup> Depois de

<sup>48</sup> Os *downloads* das obras, com a montagem de arquivos para elas, a produção de tabelas (que foram aprimoradas a partir da primeira coleta), a coleta dos dados para o *corpus* (cópia e cola dos trechos nas colunas 1, 2 e 3 apresentadas nesta seção), por meio de uma leitura dinâmica, demorou cerca de um ano.

coletados e organizados em uma tabela única, os dados com todas as ocorrências de todas as obras utilizadas, foram estipulados códigos que pudessem ser rodados no sistema GoldVarb 2001 (no Apêndice 2, explicamos como é o passo a passo da rodada dos códigos estipulados neste programa).

Para essa codificação, foi importante a disponibilização de uma lista de verbos denominados conforme Vendler (1967) e reclassificados com traços distintivos de Bertinetto 2001<sup>49</sup>. Isso facilitou o trabalho, uma vez que para o verbo principal da perífrase se levou em consideração a semântica lexical, ou seja, o verbo em seu “estado de dicionário” (sem flexão ou complementação), pois, como já discorremos no capítulo 1, o complemento ou adjunto pode modificar a primeira leitura que o verbo denota, conforme composicionalidade da sentença (“correr no parque”, uma atividade, difere de “correr a maratona”, um *accomplishments*).

Na lista disponibilizada, consta o verbo por ordem alfabética, a classificação ao lado, a transitividade, o papel temático e uma sentença exemplificando o uso, conforme mostra a figura a seguir. Contudo, usamos somente a coluna da classificação, ou seja, **atividade**, **estado**, **accomplishment** e **achievements** para o verbo principal das perífrases, levando em conta os traços [+ dinâmico, -+ homogêneo, +- durativo]. Como o intuito é verificar também se há modificação de leitura, num primeiro momento, foi necessário criar esse critério de codificação, para depois verificar a complementação do verbo principal da perífrase, que foi codificada diferentemente.

---

<sup>49</sup> A lista foi organizada em Excel por ordem alfabética por alguns dos alunos de Iniciação Científica em anos anteriores sob a orientação da professora Teresa C. Wachowicz (UFPR).

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
	CLASSE	SUBCLASSE	TRANSI	INTRA	ALTER	PAPEL	PAPEL	PAPEL	PAPEL	EXEMPLOS	MORE	DIACR	OBSERVAÇÕES			
	ASPECTU	TEMPTIV	TIV	NSI	NAT	TEMA	TEMA	TEMA	TEMA		OLO	ON				
1	C															
234	Confiar	EST		TI		?	?			PEDRO CONFIA NO IRMÃO						
235	Confidenciar	AT		TDI		DC	E	E		PEDRO CONFIDENCIOU O SEGREDO AO SEU IRMÃO						
236	Configurar	ACC	TI	TD		DC	A			ANA CONFIGUROU O COMPUTADOR						
237	Confinar	AT		TDI		DC	A	E		O SEQUESTRADOR CONFINOU OS REFÊNS NO QUARTO			Parece pedir complemento plural			
238	Confirmar	ACH	PONT	TD		DC	E			A POLÍCIA CONFIRMOU A MORTE DO SENADOR						
239	Confiscar	ACH	ME	TD		DC	A			POLÍCIA CONFISCOU A CASA DO SENADOR						
240	Conformar	EST		?		DC	?			A FAMÍLIA DO SENADOR SE CONFORMOU COM O OCORRIDO			SE			
241	Confortar	AT		TD		DC	A			OS AMIGOS CONFORTARAM A FAMÍLIA						
242	Confraternizar	AT			INEFG	DC				AS AMIGAS CONFRATERNIZARAM NO RESTAURANTE						
243	Confrontar	ACH	PONT	TD		DC	A			A VÍTIMA CONFRONTOU SEU AGRESSOR						
244	Confundir	ACH	PONT	?		?	?			PAULO CONFUNDIU O ENDEREÇO / CONFUNDIU ANA COM HELENA						
245	Congelar	ACC	TI	TD		DC	A			MARIA CONGELOU O PÃO						
246	Congestionar	DACH	ME	TD	AC	D	A			A TRÂNSITO CONGESTIONOU / O ACIDENTE CONGESTIONOU O TRÂNSITO						
247	Congratular	ACH	PONT	TDI		DC	A	E		ANA CONGRATULOU HELENA PELA SUA FORMATURA						
248	Conhecer	EST		TD		E	E			ANA CONHECEU HELENA NO BAR						
249	Conjugar	ACH	ME	TD		DC	A			ANA CONJUGOU OS VERBOS DO INGLÊS						
250	Conquistar	?	ME	TD		?	?			PEDRO CONQUISTOU ANA			Frighten verb			
251	Consagrar	ACH	ME	TD		DC	A			O PADRE CONSAGROU A HÓSTIA						

FIGURA 6 – Lista de verbos com base na classificação de Vendler 1976, exemplo de uma página (produção do grupo de estudos da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tereza Cristina Wachowicz, UFPR, 2010-2011).

### APÊNDICE 3 – COMO OCORREM AS RODADAS DOS DADOS – GOLDVARB 2001

Para a rodada dos dados, e para a obtenção dos resultados estatísticos e probabilísticos finais, foram seguidos os seguintes passos:

1. Ao salvar com um nome específico em uma pasta em “Meus documentos”, o aplicativo GoldVarb 2001 é aberto na janela *View*, depois *Token*, e clica-se em *File New* (figura a seguir). Nesta janela, são feitas cópia e cola dos códigos criados para cada dado coletado, conforme apresentado na metodologia de trabalho (figura 6 a seguir), e depois o arquivo é salvo:



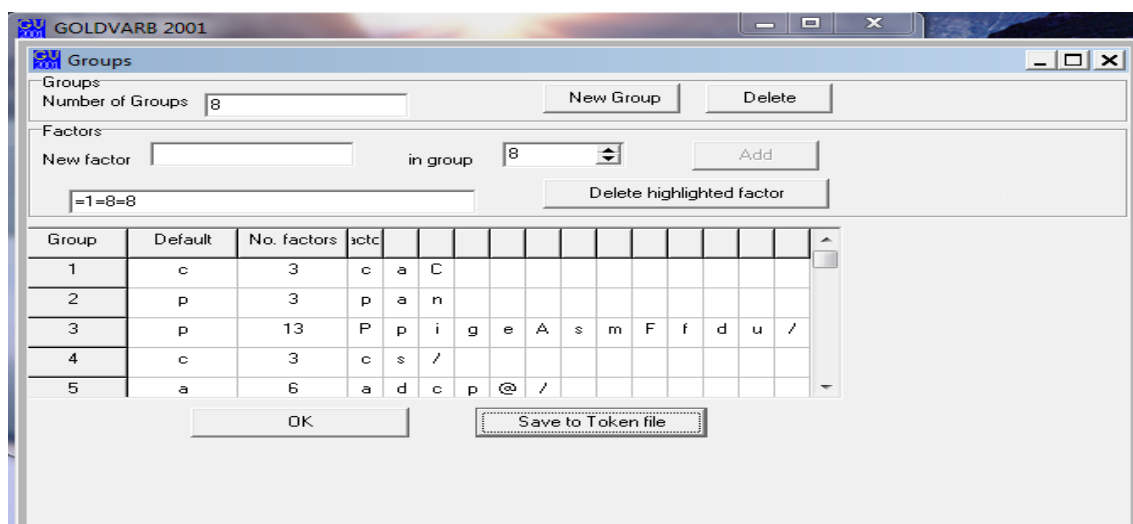


FIGURA 9 – Janela do GoldVarb 2001 para a digitação dos grupos de fatores analisados.

Quando se quer rodar novas categorias de análises, cruzar dados do grupo de preposições com obras consultadas, por exemplo, em outro momento, o sistema não permite que os códigos dos fatores fiquem guardados para isso. Ou seja, se a intenção é este cruzamento, é necessário fazer a digitação toda de uma vez, pois, se deixar para outro momento, é preciso cadastrar os oito fatores de novo.

3. Depois do cadastramento dos códigos e dos grupos de fatores, o sistema permite verificar se há algum erro de digitação na sequência de códigos. Para isso, clica-se em *action – check tokens*. Depois, é possível arrumar algum erro existente e clicar em *results* para, então, os dados serem rodados. Essa é uma fase do processo um pouco demorada, mas necessária, pois se houver qualquer erro de digitação, por exemplo, números ou letras trocadas, códigos com espaço, ou algum fator faltando, esse é o momento para arrumar, mesmo porque o programa não roda, caso não esteja tudo perfeito.

O programa sempre informa o grupo onde está o erro e a linha. Após as correções, o comando *check tokens* deve ser dado novamente e, por fim, os resultados para cada grupo de fatores, ou ainda para cruzamento de fatores, saem na seguinte configuração, que pode ser salva “em meus documentos”, em pastas específicas:



QUADRO 21 – Resultado estatístico da quantidade geral de dados com os verbos estudados.  
 FONTE: GoldVarb 2001.

Group		c	a	C	A	p	t	ç	Total	%
1 (2)										
a	N	540	101	71	3	0	0	7	722	49
	%	74	13	9	0	0	0	0	* KnockOut *	
p	N	213	259	45	15	3	8	16	559	38
	%	38	46	8	2	0	1	2		
n	N	75	0	96	0	3	0	0	174	11
	%	43	0	55	0	1	0	0	* KnockOut *	
Total	N	828	360	212	18	6	8	23	1455	
	%	56	24	14	1	0	0	1		

Neste quadro, somente para exemplificar, os dados apresentam o resultado de ocorrências de trechos com os verbos que são objetos desta pesquisa – *começar* (código **c**) e *acabar* (código **a**), os dois primeiros das colunas – e os verbos de controle (a)*costumar* (código **C**) e *acostumar* (código **A**), os dois códigos subsequentes. Há ainda os verbos principiar (código **p**), terminar (código **t**) e cessar (código **ç**).

Esse processo de rodada dos dados teve que ser refeito por diversas vezes e repetido ainda depois de algumas análises já feitas. Isso porque o sistema não apresenta o resultado final em peso relativo (apenas em porcentagem) caso haja algum erro – nocaute (KnockOut). O nocaute ocorre ou porque uma das fatores apresenta nenhuma quantidade de caso para algum fator analisado ou então há 100% de ocorrência em relação a um outro fator, ou seja, o GoldVarb 2001 apresenta resultado de ocorrências vs. não ocorrências para fatores que não apresentam variação. Nesse sentido, ou adiciona-se um dado fictício para determinado fator ou retiram-se os fatores com nocaute.

Por isso, é necessário rodar novamente os dados, já que interessa verificar a variação linguística. Dessa forma, foram feitas várias rodadas até se chegar a uma que pudesse fornecer também os pesos relativos. Nesse processo, ficaram de fora os verbos sinônimos de *acabar* e *começar*, incluídos na primeira rodada, alguns tempos verbais, como o mais que perfeito do subjuntivo, os usos do “se” (como *se* sujeito e expletivo/médio, reflexivo, por exemplo), que, a princípio, pensou-se analisar nesta tese, contudo, tornou-se improdutivo e por fim foram deixados de fora da análise.

4. Nas rodadas de dados, que são realizadas inúmeras vezes para cada verbo separadamente, os comandos do programa, seguindo o passo a passo, permitem resultados em porcentagem e em peso relativo, além de, na análise automática dos dados pelo programa, serem apresentados os resultados com *stepup* e *stepdown*, isto é, o programa faz várias análises em níveis dos grupos de fatores e apresenta aqueles que são mais significativos para a análise (ou seja, em que a variação entre os fatores do grupo permite apresentar a probabilidade de determinada fator ocorrer) e os que podem ser eliminados, pois a variação apresentada não é relevante para se apresentar as probabilidades de ocorrência de determinada forma. O resultado sai de duas formas, mostradas nas figuras a seguir:

level 1 - Bloco de notas				
Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda				
Averaging by weighting factors.				
- One-level analysis only:one-level binomial analysis:				
Run # 1, 269 cells:				
No Convergence at Iteration 20				
Input 0,188				
Group	Factor	Weight	App/Total	Input&Weight
1:	a	0,357	0,16	0,11
	p	0,799	0,55	0,48
	n	0,026	0,01	0,01
2:	p	0,345	0,16	0,11
	f	0,781	0,68	0,45
	i	0,467	0,25	0,17
	P	0,669	0,59	0,32
	d	0,812	0,61	0,50
	g	0,461	0,18	0,17
	s	0,536	0,44	0,21
	F	0,126	0,17	0,03
3:	c	0,457	0,18	0,16
	s	0,598	0,63	0,26
4:	d	0,812	0,20	0,50
	e	0,119	0,36	0,03
	c	0,283	0,62	0,08
	a	0,055	0,03	0,01
	@	0,396	0,20	0,13
	p	0,035	0,17	0,01
5:	t	0,356	0,06	0,11
	a	0,526	0,18	0,21
	e	0,582	0,22	0,24
	A	0,682	0,32	0,33
6:	a	0,431	0,14	0,15
	c	0,505	0,37	0,19
7:	R	0,748	0,60	0,41
	z	0,398	0,27	0,13
	v	0,824	0,50	0,52
	V	0,922	0,33	0,73
	G	0,874	0,55	0,62
	f	0,204	0,12	0,06
Cell	Total	App'ns	Expected	Error
pss//cz	2	0	1,008	2,033
pss//cv	7	6	6,147	0,029

Figura 10 – Resultado do processamento do primeiro nível de análises realizado pelo GoldVarb 2001, com pesos relativos.

Fonte: GoldVarb, 2001

```

Binomial varbrul
=====
Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0,050001

# Stepping up:
# Stepping up:

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0,696
Log likelihood = -728,837

----- Level # 1 -----

Run # 2, 3 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0,750
Group # 1 -- a: 0,640, p: 0,215, n: 0,962
Log likelihood = -608,956 Significance = 0,000

Run # 3, 9 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0,706
Group # 2 -- p: 0,689, f: 0,164, i: 0,555, P: 0,227, d: 0,210, g: 0,654, s: 0,342, F: 0,675
Log likelihood = -616,058 Significance = 0,000

Run # 4, 3 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0,715
Group # 3 -- c: 0,651, s: 0,193
Log likelihood = -624,854 Significance = 0,000

Run # 5, 7 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0,857
Group # 4 -- d: 0,402, e: 0,229, c: 0,093, a: 0,848, @: 0,400, p: 0,442
Log likelihood = -663,481 Significance = 0,000

Run # 6, 5 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0,851
Group # 5 -- t: 0,722, a: 0,441, e: 0,386, A: 0,268
Log likelihood = -681,145 Significance = 0,000

```

Figura 11 – Resultado do processamento em níveis de análises realizadas pelo GoldVarb 2001, com pesos relativos.

Fonte: GoldVarb 2001.

Depois de esses dados serem rodados, que aparecem numa janela própria *Results*, e os resultados obtidos serem salvos em pasta específica, iniciamos o processo de produção de tabelas para melhor visualização da porcentagem e pesos relativos encontrados (uma tabela para cada grupo de fatores selecionados), além de algumas com resultados conseguidos com o cruzamento de fatores, por exemplo, grupos 1 e 8). Esses resultados foram salvos em pasta específica para se converter em tabelas, já que o sistema não faz isso automaticamente. Nenhum resultado foi descartado, porém, para a tese, apresentamos somente as tabelas que foram produzidas a partir dos grupos de fatores preestabelecidas e selecionados pelo programa para a análise e algumas de cruzamento de fatores. Essas serviram para ajudar na análise geral.

Após o término da escrita e reescrita da tese para a banca de qualificação, ainda fizemos novas rodadas dos dados, tanto para *acabar* como para *começar*, trocando *começar* e *acabar* (ou seja, códigos c e a) para categoria do verbo pesquisado: pleno, auxiliar e nome (códigos p, n, a), para confirmar a progressão ou não do uso desses verbos no tempo, ao cruzarmos novamente os dados com o grupo de fatores “obras consultadas”.

Por todas essas possibilidades é que o GoldVarb 2001 é um programa que facilita o trabalho ao trazer todos esses resultados, cabendo ao pesquisador fazer a análise e interpretação dos números obtidos.

#### **APÊNDICE 4 COMEÇAR E ACABAR: A FORMAÇÃO DO PREDICADO: CONSIDERAÇÃO SOBRE O GRUPO NÃO SELECIONADO DE FATORES**

Para a formação do predicado, enfoque neste trabalho, a dificuldade de se pensar nos fatores e analisá-los se deve ao fato de que as construções sentenciais podem ser rearranjadas de diferentes maneiras e podem aparecer diferentes grades argumentais (preenchimento de complementos verbais e sujeito na sentença). Sabemos também que a seleção argumental pode ser diferenciada inclusive para uma mesma classe acional, com significação distinta na sentença. Isto é, um verbo de atividade como *correr*, por exemplo, (Ele correu no parque), pode passar a *accomplishments* (Ele correu a maratona). Além disso, são inúmeros os adjuntos possíveis de aparecer numa construção. Mesmo assim, pensamos em agrupar o máximo possível de informações numa mesma codificação de dados, como já apresentamos na metodologia de trabalho.

Lembramos que complementos verbais são essenciais para o preenchimento da grade argumental e para o sentido completo da sentença. Por isso, os dados para essa fator são em maior quantidade, tanto para o *começar* (510 dados, 63%) quanto para o *acabar* (299 dados, 36%). Embora essa informação não seja novidade, é importante reafirmar sua necessidade para o preenchimento da grade argumental vinculada aos verbos selecionados como complemento de *começar* e *acabar* – as classes acionais, pois são estes verbos que selecionam posteriormente o complemento (objeto direto, objeto indireto e objeto direto e indireto e predicativo da GT, e locativos complementos, do tipo “morar em Curitiba” fizeram parte dessa classificação).

Assim, de uma maneira bastante superficial, a seleção argumental realizada quando há perífrase se dá da seguinte forma: o *começar* e o *acabar* selecionam o sujeito e um verbo-complemento – que indica uma eventualidade – e este verbo seleciona um complemento, se transitivo. Em uma sentença como “João começou a comer a maçã”, o sujeito *João* é selecionado por *começar*, que seleciona também o verbo *comer*. Este verbo completa o preenchimento da grade argumental selecionando um complemento, que neste caso é *a maçã*.

Para esse grupo de fatores, poderíamos ter separado os vários complementos que são selecionados para a grade argumental, como objetos, predicativos/ locativos complementos, adjuntos temporais, por exemplo. Contudo, preferimos abarcar todo tipo de complementação em um só fator e os adjuntos em outro<sup>50</sup>. Apesar desse arranjo, esse grupo foi eliminado pelo programa GoldVarb 2001 em todas as rodadas, com 868 dados rodados para esse grupo com o *começar* e o *acabar* primeiramente como variável dependente: 561 (64%) para o verbo *começar* e 307 (35%) para o *acabar*.

Para os complementos, são 809 dados; e para os adjuntos diversos são 59 dados rodados. A diferença grande de dados para esses dois fatores pode ter ocasionado a eliminação do grupo. A seguir, os resultados tabelados para ambos os verbos, que apesar da eliminação, o programa GoldVarb 2001 apresenta uma primeira análise que ele realiza antes de selecionar os grupos, em um momento que se denomina “Binomial Varbrul, 1 step”.

QUADRO 22 – Resultados para o *acabar* e a formação do predicado.  
FONTE: GoldVarb 2001.

<i>Acabar</i>				<i>Começar</i>		
<i>Input</i> = 0.04 Log likelihood = 380.44				<i>Input</i> = 0.95 Log likelihood = 380.44		
Grupo	Aplicação/Total	%	P. R.	Aplicação/Total	%	P. R.
Adjuntos	8/59	13	0.44	51/59	86	0.55
Complemento	299/809	36	0.55	510/809	63	0.44
Subtotal	307/868	36		561/868	64	

<sup>50</sup> Muitos dados, que a princípio pensamos abordar, acabaram ficando de fora por apresentar nocaute no GoldVarb 2001, ou por não seres produtivos para este trabalho no momento, uma vez que seria mais um item a ser considerado com os que fizeram parte dos oito grupos preestabelecidos. É o caso do *se*, que consideramos ser interessante verificar o uso, já que apresenta diversas funções em PB: *se* reflexivo e recíproco, sujeito e expletivo, merecem posterior reanálise.

Os resultados mostram a probabilidade de ocorrência tanto para adjuntos quanto para complementos muito próximos – **0.44** e **0.55**, respectivamente, com apenas 0.11 de diferença, levando em consideração ainda que sejam resultados próximos do ponto neutro de análise. Para o *acabar*, há a probabilidade de ocorrer tanto complementos quanto adjuntos na formação do predicado, destoando somente a quantidade de dados para complementos – 299, 36%, exemplificado em (01), e de adjuntos – 8 dados (13%), exemplificado em (02):

- (1) “O Imperador Napoleão satisfeito com as contas, que lhe tenho dado do espirito público neste Reino, acaba de perdoar-vos a metade da contribuição.” (Gazeta do Rio, 6.<sup>a</sup> ed., de 01/10/1808).
- (2) “Acaba de chegar aqui o Regimento de Sevilha...” (Gazeta do Rio, 1.<sup>a</sup> ed. extra, de 14/09/1808).

O resultado para essa variável em relação ao verbo *começar* é o mesmo que para o *acabar*, diferenciando-se apenas que para o adjunto o resultado é de **0.55** e para o complemento é **0.44** (inverso do que resultou para o *acabar*). Cabe a mesma consideração anterior: a probabilidade de ocorrerem tanto complementos quanto adjuntos na formação do predicado está estável para o *começar*, destoando somente a quantidade de dados para complementos – 510. 63%, exemplificado em (3), e de adjuntos – 51 dados (86%), exemplificado em (4):

- (3) “nós começávamos a enxugar as lágrimas, que nossos olhos sem cessar se havião de desenvolver os gloriosos sucessos de um porvir brilhante...” (Gazeta do Rio, ed. 131, de 31/10/1822).
- (4) “... todos em desacordo começaram de fogyr sem nhũa ordenança...” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 81).

Ao cruzarmos os dados deste grupo de fatores e o primeiro selecionado pelo programa, as categorias auxiliar e pleno, o resultado é que 82 dados (22% para este fator) apresentam complementos para perífrases com o *acabar* como auxiliar, exemplificado em (86); e 216 dados (55% para este fator) apresentam complementos de *acabar* na categoria de verbo pleno, exemplificado em:

- (5) “... chegou o Mestre, e achou-o que não era bem morto, e fello acabar de matar a hum seu moço da Camara, des hi foy-se assentar a comer...” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro I, p. 219).

- (6) “Os de fora acabaram sua cava e pozeram grande parte do muro em contos, e devisado o dia do compate deram fogo a cava...” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro I, p. 122).

O cruzamento deste grupo de fatores com a categoria do verbo *começar* apresentou o seguinte resultado: 283 dados (78%) apresentam complementação em sentenças em que *começar* está na categoria de auxiliar, 174 dados (45%) apresentam o complemento é para verbo pleno, e, em 53 dados (98%), o complemento é para o nome *começo*. Em (5) e (6), seguem exemplos de complementos de verbos principais com auxiliar *começar*; em (7) e (8), há exemplos de complementos de *começar* na categoria de verbo pleno; e em (9) e (10), há complemento do nome *começo*:

- (5) “Gostaria de saber o que significa ‘PS’, que começou a aparecer em *VEJA*, desde o número 4.” (*VEJA*, ed. 9, de 06/11/1968, p. 03).
- (6) “*VEJA* até aqui estava limpa e realista, mas agora parece que também já começou a apelar. Para que começar a lançar estas figuras eróticas em suas páginas?” (*Veja*, ed. 14, de 1 de dez de 1968, p. 03).
- (7) “E pois que eles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que o não tenham de todo executado.” (Vieira, Sermão de Santa Catarina, 1663, Parte IX).
- (8) “... e porem fez logo hũa caravela, aqual armada começou sua vyagem ...”(Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 400).
- (9) “... e em fim, por causa de seus grandes trabalhos, deixou a dicta governança a elRey, em começo de seu regimento.” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 388).
- (10) “... em pequena parte de sua ydade bebo vinho, e esto foy logo no começo de sua criaçom, mas depois em toda sua vida foy privado.” (Zurara, Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné, p. 23).

Ainda em relação ao cruzamento dos dados, dos 51 dados computados com adjuntos para o *começar*, 46 deles apresentam adjuntos em trechos que esse verbo é auxiliar e 5 dados apresentam adjuntos de *começar* na categoria de verbo pleno. Seguem exemplos:

- (11) “E os da Villa quando assim o virão partir começarão de bradar do muro, dizendo suas afrontas...” (Fernão Lopes, Chronica de D. El-rei D. Pedro I, p. 324).

- (12) “A idolatria e os deuses falsos, todos começaram depois do dilúvio...”  
(Vieira, Sermão do quarto sábado da Quaresma, 1640. p. 85).

Embora o programa não apresente peso relativo ao cruzar grupos de fatores, com os resultados em porcentagem e quantidade de dados, podemos inferir que adjuntos aparecem mais em sentenças com o *começar* na categoria de auxiliar do que com o *acabar*. Para este, parece haver adjuntos logo após o verbo estar na categoria de pleno. Além disso, como sabemos, há verbos que não necessitam de complementação, mas podem ser adjungidos de marcadores temporais ou aspectuais (os diferentes advérbios e adjuntos que a língua possui), por isso, seria de esperar que houvesse um número maior de construções com adjuntos, o que não se confirmou.

Como a adjunção (pensando no conceito da gramática tradicional) é secundária para a significação final, a complementação, ao contrário, é primordial: a grade argumental deve ser preenchida necessariamente. Nesse sentido, os verbos auxiliares *começar* e *acabar* participam de parte da seleção: selecionam o sujeito e um verbo como complemento, que seleciona também um complemento verbal. Sem esquecer que estes verbos quando usados como plenos fazem a seleção diferentemente: em determinadas construções o preenchimento se dá com sujeito e predicado, como em (87), e, em outras, com complemento verbal, que ocupa a posição de sujeito, como em (88). Na GT, este é considerado o sujeito do verbo e não seu objeto<sup>51</sup>.

- (13) E sendo n’aquelle dia por aviamento e rogo do conde juntos no mosteiro quasi todolos da cidade, Frei Vasco começou seu sermão, e por ser servidor da Rainha e ás cousas de seu serviço mais inclinado...” (Rui de Pina, Chronica de El-Rei D. Affonso V, vol. I, p. 24 ).

---

<sup>51</sup> A intenção deste trabalho não foi discutir o conceito do *acabar* e do *começar* como verbos que não selecionariam sujeito, ou seja, com construções que propiciam a ocorrência de uma posição vazia à esquerda do verbo (MIOTO, 2005), nem entrar nessas questões teóricas a respeito de preenchimento de grade argumental para eles. É apenas apresentar essas possibilidades de preenchimento, as quais foram encontradas no *corpus* desta pesquisa, ou seja, são variações de uso, portanto, que inclusive poderiam ser estudadas para se discutir concordância verbal, por exemplo: “começou/acabou/ o filme” e “começaram/acabaram os filmes/os filme”, como já mencionamos.



- (14) “Ainda agradeço aos que isto dizem, crerem que há purgatório e inferno; mas assim começam as heresias...” (Vieira, Sermão do Quarto Sábado da Quaresma, 1640. parte VI)

Nesse sentido, lembramos que a quantidade de dados com complemento verbal, para os dois verbos em estudo, foi consideravelmente elevada. Isso não parece também nenhuma novidade, uma vez que a literatura linguística e a GT apontam que a língua portuguesa apresenta muito mais verbos transitivos que intransitivos. Isto é, os dados apenas corroboram a afirmativa que o preenchimento da grade argumental é essencial para a leitura final da sentença e também na leitura final de sentenças com perífrases.

Os pesos relativos para ambos os verbos estudados, no entanto, dizem que, logo após o verbo principal, a tendência é haver tanto complementos quanto adjuntos, o que não é novidade para o sistema linguístico do português. Seria necessário somente refinar mais a pesquisa para verificar qual é o tipo de complementação que ocorre: com os diferentes tipos de locativos, por exemplo, e os diferentes complementos, o que comprovaria a multivalência dos verbos e a aceitação de diferentes objetos conforme composicionalidade da sentença, ou seja, *comer* pode ser transitivo direto e intransitivo, em contextos como “Você comeu o sanduíche? Sim! Comi!”, conforme Perini (2008) afirma, em *Gramática descritiva do português: as valências verbais*.

## AXEXOS

### ANEXO 1 – EXEMPLOS DE VERBOS QUE NÃO ENTRARAM NA ANÁLISE FINAL

#### Dados encontrados na obra de Zurara

##### 1) Princípio e principiar – s. XV.

apenas tinham escaras, e confusas noticias os mesmos eruditos do principio do xvi° seculo; e entre estes ; pelas suas citações. Elle nos dá noticia dos livros que os nossos sabios estudavão no xiv° e principio do xv° seculos. E para que o leitor tenha disto uma-idea e

que nada merecem por cousa que façam, e trabalham por compyr tal redondeza, perque se termine todo seu acto em aquelle principio donde começou.

##### 2) Terminar – s. XIV

struidos do seu tempo, o qual nos prova pelas suas relações terminadas em 1448 (1), seis ou sete annos antes da vinda de Cadamosto a Portugal, que antes e da carta de Gomes Eannes que vai em principio. O A. terminou desgraçadamente esta chronica em 1448.

##### 3) Fim e ao cabo

percecente, partindosse do seu comeco e continuado prosseguimento atees que a elles se tornam em fym. E em prova com desto diz Sal- ryo, noqual entrando hũa peça, ancorarom seus navyos, e des y saindo em scos batees, começaram de trabalhar por chegar aa fim do ryo, pello qual seguindo quatro legoas, chegarom ao cabo delle (1), onde acordarom de sayr

vava, ao cabo deste ryo, onde eu fiquey no outro anno aos Mouros que fosse fazer a mercadarya, ca nom avemos pera que estar aquy,

#### Dados encontrados nas obras de Fernão Lopes

##### 1) Principiar

fe prova de seus mesmos Escritos, dirigidos a ElRey D. Manoel, por cuja ordem escrevêraõ em seu Reynado Galvão logo no principio delle ; .

##### 2) Cessar (1344)

E el-rei, dizendo que não mas que o houvera por bem feito, cessaram d'aquesto e falaram em al.

Cessando mais de falar d'isto e tornando ao feito dos reis, vós ouvistes em seu lugar, lendo o capitulo da fugida d'el-rei D. Henrique quando a batalha de Najara foi perdida; como;

E a maior duvida d'este feito era se aquelles recados que vinham eram verdadeiros, achados por parte d'el-rei de Castella para matar ou prender o Mestre e todos aquelles que em sua companhia fossem: e nem cessou de se não fazer.

Alli começou de requerer sua gente, a qual ainda o anjo da morte não cessava de perseguir, morrendo alguns pelo caminho, e nos logares onde depois chegou.

pertencentes; que o Mestre lhe disse, que se casasse, e não curou mais d'ello e que assim cessou este feito.

iam com elle de pé. E des-ahi esperando que cessasse tal tempo, como foi acontecer e acabar aquello porque iam.

palavras compridas de grande esforço, não cessava de os visitar, enquanto as batalhas estavam quedas, andando em este cuidado ante que se a batalha comesse.

assim cedo, bem se tinha por mal aventurada entre as mulheres do mundo, e cuidando esto em sua alma e espirito, não cessava de chorar pedindo a morte que a levasse primeiro.

que o Conde fôra desbaratado dos castellãos, dizendo que lhe haviam de quebrar o orgulho e fallar a boa andança, e outras semelhantes razões, de que entonce cessaram.

d'esto muitos affirmavam, e cessada sua falla de todo, aquelle Lourenço Annes Fogaça, por parte d'el-rei seu senhor, e o honrado João Domingues, thesoureiro d'essa egreja, por parte do Cabido d'ella, e Fernão d'Alvares, procurador da cidade, em nome de todos os moradores, pediram a João Rodrigues, publico notorio, que presente estava, que lhe desse os treslados, de guisa que o direito quer, e assim lhe foram dados.

### Dados encontrados nas obras de Pe. Vieira

#### 1) Cessar

- Na entrada da Septuagésima se começaram a enlutar os altares, e cessaram no canto eclesiástico as aleluias...
- Se falta a relação de filho, cessa a de pai; se falta a relação de pai, cessa a de filho.
- ... como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fora e a de dentro?
- ... na hora da morte, no dia do Juízo, em que tudo acaba com o mundo, também elas cessam e se acabam.
- E assim como no fim do mundo há de cessar o sacrificio, porque há de ter fim o pecado, assim no fim do mundo há de cessar o Sacramento, porque há de ter fim a esperança.
- Foi porque também há de cessar o Sacramento...
- Do círculo de cada dia, com que o sol sem cessar anda sempre rodeando e torna a rodear o mundo...

### Dados encontrados nas obras da Gazeta

#### 1) Principiar

N O T I C I A.

Quinta feira 10 do corrente Novembro na Rua da Alfandega; nas cazas de José Teixeira de Lira, N.º 10, ha de vender em Leilão publico Diogo Birnie as fazendas de Nathaniel Selkerk, que morava na Rua de S. Pedro; e são as seguintes.

1. Collecção de Fazendas de Porcelana, e Vidro.

2. Sortimento de Oculos.

3. Botas.

4. Capatos para Senhora, etc. etc.

O Leilão principiara pelas 9 horas da manhã, e as fazendas serão vendidas sem resticção; pois que seu dono pretende sahir para a sua terra, na primeira occasião.

2) Cessar

a) 12 26/01/1822

No entanto, que não ouvimos V. A. R. abraçar os nossos votos, não cessamos de rogar aos Cens pela feliz existencia de V. A. R., e da Real Dynastia Bragantina. *Maragotype* em

b) 36 23/03/1822

Digne-se pois V. M. I. aceitar estes votos, e leaes sentimentos, acolhe-os benigno, e conceituar com os mesmos aos habitantes desta Província, que pela sua conducta pacifica, e toda patriotica, não cessão de manifestar energia de caracter, amor, e adhesão á Augusta Pessoa de V. M. I.

## ANEXO 2 – OUTROS EXEMPLOS COM (A)COSTUMAR E COSTUME

29 SE 07/03/1822	39. 30/03/1822
<p>Tenho S. M. I. Ordenado pela Supremacia d'Estado dos Negocios da Fazenda, que na Typographia Nacional se fizessem as taboas para uso da Corte em beneficio deste publico Estabelecimento, as quaes já se achão no Prelo, o Administrador respectivo participo isto mesmo do publico, que se costumam comprar para os Tribunaes; prevenindo-se de que se não fizessem</p> <p>Comprar = achievements</p>	<p>O Coronel do Primeiro Regimento de Cavallaria <i>Pedro Gomes Nogueira</i>, já costumado a demonstrar em todos os Actos do seu Commando o singular gosto no lustro das funcções publicas, havia cautelosamente prevenido novos Estandartes com as Imperiaes Armas do <i>Brasil</i>,</p>

### COSTUMAR (Datação: 1265)/ ACOSTUMAR (Datação: 1255)

outros Bellicos, outros Nauticos, outros Funeraes, outros totalmente Asceticos; mas todos, quanto a materia o permittia (& mays do que em taes casos se costuma) Moraes.

não trabalharão. Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fructo, senão a quem co-

parecerão grandes. Estes Ondes, & estes Dondes, não se costumão registar nos liuros das merces. Se-

Se feruistes á patria, que vos foy ingrata, vós fizestes o que deueis, ella o que costuma. Mas que



**Acostumado**

Depoes de algús dias,  
que não foraó muytos ;  
tornou aquelle Pouo mal  
acostumado, & rebelde,

É necessário sarar a peste pelo mesmo modo com que a peste costuma **infeccionar** e **matar**.

**Infeccionar e matar = achievements**

E como mata, ou costuma **matar** a peste? **Matar = achievements**

De sorte que todos os despachos que a Senhora costuma **dar** em tão diferentes tribunais...

**Dar = achievements**

Nestas quatro notáveis pessoas se acham as quatro coisas que, na opinião dos homens, costumam **ser** de mais peso. **Ser = estativo**

... O lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, e cada um aqueles em que se costuma **cevar**... **Cear = atividade**

Duas coisas há nos homens que os costumam **fazer** roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. **Fazer = accomplishments**

Quanto mais que os que pedem e costumam **derrubar** são os muitos, e os grandes e os caídos, a quem estes derrubam,... **Derrubar = achievements**

É o nosso glorioso Santo Antônio, mais glorioso por esta prerrogativa que por todas quantas dele se podem e costumam **pregar**. **Pregar = atividade**

**COSTUME (Datação: 1262)**

... E não como doutrina necessária aos tempos e costumes presentes.

... A companhia dos que são meu sangue pela de gente estranha, de costumes e língua desconhecida...

Vede que fé se podia conservar entre costumes de brutos?

Maria quer dizer *Domina Maris*, Senhora do mar, e, posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a **costumada** graça.

Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente.

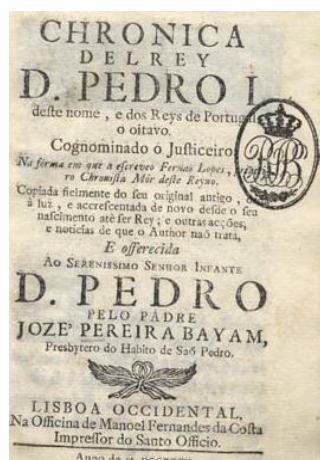
Morreu José de idade de cento e dez anos, e, ungido, como era costume dos hebreus, o meteram em um lugar do tamanho do seu corpo no Egito.

Neles não achei coisa que ofendesse a nossa Santa Fé, ou repugnasse aos **bons costumes...** (3x)

### ANEXO 3 – AMOSTRA DE DADOS EM CADA OBRA QUE COMPÔS O *CORPUS* PARA ESTA PESQUISA.

#### 1. Fernão Lopes

Crônica sobre D Pedro I: cópia do padre José Pereira Bayam = A Crônica de El-rei D. Pedro é uma das crônicas escrita no sec. XVI, relatando a vida e feitos do rei D. Pedro I de Portugal, e o que de importante aconteceu em Portugal durante o seu reinado.



p. 05 até 400

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	dem de Aviz, donde era Mestre, e alli se criou alguns annos, até que começou de florecer em exer- cícios, e bondades, e outros fei- Florece = achievements (mudança de estado)	Cap.19. Como se começou o desvai- ro entre ElRey D. Pedro de Cas- tella, e o Conde D. Henrique, seu irmão, e qual foy o azo, porque o
2	primeiro das cousas, que fez an- tes que a começasse por saberdes tudo em certo de que sorte foy. Saber = estativo	Cap.20. Como, e por qual azo se co- meçou a guerra entre Castella, e Aragão, pag.201.
3	<b>E</b> Nesta cezaõ que ElRey Dom Pedro começou de reynar, ordenou ElRey de Castella de en- viar por o corpo da Rainha Dona Maria, sua mãy, que faleceo em Portugal, vivendo ainda ElRey Reinar = atividade	Como, e por qual azo se começou a guerra entre Castella, e Aragón.
4	qual propoita ante elle sendo El- Rey presente começaraõ de con- templar pelo miudo tudo o que em Portugal diziaõ alguns de que se Contemplar = atividade	Rey D. Affonso seu pay, quando este Rey D. Pedro de Castella co- meçou a guerra contra ElRey D.

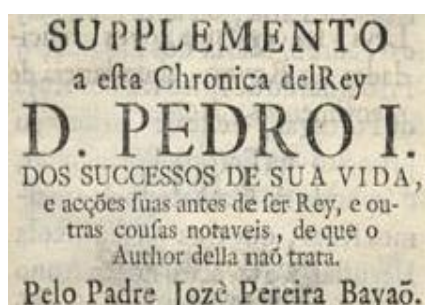
Substantivo COMEÇO	
cousa de ver. Elle foy o começo do muy grande thesouro, que El- Rey D. Pedro depois teve junto, segundo adiante diremos.	
meiro pelas cousas, que lhe avie- raõ em começo do seu reinado, vi- vendo ainda ElRey D. Affonso de Portugal seu avô, com as outras,	

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (tbém acabados)
1	tou-o, e tornou-se onde jazia o Mestre, e achou-o que não era bem morto, e fello acabar de ma- tar a hum sen moco da Camera, Matar = achievements	Chronista, e Guarda Mór da mes- ma Torre, acabou a Chronica
2		SE te espantado. E era tamanho o medo, que quantos isto viraõ, to- dos cuidavaõ de serem mortos, (e que se acabava o Mundo) du-

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	foy grande Criador de Fidalgos de Linhagem, porque naquelle tem- po não se costumava ser vassallo senão filho, neto, ou bisneto de Ser = estativo	
2	za da pedra o que costuma executar a agulha no bastidor, e o buril no ou- ro, hum delles era para si, e o outro para Dona Ignez, que no alto appa- Executar = achievements	

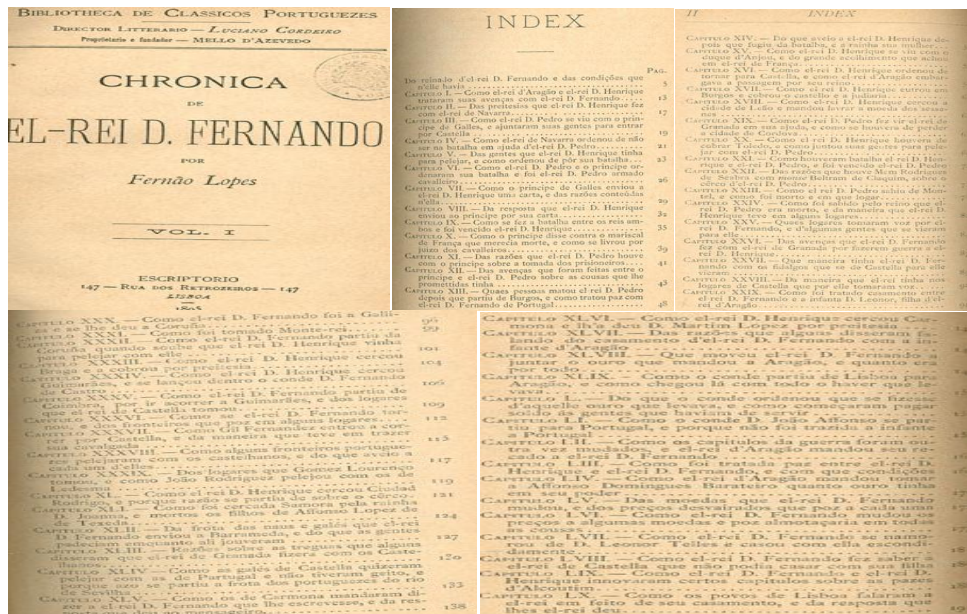
SUPLEMENTO 401 A 582



	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	<p>Manifestar = achievements.</p>	
2	<p>Importunar = atividade</p>	
3	<p>Queixar = achievements.</p>	
4	<p>SE Tratar = atividade</p>	

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	<p>Criar = accomplishments</p>	





COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	Este rei D. Fernando começou de reinar o mais rico rei que em Portugal foi até o seu tempo, e reinou com elle; e d'ali adeante começou o príncipe de mandar por gentes, e juntaram-se muitas para esta cavalgada.	Destalleceu isto quando começou a guerra e nasceu outro mundo novo muito contrario ao primeiro.
2	Reinar = atividade	
3	todos com elle; e d'ali adeante começou o príncipe de mandar por gentes, e juntaram-se muitas para esta cavalgada.	mento, segundo adeante ouvireis, e que o príncipe se partiu sem lhe mais falar, por novas que havia dos francezes que começavam guerra no ducado de
4	Mandar = achievements.	
5	branco, e os d'el-rei D. Henrique levavam esse dia bandos; e assim de vontade juntaram uns com os outros que cahiram as lanças a todos, e começaram de se ferir ás espadas e achas e porras, chamando	COMEÇOU-SE a era de quatrocentos e seis, e no terceiro anno que reinava el-rei D. Henrique, e no mez de janeiro, partiu el-rei da villa de Buenas e foi cercar a cidade de Leão; e a
6	Ferir = achievements.	
7	rijamente se feriram que os da vanguarda do príncipe se começaram de retrahir quanto seria uma passada, e foram alguns d'elles derribados, em guisa que os d'el-rei D. Henrique cuidaram que venciam, e chegaram-se mais a elles e começaram-se outra vez a ferir.	COMEÇOU el-rei D. Fernando a guerra e poz seus ponteiros pelas comarcas, desde ahí nos lugares que sua voz tinham, e mandava que todos
8	Retrair = achievements.	

	Substantivo COMEÇO
1.	nha, e, visto o que cada um ganhava, do ganho deixava logo a dizima em comeco de pago; e assim,
2.	DEIXANDO estas cousas que dissemos, que se em outro lugar tambem dizer não podem, e tornando ao comeco do reinado d'este rei D. Fernando. deveis de saber que, partindo
3.	CONVEM que sigamos os feitos d'el-rei D. Pedro de Castella com seu irmão el-rei D. Henrique, no ponto que deixamos de fallar d'elles, e isto por de tudo haverdes em breve conhecimento e a ordenança de nossa obra não desviar do seu primeiro comeco: mórmente pois d'el-rei D. Fer-
4.	fôra, assim de cavallo como de pé, e escaramuçavam com elles; e isto foi logo no comeco, enquanto



ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1		Os de fora acabaram sua cava e pozeram grande parte do muro em contos, e devisado o dia do com

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME ( Datação: 1262)
1	...e vinte e sete soldos fa- nte soldos era uma libra, e vinte e sete soldos fa- um maravedi velho, que se costumava Alem	E vendo el-rei que, não embargando este abaixa- mento das moedas, pelo costume que as gentes ti- nham de vender as cousas por preços desaguisados,
2	pagadas a custa d'el-rei D. Fernando; e, porquanto estas gentes d'armas cumpria de haver pagamento por moeda que se costumasse a correr no reino d'Aragão, foi firmado n'esta preitesia que el-rei D. Correr = atividade	com outros fazer possam, não deixando porém es- tes se os houver poderem, pelo costume da Igreja e honra da antiguidade.
3		El-rei D. Fernando não comprava para carregar nenhuma d'aquellas cousas que os mercadores com- pram, e porque tem seu costume de viver, salvo

## VOLUME II

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES DIRECTOR LITTERARIO — LUCIANO GONCALVES Registado e Indexado — MELLO D'AZEVEDO	INDEX	II INDEX
CHRONICA DE EL-REI D. FERNANDO POR Fernão Lopes VOL. II ESCRITORIO 147 — RUA DOS RETOZEIROS — 147 LESOA 1895	CAPITULO LXXI. — Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusadamente da cidade. CAPITULO LXXII. — Como el-rei D. Fernando recebeu de praca D. Leonor, por mulher, e foi chamada rainha de Portugal. CAPITULO LXXIII. — Razões devisadas que alguns fala- vam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando. CAPITULO LXXIV. — Das razões que el-rei houve em un- do seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leon- nor. CAPITULO LXXV. — Como a rainha D. Leonor casou al- guns fidalgos do reino, e do acrescentamento que cau em outros de seu linhagem. CAPITULO LXXVI. — Como el-rei D. Henrique mandou sa- ber d'el-rei D. Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e da resposta que lhe levou Diogo Lopes Pa- checo. CAPITULO LXXVII. — Como el-rei D. Fernando e o Duque de Lancastre fizeram aliança contra el-rei de Cas- tella e el-rei d'Aragão. CAPITULO LXXVIII. — Como el-rei D. Henrique enviou re- querer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse. CAPITULO LXXIX. — Da resposta que el-rei D. Fernan- do ao bispo, e como se despediu d'elle e se foi. CAPITULO LXXX. — Como o bispo chegou a Castella, e como se el-rei D. Henrique deu a fazer guerra a Portugal. CAPITULO LXXXI. — Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal, e do recado que houve do cardeal delegado do papa. CAPITULO LXXXII. — Como el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que havia d'enviar fora do seu reino, e como se partiram de Portugal. CAPITULO LXXXIII. — Das ordenações que el-rei D. Fernando fez, por regimento e bom de seu reino, e que armas mandou tivessem então. CAPITULO LXXXIV. — Como el-rei D. Fernando man- dou cercar a cidade de Lisboa. CAPITULO LXXXV. — Como el-rei D. Fernando orde- nou que as terras de seu reino fossem todas lavradas e aproveitadas. CAPITULO LXXXVI. — Das privilegios que el-rei D. Fernando deu aos que comprassem ou fizessem naus. CAPITULO LXXXVII. — Como el-rei D. Fernando ordenou com- panhia das naus e da maneira que mandou que se a elle tivesse. CAPITULO LXXXVIII. — Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando fizeram contra el-rei d'Aragão, e com que condições. CAPITULO LXXXIX. — Do recado que el-rei D. Henrique en- viou a el-rei D. Fernando, e como lhe prometteu ajui- da de cinco mil. CAPITULO LXXXX. — Como el-rei D. Henrique enviou pe- dir a el-rei de Aragão sua filha, e como casou com o infante D. João, seu filho. CAPITULO LXXXXI. — Como o conde D. Afonso, filho d'el- rei D. Henrique, fez suas bodas com D. Isabel, filha de el-rei D. Fernando. CAPITULO LXXXXII. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Ara- gão. CAPITULO LXXXXIII. — Das manhas e condições do infan- te D. João de Portugal. CAPITULO LXXXXIV. — Do que avieo ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte. CAPITULO LXXXXV. — Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escudadamente.	PAG. 5 8 11 14 17 21 24 27 30 33 36 39 42 45 48 51 54 57 60 63 66 69 72 75 78 81 84 87 90 93 96 99 102 105 108 111 114 117 120 123 126 129 132 135 138 141 144 147 150 153 156 159 162 165 168 171 174 177 180 183 186 189 192 195 198 201 204 207 210 213 216 219 222 225 228 231 234 237 240 243 246 249 252 255 258 261 264 267 270 273 276 279 282 285 288 291 294 297 300 303 306 309 312 315 318 321 324 327 330 333 336 339 342 345 348 351 354 357 360 363 366 369 372 375 378 381 384 387 390 393 396 399 402 405 408 411 414 417 420 423 426 429 432 435 438 441 444 447 450 453 456 459 462 465 468 471 474 477 480 483 486 489 492 495 498 501 504 507 510 513 516 519 522 525 528 531 534 537 540 543 546 549 552 555 558 561 564 567 570 573 576 579 582 585 588 591 594 597 600 603 606 609 612 615 618 621 624 627 630 633 636 639 642 645 648 651 654 657 660 663 666 669 672 675 678 681 684 687 690 693 696 699 702 705 708 711 714 717 720 723 726 729 732 735 738 741 744 747 750 753 756 759 762 765 768 771 774 777 780 783 786 789 792 795 798 801 804 807 810 813 816 819 822 825 828 831 834 837 840 843 846 849 852 855 858 861 864 867 870 873 876 879 882 885 888 891 894 897 900 903 906 909 912 915 918 921 924 927 930 933 936 939 942 945 948 951 954 957 960 963 966 969 972 975 978 981 984 987 990 993 996 999 1002 1005 1008 1011 1014 1017 1020 1023 1026 1029 1032 1035 1038 1041 1044 1047 1050 1053 1056 1059 1062 1065 1068 1071 1074 1077 1080 1083 1086 1089 1092 1095 1098 1101 1104 1107 1110 1113 1116 1119 1122 1125 1128 1131 1134 1137 1140 1143 1146 1149 1152 1155 1158 1161 1164 1167 1170 1173 1176 1179 1182 1185 1188 1191 1194 1197 1200 1203 1206 1209 1212 1215 1218 1221 1224 1227 1230 1233 1236 1239 1242 1245 1248 1251 1254 1257 1260 1263 1266 1269 1272 1275 1278 1281 1284 1287 1290 1293 1296 1299 1302 1305 1308 1311 1314 1317 1320 1323 1326 1329 1332 1335 1338 1341 1344 1347 1350 1353 1356 1359 1362 1365 1368 1371 1374 1377 1380 1383 1386 1389 1392 1395 1398 1401 1404 1407 1410 1413 1416 1419 1422 1425 1428 1431 1434 1437 1440 1443 1446 1449 1452 1455 1458 1461 1464 1467 1470 1473 1476 1479 1482 1485 1488 1491 1494 1497 1500 1503 1506 1509 1512 1515 1518 1521 1524 1527 1530 1533 1536 1539 1542 1545 1548 1551 1554 1557 1560 1563 1566 1569 1572 1575 1578 1581 1584 1587 1590 1593 1596 1599 1602 1605 1608 1611 1614 1617 1620 1623 1626 1629 1632 1635 1638 1641 1644 1647 1650 1653 1656 1659 1662 1665 1668 1671 1674 1677 1680 1683 1686 1689 1692 1695 1698 1701 1704 1707 1710 1713 1716 1719 1722 1725 1728 1731 1734 1737 1740 1743 1746 1749 1752 1755 1758 1761 1764 1767 1770 1773 1776 1779 1782 1785 1788 1791 1794 1797 1800 1803 1806 1809 1812 1815 1818 1821 1824 1827 1830 1833 1836 1839 1842 1845 1848 1851 1854 1857 1860 1863 1866 1869 1872 1875 1878 1881 1884 1887 1890 1893 1896 1899 1902 1905 1908 1911 1914 1917 1920 1923 1926 1929 1932 1935 1938 1941 1944 1947 1950 1953 1956 1959 1962 1965 1968 1971 1974 1977 1980 1983 1986 1989 1992 1995 1998 2001 2004 2007 2010 2013 2016 2019 2022 2025 2028 2031 2034 2037 2040 2043 2046 2049 2052 2055 2058 2061 2064 2067 2070 2073 2076 2079 2082 2085 2088 2091 2094 2097 2100 2103 2106 2109 2112 2115 2118 2121 2124 2127 2130 2133 2136 2139 2142 2145 2148 2151 2154 2157 2160 2163 2166 2169 2172 2175 2178 2181 2184 2187 2190 2193 2196 2199 2202 2205 2208 2211 2214 2217 2220 2223 2226 2229 2232 2235 2238 2241 2244 2247 2250 2253 2256 2259 2262 2265 2268 2271 2274 2277 2280 2283 2286 2289 2292 2295 2298 2301 2304 2307 2310 2313 2316 2319 2322 2325 2328 2331 2334 2337 2340 2343 2346 2349 2352 2355 2358 2361 2364 2367 2370 2373 2376 2379 2382 2385 2388 2391 2394 2397 2400 2403 2406 2409 2412 2415 2418 2421 2424 2427 2430 2433 2436 2439 2442 2445 2448 2451 2454 2457 2460 2463 2466 2469 2472 2475 2478 2481 2484 2487 2490 2493 2496 2499 2502 2505 2508 2511 2514 2517 2520 2523 2526 2529 2532 2535 2538 2541 2544 2547 2550 2553 2556 2559 2562 2565 2568 2571 2574 2577 2580 2583 2586 2589 2592 2595 2598 2601 2604 2607 2610 2613 2616 2619 2622 2625 2628 2631 2634 2637 2640 2643 2646 2649 2652 2655 2658 2661 2664 2667 2670 2673 2676 2679 2682 2685 2688 2691 2694 2697 2700 2703 2706 2709 2712 2715 2718 2721 2724 2727 2730 2733 2736 2739 2742 2745 2748 2751 2754 2757 2760 2763 2766 2769 2772 2775 2778 2781 2784 2787 2790 2793 2796 2799 2802 2805 2808 2811 2814 2817 2820 2823 2826 2829 2832 2835 2838 2841 2844 2847 2850 2853 2856 2859 2862 2865 2868 2871 2874 2877 2880 2883 2886 2889 2892 2895 2898 2901 2904 2907 2910 2913 2916 2919 2922 2925 2928 2931 2934 2937 2940 2943 2946 2949 2952 2955 2958 2961 2964 2967 2970 2973 2976 2979 2982 2985 2988 2991 2994 2997 3000 3003 3006 3009 3012 3015 3018 3021 3024 3027 3030 3033 3036 3039 3042 3045 3048 3051 3054 3057 3060 3063 3066 3069 3072 3075 3078 3081 3084 3087 3090 3093 3096 3099 3102 3105 3108 3111 3114 3117 3120 3123 3126 3129 3132 3135 3138 3141 3144 3147 3150 3153 3156 3159 3162 3165 3168 3171 3174 3177 3180 3183 3186 3189 3192 3195 3198 3201 3204 3207 3210 3213 3216 3219 3222 3225 3228 3231 3234 3237 3240 3243 3246 3249 3252 3255 3258 3261 3264 3267 3270 3273 3276 3279 3282 3285 3288 3291 3294 3297 3300 3303 3306 3309 3312 3315 3318 3321 3324 3327 3330 3333 3336 3339 3342 3345 3348 3351 3354 3357 3360 3363 3366 3369 3372 3375 3378 3381 3384 3387 3390 3393 3396 3399 3402 3405 3408 3411 3414 3417 3420 3423 3426 3429 3432 3435 3438 3441 3444 3447 3450 3453 3456 3459 3462 3465 3468 3471 3474 3477 3480 3483 3486 3489 3492 3495 3498 3501 3504 3507 3510 3513 3516 3519 3522 3525 3528 3531 3534 3537 3540 3543 3546 3549 3552 3555 3558 3561 3564 3567 3570 3573 3576 3579 3582 3585 3588 3591 3594 3597 3600 3603 3606 3609 3612 3615 3618 3621 3624 3627 3630 3633 3636 3639 3642 3645 3648 3651 3654 3657 3660 3663 3666 3669 3672 3675 3678 3681 3684 3687 3690 3693 3696 3699 3702 3705 3708 3711 3714 3717 3720 3723 3726 3729 3732 3735 3738 3741 3744 3747 3750 3753 3756 3759 3762 3765 3768 3771 3774 3777 3780 3783 3786 3789 3792 3795 3798 3801 3804 3807 3810 3813 3816 3819 3822 3825 3828 3831 3834 3837 3840 3843 3846 3849 3852 3855 3858 3861 3864 3867 3870 3873 3876 3879 3882 3885 3888 3891 3894 3897 3900 3903 3906 3909 3912 3915 3918 3921 3924 3927 3930 3933 3936 3939 3942 3945 3948 3951 3954 3957 3960 3963 3966 3969 3972 3975 3978 3981 3984 3987 3990 3993 3996 3999 4002 4005 4008 4011 4014 4017 4020 4023 4026 4029 4032 4035 4038 4041 4044 4047 4050 4053 4056 4059 4062 4065 4068 4071 4074 4077 4080 4083 4086 4089 4092 4095 4098 4101 4104 4107 4110 4113 4116 4119 4122 4125 4128 4131 4134 4137 4140 4143 4146 4149 4152 4155 4158 4161 4164 4167 4170 4173 4176 4179 4182 4185 4188 4191 4194 4197 4200 4203 4206 4209 4212 4215 4218 4221 4224 4227 4230 4233 4236 4239 4242 4245 4248 4251 4254 4257 4260 4263 4266 4269 4272 4275 4278 4281 4284 4287 4290 4293 4296 4299 4302 4305 4308 4311 4314 4317 4320 4323 4326 4329 4332 4335 4338 4341 4344 4347 4350 4353 4356 4359 4362 4365 4368 4371 4374 4377 4380 4383 4386 4389 4392 4395 4398 4401 4404 4407 4410 4413 4416 4419 4422 4425 4428 4431 4434 4437 4440 4443 4446 4449 4452 4455 4458 4461 4464 4467 4470 4473 4476 4479 4482 4485 4488 4491 4494 4497 4500 4503 4506 4509 4512 4515 4518 4521 4524 4527 4530 4533 4536 4539 4542 4545 4548 4551 4554 4557 4560 4563 4566 4569 4572 4575 4578 4581 4584 4587 4590 4593 4596 4599 4602 4605 4608 4611 4614 4617 4620 4623 4626 4629 4632 4635 4638 4641 4644 4647 4650 4653 4656 4659 4662 4665 4668 4671 4674 4677 4680 4683 4686 4689 4692 4695 4698 4701 4704 4707 4710 4713 4716 4719 4722 4725 4728 4731 4734 4737 4740 4743 4746 4749 4752 4755 4758 4761 4764 4767 4770 4773 4776 4779 4782 4785 4788 4791 4794 4797 4800 4803 4806 4809 4812 4815 4818 4821 4824 4827 4830 4833 4836 4839 4842 4845 4848 4851 4854 4857 4860 4863 4866 4869 4872 4875 4878 4881 4884 4887 4890 4893 4896 4899 4902 4905 4908 4911 4914 4917 4920 4923 4926 4929 4932 4935 4938 4941 4944 4947 4950 4953 4956 4959 4962 4965 4968 4971 4974 4977 4980 4983 4986 4989 4992 4995 4998 5001 5004 5007 5010 5013 5016 5019 5022 5025 5028 5031 5034 5037 5040 5043 5046 5049 5052 5055 5058 5061 5064 5067 5070 5073 5076 5079 5082 5085 5088 5091 5094 5097 5100 5103 5106 5109 5112 5115 5118 5121 5124 5127 5130 5133 5136 5139 5142 5145 5148 5151 5154 5157 5160 5163 5166 5169 5172 5175 5178 5181 5184 5187 5190 5193 5196 5199 5202 5205 5208 5211 5214 5217 5220 5223 5226 5229 5232 5235 5238 5241 5244 5247 5250 5253 5256 5259 5262 5265 5268 5271 5274 5277 5280 5283 5286 5289 5292 5295 5298 5301 5304 5307 5310 5313 5316 5319 5322 5325 5328 5331 5334 5337 5340 5343 5346 5349 5352 5355 5358 5361 5364 5367 5370 5373 5376 5379 5382 5385 5388 5391 5394 5397 5400 5403 5406 5409 5412 5415 5418 5421 5424 5427 5430 

3	esta intenção, partiu el-rei de Coimbra e deixou sua mulher ali e alguns fidalgos com ella, e veiu-se a Santarem e ali começou de ordenar seu ajunta- Ordenar = achievements	muros, sobre que de- mando cada um quaes eram suas. A segurança que es fez tardar de primeiro não começaram tal traba- lho lhes deu azo de perderem grandes riquezas. dois do recolhimento,
4	Nisto, encheram-se as galés de Castella de tun- tos homens que as faziam mais de peçadas que de ligeiras, e começaram de remar contra as naus e galés dos portuguezes. As naus e galés, como esta- Remar = atividade	*E ainda mais vos digo que eu não fui bem avi- sado em tal feito, nem isso mesmo os do meu conselho, em commetter tal guerra qual foi come- çar; porque se eu á primeira bem cuidara como

Substantivo COMEÇO	
1.	bem cerca de um mez. Os do conselho, quando vi- ram que elle tão pouco sentido tinha, em começo de seu reinado, das cousas que havia d'ordenar por
2.	el-rei D. Fernando que isto, com a ajuda de Deus e seu bom encaminhamento, era coisa para mui- cedo vir a fim; e aos da cidade bem lhes prazia de a cercarem, pelo damno que recebido haviam, não lhes pesando, mas maravilhavam-se, porque todas as novas cousas parecem mui asperas e duras de fazer antes do seu primeiro começo.
3.	E estes e outros capitulos que dizer não curamos foram postos naquellas avenças que el-rei D. Fer- nando tratou com o duque, mas se esta guerra hou- ve algum começo, ou que se fez sobre este nego- cio, nos, por livros nem escripturas, nenhuma cousa podemos achar que mais pozessemos em escripto:

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (acabado também)
1	d'elles, a falar com Diogo Affonso e Garcia Affon- so do Sobrado; e acabado de fallar com estes fe- chegar os outros a si e começou de lhes dizer: Falar = atividade	pozeram-n'o na funda do engenho, e deitou-o con- tra o mar, onde elles desejavam, e assim acabou sua vida.
2		mui prolongada noite. Então, querendo acabar o ázo o que a vontade começara, concordaram seus apra- zíveis desejos, outhorgando elle que a recebia e ha- via por sua mulher: e foi assim de feito que a rece- Azo= motivo, causa, oportunidade
3		e Lopo Gomez, vendo isto, saiu-se de noite, an- tes do prazo acabado, e foi-se; a cidade não foi acorrída ao tempo que se preitejou e deu-se a el-rei
4		dasal e Martim Garcia haviam d'estar sempre em Aragão, por refens, até que a guerra fosse acabada, e feita cumpridamente paga a todos os que n'ella houvessem servido.

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME ( Datação: 1262)
1	Nos logares onde se cõstuma de haver ganhadei- ros que se escusar não podem, mandava deixar por numero certo os que se escusar não podessem, e os outros constrangiam para servir.	seu estado azado para montar altamente, não poud- carecer de peçonha da inveja, e começou de mos- trar á irmã peor talante do que sohia, nem o in- fante não havia tal gasalhado d'el-rei como antes tinha em costume de lhe fazer; e não sómente a
2	Mandou el-rei a todas as justças que trigosamente dessem a execução toda cousa que por elles fos- se ordenada, pondo mui grandes penas aos que o contrario fizessem, e assim se costumou d'ahi em deante em seu reino.	Sendo assim costume de escarnuçar os da ci- dade com os de fora, também á porta do Fer- ro, como áquella porta do mar que dissemos,



3	irmã, que andava em casa da amante e do irmão. El-rei D. Fernando, como era muito costumado de ir vêr a miude a infante sua irmã, quando viu D. Leonor em sua casa, louçã e apostada e de bom humor, como que a d'antes houvesse bem conhecida, formou-se para ali.	Sendo já andados oito dias d'abril, entraram os cardeaes pela manhã, segundo forma de direito, no conclave, para elegerem, como é seu costume, e o cardeal de Agrifollio e o de Pictavia inquiriram de
---	---	--

## VOLUME III

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES		INDEX	
DIRECTOR LITTERARIO — LUCIANO CORDEIRO Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO			
CHRONICA DE EL-REI D. FERNANDO POR Fernão Lopes			
VOL. III			
ESCRITORIO 147 — RUA DOS RETROSINHOS — 147 LISBOA 1896			
CAPITULO CXII. — Como el-rei poz em sua vontade de mandar prender o mestre seu irmão e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e por que razão.		CAPITULO CXXVI. — Como el-rei D. Fernando soube nova que a sua frota era perdida.	
CAPITULO CXIII. — Como el-rei mandou prender o mestre seu irmão e Gonçalo Vasques d'Azevedo.		CAPITULO CXXVII. — Como o infante D. João ficou com alguns portugueses que lhe dessem Lisboa, e não se cumprissem como elle quizera.	
CAPITULO CXIV. — Do recado que Vasco Martins trouxe por que matassem o mestre e Gonçalo Vasques, e como o não quis fazer.		CAPITULO CXXVIII. — Do recado que el-rei houve da frota dos ingleses, e como chegou a Lisboa.	
CAPITULO CXV. — Do grão temor em que o mestre e Gonçalo Vasques d'Azevedo estavam, e como a rainha buscava aze para matar Gonçalo Vasques.		CAPITULO CXXIX. — Como o conde e outros capitães foram apontados na cidade, e da maneira que el-rei com elles teve.	
CAPITULO CXVI. — Como o mestre foi solto e a rainha fugiu, e da guisa que houvera de ser.		CAPITULO CXXX. — Como el-rei declarou pelo papa de Roma, e esposou sua filha com o conde de Cambridge.	
CAPITULO CXVII. — Como o mestre foi solto e a rainha fugiu, e da guisa que houvera de ser.		CAPITULO CXXXI. — Como el-rei de Castella houve nova da vinda dos ingleses, e da maneira que elle teve.	
CAPITULO CXVIII. — Como Lourenço Martins quizer matar Vasco Porcubão, e lhe o mestre disse que o não matasse.		CAPITULO CXXXII. — Das más maneiras que os ingleses tinham com os moradores do reino, e como el-rei não tornava a ello, porque os havia mister.	
CAPITULO CXIX. — Como el-rei de Castella juntou suas gentes e se foi para Badajoz com elles.		CAPITULO CXXXIII. — Como as galés de Castella chegaram a Lisboa, e não podendo fazer nojo as naus dos ingleses se tornaram para Sevilha.	
CAPITULO CL. — Como el-rei D. Fernando poz sua batalha e esperou no campo, e el-rei de Castella não quis pelear.		CAPITULO CXXXIV. — Como el-rei e os ingleses partiram de Lisboa e chegaram a cidade d'Evora.	
CAPITULO CLI. — Como el-rei D. Fernando poz sua batalha e esperou no campo, e el-rei de Castella não quis pelear.		CAPITULO CXXXV. — Como a frota de Castella chegou a Lisboa, e do mal e dano que fez em alguns lugares.	
CAPITULO CLII. — Como foram pazes tratadas entre el-rei D. Fernando e el-rei D. João de Castella, e com que condições.		CAPITULO CXXXVI. — Porque razão tiraram de fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e foi posto o prior do Grão em Lisboa.	
CAPITULO CLIII. — Como el-rei de Castella partiu de seu reino e se veio para Badajoz.		CAPITULO CXXXVII. — Como Nuno Alvares lançou uma cidade nos da frota, e do que lhe aveu com elles.	
CAPITULO CLIV. — Como el-rei de Castella approvou os tratos, antes que recebesse a infante sua mulher.		CAPITULO CXXXVIII. — Das razões que Nuno Alvares disse aos seus, pelos esforços que pelessem, e do lhano.	
CAPITULO CLV. — Como el-rei de Castella partiu para Elvas, e como recebeu o conde de Portugal por muher.		CAPITULO CXXXIX. — Como se começou o aze da prisão do mestre d'Aviz e de Gonçalo Vasques d'Azevedo.	
CAPITULO CLVI. — Do que aveu a Nuno Alvares, sentando-se el-rei a comer, e das palavras que a rainha disse a el-rei, quando d'ella se despediu.		CAPITULO CL. — Como Vasco Gomes d'Albuquerque foi a rainha e das razões que ambos houveram.	
CAPITULO CLVII. — Como el-rei fez suas bodas em Badajoz e tornou depois a Elvas, e se despediu da rainha sua esposa.			
CAPITULO CLVIII. — Como el-rei partiu de Badajoz e foi cercar o conde D. Afonso, e das coisas que se seguiram.			
CAPITULO CLIX. — Como el-rei D. Fernando mandou a Castella receber as menagens, por razão dos tratos e quizes pessoas foram as que se fizeram.			

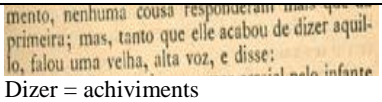
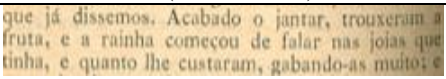
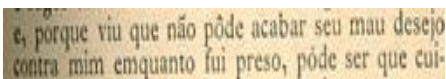
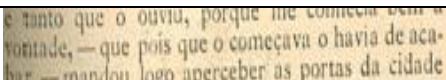
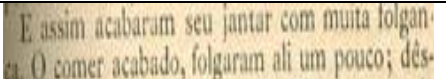
## COMEÇAR = datação s. XIII

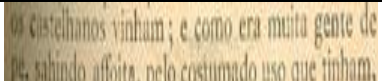
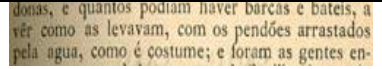
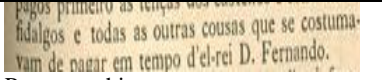
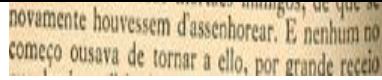
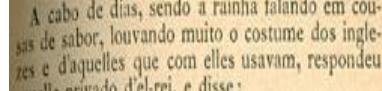
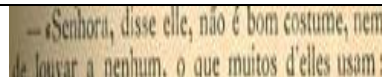
	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	E el-rei D. João estava então em Medina del Campo, quando se isto começou de dizer; e elle Dizer = achievimnents	A CABANDO aquelle conselho que antes d'este capítulo haveis ouvido, começou soar fuma pelo reino que el-rei D. Fernando queria
2	O conde começou de pôr o feito em vagar, e Gil Fernandes cavalgou logo, com vinte de cavallo que Pôr = achievimnents	SE E começou-se esta peleja a horas de vespera e durou até cerca da noite, na qual foram d'uma parte
3	Terindo-se de boamente, cada uns como melhor podiam, pela regra de dois a um, começaram de se vencer as galés de Portugal, porém que taes houve Vencer = achievements.	SE Como se começou o aze da prisão do mestre d'Aviz e de Gonçalo Vasques d'Azevedo.
4	Fazer, e elles britaram a porta e entraram dentro, e começaram de ferir o marido. A mãe com temor Entrar = achievements.	SE e tanto que o ouviu, porque me começava bem a vontade, — que pois que o começava o havia de acabar, — mandou logo aperceber as portas da cidade

Substantivo COMEÇO	
1.	E foi esta aflicção d'ambos tão grande que tudo o que se depois seguiu, que adeante ouvireis, d'aqui houve seu primeiro começo.
2.	Como em cima havemos tocado, cada um dos reis, no começo d'esta guerra, se trabalhou de fazer armada de galés, e foram as mais

3	
---	---

ACABAR = *Datação*: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (tbém acabado)
1		
2		
3		
4		

	COSTUMAR ( <i>Datação</i> : 1265) / ACOSTUMAR ( <i>Datação</i> : 1255)	COSTUME ( <i>Datação</i> : 1262)
1		
2		
3		
4		

Crônica de El-rei D. João I = A Crônica d'El Rei D. João I foi escrita pelo cronista Fernão Lopes, por incumbência do Rei D. Duarte. É composta por duas partes:

- 1.<sup>a</sup> parte – descreve o que se passou entre a morte de D. Fernando e a subida ao trono de D. João I
- 2.<sup>a</sup> parte – descreve os acontecimentos ocorridos durante o reinado de D. João I até 1411 (momento em que foi assinada a paz com Castela).

VOLUME I – 200 p.



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES	
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO LUCIANO CORDEIRO	
Proprietario e Publicador — MELLO D'AZEVEDO	
3355	
CHRONICA	
DE	
EL-REI D. JOÃO I	
POR	
Fernão Lopes	
VOL. I	
ESCRITORIO	
147 — RUA DOS RETROSINHOS — 147	
L2204	
1852	
CAPITULO XVIII.—XIX. — Como o Mestre guisava pera se ir pera Inglaterra e como pediu perdão a Vasco Porcallejo.	CAPITULO I. — Resões em prólogo do autor a esta obra, ante que fale dos feitos do Mestre.
CAPITULO XX. — Por quares rasões os da cidade disseram ao mestre que ficasse no reino, e o tomariam por senhor.	CAPITULO II. — Como o conde houvera de ser morto por vezes, e nenhuma houve azo de se acabar.
CAPITULO XXI. — Das rasões, que os da cidade diziam ao Mestre, porque se não devia de partir.	CAPITULO III. — Como alguns ordenaram de o conde ser morto, e porque azo se não fez.
CAPITULO XXII. — Da maneira que a rainha ordenou pera matar o Mestre, quando soube que queria partir-se pera Inglaterra.	CAPITULO IV. — Como el-rei mandava matar o conde João Fernandes, e porque se deixou de fazer.
CAPITULO XXIII. — Das rasões que Alvaro Vazquez houve com o Mestre sobre sua partida pera Inglaterra.	CAPITULO V. — Como o conde João Fernandes houvera de ser morto, e porque azo se desviou sua morte.
CAPITULO XXIV. — Como Fr. João da Barroca veio a Lisboa, e da maneira de seu viver.	CAPITULO VI. — Como se azou a morte do conde João Fernandes: e quem fallou em ello primeiro.
CAPITULO XXV. — Como o Mestre fallou com Fr. João da Barroca, e da resposta que lhe elle disse.	CAPITULO VII. — Como Alvaro Paes fallou com o Mestre sobre a morte do conde João Fernandes, e do accordo em que ambos ficaram.
CAPITULO XXVI. — Como foi accordado de enviar a rainha commetter casamento com o Mestre, e seguitou-se pera os da cidade.	CAPITULO VIII. — Como o conde João Fernandes veio ao salimento d'el-rei e o Mestre foi ordenado por Fronteiro em Riba d'Oviliana.
CAPITULO XXVII. — Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e de fensor do reino, e do que foi fallado na camara da cidade sobre sua ficada d'elle.	CAPITULO IX. — Como foi ordenada a morte do conde João Fernandes, e como o Mestre partiu de Lisboa, sem levando intenção de o matar.
CAPITULO XXVIII. — Como o Mestre tomou officias pera sua casa, e que dilação ordenou de porem n'elles cartas.	CAPITULO X. — Como o Mestre tornou a Lisboa e de que guisa matou ao conde João Fernandes.
CAPITULO XXIX. — Como o infante D. João subiu que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do reino, e a maneira que em ello teve.	CAPITULO XI. — De que a rainha disse por a morte do conde, e d'outras coisas que li avieram.
CAPITULO XXX. — Do recado que a rainha mandou a Gonçalo Vazquez d'Azevedo ante que partisse pera Santarém, e das rasões que disse aos do logar.	CAPITULO XII. — Do alvoroço que foi na cidade, cuidando que matavam o Mestre, e como ali foi Alvaro Paes e muitas gentes com elle.
CAPITULO XXXI. — Como a rainha partiu de Alemquer ante que partisse.	CAPITULO XIII. — Como o bispo de Lisboa e outros foram mortos e ligados da torre da Sé a fundo.
CAPITULO XXXII. — Razões do auctor d'esta obra, ante que fale de Nuno Alvares.	CAPITULO XIV. — Como o Mestre, depois que començou a pedir perdão a rainha, e das rasões que foram falladas.
CAPITULO XXXIII. — De que linhagem descendeu este Nuno Alvares.	CAPITULO XV. — Como os da cidade quiseram roubar os judeus, e o Mestre os defendeu, que lhe não foi feito.
CAPITULO XXXIV. — Como Nuno Alvares foi trazido a corte d'el-rei D. Fernando, e como tomou as primeiras armas da rainha D. Leonor.	CAPITULO XVI. — Que maneira tinha a rainha D. Leonor com o Mestre e alguns outros a que não tinha bom desejo.
	CAPITULO XVII. — Como a rainha partiu de Lisboa para Alemquer, e que maneira teve em sua partida.
	CAPITULO XXXV. — Como o priol commetteu a seu filho que quizesse casar, e como em ello consentiu e casou com D. Leonor d'Alvim.
	CAPITULO XXXVI. — Como Nuno Alvares partiu pera sua casa, da maneira do seu viver.
	CAPITULO XXXVII. — Como Nuno Alvares soube que o conde João Fernandes era morto, e das rasões que houve com seu irmão sobre ello.
	CAPITULO XXXVIII. — Como Nuno Alvares descobriu aos seus que se queria ir a Lisboa, pera servir o Mestre.
	CAPITULO XXXIX. — Como Nuno Alvares chegou a Lisboa, e das rasões que disse ao Mestre.
	CAPITULO XL. — Como sua madre de Nuno Alvares vinha pera tornar seu filho do serviço do Mestre, e do que sobre ello aveu.
	CAPITULO XLI. — Como o Mestre falou com os do seu conselho sobre sua ficada ou partida do reino.
	CAPITULO XLII. — Como o Mestre quizesse combater o castello, e como o cobrou sem combater.
	CAPITULO XLIII. — Como foi tomado o castello de Beja e morto o almirante Mice Lançarote.
	CAPITULO XLIV. — Como o castello de Portalegre e Estremoz foram tomados.
	CAPITULO XLV. — Como o Alcaide de Évora quizesse ir vez por a rainha, e foi tomado o castello pelos da cidade.
	CAPITULO XLVI. — Como os da cidade se levantaram contra a nobreza, e do jeito que tiveram em a tomar.
	CAPITULO XLVII. — Como foi lançada voz pelo Mestre na cidade do Porto, e da maneira que o povo em ello teve.
	CAPITULO XLVIII. — Porque razão enviou o Mestre embaixadores a Inglaterra, e da resposta que lhe de lá veio.
	CAPITULO XLIX. — Como a cidade de Lisboa deu um sermão ao Mestre pera ajuda de fazer moeda.
	CAPITULO L. — Como o Mestre ordenou de fazer moeda de que lig e talho foi feita.
	CAPITULO LI. — Como o Mestre deu logar a alguns que lavrassem moeda, e poz mantimento a muitas pessoas.
	CAPITULO LII. — Como os de villa de Almada tomaram voz pelo Mestre, e como foi sobre Alemquer.

## COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	O Mestre começou de rir d'esto, e encommendou a Nuno Alvares que logo trabalhasse de haver da sua Rir = atividade	AQUI COMEÇA A CHRONICA DEL-REI D. JOÃO DE BOA MEMORIA O PRIMEIRO D'ESTE NOME E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO
2	Começar + a Começaram entonce a fallar muito como se poderia fazer e melhor azár sua morte, e porque guisas; Falar = atividade	FALANDO alguns da morte do conde João Fernandes, onde se começam os feitos do Mestre, allegam um dito, de que nos não praz, dizendo que fortuna muitos
3	amigo, segundo mostrança de fóra, o qual o recebeu mui bem, e começou de o prasmear, porque trazia preto, e não burel como os outros, e fez-lho Prasmear =	Assim que cuidadas bem taes rasões, não embarcando seu ardido coração e boa vontade, foi-lhe mui duvidoso de o começar, e partiu da cidade depois de comer, e foi partir a Santo Antonio, aldeia que
4	tanto que o Mestre chegasse aos paços e começasse em esto de poer mão, que logo Gomes Freire, seu Poer = achievements	tos do Mestre, segundo em cima já tendes ouvido, vendo tal demanda que se começava, como alguns

## Substantivo COMEÇO

1.	havia. E logo veio a cuidar que o começo de tal obra havia de ser o conde João Fernandes d'Andeiro
2.	danças feitos, que a primeira cousa que é de saber d'este homem assim é começo de seu linhagem; e poreim, ante que suas bondades
4.	E o priol não curou de quanto lhe elle sobre esto falou, dizendo que aquella cousa era perigosa e mui mau começo para as gentes; e que seguiria d'ello mui grande damno ao reino, e que não tinha sizo quem ia pensar que tal feito havia d'ir adeante, como elle dizia.

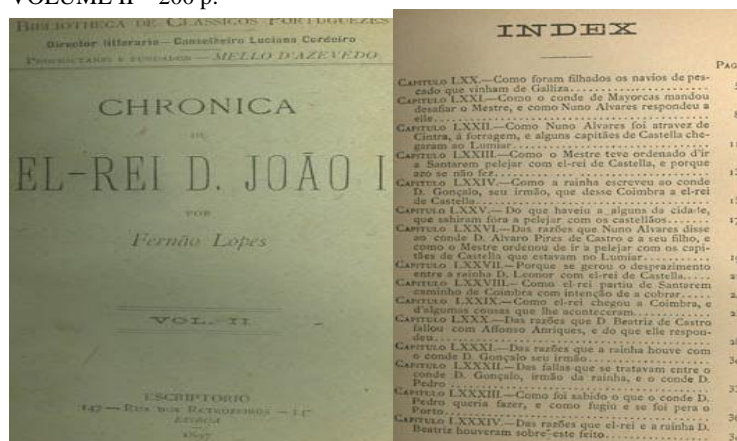
## ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR	+	PREP+	ACABAR + SN (também acabado)
--	--------	---	-------	------------------------------

	INFINITIVO	
1		boa cousa quereis fazer? — Certamente, disse o Mestre, sim, e não leixaria de a acabar por cousa que avir podesse.
2		feitas suas exequias, e acabado tudo, foi um dia Nuno Alvares vêr o Priol D. Pedralveres seu irmão,
3		boa cousa quereis fazer? — Certamente, disse o Mestre, sim, e não leixaria de a acabar por cousa que avir podesse.
4		Alvaro Paes, muito talentoso de vêr tal feito acabado, todavia lhe certificava que sim, e não que elle descobrisse a nenhum tal segredo, mas entendia,

	COSTUMAR (Datação: 1265)/ ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME ( Datação: 1262)
1	<b>E</b> m o outro dia, pela manhã, partiu o mestre d'aquella aldeia hu dormira, e começou d'andar seu caminho, sem trigança alguma desacostumada; e no caminho dizem que descobriu o Mestre	<b>T</b> OMADO o castello da guisa que dissémos, ficou o povo da cidade cheio de grande alvoroço, fora de todo bom costume, começaram de se mover por brava sanha multiplicando novos queixumes contra quem lhe nunca havia feito erro.
2	desejo, que em sua vontade continuamente móra, e quando os homens tem desacostumadas afleições,	ta, mas porque a rainha estava com do, e em semelhante tempo a este, por respeito devido a sua pessoa e real estado, não era costume de nenhum entrar,
3	toda bondade, esguardou o tempo em que havia de partir; e como era forçado de passar por lugar onde taes perigos costumam de ser, a que artificios nem resistencia humana prestava, sem humanal	Assim que a terra, em que os homens, por longo costume e tempo, foram criados, gera uma tal conformidade entre o entendimento, e ella, que havendo de inlear alguma sua cousa assim em louvor, como
4	Ser = estativo de senhos carros todos amarrados em elles, que era um jogo que os povos meudos em semelhante caso muito acostumavam de fazer. Fazer = ativ./accomplishments	largo do que devemos, mentira, e este costume é muito afastado de nossa vontade.

## VOLUME II – 200 p.





CAPÍTULO LXXXV.—Como a rainha D. Leonor foi levada para Castella.....	42	CAPÍTULO CIV.—Como Pero Rodrigues foi acorrer Alvaro Colhado, que o não prendessem os castellos.....	97
CAPÍTULO LXXXVI.—Do recado que os de Alemquer enviaram ao Mestre, e da resposta que sobre ello deu.....	43	CAPÍTULO CV.—Como Vasco Porcualho foi correr ao Alandroal, e da preza que tomou.....	99
CAPÍTULO LXXXVII.—Como el-rei partiu de Santarem, e do conselho que houve se cercaria Lisboa.....	45	CAPÍTULO CVI.—Como Pero Rodrigues da Fonseca lançou uma cilada aos do Alandroal, e do que lhe houve.....	101
CAPÍTULO LXXXVIII.—Como o Mestre ordenou por fronteiro d'entre Tejo e Odiana Nuno Alvares Pereira.....	48	CAPÍTULO CVII.—Como Paio Rodriguez Marinho prendeu Gil Fernandes d'Elvas.....	104
CAPÍTULO LXXXIX.—Da bandeira que Nuno Alvares mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu.....	51	CAPÍTULO CVIII.—Como Gil Fernandes foi pelejar a Castella, e do que lhe houve.....	106
CAPÍTULO XC.—Das razões que o Mestre disse a Nuno Alvares, e como se expediu d'elle.....	54	CAPÍTULO CIX.—Como Gil Fernandes pelejou com Paio Rodriguez Marinho, e foi desbaratado e morto.....	107
CAPÍTULO XCI.—De uma sacaria que Nuno Alvares fez para provar os seus de que esforço eram.....	55	CAPÍTULO CX.—Dalgumas naves de Genova que o Mestre cobrou a seu poder, e como combateu Alemquer, e não foi tomado.....	110
CAPÍTULO XCII.—De que guisa Nuno Alvares escolheu dos seus os que tomou para seu conselho.....	57	CAPÍTULO CXI.—Como o Mestre mandou armar certas galés em Lisboa.....	113
CAPÍTULO XCIII.—Como Nuno Alvares mandou chamar algumas gentes, e das razões que propoz a todos.....	59	CAPÍTULO CXII.—Como foi entregue o estandarte a Gonçalo Rodrigues, e partiu a frota para o Porto.....	115
CAPÍTULO XCIV.—Da resposta que a Nuno Alvares foi dada, como todos outhorgaram a ser com elle na batalha.....	61	CAPÍTULO CXIII.—Como escaramuçaram os castellos com os portugueses, e foi preso João Ramires de Arellano.....	118
CAPÍTULO XCV.—Das razões que Nuno Alvares houve com Ruy Gonçalves.....	65	CAPÍTULO CXIV.—Como el-rei chegou sobre a cidade, e do combate que lhe deu.....	120
CAPÍTULO XCVI.—Como Nuno Alvares poz batalha aos castellos, e os venceu.....	68	CAPÍTULO CXV.—Como el-rei de Castella chegou sobre Lisboa, e como assentou seu arraial sobre ella.....	124
CAPÍTULO XCVII.—Como Nuno Alvares cobrou Arronches e Alegrete.....	72	CAPÍTULO CXVI.—Porque guisa entrou a cidade corregida para se defender quando el-rei de Castella poz cerco sobre ella.....	128
CAPÍTULO XCVIII.—Duma entrada que os portugueses fizeram por Castella, e do roubo que tomaram.....	73	CAPÍTULO CXVII.—Como foi tomado Ourem, e preso Diogo Lopes Pacheco e dado por elle João Ramires d'Arellano.....	133
CAPÍTULO XCIX.—Como Vasco Porcualho foi lançado de Villa Viçosa por suspecta que d'elle tomaram.....	76	CAPÍTULO CXVIII.—Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal, e como foi preso Fernando Alfonso de Samora.....	137
CAPÍTULO C.—Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcualho o castello, como antes tinha.....	81	CAPÍTULO CXIX.—Do conselho que o Arcebispo houve com os seus, e como foi cercar o Porto.....	139
CAPÍTULO CI.—Como Vasco Porcualho prendeu Alvaro Gonçalves por arte.....	83	CAPÍTULO CXX.—Como os do Porto sahiram fora para pelejarem com os gallegos.....	141
CAPÍTULO CII.—Como os portugueses pelejaram e os venceram, e desbaratazaram.....	86	CAPÍTULO CXXI.—Como as galés de Lisboa chegaram ao Porto, e se ajuntaram as gentes d'ellas com os da villa para pelejar com os gallegos.....	143
CAPÍTULO CIII.—Como foi livre Alvaro Gonçalves Colhado da prisão, e desbaratados os castellos que o levavam.....	94		

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	<p>Assenhoear = atividade</p>	
2	<p>Rezoar = ??</p>	começado 
3	<p>Dizer = achievements</p>	começado 
4	<p>Dizer = achievements</p>	começado 

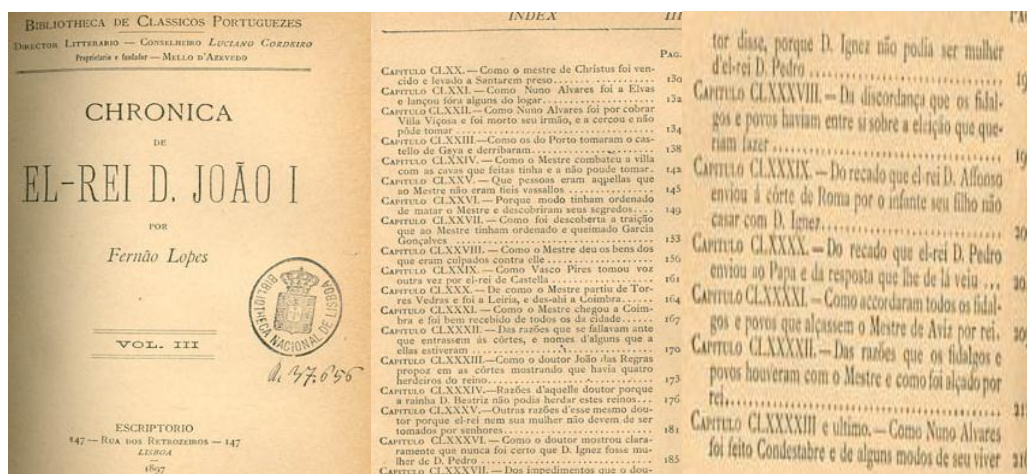
	Substantivo COMEÇO
1.	
2.	
3.	
4.	

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (acabado/a)
1		

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	tendas, como cada um houvesse mister. Rua de mulheres mundanarias havia no arrail, tamanha, como se acostumava nas grandes cidades.	de cavalleiros corações e acompanhados de virtuosos costumes. E por que não ha hi cousa que
2	caduro nunca foi bem abastado. Era muito manteúdo em justiça, de guisa que nenhum homem leixava de dormir suposto que muitos dinheiros tivesse consigo, nem se faziam em elle outros enojos, porque os homens acostumavam haver pena. Haver = estativo	com el-rei D. Fernando e nara com a rainha. E por tanto, ia muitas vezes ás casas onde el-rei de Castella pousava; e tinha de costume chamar compadre
3	Acerca da porta de Santa Catharina, da parte do arrail, por onde mais costumavam sahir a escaramuçar, estava sempre uma casa com camas de esteira e ovos e estopas e lençoes velhos pera Sair = achievements	soureiro pera receber do thesouro do Mestre. E ordenou capella e prégador, e ouvia duas missas cada dia, que nenhum rei nem senhor até alli tinha em costume.
4	veram, foi pagado á gente soldo de tres mezes. E elles no Porto por lédice de sua vinda ordenaram um torneio vespóra de S. João, que era em que os moradores d'aquella cidade costumavam fazer grão festa. Fazer = accomplishments	Depois que Vasco Poralbo entrou no lugar, falou a Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues com boas e mesuradas razões como é costume dos que querem enganar, dizendo-lhe que lhe perdoasse se os annos em alguma cousa e que

VOLUME III fim da primeira parte – 220 p.



COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	bater, e bem cedo pela manhã quando queria sahir o sol, começaram as galés de vogar de Santos, onde faziam ao longo da ribeira, e os bateis pavesados, Vogar (flutuar) = atividade	começado de, e deixando pouco e pouco o fingimento começado, cahiam depois em grande mingua e vergonhosa reprehensão. Entre os quaes, segundo se af
2	E esto todo feito mui trigosamente as velas da cidade, quando isto viram começaram logo de repicar na Sé, e também nas quadrilhas onde estavam sinos: não tendo porém suspeita nenhuma do que Repicar = achievements	Não curando mais de fallas, nas cousas que no cerco aconteceram, começou a triste morte de mostrar sua senha mais asperamente
3	guisa. Entonce começaram os portuguezes de bradar aos do muro que tirassem pelo proez da sua galé, e começando de tirar eram os homens e mulheres tantos aquelle trabalho, que não achavam onde poer as mãos, e tiraram ambas as galés pera Tirar = achievements	começado E em começando el-rei seu caminho, mui mais do que ao cerco viera de ledo, chegando a tal lugar de que perdia a vista da cidade, voltou o rosto com ella, e dizem que disse:
4	Os castellãos quando os viram consigo começaram de bradar: Armas, armas, dando as trombetas mui riamente, e foi grande alvoroço no arrail. caval Bradar = achievements (?)	Fernão Gonçalves respondeu e disse que Nosso Senhor sabia bem que repellido era do que tinha feito, mas que já de outra guisa não podia ser senão levar adeante o que começara. mas que lhe ro

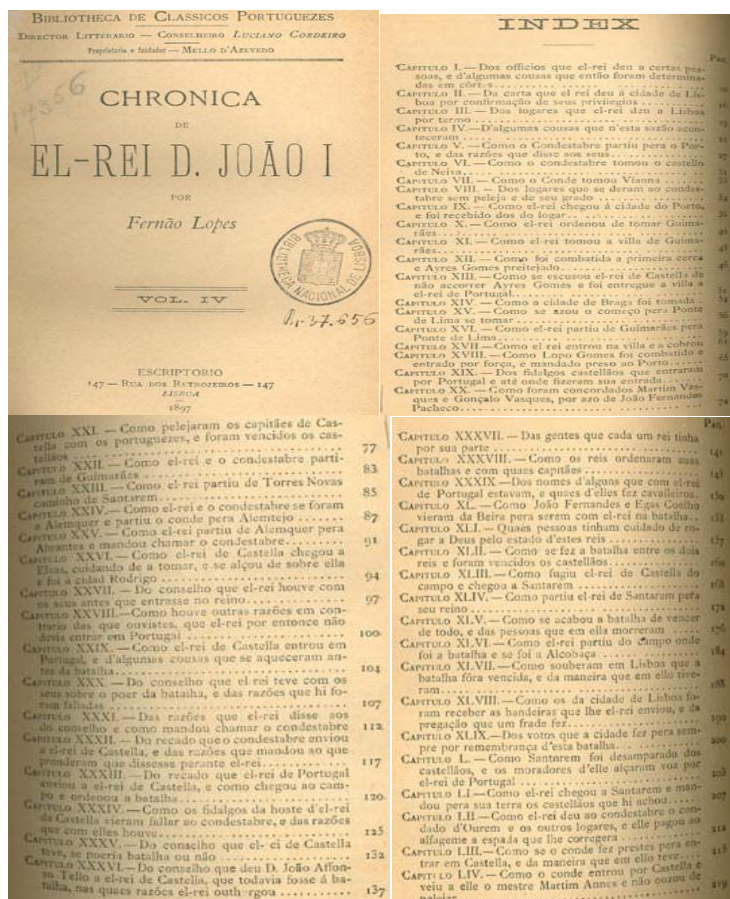


Substantivo COMEÇO	
1.	Sobre esto passaram muitas razões, as quaes o Mestre nunca deu resposta de abrir algum começo de preitezia, ca se a dera, como alguns escreveram, cuidas que mui aspera fôra a convenca, em que el
2.	Elle tomou por thema em começo de seu sermão:
3.	L João Fernandes Pacheco havia já feito começo de cerco, e foi levar engenhos e tiros pera lhe tira-
4.	receio pelejava sempre com elles. Este não somente dos naturaes dons da graça com tão grandes e especiaes joias, que até a seu tempo, dês o começo do reino, não se leu de nenhum similhante. E posto

ACABAR = *Datação*: s. XIII

	ACABAR + PREP+	ACABAR + SN (acabado/a)
1		SE tiro se atiraram ambos e foram logo mortos. E deram este combate, que se começou como de es-carneo e se acabou de verdade, até cerca de sol posto.
2		tanto nojo de fora, quanto em seu coração tinha, assim por não acabar aquelle que começara, como pelo morte de seu irmão, e como homem de grande esforço confortou a si e a sua gente, e mandou cha-
3		Então começou de contar compriadamente aquelle notavel erro em que elle e os outros que fugiram, e outras pessoas eram culpadas, e acabado seu confesso, levaram-no ao fogo, que já era prestes, e ataram-no a um esteio, onde ardendo fez mau fim de sua vida.
4		fara do poder de seus inimigos. E acabada a pré-gação, disseram missa mui solemnemente, e tornou

	COSTUMAR ( <i>Datação</i> : 1265) / ACOSTUMAR ( <i>Datação</i> : 1255)	COSTUME ( <i>Datação</i> : 1262)
1	an descavagaram todos, e se pozeram a pé terra com os bacinetes na cabeça e suas costumadas armas, com as lanças nas mãos, e começaram de andar outra vez, o mais encobertamente que se fazer pode. E os da villa, que d'esto tinham esperto	Onde sabeis que estas foram as maiores agasas que os homens nunca viram nem ouviram fallar, e duraram até cerca de manhã, indo-se pouco a pouco começaram, ca a sua abastança foi tanto, que não cabendo pelos canos da serventia da cidade, por onde tem costume de se vazar quando chove,
2	TORNARAM a fallar em aquelle mesmo tempo em aquelle paço, e todos alli juntos, como costumavam, começou a dizer aquelle gran doutor:	Elle da manhã foi luz clara em sua geração, sendo de honesta vida e honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os avizados costumes dos antigos grandes barões, seus geitos e defeza.
3	Costumar + a No logar onde costumavam a vender o trigo, andavam homens e moços esgravatando a terra, e se Vender = achievements	lhes ficava fazer á derradeira. E posto que Nuno Alvares muito tivesse em vontade de se esto logo poer em obra, pero porque seu costume era consen tir aos do seu conselho, nas boas e aguizadas ra-
4	costumada soverter o mundo outra vez com mortal diluvio. Assim que os rios crescendo fôra de mesura e cobrindo as costumadas pontes, adur eram os homens ouzados de passar seu medroso passamento: o Mes-	Entonce lhe quitou estes costumes e direitos, que haviam em uzança de pagar, s. relego, lugadas de



COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	a todo o correr. Ora um escudeiro de Ayres Gomes que se levantara cedo por ouvir missa, viu no muro homens desacostumados, e sentiu o tom do correr dos cavallos, e torvou-se todo e começou de bradar : — «Castella, Castella» Bradar = achievements	palavras compridas de grande esforço, não cessava de os visitar, enquanto as batalhas estavam quedas, andando em este cuidado ante que se a batalha começasse.
2	nando a nosso estylo, todos seus bons feitos, des que começou de reinar até o cabamento de seus bemaventurados dias: e porque em começo de cada um reinado costumámos poer parte das bondades Reinar = atividade	«A guerra e paz, disse el-rei, que a faria aquella que começada tinha por honra e defensão do reino, que não entendia de começar outra sem accordo e conselho d'elles, e quanto era em effeito de seu casa-
3	Lourenço de Lyra, e começou de a combater afincadamente por todas as partes, vindo muitos homens da terra ajudal-o a este combate; e pozeram Combater = atividade	começada naram-se com medo a batalha, não vendo os homens d'armas, a qual foi começada já mui manhã e dorou grande espaço do dia, esforçando-se ambas
4	tras gentes quantas poderam caber n'aquelle e nos outros bateis, começaram todos a vogar ao longo do rio. O d'el-rei deante muito apendoado, e os ou- Vogar (navegar) = atividade	cousas mui contrarias em que perderam muitas gentes, depois que esta guerra começaram, e que portanto a devia de tomar na melhor e mais segura maneira que podesse, e ainda enadiam outra razão, que se

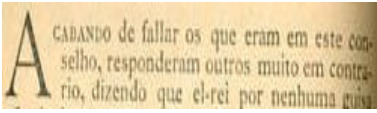
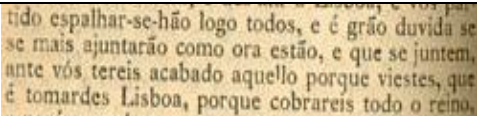
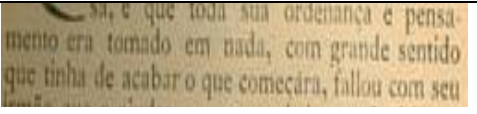
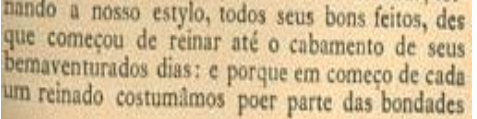
#### Substantivo COMEÇO

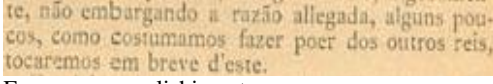
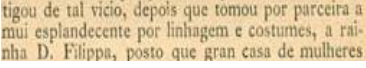
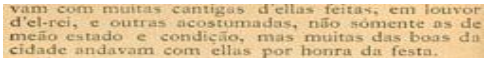
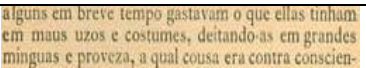
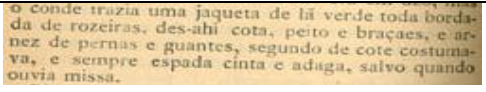
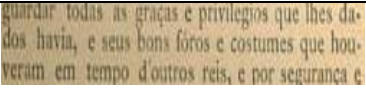
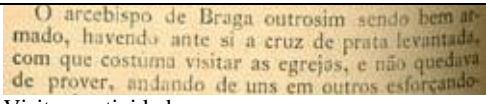
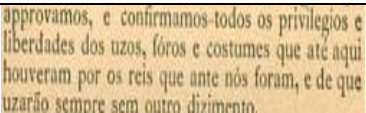
1.	Santarem que corregeu a espada a Nuno Alvares, quando per hi foi no começo d'estes feitos, disse que não queria pagamento por ella, mas que quise
2.	si, que o ha hoje de passar mui mal, por me não querer crêr, segundo com elle fallei no começo d'estes feitos.
3.	Como se açou o começo pera Ponte de Lima se tomar.



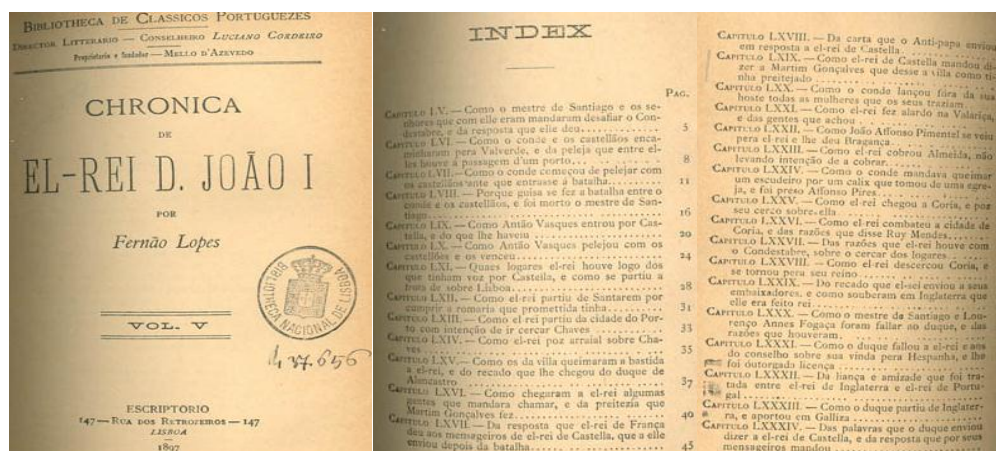
4.	rem, e pera forragem em começo de vossa partida, vos pagaram logo soldo d'um mez, ca por ora não ha hi mais dinheiro, de que se pagar possa, e com
----	--

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (acabado/a)
1	Acabando  Falar = atividade	
2		
3		

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	 Fazer = accomplishments	
2	acostumadas 	
3		
4	 Visitar = atividade	

VOLUME V – 190 p. = OBS.: cap. com muito disc. dir. marcado por travessão



CAPÍTULO LXXXV. — Das razões que disseram ao duque	96	CAPÍTULO CV. — Como foi cobrado Roales, e d'outras	124
as porras dos embaixadores .....	96	coisas que se seguiram .....	124
CAPÍTULO LXXXVI. — Como o duque deu sua res-	99	CAPÍTULO CVI. — Como el-rei cobrou Valdeiras .....	125
posta a estas cousas que os embaixadores dis-	99	CAPÍTULO CVII. — Como foi cobrado Valdeiras .....	126
seram .....	99	CAPÍTULO CVIII. — Como el-rei cercou a Villalobos, e se	126
CAPÍTULO LXXXVII. — Das razões que mais amadeu o	100	Martim Vasques da Cunha defendeu aos castellos, e se	126
duque a resposta por parte do duque .....	100	tomaram a herua, e como foi cobrado Villalobos .....	126
que dava a resposta .....	100	CAPÍTULO CX. — Como el-rei ordenou de se tornar pera	127
CAPÍTULO LXXXVIII. — Que homem era o duque de	105	seu reino, e da morte de Ruy Mendes .....	127
Leicester, e sua mulher D. Constança .....	105	CAPÍTULO CXI. — Como el-rei partiu com sua hoste, e	127
CAPÍTULO LXXXIX. — Como o duque partiu de Corunha	107	foi preso Diogo Lopes de Angul .....	128
e houve a cidade de Santiago .....	107	CAPÍTULO CXII. — D'alguns que correram pontas em	128
CAPÍTULO XC. — Como el-rei sobre parte da vinda do du-	109	aquelle lozar .....	128
que a se veio ao Porto .....	109	CAPÍTULO CXIII. — Como el-rei passou por Ciudad Ro-	128
CAPÍTULO XCI. — Como el-rei enviou fallar ao duque, e	112	drigo e chegou a Portugal .....	128
onde concordaram de se verem ambos .....	112	CAPÍTULO CXIV. — Como vieram a el-rei de Castella as	129
CAPÍTULO XCII. — Como el-rei e o duque se viram a pri-	114	duas mil lanças que lhe el-rei de França promettera	129
meira vez .....	114	em ajuda .....	129
CAPÍTULO XCIII. — Das avenças que el-rei e o duque tra-	115	CAPÍTULO CXV. — Como os mensageiros d'el-rei de Cas-	129
taíram entre si .....	115	tella vieram fallar ao duque, e se acordaram em cer-	129
CAPÍTULO XCIV. — Como el-rei partiu pera Riba de	119	tas avenças o anno de quatrocentos e vinte e cinco.	129
Ourense, e foi a infanta trazida ao Porto .....	119	CAPÍTULO CXVI. — Como el-rei partiu caminho de Coimbra	129
CAPÍTULO XCV. — Como el-rei ordenou de tomar casa e	122	e adoeceu no Curval .....	129
escreveu aos conselhos do seu reino .....	122	CAPÍTULO CXVII. — Como dois do duque entraram em	129
CAPÍTULO XCVI. — Como el-rei fez boda com sua mu-	124	campo, e a razão porque .....	129
lier na cidade do Porto .....	124	historiador por em sua chronica .....	129
CAPÍTULO XCVII. — Como el-rei deu casa a rainha e ren-	127	CAPÍTULO CXIX. — Como o duque partiu do Porto e do	129
da pera sua despesa .....	127	trato que foi firmado entre elle e el-rei da Cast-	129
CAPÍTULO XCVIII. — De alguns costumes e bondades da	128	tella .....	129
rainha D. Filippa .....	128	CAPÍTULO CXX. — Como D. Cathelina foi trazida a Cast-	129
CAPÍTULO XCIX. — Como el-rei se escusou ante o duque	130	tella e sua madre veio ver a el-rei seu primo .....	129
por não ser prestes ao tempo que divers .....	130		
CAPÍTULO C. — Como el-rei e o duque partiram e chega-	133		
ram a Banavente de Campos .....	133		
CAPÍTULO CI. — Como a terra estava apercebida por on-	136		
de el-rei e o duque entraram .....	136		
CAPÍTULO CII. — Como correram pontas Alvaro Gomes	138		
e um castella .....	138		
CAPÍTULO CIII. — Como correram pontas Mamborni com	140		
monsenhor Ruy .....	140		
CAPÍTULO CIV. — Como os da villa sahiram a escaramu-	142		
çar ante que el-rei partisse .....	142		

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	 Pelejar = atividade	 começada
2	 Ir = atividade	 começado
3	 Andar = atividade	 bem ordenada pera combater, que el-rei devisara sobre Chaves; e começaram sua obra, e da parte de onde el-rei combatia com aquellos que o acom.
4	 Subir = accomplishments	 e havia perdidas des que se esta guerra começara, e tinha mui pouca vontade de lhe poer batalha, posto que alguns estrangeiros francezes de seu grado se.

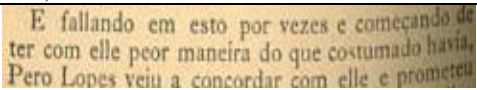
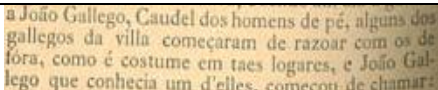
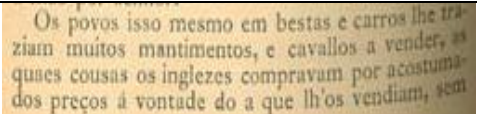
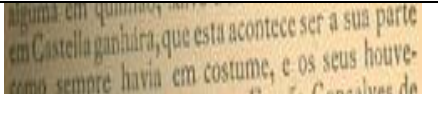
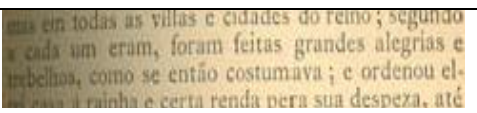
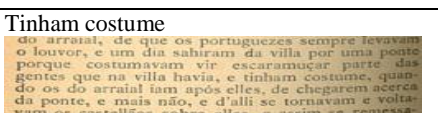
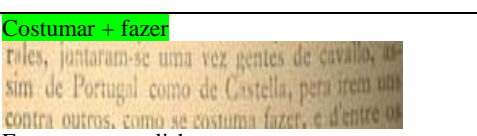
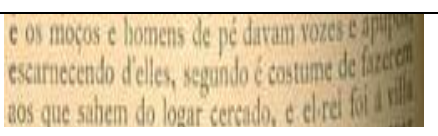
#### Substantivo COMEÇO

1.	
----	--

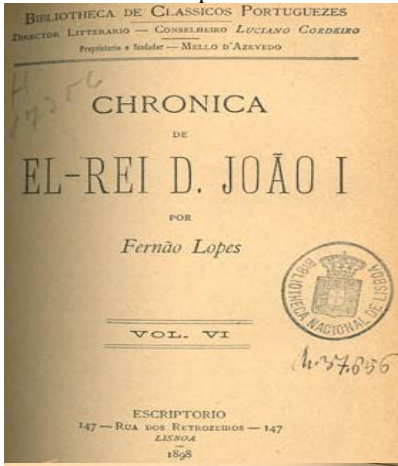
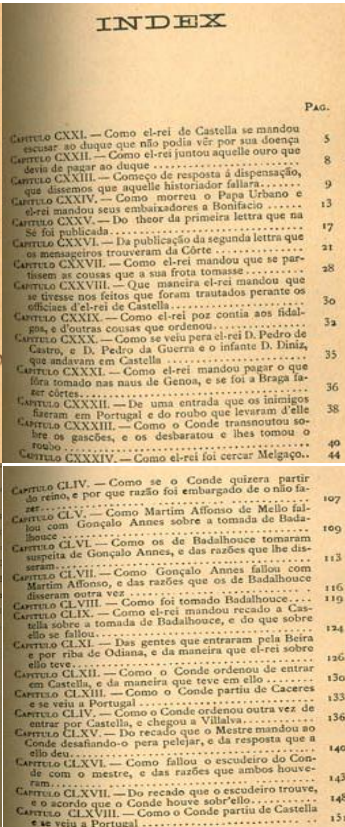
ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (acabado/a)
1		
2		
3		
4		 Priol = parece um cargo militar pelo contexto do texto

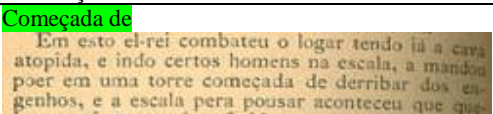
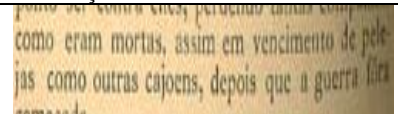
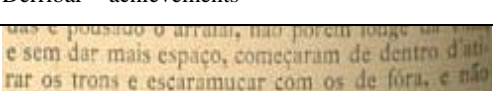
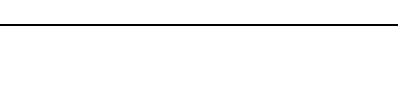


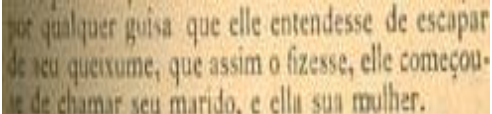
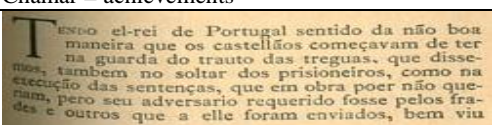
	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1		
2		
3		
4		

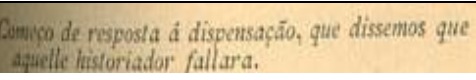
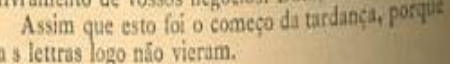
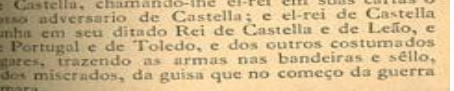
## VOLUME VI – 160p

	
--	---

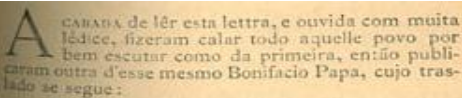
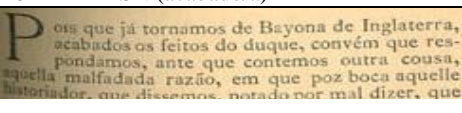
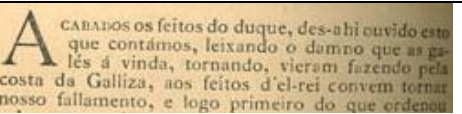
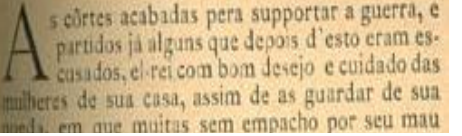
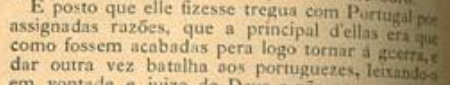
## COMEÇAR = datação s. XIII

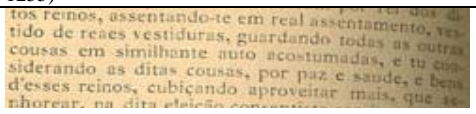
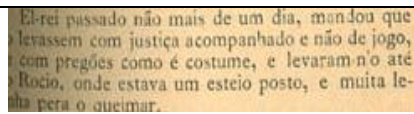
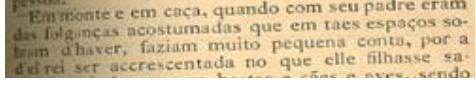
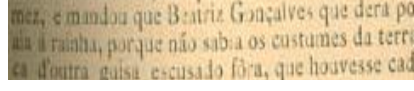

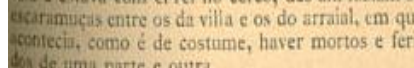
	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1		
2		

3	 <p>começadas</p> <p>Ante que as côrtes fossem começadas chamou alguns do conselho em grande segredo e disse-lhes</p>	
4	 <p>começou</p> <p>como as que elle soube dizer, nenhuma coisa mudar poudo do proposito que começado tinha, e com tal recado se tornou.</p>	

Substantivo COMEÇO	
1.	 <p>começo</p> <p>Começo de resposta á dispensação, que dissemos que aquelle historiador fallara.</p>
2.	 <p>começo</p> <p>Assim que esto foi o começo da tardança, porque a a lettras logo não vieram.</p>
3.	 <p>começo</p> <p>de Castella, chamando-me entre em seus côrtes o nosso adversario de Castella; e el-rei de Castella penha em seu ditado Rei de Castella e de Leão, e de Portugal e de Toledo, e dos outros costumados lugares, trazendo as armas nas bandeiras e sellos, todos misrados, da guisa que no começo da guerra tomara.</p>

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (acabado/a)
1	<p>Acabada + de</p>  <p>acabada</p> <p>Ter = estativo</p>	 <p>acabados</p> <p>Pois que já tornamos de Bayona de Inglaterra, acabados os feitos do duque, convém que respondamos, ante que contemos outra cousa, aquella malfadada razão, em que poz boca aquelle historiador, que dissemos, notado por mal dizer, que</p>
2		 <p>acabados</p> <p>ACABADOS OS feitos do duque, des-ahi ouvido esto que contámos, leixando o damno que as galés á vinda, tornando, vieram fazendo pela costa da Galliza, aos feitos d'el-rei convem tornar nosso fallamento, e logo primeiro do que ordenou</p>
3		 <p>acabadas</p> <p>As côrtes acabadas pera supportar a guerra, e partidos já alguns que depois d'esto eram escusados, el-rei com bom desejo e cuidado das mulheres de sua casa, assim de as guardar de sua vida, em que muitas sem empacho por seu mau</p>
4		 <p>acabadas</p> <p>E posto que elle fizesse tregua com Portugal por assignadas razões, que a principal d'ellas era que como fossem acabadas pera logo tornar á guerra, e dar outra vez batalha aos portuguezes, leixando-a</p>

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	 <p>costumar</p> <p>tos reinos, assentando-te em real assentamento, vestido de reaes vestiduras, guardando todas as outras cousas em semelhante auto acostumadas, e tu considerando as ditas cousas, por paz e saude, e bens d'esses reinos, cubicando aproveitar mais, que se rhorear, na dita eleição convém</p>	 <p>costume</p> <p>El-rei passado não mais de um dia, mandou que levassem com justiça acompanhado e não de jogo, e com pregões como é costume, e levaram-no até Rocio, onde estava um esteio posto, e muita lenha pera o queimar.</p>
2	 <p>acostumadas</p> <p>Em monte e em caça, quando com seu padre eram das folgoças acostumadas que em taes espaços so-lham d'haver, faziam muito pequena conta, por a del-rei ser acrescentada no que elle filhasse sa-</p>	 <p>costume</p> <p>mez, e mandou que Beatriz Gonçalves que dera por via a rainha, porque não sabia os costumes da terra, ea d'outra guisa escusado fôra, que houvesse cada</p>
3	 <p>acostumadas</p> <p>ante se acostavam mais acima junto com o castello da Feira.</p>	 <p>costume</p> <p>veiu e estava com el-rei no cerco; des-ahi faziam-se escaramuças entre os da villa e os do arraial, em que acontecia, como é de costume, haver mortos e feridos de uma parte e outra.</p>



4	de Castella, chamando-lhe el-rei em suas cartas o nosso adversario de Castella; e el-rei de Castella pouca em seu ditado Rei de Castella e de Leão, e de Portugal e de Toledo, e dos outros costumados logares, trazendo as armas nas bandeiras e sellos, todos miscrados, da guisa que no começo da guerra se usava.	el-rei; e se estas comarcas não ajudassem umas as outras, como não de costume.
---	---	---

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES MACHADO LITTERARIO — CONSELHEIRO LUCIANO CORDEIRO Proprietario e Editor — MELLO D'ARVENDO	
CHRONICA DE EL-REI D. JOÃO I POR Fernão Lopes VOL. VII DESCRITORIO 147 — RUA DOS RETOZEIROS — 147 LISBOA 1898	INDEX Pág. Capitulo CLXIX.—Como el-rei partiu para Gallia e do que lhe avia no vau do Minho..... 5 Capitulo CLXX.—Como el-rei cercou Tuy e o com- bateu..... 9 Capitulo CLXXI.—Como os da cidade fizeram saber a el-rei a pressa em que eram, e do conselho que so- bre ello teve..... 12 Capitulo CLXXII.—Do conselho que foi havido para acorrer á cidade de Tuy..... 15 Capitulo CLXXIII.—Como foram juntas estas gentes que dissemos, e o el-rei soube em Tuy..... 17 Capitulo CLXXIV.—Como o Condestabre encaminhou por ir pelejar com o infante D. Diniz, e o não quiz atender..... 20 Capitulo CLXXV.—Como el-rei combateu Tuy, e to- mou a cidade por preiteza..... 26 Capitulo CLXXVI.—Como os de Serna entraram por Castella, e do que lhes aconteceu..... 31 Capitulo CLXXVII.—Como os portugueses pelejaram com os castelheos e os venceram, no anno de mil quatrocentos e trinta e sete..... 34 Capitulo CLXXVIII.—Como el-rei de Castella mandou a clereja de Portugal Miser Ambrosio com recado... 39 Capitulo CLXXIX.—Do poder que el-rei deu ao bispo de Coimbra e ao Conde, e como se viram o mestre de Santiago e Ruy Lopes..... 43 Capitulo CLXXX.—Do que se começou de fallar pe- rante estes avídros..... 46 Capitulo CLXXXI.—Das razões que os procuradores mostraram, cada um por parte de seu senhor..... 49 Capitulo CLXXXII.—D'outras razões dos juizes alvidros por trazerem os reis a boa concordia..... 51

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	começaram entonce de andar cada um quanto mais anda, e chegando por acerca de Monsão, pediram d'Abreu, alcaide d'aquelle logar, que lhe Andar = atividade	Em o outro dia, quinta-feira, que era primeiro dia de janeiro em que se começava a era de mil quatrocentos e trinta e sete annos, começaram os portugueses d'andar seu caminho com o rado e
2	começando + combater d'outras armas, movendo a escala e começando combater a cidade, ia João Preto na dianteira com Combater = atividade	prisioneiros que aqui vão, que quando começarmos a batalha não os soltem os outros, e nos ajudem estes a matar.»
3	damno do que então aviera, começaram d'apupar grandes brados, escarnecendo do combate que lhe feito tinham, dizendo doestos e outras palavras. Apupar (zombar) = achievements	morto o commendador Vasco Esteves, e ferido Di- go Lopes Sarrazinho; e um castellão que ia com os portuguezes quando se começou a batalha e se sen- tiou ferido, fugiu e veio-se a Serna, dizendo que to-
4	que desesperaram de se defender, e começaram de bradar que estivessem quedos, que se queriam pretejar. E sahio Pero Fernandes d'Andrade fóra, foi fallar a el-rei, e ficando os joelhos em terra Bradar = achievements	SE E porque esta convença foi tão mal'guardada como a primeira, começou-se outra vez a guerra, em que foram feitos estes e outros males como até aqui con- tinhamos.

Substantivo COMEÇO	
1.	povo, e esto não foi assim, queremos aqui dizer brevemente qual foi seu começo d'ellas, por desta- zer esta opinião, onde sabeis que não achamos nem

ACABAR = Datação: s. XIII





— XXI —	— XX —
Capitullo XXV. Como o autor apuy razoa luy pouco sobre a piedade que ha daquellas gentes, e como foe feita a partilha. . . . .	Cap. X. Como Affonso Gili Baldaya chegou ao gyro da Oure. . . . .
Capitullo XXVI. Como o ifante dom Henrique fez Lançarote cavalleiro. . . . .	Cap. XI. Das cousas que se fizeram nos annos seguintes. . . . .
Capitullo XXVII. Como o ifante mandou Gonçalvo de Sintra a Guineas, e per que gentes foe morto. . . . .	Cap. XII. Como Antam Gili trouxe os primeiros cativos. . . . .
Capitullo XXVIII. Das razões que o autor põe por avysamento acerca da morte de Gonçalvo de Sintra. . . . .	Cap. XIII. Como Nuno Tristam chegou onde era Antam Gonçalves, e como o fez cavalleiro. . . . .
Capitullo XXIX. Como Antam Gonçalves, e Gomez Pires, e Diego Affonso, foram ao Ryo do Ouro. . . . .	Cap. XIV. Como Antam Gili, e depois Nuno Tristam, chegaram ante o ifante com suas presas. . . . .
Capitullo XXX. Como Nuno Tristam foe a Tira, e dos Mouros que alla tomou. . . . .	Cap. XV. Como o ifante dom Henrique envyoy suas embaixadas ao sancto Padre, e da reposta que ovye. . . . .
Capitullo XXXI. Como Dinis Dyas foe aa terra dos negros, e dos cativos que trouxe. . . . .	Cap. XVI. Como Antam Gili foe fazer o primeiro resgate. . . . .
Capitullo XXXII. Como Antam Gonçalves, e Garcia Homem, e Diego Affonso, partirom pera o cabo Branco. . . . .	Cap. XVII. Como Nuno Tristam foe aa ilha de Gete, e dos Mouros que filhou. . . . .
Capitullo XXXIII. Como foram aa ilha de Ergim, e dos Mouros que alla filharom. . . . .	Cap. XVIII. Como Lançarote requereu licença ao ifante pera ir com seus navyos a Guineas. . . . .
Capitullo XXXIV. Como Joham Fernandez chegou a as caravellas. . . . .	Capitullo XIX. Quaes eram os capitales das outras caravellas, e da primeira presa que fizeram. . . . .
Capitullo XXXV. Como Antam Gonçalves foe fazer o resgate. . . . .	Cap. XX. Como foram aa ilha de Tiger, e dos Mouros que filharom. . . . .
Capitullo XXXVI. Como tomarom os Mouros no cabo Branco. . . . .	Cap. XXI. Como tomarom, Lançarote e os outros, nos bates a Tider, e os Mouros que tomarom. . . . .
Capitullo XXXVII. Como a caravella de Gonçalvo Pacheco, e outras das caravellas, foram aa ilha de Ergim. . . . .	Cap. XXII. Das razões que fallou Gili Ennes, e como foram a Tider, e dos Mouros que tomarom. . . . .
Capitullo XXXVIII. Como Mafaldo tomou Rj. Mouros. . . . .	Cap. XXIII. Como foram ao Gito Branco, e das cousas que hi fizeram. . . . .
Cap. XXXIX. Como saírom outra vez fora, e das cousas que fizeram. . . . .	Capitullo XXIV. Como as caravellas chegaram a Lagos, e das razões que Lançarote disse ao ifante. . . . .

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	lamom, em o livro Ecclesiasticis, que o sol nasce sobre a terra, e cercando todallas cousas tornasse a seu lugar donde começou de parecer. Parecer = estativo	Começasse a tavao dos capitullos desta Cronica de Guinee.
2	Começar descrever = que a recebemos, como em começo deste capitullo comecey descrever, seguiremos per exemplo aquelle sancto profeta Mouses, oqual descrever = accomplishments.	Aqui se começa a Cronica na qual oem scriptos todollos feitos notavees que se passaram na conquista de Guinee. Per mandado
3	Posto assy o ifante em aqueste movimento, segundo as razooes que ja ouvistes, começou davyar seus navyos e gentes, quaaes a necessydade do caso requerya; mas tanto podees apren- Davyar (?) =	reante quiser. E ovvy dizer, que seendo esta villa começada, os Genoeses davam por ella
4	Começou de se defender elle, e começou de se defender o melhor que pode, fazendo sua contenenca mais aspera do que sua fortelleza renuerva. Affonso Goterrez o Defender = achievements	natural costringimento, o chamava sempre pera começar e acabar muy grandes feitos, por

Substantivo COMEÇO	
1.	percecente, partindosse do seu começo e continuado prosseguimento atees que a elles se tornam em fym. E em provaçom desto diz Sal-
2.	que a recebemos, como em começo deste capitullo comecey descrever, seguiremos per exemplo aquelle sancto profeta Mouses, oqual desc-
3.	aquelle falso cismatico Maffamede. E assy concludo meu começo, que se as tuas grandes vertudes, com a excellencia de teus nobres e
4.	quisesse, aballarya tantas materyas, que por qualquer dellas que quisesse seguyr o necessario, farya tamanha deteença, que tarde tornarya ao primeiro começo.

5. ACABAR = Datação: s. XIII

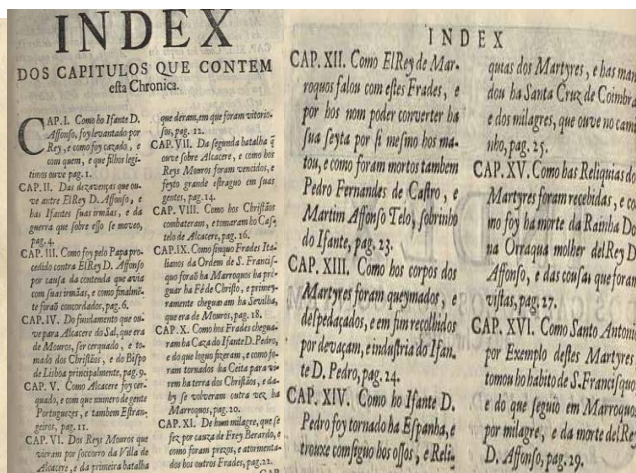
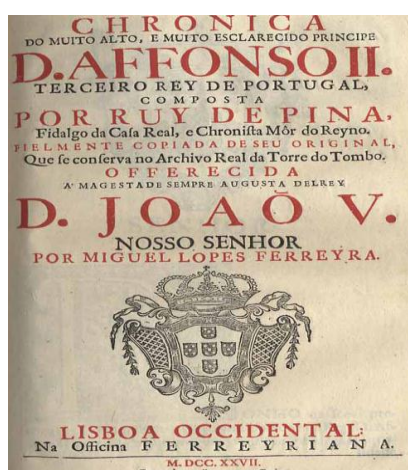
	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN (acabado/a)
1	lhe nom seerem tirados! E assy trabalhosa- mente os acabaram de partyr, porque a allem	muy excellente graao. Sem comparaçom foe cobiçoso dacabar grandes e altos feitos. Luxu-

	Partir = achievements	
2	muy sem piedade; mas o feito durou pouco em este termo, porquanto os contrairos começaram de fogir. E taes hi ouve, que por aquella vez	honra, e em fim, por causa de seus grandes trabalhos, leixou a dieta governança a elRey dom Affonso, em começo de seu regimento. E desnois
3	acabando Acabando os Mouros de perder suas armas, tiveram os Xpaãos a vitorya por acabada, e começaram de feryr em elles muy rijamente, como homees acesos na primeira sanha, e caindo alguis mortos em terra, os outros começaram de fogir. E ja sabees a pressa qual serya; mas Perder = achievements	natural costringimento, o chamava sempre pera começar e acabar muy grandes feitos, por
4	As molheres vestem alquices, que som assy como mantos, com os quaaes soamente cobrem os rostros, e perally entendem que acabam de cobryr toda sua vergonha, ca os corpos trazem to- Cobrir = accomplishments (?)	quena feuz. Acabada a vyagem daqueste, quanto ao principal mandado, Antam Goncalvez chamou Affonso Goterres, huũ outro moco da
	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	Parece-me que eu sereverya sobejo, se per extenso quisesse recontar todallas particulardades que alguis estoryaões costumaram descrever daquelles principes, a que endereneavam Descrever = Accomplishments	Taaes foram as vertudes e costumes deste grande e honrado principe, como nos trespas-
2	ante com graciosa contenença, ouvyu seus aquecimentos, fazendolhe aquellas mercees que tiinha acostumado de fazer aos que o bem servyam; e ou aquellos, ou outros alguis speciaaes Fazer = Accomplishments	asinha cessara de todo, prazer-vos-ha de receber esto que de seus costumes e vertuosos feitos nos
3		assiinaremos mais justamente o nome da felicidade e bem aventurança, que a as suas vertudes e costumes, ou a quaaes imperyos e a quaaes
4		pois em ella trabalharam; ca costume era antre os Romaãos, segundo pocm santo Agostinho,

### 3. Rui de Pina

= DOM AFONSO (vol. 1 = 50p.)

COMEÇAR = datação s. XIII





	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	delle nom hir em peffloa, diz, que foy porque neste proprio anno começou de Reynar em Portugual, Reinar = atividade / estativo (?).	
2	pulchros dos Reys Mouros, hos Frades sem algum temor, e com grande oufadia se apresentaraõ ante elle, e sobido Frey Berardo em hum tezo começou de lhe préguar muy sem recevo, e como El Rey Preguar = achievements	

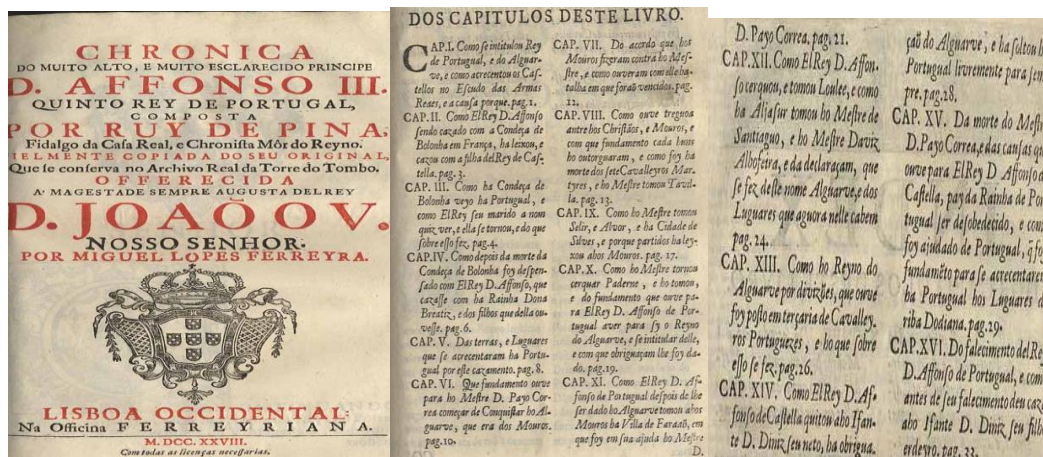
ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1		bom trato, e hos proveo de todo ho q̃ aviam mister, porq̃ era Principe em virtudes muy acabado,
2		da principal delles ha João Roberto, Coneguo de Santa Cruz, homem em virtudes acabado, e ha tres innocentes, moços honestos,
3		de hum Rey tão grande. Em oyto capitulos a deo por acabada o seu Chronista, ou o reformador da lua Chronica antiga. Mas aqui he que se ha de effimar o livro pe-

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	hos de fora de leu esforço, e cõfiança, poleram muitas bandeyras por cima do muro de, que em final de desprezo diziam feas palavras, e davam suas costumadas gritas.	tura dos homens vruos, e corrução de todos os costumes, e propositos virtuosos, e pois em vossos sobresinaes que
2	viessem, como vieram pedir ha Deos que avendo por esto com elles piedade, se diz que logo cho-veo, e veyo à terra acostumada avondança em todas as confas, por cujo beneficio se afirma que El Rey de Marroquos com todo seu	ro de Santarem que chamavaõ Este-veão Pires, homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes que alio dito Ifante sempre servio,
3	Deos que avendo por esto com elles piedade, se diz que logo cho-veo, e veyo à terra acostumada avondança em todas as confas, por cujo beneficio se afirma que El Rey de Marroquos com todo seu povo prometeram, e ordenaram	hum carro, ou luguar alto como pulpito, e préguando ha Fée de Christo ha muitos Mouros que ho ouviaõ acertouse que ho Mirabolim hia visitar, como tinha de costume, ha sepultura dos Mouros Reys, que eram fóra da Cidade, e

Crônica de D. AFONSO II – 50p.

COMEÇAR = datação s. XIII



	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	<i>Que fundamento ouve para ho Mestre Dom Payo Correa começar de conquistar ho Alguarve, que era dos</i> Conquistar = achievements	<i>vam do Alguarve era muy grande, e de grandes potencias, porque começava no Cabo de São Vicente,</i>

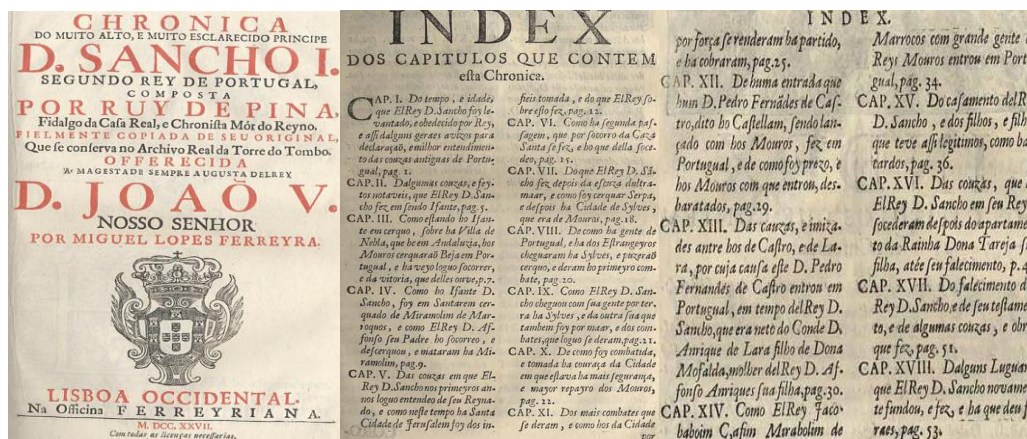
ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	<i>guel de Setembro, que vinha, no qual tempo acabariam inteiramente de recolher suas novidades,</i> Recolher = achievements	<i>E com esto acabado, arremeteo, e se lançou aho palanque, e dentro</i>
2	<i>da dita Ordem. E por estes Lugares, que dos Mouros se tomaram se acabou de conquistar toda ha terra, que nós hos Portuguezes</i> Conquistar = achievements	<i>E andando elles neste trato tem amotrarem ahos do Arrayal, que era acabado, ElRey foy falando com elles até ho alcacer, onde por</i>
3		<i>tes destes, que acabaram suas vidas em seu proprio officio, e de tanto seu</i>
4		<i>Este Rey Dom Affonso fez de novo ho dito Mosteyro de S. Domingos de Lisboa, ho qual começou ahos tres annos primeyros depois que foy Rey, e ho acabou em dez annos, e assi fez ho Mosteyro de Santa Clara de Santarem, e po</i>

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	<i>Mercador, com que ho Mestre se aconselhara na vinda do Alguarve, como atraz dice, indo de Faraõ para Tavilla com suas carguas de mercadorias, segundo costumava, quando vio ho dezaossego, e ajuntamento dos Mouros seuio</i>	

COMEÇAR  
SANCHO I – 70 p.





COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	foy trazido, ElRey D. Alfonso, e porque nas mãos do tio, que ho afaguava começou ho menino de chorar, ho Conde D. Manrique era	muitas dehcuidades, que nella obra le offrecem, laberem, q'jaa por vol- lo mandado ha começou, e nom prolegio Duarte Gualram, do voffio
2	de menagem, com que lrove se obriga, e desejaes que vos sirva, quem ainda nom começou de viver, e final-	SE q' neste Mayo deste anno de Chril- to de mil e quinhentos e treze, em que esta Coronica se começa, se cumprem, e acabaõ trezentos e se- tenta
3	piedosas, e despois que has trevas se começaram ha derramar, e ho Sol cobrando sua claridade, foy ha Lua vista em delvayradas maney- Derramar = achievements.	C Om ho cobramento da cou- Graça nom cessavam de traba- lhar nas minas altas, que começa- ram com desejo de has chegar abayço dos muros, para cõ foguo,

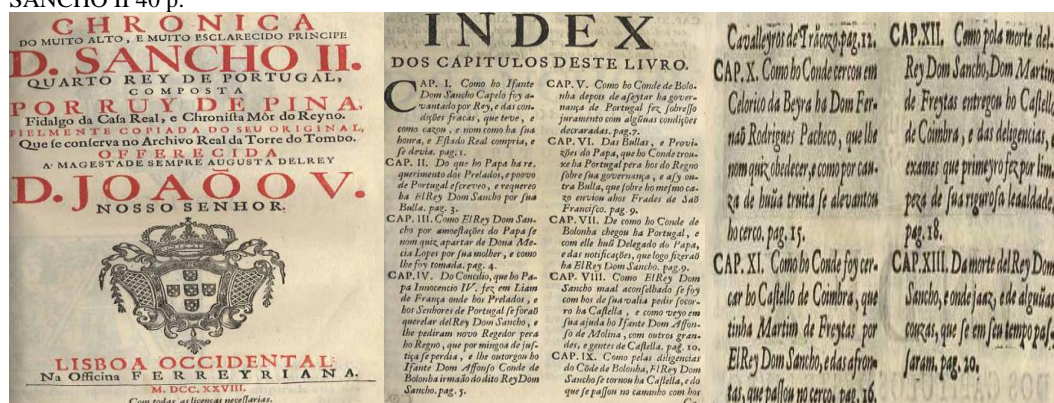
	Substantivo COMEÇO
1.	ce, e havendo entre sy muitas dif- ferencias, e começos de grandes imizades, partio de Jerusalem, e
2.	to, e quizeram ello testemunhar com vozes, e alaridos de grandes desprezos, e poreu ahos Chrißtãos ainda que vissem estõs, que pare- ciam começos de infelices pronof- tiquos, nom faleceo tambem ha
3.	taos por ello fizerao, dando mul- tas graças, e louvores ha N. Senhor por mostrar taes começos de hos querer ajudar.
4.	ditos Reynos partira, e para come- ço desta prova, loguo que ho dito

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1		q' neste Mayo deste anno de Chril- to de mil e quinhentos e treze, em que esta Coronica se começa, se cumprem, e acabaõ trezentos e se- tenta
2		cujo louvor, e serviço ha batalha foy cometida, que ella se acabou com muito estraguo, e grande

3		Como esta vitoria, e descerquo de Santarem foy taõ prosperamente acabado, ElRey, e ho Ifante volveraõ sobre ho arrayal dos Mouros, e ho despojavaõ em que
4		entralla por força, muitos delles com fundamento de em efeyto desesperado acabarem has vidas, e
	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	depois delRey D. Afonso delte nome ho Quinto, que primeyro ho costumou, alem delles, sinquo pontos por lembrança das sinquo Quinas de Portugal.	Guarda moor, todo esto assi vi, e ho examiney por verdade, e este costume, e Ordenação de hos Reys assina-
2	Costuma fazer honra, e merecimento como nos taes calos, e antre hos nobres homens se costuma fazer, nom seguraram ho assento da escada, como Fazer = accomplishments	

SANCHO II 40 p.



COMEÇAR = datação s. XIII = 0

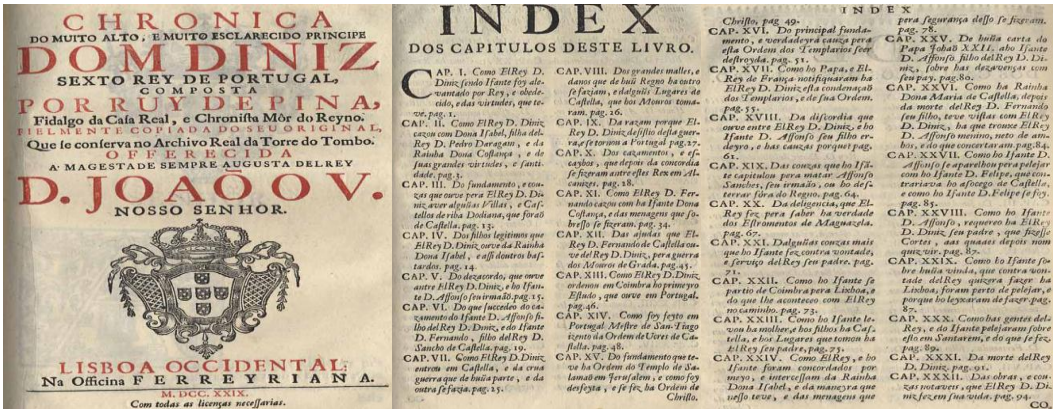
ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1		finaes de boom, e Catholico Cristam acabou sua vida em idade de corenta annos, na era de mil duzentos corente e sete annos, dos quaaes

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	jaa nom tinham, como de leperados comiam, e bebiã couzas muy contrayras, e de leperadas da natureza humana, que nom ficã-	ELRey Dom Sancho depois da segunda vez, que tornou ha Toledo nunca dahy mais se partio onde com sua vida, e costumes passados em grandes virtudes, e com

D. DINIZ = 120 p.





COMEÇAR

Substantivo COMEÇO	
1.	da. Elle foy do começo de feu Reynado atde o fim delle sempre em todos seus feytos muy excellen. te , e por leu bom nome conheci.
2	foy muito maravillado , e recebes grande nojo , que lhe pareceram começos , e fundamentos que ho Ifante lançava , e fazia pera desco. hertamente lhe desobedecer , e ho

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1		SE necessaria, ha quaal logo procura- ram, e ouveram, e em le acabando ho dicto recebimento, ElRey D. Fernando disse por sy ao Ifante D. Henrique , e a hos outros Ifantes e Senhores nomeados, que eraõ presen- tes, nesta maneira.
2		Acabados Tanto que foraõ acabados hos dictos escâybos, e concordias, e todalas outras couzas sobre q ante hos Rex avia alguñas duvidas, e
3		Acabadas Acabadas estas couzas ElRey D. Fernando se partio Dalcanizes com ha Rainha sua molher , e El.
4		Acabados Acabados hos convites ElRey, e ha Rainha Daragam se volveraõ ha Tarraçona , e ElRey D. Diniz,

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1		pio, e fundamento conta que hos Cavalleyros, e Freyres viviaõ , e guardavaõ ha Religiaõ em muita profissão, e louvados costumes, por ello foraõ sempre em todos seus feytos muito vitoriosos, e bema-
2		chamou leus poovos, como em taal cazo hee costume, onde tambem foy ho Ifante, e ho dia em que se ovve de fazer ha fala pubriqua, e

Antônio Vieira = DADOS COMPILADOS PE VIEIRA

**S E R M A M,**  
**QUE PREGOU O P. ANTONIO VIEIRA DA**  
 Companhia de Jesus, na Misericórdia da Bahia de todos  
 os Santos, em dia da Visitação de Nossa Senhora,  
 Orago da Casa.  
*Affixando o Marquez de Montalvão Visorrey daquelle estado*  
*do Brasil. Anno. 1646.*

16 PÁGINAS

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	COMEÇAR A <i>se começou a dispensar a primeira graça, para que nos alcance</i> <i>esta, offerecendo-lhe tres Ave Marias.</i> Dispençar = achievement	COMEÇAR POR <i>Começamos por esta ultima palavra. Bem sabem os que sabem a lingua La-</i> <i>tina, que esta palavra infans infans, quer dizer o que não fala. Neste estado</i>

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1		<i>de certo que ali o havemos de ver como o digo, quero a acabar este com hũa</i> <i>profecia alegre fundada na mesma verdade, &amp; he q desta vez se hade restaurar</i>

3.

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	<i>da com aboa vinda, &amp; alegre com a raj delejada prelença de V. Excellencia,</i> <i>folenizou esta Ci. hade com menos alegrias fumpuosas, cõ menos festas pu-</i> <i>blicas do que costume: mas bem desculpa S. Mabel a falta d'estes aplausos extre-</i>	

**NOTICIAS RECONDITAS**

DO MODO DE PROCEDER

A

**INQUISIÇÃO DE PORTUGAL**

COM OS SEUS PREZOS.

**INFORMAÇÃO,**

QUE AO PONTIFICE CLEMENTE X.

DEO O P. ANTONIO VIEIRA:

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	<i>quisição. Vem logo hum Secreta-</i> <i>rio da Meza tomar a entrada, e o</i> <i>Alcaide dos carceres para tomar a</i> <i>entrega, com dous Guardas; e to-</i> <i>dos estes começam a persuadir aos</i> <i>prezos, que confessem para se usar</i> <i>misericordia com elles, e sairão</i> Persuadir = accomplishments	Note-se, que em tendo a carga do testemunho da mulher, e filhos não esperarão mais dous, ou tres annos, que se começasse o livra- mento; mas logo abbreviarão.
2	<i>sa santa Fé. Começa o Letrado</i> <i>a escrever o que parece serve de</i> <i>contrariedade ao Libello; e diz</i> <i>desta sorte.</i> Escrever = accomplishments	
3	<i>tado está, o chamão; e de novo o</i> <i>começão a apertar, que confesse a</i> <i>sua culpa. Responde, como sempre,</i> Apertar = achievements	
4	<i>69. Começa a ler o Secreta-</i> <i>rio na mesma forma que temos fei-</i> <i>to exemplo, os ditos das testemu-</i> <i>nhas que accrescerão: advirta-se, e</i> Ler = atividade	


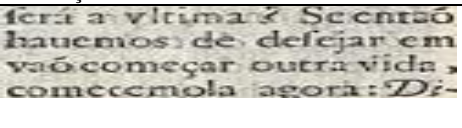
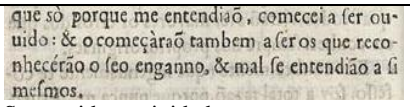
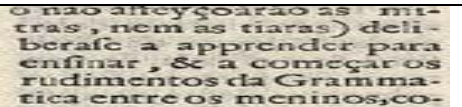
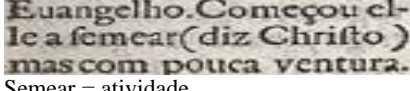
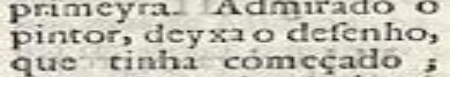
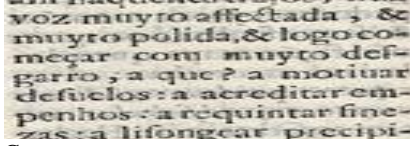
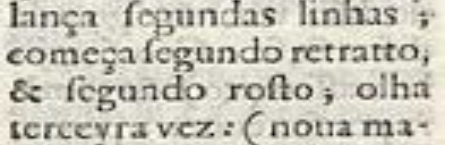
ACABAR = Datação: s. XIII



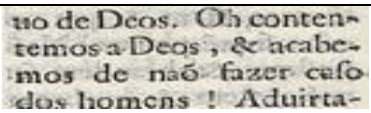
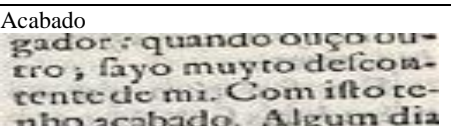
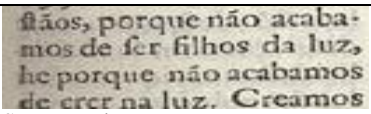
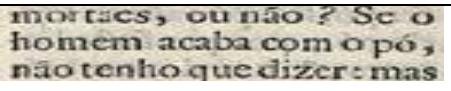
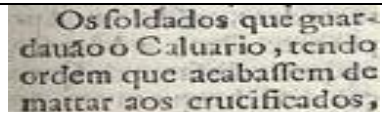
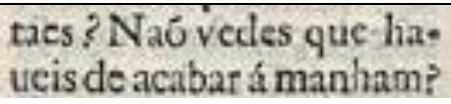
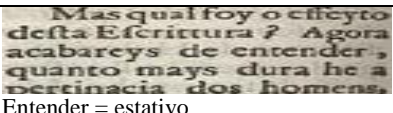
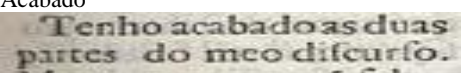
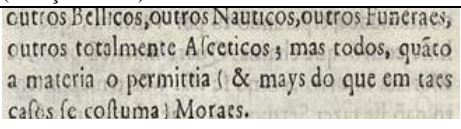
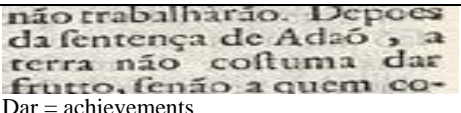
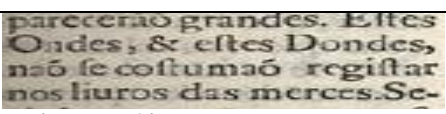
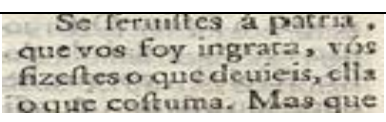
	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	que correndo hum mundo inteiro, não acabão de acertar; ou pelos não conhecerem; ou por não se dárem Acertar = achievements.	satisfeito, dizem-lhe, que não tem ajustado a sua Confissão: que está em peor estado (como he verdade) que tracte de acabar; senão que
2		Príncipes, e Nobreza, e Povo de Portugal souberem a verdade, acabar-se-ha o odio commum com que perseguem a esta affligida gente;

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	Muitos houve, que por desconsojados de lhes tirarem os Livrinhos dos exercícos quotidianos, que costumavão rezar, como o Offício da Cruz, da Conceição, de Nossa Se-Rezar = atividade	to; e não era justo, que sobre estarem sem ouvir Missa, e sem poder confessar-se, lhes tirassem até o uso, e bom costume de suas devoções; porque assim ficarião pri-
2	pássa. De tempo em tempo, costumão fazer mudança nos carcere; ou seja por haverem mais prezos, Fazer = accomplishments	tractos, estando para isso, foi levada á Meza, para diante de duas testemunhas costumadas, ratificar aquella confição. Respondeo: que tudo
3	que fazia ás Imagens sagradas, e outras mais cousas que se costumão ouvir delles, que não ousa repe-Ouvir = achievements	Note-se, que este modo de defeza, não a podem ter mulheres virtuosas, honestas, e recolhidas; nem homens honrados, e bem costumados, como são muitos: pelo que,
4	aquelle tal Inquisidor? Pois dizem-me vós agora: que differença tem isto do que lá se costuma fazer? Fazer = accomplishments	

COMEÇAR = datação s. XIII

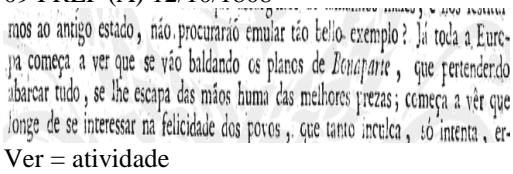
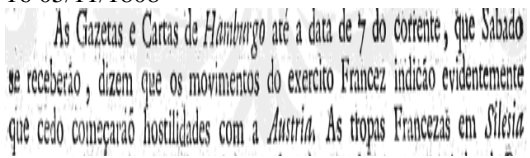
	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	 A folha que fica atraz( se a lefte ) haue-rás entendido a primeyra razaõ, ou obri-gação, porque começo a tirar da sepul-tura estes meos borroës, que sem a voz que os ani-mava, ainda resuscitados são cadaucres. Tirar = achievements	 ferá a vltima? Se entãõ hauemos de descejar em vaõ começar outra vida, comecemos agora: Di-
2	 que só porque me entendião, comeci a fer ou-uido: & o começãõ tambem a fer os que reco-nhecêrão o feo enganno, & mal se entendião a si mesmos. Ser ouvido = atividade	 o não ateygoarão as mi-tras, nem as tiaras) deli-beraõ a apprender para enfiñar, & a começar os rudimentos da Gramma-tica entre os meninos, co-
3	 Euangelho. Começou el-le a semear(diz Christo) mas com pouca ventura. Semear = atividade	 primeyra. Admirado o pintor, deyxã o defenho, que tinha começado;
4	 voz muyto affectada; & muyto polida, & logo co-megar com muyto defgarro, a que? a motiuar defuelos: a acreditar em penhos: a requintar fine-zas: a lifongear precipi- Começar com	 lança segundas linhas; começa segundo retratto, & segundo rosto; olha tereeyra vez: (nova ma-

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	 <p>Fazer = accomplishments</p>	 <p>Acabado</p>
2	 <p>Ser = estativo</p>	
3		
4	 <p>Entender = estativo</p>	 <p>Acabado</p>
	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1		
2	 <p>Dar = achievements</p>	
3	 <p>Registrar = achievements</p>	
4		

**Gazeta do Rio de janeiro** = Dados da Gazeta do Rio de Janeiro 1808<sup>52</sup> = 31 edições entre setembro e dezembro de 1808: cada uma com quatro páginas; 19 edições extras: quatro páginas cada.

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP + INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	<p>09 PREP (A) 12/10/1808</p>  <p>Ver = atividade</p>	<p>16 05/11/1808</p> 
2	<p>19. PREP (A) 16/11/1808</p>	<p>17. 09/11/1808</p>

<sup>52</sup> NÚMEROS NOS EXEMPLOS SÃO OS DAS EDIÇÕES.

	<p>trada de <i>Ampurdan</i>.</p> <p>Quando os Francezes chegarão perto de <i>Calella</i>, e das Aldéas junto da costa ficarão surpreendidos por hum vivo fogo, que começarão a fazer-lhes algumas Frazetas Inglezas, e a pequena divisão de <i>S. Felici</i>. Este fogo lhes fez abandonar</p> <p>Fazer = accomplishments</p>	<p>to; e infelizmente o Tenente-Coronel Laylor foi morto.</p> <p>Quasi ao mesmo tempo começou o ataque do inimigo sobre as alturas na estrada da Lourinhã, o qual foi sustentado por hum grande Corpo de Cavallaria, A Brigada do Marechal</p>
3	<p>22 PREP (A) 26/11/1808</p> <p>hum aturado fogo: elle, vendo-se quasi cortado, começou a retirar-se em grande desordem, abandonando 2 peças; concorreo muito para a sua fugida o Corpo de Cavallaria, que lhe começava a rodear a ala direita. Os Inglezes perseguirão o ini-</p> <p>Retirar = verbo de movimento (achievements)</p> <p>Rodear = verbo de movimento</p>	<p>22 26/11/1808</p> <p>se conta o mesmo de <i>Lavourae</i>, que teve numa bata no pescoço. Os Inglezes derão 40 a 50 mortos, em cujo numero entra hum Coronel, 200 feridos quasi todos levemente. O combate terminou ás 5 da tarde, tendo começado pelas 9 da manhã.</p>
4	<p>23 PREP (A) 30/11/1808</p> <p><i>Continuação do Diario do Exercito de Operações da Extremadura:</i></p> <p><b>A</b> INFANTARIA Franceza começou a perder terreno, e a desordenar-se; teve então o Coronel de Cavallaria Ingleza ordem de atacar; incorporados com</p> <p>Perder = achievements.</p>	<p>22 Terminar 26/11/1808</p> <p>se conta o mesmo de <i>Lavourae</i>, que teve numa bata no pescoço. Os Inglezes derão 40 a 50 mortos, em cujo numero entra hum Coronel, 200 feridos quasi todos levemente. O combate terminou ás 5 da tarde, tendo começado pelas 9 da manhã.</p> <p>Começado pelas =</p>

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	<p>01 01/09/1808</p> <p>S. M. a conduca que julgasse que elles devião ter; que bem via que elle se não tinha adiantado a tanto, mas que não obstante a moderação de Mr. Sheridan, e a opinião que acabava de proferir a seu respeito, o seu discurso exigia em resposta hu-</p> <p>Proferir = achievements.</p>	<p>22 terminar 26/11/1808</p> <p>se conta o mesmo de <i>Lavourae</i>, que teve numa bata no pescoço. Os Inglezes derão 40 a 50 mortos, em cujo numero entra hum Coronel, 200 feridos quasi todos levemente. O combate terminou ás 5 da tarde, tendo começado pelas 9 da manhã.</p>
2	<p>03 21/09/1808</p> <p>da Capital. Quiz depois de novo emprehendella, e já tinha dado para isso todas as providencias, porém as noticias, que acabo de receber das pessoas mandadas adiante com a minha equipagem sobre a pouca segurança, e os embaraços, que se encontram nos dilatados caminhos me atterráão no ultimo ponto.</p> <p>Receber = achievements.</p>	<p>23 30/11/1808</p> <p><i>Cópia fiel do Supplemento N.º 11. a Gazeta do Porto de 10 de Setembro de 1808 denominada o Leal Portuguez.</i></p> <p>Por Carta particular de pessoa de confiança vinda de Lisboa em data de 12 do corrente se participa o seguinte. — Aqui acabou a tyrannia, que nos governava. e protezia a Franceza. Tudo se vai restituindo a seus donos, e cada hum a seu</p>
3	<p>06 01/10/1808</p> <p><b>O</b> Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Duque de Abrantes, General em Chefe do Exercito de Portugal, acaba de dirigir a Proclamação seguinte aos habitantes de algumas partes das Provincias de Entre Douro e Minho, e dos</p> <p><i>Alvarães: O General Yvonot não he Duque de Abrantes; porque ainda semelhante si-</i></p> <p>Dirigir = atividade</p>	
4	<p>06 01/10/1808</p> <p>O Imperador Napoleão satisfeito com as contas, que lhe tenho dado do espirito público neste Reino, acaba de perdoar-vos ametade da contribuição. Que hor-</p> <p>Perdoar = achievements.</p>	

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	<p>16 05/11/1808</p> <p>Quando a Suprema Junta do Governo sentenceou a fôrca <i>D. Baltasar Calbo</i> por alta traição, e pello bárbaro assassino dos que perecerão a 5, e a 6 de Junho, mandou, como se costuma em taes casos, fazer huma Relação do processo relativo áquelle fatal acontecimento. A pesar das muitas occupações da Junta, e da De-</p> <p>Fazer = accomplishments</p>	

26 10/12/1808

apresentar pelo menos 300 Soldados. Estes já acostumados á victoria, e animados de hum patriotismo superior continuarão a vencer o inimigo; e nenhuma pessoa de senso deixa de conhecer de quanto he capaz huma nação possuida dos mes-

26 10/12/1808

e na *Bisraia* he difficil conceber a falta, que há de viveres, especialmente para tropas acostumadas á abundancia, que reina em *França*. Muitas vezes até nem agoa se acha.

Dados da Gazeta do Rio de Janeiro 1822<sup>53</sup> = Dados de janeiro a maio de 1822: quantidade de págs. 4 a 6, 65 edições e 26 extras; Dados de outubro a dezembro de 1822 de 4 a 6 págs., 40 edições e cinco extras (Obs.: Entradas e saídas marítimas: listas de, às vezes, duas páginas com nomes e o que se trazia ou se levava (carne seca, vinho e escravos, por exemplo).

COMEÇAR = datação s. XIII

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	COMEÇAR + SN
1	10 PREP (A) 22/01/1822 diencia á Real Pessoa de V. A., e a honrada e vigilante Camara da Commarca tomasse em consideração a triste situação, em que nos achamos, começou a dar as providencias. que iul-	
2	14 PREP (A) 31/01/1822 te ferir o sensível Coração de V. Ex. que sem perda de momentos nos porá ao abrigo das vandalias oppressões que já começamos a soffrer.	
3	24 23/02/1822 A. nós ficámos escravos peor que d'antes: por- que não eramos só victimas do despotismo lis- bonense, que nos humilhava, começamos a ser o ludibrio de homens authorisados, que nos des- honrava: o ferrete do servilismo não se apaga	
4	25 26/02/1822 vernador das Armas da Corte e Provincia. O Povo era tanto, apesar de estar á atmosphera coberta de grossas nuvens, que começavam a desfazer-se em brando orvalho (que pouco a	

ACABAR = Datação: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	10 22/01/1822 da tranquillidade e da concordia. O Beneficio Real Senhor, que V. A. acaba de fazer a este Povo, visitando-o nos dias de sua tribulação, e amargura, he o remate glorioso com que V. A. R. quiz coroar o magestoso quadro dos imen-	46 SE 16/04/1822 Acabaráo-se os nossos sustos, deciparáo-se as lencas, e negras nuvens, que toldavão nossos legres horisontes, salvou-se a alta dignidade de- te vasto, e riquissimo Imperio, estão cheias as
2	28 05/03/1822	146. 05/12/1822

<sup>53</sup> Números nos exemplos são os das edições.

	<p>Manda pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha logvar a sua exemplar condutta pelo raigo de generosidade, que acaba de praticar; participando-lhe ao mesmo tempo que fi-</p> <p>Praticar = atividade</p>	<p>Acabão-se os nossos sustos, deciparão-se as cenças, e negras nuvens, que toldavão nossos legres horisontes, salvou-se a alta dignidade deste vasto, e riquissimo Imperio, estão cheias as nossas esperanças, satisfeitos os nossos votos, e tudo devemos a V. M. I.</p>
3	<p>32 14/03/1822</p> <p>Acabais de dar-Me a prova mais convincente de affecto, que podéis mostrar, tanto a Mim como á Sagrada Causa deste Imperio. Os Meus</p> <p>Dar = achievements</p>	<p>50 terminar 25/04/1822</p> <p>Milicinos para que estes se retirassem, e quasi ás nove horas da noite terminou a Sessão para n'os reunirmos no dia seguinte, em que o Se-</p>
4	<p>32 14/03/1822</p> <p>elles vos sejuo cada vez mais patentes, Eu agora mesmo acabo de Nomear hum recto M...</p> <p>Nomear = achievements</p>	<p>35. extra 21/03/1822</p> <p>Acabado o Baptismo, seguiu-se hum asolemne Te Deum de musica de composição de S. A. R., magistralmente executado pelos Musicos da Real Camara e Capellá; findo o qual, regressou</p>

## ACABAR

	COSTUMAR (Datação: 1265) / ACOSTUMAR (Datação: 1255)	COSTUME (Datação: 1262)
1	<p>39. 30/03/1822</p> <p>O Coronel do Primeiro Regimento de Cavallaria Pedro Gomes Nogueira, já costumado a demonstrar em todos os Actos do seu Comman-do o singular gosto no lustro das funcções publicas, havia cautelosamente prevenido novos Estandartes com as Imperiaes Armas do Brasil.</p> <p>Demonstrar = achievements</p>	3x
2	<p>29 SE 07/03/1822</p> <p>Tendo S. M. I. Ordenado pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda, que na Typographia Nacional se fizessem as folhinhas para uso da Corte em beneficio deste publico Estabelecimento, as quaes já se achão no Prelo, o Administrador respectivo participa isto mesmo ás pessoas, que as costumam comprar para os Tribunes; prevenindo-as de que as aqui feitas tem</p> <p>Comprar = achievements</p>	

**Veja** = 1.º ano, vistas todas as edições. Nas demais, foram observadas as edições do primeiro mês do ano de 1969 e as edições do último mês dos anos seguintes até 1975. Depois, foram vistas as edições de janeiro de cada início de década.

1. 11 de set. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  2. 18 de set. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  3. 25 de set. de 1968 = 0 ocorrência (2 págs.)
  4. 02 de out. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  5. 09 de out. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  6. 16 de out. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  7. 23 de out. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  8. 30 de out. de 1968 = 0 ocorrência (2 págs., porém com uma figura de meia página e cada uma).
  9. 06 de nov. de 1968 = 1 ocorrência com *começar*. (tabela) = (1 pág.)
  10. 13 de nov. de 1968 = 1 ocorrência = (2 págs., porém com uma figura de meia página e cada uma) = Ao ler o artigo sobre a píflula, concluí que, ao analisar a questão, temos que remontar não ao problema em si, mas a outros mais fundamentais, a começar mostrando que o pobre infalivelmente tem mais filhos que o rico... (13 ed. 13/11/1968, p. 02)
  11. 20 de nov. de 1968 = 0 ocorrência (2 págs., porém com uma figura de meia página e cada uma).
  12. 27 de nov. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  13. 4 de dez. de 1968 = 0 ocorrência (2 págs., porém com uma figura de meia página e cada uma).
  14. 11 de dez. de 1968 = 1 ocorrência com *começar* (1 pág.)
  15. 18 de dez. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  16. 25 de dez. de 1968 = 0 ocorrência (1 pág.)
  17. 01 de janeiro de 1969 = 0 ocorrência (1 pág.)
  18. 08 de janeiro de 1969 = 1 ocorrência com *acabar* (2 págs.)
  19. 15 de jan. de 1969 = 1 ocorrência com *costumar* (2 págs.)
  20. 22 de jan. de 1969 = 0 ocorrência (1 pág.)
  21. 29 de jan. de 1969 = 0 ocorrência (1 pág.)
117. 02 de dez. de 1970 = 2 ocorrências com *acabar* (1 pág.)

1. = Pelo visto, muita gente pagou e acabou perdendo, porque o MDB só conseguiu cinco deputados estaduais e dois federais. (ed. 117, 02/12/1970. p.06)

2. = (General Médico) Acabou aceitando a chefia do Serviço Nacional de Informação (SNI). (ed. 117, 02/12/1970. p.06)

118. 09 de dez. de 1970 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 119. 16 de dez de 1970 = 0 ocorrência (1 págs.)  
 120. 23 de dez. de 1970 = 0 ocorrência (1 págs.)  
 121. 30 de dez. de 1970 = 1 ocorrência com o verbo *costumar* (2 págs.)  
 169. 01 de dez. de 1971 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 170. 08 de dez. de 1971 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 171. 15 de dez. de 1971 = 0 ocorrência (2 págs., com 2 figuras grandes em cada págs.)  
 172. 22 de dez. de 1971 = 0 ocorrência (1/2 págs.)  
 173. 29 de dez de 1971 = 0 ocorrência (1 págs. e 1/2)  
 222. 07 de dez de 1972 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 223. 14 de dez de 1972 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 224. 20 de dez de 1972 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 225. 27 de dez de 1972 = 1 ocorrência com *começar*  
 274. 05 de dez de 1973 = 0 ocorrência (1 págs.)  
 275. 12 de dez. de 1973 = 0 ocorrência (1/2 págs.)  
 276. 19 de dez. de 1973 = 0 ocorrência (1/2 págs.)  
 277. 26 de dez de 1973 = 0 ocorrência (1 págs. e 1/2)  
 326. 4 de dez de 1974 = 0 ocorrência (2 págs., porém com fotos em ambas).  
 327. 11 de dez de 1974 = 1 ocorrência com *começar* (2 págs., porém com fotos em ambas).  
 328. 18 de dez de 1974 = 0 ocorrência (2 págs., porém com fotos em ambas).  
 329. 25 de dez. de 1974 = 0 ocorrência (2 págs., porém com fotos em ambas).  
 378. 03 de dez. de 1975 = 0 ocorrência (2 págs., porém com fotos em ambas).  
 379. 10 de dez. de 1975 = 0 ocorrência (3 págs., porém com fotos em 2 delas).  
 380. 17 de dez. de 1975 = 0 ocorrência (4 págs. (1 inteiro e 2 com fotos em meia págs.).  
 381. 24 de dez de 1975 = 0 ocorrência (2 págs., 1 com uma foto em meia).  
 382. 31 de dez de 1975 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 591. 02 de jan. de 1980 = 1 ocorrência com *começar* (1 págs.) = Por exemplo, não é verdade que meu pai tenha “começado a vomitar sobre a escrivaninha de seu apartamento no Rio” quando “escrevia seu segundo livro” (ed. 591, 02/01/1980. p. 10).  
 592. 09 de jan. de 1980 = 0 ocorrência (1 págs. e meia).  
 593. 16 de jan. de 1980 = 0 ocorrência (1 págs.).  
 594. 23 de jan. de 1980 = 0 ocorrência (1 págs.).  
 595. 31 de jan. de 1980 = 0 ocorrência (1 págs.).  
 852. 02 de jan. de 1985 = 0 ocorrência (1 págs. e meia).  
 853. 09 de jan. de 1985 = 0 ocorrência (1 págs. e meia).  
 854. 16 de jan. de 1985 = 0 ocorrência (2 meia págs.).  
 855. 23 de jan. de 1985 = 0 ocorrência (1 págs. e meia).  
 856. 30 de jan. de 1985 = 0 ocorrência (1 págs. e meia).  
 1112. 10 de jan. de 1990 = 0 ocorrência (1 págs. e meia).  
 1113. 17 de jan. de 1990 = 1 ocorrência com *começar* (2 págs.)  
 1114. 24 de jan. de 1990 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 1115. 31 de jan. de 1990 = 0 ocorrência (3 págs.)  
 1373. 04 de jan. de 1995 = 0 ocorrência (1 págs.)  
 1374. 11 de jan. de 1995 = 1 ocorrência com *começar* (3 págs.) = O presidente Fernando Henrique Cardoso usou bem sua mão, símbolo de campanha, para escolher seu ministério. Começando por Serra, que sempre foi péssimo para o Nordeste. (ed. 1374, 11/01/1995, p. 12).  
 1375. 18 de jan. de 1995 = 0 ocorrência (3 págs.)  
 1376. 25 de jan. de 1995 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 1630. 05 de jan. de 2000 = 0 ocorrência (1 págs. e meia)  
 1631. 12 de jan. de 2000 = 1 ocorrência com acabar e 1 com costume (2 págs.)  
 1632. 19 de jan. de 2000 = 0 ocorrência (1 págs.)  
 1633. 26 de jan. de 2000 = 0 ocorrência (1 págs.)  
 2193. 01 de dez. de 2010 = 0 ocorrência (4 págs.)  
 2194. 04 de dez. de 2010 = 0 ocorrência (3 págs.)  
 2195. 15 de dez. de 2010 = 0 ocorrência (4 págs.)  
 2196. 22 de dez. de 2010 = 0 ocorrência (2 págs.)  
 2197. 29 de dez. de 2010 = 0 ocorrência (3 págs.)

	COMEÇAR + PREP+ INFINITIVO	
1	Gostaria de saber o que significa “PS”, que começou a aparecer em <i>VEJA</i> , desde o número 4 (ed. 9 – 06/11/1968, p. 03).	
2	<i>VEJA</i> até aqui estava limpa e realista, mas agora parece que também já começou a apelar. Para que começar a lançar estas figuras eróticas em suas páginas. (ed. 14 – 1/12/ 1968, p. 03)	
3	(Falando de Juca Chaves)... Se perdeu “a idéia de jerico paulista: cada vez mais rico”, então a coisa começou a melhorar. (ed. 225, 25/12/1972, p. 08)	

4	A lagoa é um dos ambientes estaurinos mais importantes do mundo, e órgão e pessoas começam a preocupar-se com o problema, citando-se a Universidade Federal de Alagoas... (ed. 327, 11/12/1974, p. 08 ).	
5	A democracia começa a consolidar-se, provando que qualquer regime que cerceia a liberdade de ação e expressão não emplaca, no mundo comunista ou em qualquer outro. (ed. 1113, 17/01/1990. p. 13)	

ACABAR = *Datação*: s. XIII

	ACABAR + PREP+ INFINITIVO	ACABAR + SN
1	O segundo episódio se deu em fins de século VI, Gregório Magno acabava de ser eleito papa. (ed. 19 – 08/01/1969, p. 02).	Ser = estativo
2	Acabei de receber minha <i>VEJA</i> da semana e, como de costume, já me coloquei a lê- la. (ed. 1631, 12/01/2000. p. 11)	Receber = transitivo, <i>achievements</i> .

	COSTUMAR ( <i>Datação</i> : 1265) / ACOSTUMAR ( <i>Datação</i> : 1255)	COSTUME ( <i>Datação</i> : 1262)
1	... Ingo Zadrozny, um empresário brasileiro que decidiu conquistar o mercado americano, homens de muitos méritos, porém muito menos fotogênico do que as môças fartas que costumam surgir nas capas de outras revistas. (ed. 121 – 30 de dez de 1970. p. 11).	Acabei de receber minha <i>VEJA</i> da semana e, como de costume, já me coloquei a lê- la. (ed. 1631, 12/01/2000. p. 11)
2	Aliás, a seção “Negócios” costuma estar sempre em dia com os novos lançamentos e as perspectivas econômicas brasileiras e mundiais. (ed. 19, 15/01/1969, p. 04)	V surgir = <i>achievements</i> .  V estar = estativo.